THE LIBRARY OF CONGRESS
1800

Class PQ 9198
Book .A2
1843
copy 2

243

OS LUSIADAS.

OS LUSIADAS

DE

LUIZ DE CAMÕES.

NOVA EDIÇÃO

FEITA DEBAIXO DAS VISTAS DA MAIS ACCURADA CRITICA EM PRESENÇA DAS DUAS EDIÇÕES PRIMORDIAES E DAS POSTERIORES DE MAIOR CREDITO E REPUTAÇÃO : SEGUIDA DE ANNOTAÇÕES CRITICAS, HISTORICAS E MYTHOLOGICAS.

POR

FRANCISCO FREIRE DE CARVALHO,

Cónego da Sé Archiepiscopal Metropolitana da Provincia da Extremadura, Professor de Oratoria, Poetica e Litteratura Classica, principalmente a Portugueza, no Lycéo Nacional de Lisboa, Socio da Academia Real das Sciencias, do Conservatorio Real, e Membro da Sociedade de Instrucção Primaria da mesma cidade; Socio Correspondente do Instituto Historico e Geographico do Brasil, da Sociedade Auxiliadòra da Industria Nacional, Socio Honorario-Correspondente do Gabinête Portuguèz de Leitura, e Membro da Sociedade de Instrucção Elementar, as tres ultimas do Rio de Janeiro, &c.

LISBOA,

NA TYPOGRAPHIA ROLLANDIANA.

1843.

VVE J. P. AILLAUD GUILLARD & Cie
Rue S. André des Arts. 47. PARIS.
Copy 2

PQ9198
A2
1843
COPY 2

Assim Camões, por ti enfurecido,
Ao cume do Parnaso se avisinha;
E os Delphicos loureiros,
Quando elle sobe, curvão
Ao novo Homero os orgulhosos topes,
E arredão larga estrada ao Vate egregio.

(FILINTO *Ode ao Estro.*)

387270
'29

AO MUITO ILLUSTRE ESCRIPTOR

MR. FERDINAND DENIS,

ENTRE OS SABIOS ESTRANGEIROS

UM DOS MAIS DISTINCTOS CULTORES E APRECIADORES DA

LITTERATURA PORTUGUEZA,

E COM MAIOR PARTICULARIDADE DAS OBRAS

DO INSIGNE POETA

LUIZ DE CAMÕES,

O. D. E C.

A PRESENTE EDIÇÃO CRITICA DOS LUSIADAS,

EM TESTEMUNHO DE ALTA CONSIDERAÇÃO E DE RECONHECIMENTO

Francisco Freire de Carvalho.

ALGUNS TESTEMUNHOS

DE MODERNOS ESCRIPTORES ESTRANGEIROS A FAVOR DO POEMA OS LUSIADAS.

« Le Tasse célèbre Camöens encore presque ignoré, et lui sert de Renommée en attendant la Messagère aux cent bouches :

Vasco, ...
. . . . . .
. . . . . buon Luigi,
Tant'oltre stende il glorioso volo,
Che i tuoi spalmati legni andar men lunge. »

(Mr. de Chateaubriand — *Essai sur la Littérature Anglaise : Tom. I. pag.* 202. *Bruxelles* 1836.)

« The translation of the Lusiad into all the polished languages of Europe bears testimony of the estimation in which he has been held; whilst the numerous tributes to his genius and abilities, which succeeding poets and writers have rendered, sufficiently attest the feeling of admiration, which prompted their effusions. »

(John Adamson — *Memoirs of the Life and Writings of Luis de Camoens. Vol. I. pag.* 216.)

« En 1572 parurent les Lusiades. Cette épopée était la première, qui eût encore paru dans une langue moderne. Aux charmes d'une poésie ravissante elle joint tout le sérieux de l'histoire, et tout l'intérêt d'un voyage de découverte. »

(Mr. Charles Magnin — *Notice sur la vie et les ouvrages de Camoens*).

« Au dernier siége de Colombo, au temps où les Portugais ne vivaient déjà plus dans l'Inde que par ces grands souvenirs, les soldats chantaient, dit-on, sur la brèche les belles octaves des *Lusiades*. Selon nous, ce sont de tels faits qui disent ce que vaut un poème. »

(Mr. Ferdinand Denis — *Camoens et ses Contemporains — pag. LIII.*)

ADVERTENCIA.

. . . . . o juizo quero
De quem com juizo, e sem paixão me leia.
(A. Ferreira — *Carta a D. Bernardes.*)

A presente edição dos Lusiadas, que, de todas quantas tem apparecido até hoje, será por ventura a, que reproduz o texto do Poema o mais conforme á pureza primitiva, em que sahio da penna do seu immortal Autor, leva *cento e oito* versos corrigidos mais ou menos essencialmente, comparada com as anteriores proximamente dadas á luz em Lisboa pela typographia Rollandiana em um volume de 16., as quaes são copias quasi fieis da do Morgado de Matteus, impressa em Paris no anno de 1817, e por consequencia da havida por primeira do anno de 1572.

Das *cento e oito* correcções, que leva a presente edição, *cincoenta e tres* são lições com todo o escrupulo copiadas das duas edições, feitas em vida do Poeta, ambas, conforme a opinião geral, do anno de 1572, (todos

os versos, onde ellas tem logar, vão marcados com o signal †) a saber, *trinta e cinco* lições da contada por segunda, e por mais correcta, do que a primeira; e *dezoito* ditas (1), em que são conformes ambas estas edições.

Nos *cincoenta e cinco* versos restantes, designados pela marca *, encontrão-se correcções, pela maior parte leves, de erros manifestos, que tem escapado á critica, aliás sãa de muitos dos editores antecedentes; erros que não podendo ser attribuidos á grande sciencia, vasta erudição e extremado bom gôsto de Luiz de Camões, quaes reluzem em todo o seu Poema, entrárão nelle por incuria, talvêz por ignorancia do copista do manuscripto, que servio para a impressão; ou já por negligencia dos typographos e dos revedôres das duas primeiras edições: sendo para advertir, que em tudo o mais a lição dos versos da presente edição é inteiramente conforme ao texto das duas edições originaes, ou antes á do Morgado de Matteus, com ellas miudamente confrontada, aproveitadas as

(1) Vid. no fim do Vol. a Tabella I, na qual se encontrão estas lições.

correcções typographicas judiciosamente feitas por este illustre editor.

Que a typographia, donde sahio pela primeira vêz á luz o Poema Os Lusiadas, era uma das mais imperfeitas, o mostrão claramente os raros exemplares, que ainda hoje existem, das duas edições attribuidas ambas ao anno de 1572 : e quem por ellas quizesse formar juizo do estado da Arte Typographica em Portugal naquelle anno, ficaria entendendo, que mui fracos progressos havia ella feito ainda no Paiz. Tal é o desalinho e grossaria, que taes edições apresentão!

Todavia é fóra de duvida, que já muito anteriormente ao sobredito anno havia typographias em Portugal, que trabalhavão com limpeza e até com certa nitidêz, qual, por exemplo, aquella, em que no anno de 1540. fôrão impressas em Lisboa as Obras do nosso illustre, posto que pouco conhecido e menos devidamente apreciado, sabio Antonio Luiz, precursôr de Newton no conhecimento da grande lei da Attracção Universal. Ora é bem de presumir, que sendo o Poema Os Lusiadas impresso em uma typographia ruim, bons não serião os seus

compositôres e revedôres; e que de tudo isto apparecerião os tristes effeitos na infeliz edição ou edições.

Demais, que o exemplar manuscripto, que servio para sôbre elle serem feitas as duas primeiras edições dos Lusiadas, não fôra o autographo do Poeta, parece ser ponto fóra de toda a controversia: Pois como convir em que Camões, tão conhecedor de tudo quanto no seu tempo se sabia, do que é boa prova a vastissima erudição derramada pelos seus Escriptos, fôsse o copista do exemplar manuscripto de um Poema, cuja primeira edição é torpissima pelos muitos erros de orthographia, até de syntaxe, de métro, e de rima, que nella apparecem?

Que não fôra tambem o revedôr das suas provas, muito embora alguem tenha querido, que o fôsse pelo menos da reputada segunda edição do anno de 1572, (edição que, é certo, apresenta algumas correcções importantes, cheia porêm ainda de grande numero de erros (2), injuriosos a um tão

(2) Contão-se nella, alem de oito versos com syllabas de mais ou de menos, acima de um cento de erros de typographia, quasi to-

grande Poeta, e Litterato) facilmente o admittirá, quem não ignorar o estado de ágros desgostos, de pobreza, de molestias, e até de miseria, a que se via reduzido já por aquelle tempo o Cantôr immortal dos altos Feitos Portuguezes: Por quanto, ralado de desgostos, de fome e de miseria, ninguem ha, que possa occupar-se com a devida assiduidade em trabalhos, que demandão serenidade de espirito, e, quando menos, uma parca mediania.

Ainda mais, á vista da triste pintura, feita por todos os Biographos de Camões, do estado de pobreza quasi extrema, com que se achava lutando nos ultimos annos da sua vida, isto é, no tempo, em que sahírão á luz duas edições do seu Poema, e ambas, como geralmente se crê, do anno de 1572; facil é tambem de inferir, que não fôra elle o seu editôr (3), mas an-

---

dos communs a ambas as edições: E sem embargo disto, é proclamada aquella segunda edição por grandemente correcta!!! É preciso convir em que a maior parte da gente não passa de mero éccho uma da outra, sem dar-se ao trabalho de ir averiguar nas fontes, se o que tem sido dito antes, é ou não exacto.

(3) Vid. Annotação (18) ao Canto IX. desta nossa edição.

tes que venderia, e por mui diminuto prêço, o seu manuscripto, e por consequencia o seu acanhadissimo Privilegio, a algum especulador; sendo este quem recolheo o principal interesse pecuniario das duas primeiras edições dos Lusiadas, o qual devêra servir para salvar da indigencia o seu altamente benemerito Autor. — Ora, admittida esta opinião, que nenhuns visos tem de temeraria (4), é de toda a probabilidade, que um tal editôr dos Lusiadas não procederia na sua impressão com o cuidado e attento esmero de um autôr amante da sua boa reputação litteraria. E a mesma imperfeição typographica, com que fôrão feitas estas edições de uma Obra tão prima, acaso não é ella indicio manifesto, de que fôra emprêza, não já do seu egregio Autor, mas sim de um especuladôr com a mira posta somente

(4) Muito nos prezâmos, de que o illustre Morgado de Matteus tenha propendido para a generalidade do nosso modo de pensar, tanto ácerca da venda do Ms. dos Lusiadas, como da correcção das provas da sua impressão. (Vid. Not. (1) á *Advertencia* da nitida edição de Paris do anno de 1819. em 8.° a pag. 386.

no lucro, a trôco de pouco trabalho e de pequena despeza?

De tudo isto concluimos, sem receio de que nos taxem de temerarios, que ás duas primeiras edições dos Lusiadas, ambas feitas, segundo se crê, durando a vida do seu Autor, não presidio o devido cuidado, para que sahissem á luz limpas de erros; e por tanto que não podem, ou devem ellas ser havidas como exemplares de correcção invariavel, que sirvão de guias fieis para uma edição pura do Poema, qual sahíra da penna do grande Luiz de Camões.

O proprio Morgado de Matteus, varão digno dos maiores louvores da Patria agradecida pela rica e brilhantissima edição do Poema Os Lusiadas, que ás suas expensas mandou fazer em Paris no anno de 1817, sem embargo do respeito quasi religioso, que mostra consagrar á edição de 1572, julgada primeira, um exemplar da qual servio de texto á sua; não hesitou em se desviar delle em differentes logares, que teve por corruptos, substituindo-lhe (sem falarmos dos 160. erros typographicos, que diz encontrára, e corrigíra (5)) em

(5) « Em quanto aos erros typographicos

mais de trinta versos correcções, e dellas algumas bem substanciaes, umas extrahidas da reputada segunda edição do anno de 1572, outras que lhe fôrão suggeridas pela sua não poucas vezes atilada critica : Escapou-lhe porêm ainda um bom numero de incorrecções, que na presente edição vão escrupulosamente retocadas; ficando assim, em nosso entender, o texto restituido ao seu estado, sequer muito provavel, de pureza primitiva.

E não se escandalizem os amadôres sensatos da gloria de Camões, lendo aqui, que corrigimos em alguns logares a lição do seu Poema, qual se acha nas duas primeiras edições, e nas que as tem copiado : nem vão já entender, que nos mettêmos a corrigir ás cegas e com presumpção temeraria os defeitos, que nelle apparecem. Ninguem mais, do que nós, aprecia, res-

---

das duas edições, depois de as ter examinado miudamente tres vezes e palavra por palavra, julgo poder numerar (sem contar todos os de pontuação) os erros da primeira a 160, e os da segunda a 133. » (Nota 1.ª á *Advertencia*, §. 2.º da edição de Paris de 1819.). E haverá ainda quem se confie de primeiras edições ? ? ?

peita, e admira os grandes talentos e vasto saber de Camões; ninguem menos, do que nós, ousaria tocar com mão profana em o sagrado de seus delicados, e não poucas vezes sublimes pensamentos, e na feliz maneira de os enunciar: mas quando tantos editores sem critica, e destituidos dos primeiros elementos do bom gosto, e da metrificação Portugueza, se tem intromettido a alterarem até substancialmente os versos do seu immortal Poema; por que razão, depois de longos annos de aturado estudo, feito sôbre os Lusiadas, deixariamos de apresentar as nossas correcções, ajudados da luz clara do mais escrupuloso criterio, e levados unicamente do honrado desejo de restituirmos a este Poema, verdadeiro brazão da Litteraria gloria Nacional, o são juizo e o gosto apuradissimo, que por elle de certo diffundio o seu Autor? Por quanto ninguem poderá jámais convencer-nos de que um homem, qual era Camões, recheado do maior fundo de instrucção, e dotado do mais fino gosto, escrevesse, e depois de maduro exame conservasse em uma Obra, que devia leval-o á immortalidade, não dizemos já erros pal-

paveis (6), mas nem ainda imperfeições de estilo, indesculpaveis em um Genio da sua esphera, e tanto mais indesculpaveis, quanto é certo, que uma das principaes bellezas dos Lusiadas é a denominada poesia do estilo.

Alem de que, todas quantas correcções ousámos fazer no Poema, ou são meras alterações e accrescentamentos de signaes orthographicos, que con-

---

(6) Não virá talvêz fóra de proposito o transcrevermos aqui a judiciosa advertencia de Manoel Severim de Faria, relativa ao objecto, de que vamos tratando: « Pelo que (diz elle na Vida de Camões) se em alguma de suas obras se achar acaso cousa, que desdiga do que se espera de tal autor, não se deve imputar o defeito a elle, senão ao tempo e aos copiadores; porque como seus versos andárão tantos annos, antes de se imprimirem, tresladados de varias mãos, com facilidade se poderião corrompêr, como vemos aconteceo ás melhores Obras da Antiguidade. » — Verdade é, que Severim de Faria parece falar aqui mais particularmente das Poesias miudas de Camões, do que do seu Poema Os Lusiadas; com tudo que duvida póde haver, em que deste Poema se tivessem extrahido differentes copias, antes que fosse publicado pela imprensa, copias ou mandadas tirar pelo Poeta; ou já subrepticiamente extorquidas, como todos os dias está acontecendo a obras de autores ainda os mais cautelosos?

correm para mais perfeita intelligencia dos pensamentos; ou são raras mudanças e suppressões de letras, e ainda mais raras alterações de palavras, onde a Grammatica, a boa razão e a rima o estavão imperiosamente exigindo; alterações, accrescentamentos, suppressões e mudanças que por todas não excedem a *cincoenta e cinco*, como atrás declarámos, e o indica o signal *, que acompanha os versos, nos quaes fôrão feitas (7).

No fim do Poema se encontrará uma Tabella, que consta de *quarenta* versos do mesmo Poema, com as suas respectivas correcções ou variantes (8), ás quaes (com quanto ellas, geralmente falando, nos pareção mais conformes ao juizo são e mui limado gosto de Camões) ainda assim nos não atrevemos a dar preferencia; visto não envolverem as lições das duas primeiras edições, por nós conservadas, um contrasenso manifesto: Tamanho é o melindre, com que tratámos esta Composição alheia, e de um Ingenho tão transcendente!

---

(7) Vid. in fin. Tabella II.
(8) Vid. in fin. Tabella V.

Não ignorâmos, que pessoas ha, aliás eruditas, as quaes preferirião a lição, muito embora claramente viciada, das edições de 1572, só por serem as primeiras, á que o bom sentir exige nellas se corrija, ainda a trôco de serem attribuidos ao Poeta os mais grosseiros erros : Tal é o fanatismo litterario!!! Nós porêm não sômos, nem seremos jamais dessa opinião, e lisonjeamo-nos, de que vamos mais coherentes com o que ordena não só a sãa Critica, como a gloria de Camões, e da Litteratura Nacional. E é de advertir, que, para encher o vacuo dos desejos de pessoas tão pertinazmente aferradas ao prejuizo das primeiras edições, nem a propria edição do Morgado de Matteus é ainda competente; visto achar-se esta alterada, como declara o mesmo illustre editor, não só nos 160. logares, onde corrigio os erros de typographia da primeira; mas tambem noutros, onde lhe substituio correcções, que a sua critica, algumas vezes sãa, julgou indispensaveis.

Por quanto cousa nenhuma tomâmos mais a peito, do que o concorrer para que este bello Poema, tão lido e estimado por estrangeiros, o seja não

menos por todos os Portuguezes, que devidamente aprecião as excellentes producções litterarias do seu Paiz; afim de pôrmos a intelligencia do texto dos Lusiadas ao alcance dos leitores menos instruidos, accrescentámos no fim do volume algumas curtas annotações historicas e mythologicas: e de envolta com ellas fomos tambem inserindo differentes passagens dos Classicos Latinos (9), que nos pareceo tivera o Autor em vista no acto de compôr o seu Poema; o que, bem longe de servir de deslustre ao Poeta, como alguem já quiz que servisse, antes, pelo contrario, entendemos dá maior bri-

---

(9) Declarâmos, que as idêas, quando não são tambem as palavras, de uma boa parte destas annotações nos fôrão subministradas por outras de valôr identico, com que Mr. *Dubeux* mui eruditamente illustrou a traducção dos Lusiadas, feita por J. B. J. Millié, e impressa em Paris no anno de 1841: Declaração que, alem de ser exigida pelo direito de propriedade, que ao muito benemerito Annotador pertence, e a qual religiosamente respeitâmos, servirá ao mesmo tempo de render-lhe os devìdos louvores pelo reconhecido alto apreço, que faz do eximio Poeta, e em geral da Litteratura Portugueza.

lho e realce á sua Composição, alem de mostrar a vasta erudição, de que estava recheada a cabeça de Camões.

Com as mesmas curtas annotações, que ajuntâmos no fim do volume, julgámos do nosso dever ir entremeando as razões, que nos levárão a alterar em alguns logares o texto das duas edições de 1572, o qual alli apparece simultaneamente transcripto: se taes razões não forem reputadas dignas de pezo pelos criticos judiciosos e imparciaes, muito estimaremos nôl-o indiquem com urbanidade; a fim de que, reconhecendo nós o seu fraco, depois de sem paixão o havermos bem avaliado, possamos emendar o nosso êrro em outra edição dos Lusiadas, caso nos seja dado dirigil-a.

Advertiremos tambem, que algumas das correcções por nós feitas (sendo que, em nosso firme entender, não só ellas, como todas recahem sôbre erros não do Autor, mas sim do copista do manuscripto levado á imprensa, ou dos typographos das primeiras duas edições) se encontrão já em edições posteriores menos imperfeitas, as quaes não duvidámos de aproveitar, não por haverem já sido feitas por alguem, mas

porque os dictames da boa razão a isso nos obrigárão.

Esmerámo-nos, quanto nos foi possivel, na devida collocação dos signaes orthographicos assim de pontuação, como de accentos, os quaes tão descuidadamente se achão distribuidos em quasi todas as edições do Poema; no que attendemos sôbre tudo á perfeita intelligencia do texto, cousa de que pouco, ou nada curárão os precedentes editores: Pois collocal-os, como o Morgado de Matteus diz praticára, *onde o Poeta desejava se fizesse maior ou menor pauza* (10), desprezando as divisões exigidas pela Grammatica philosophica, seria pôr a mira no accessorio, dando de mão ao essencial. Mas como saber-se, quaes os logares, *onde o Poeta desejava se fizesse maior ou menor pauza?* Do exemplar da primeira edição de 1572, que servio de texto ao illustre editor? Porêm a pontuação e accentos dos exemplares de tal edição são errados em gráo summo: Acaso teria o Morgado de Matteus presente o autógrafo de Camões, para o

(10) Vid. *Advertencia* á sua edição de Paris em 8.° a pag. XLII. linh. 5.ª &c.

seguir até na collocação dos pontos e virgulas?.... Accresce, que sómente o feliz ouvido poetico é, quem sabe dirigir a voz na accommodada maneira de bem ler os versos, o que todavia é dado a muito poucos mimosos d'Apollo : O que principalmente importa é, que todos os leitores bem entendão o sentido do Poema; e não temos duvida em asseverar, que era isto o, que Camões com preferencia a tudo desejaria.

Quanto ás *trinta e cinco* correcções, que adoptámos para esta edição, copiadas da reputada por segunda do anno de 1572 (11), é de esperar nos não levarão a mal este serviço os criticos, ainda os mais escrupulosos, excepto os rigoristas sectarios do parecêr do Morgado de Matteus : sendo para advertir, que este illustre editor ainda assim não deixou de aproveitar treze das correcções mencionadas (12). O erudito

---

(11) Encontrar-se-ha no fim do Poema uma Tabella (a III.), contendo os versos, nos quaes se lêm estas *trinta e cinco* correcções ou variantes.

(12) Os versos, onde se lêm as *treze* correcções ou variantes, aproveitadas pelo Morgado de Matteus da segunda edição dos Lusiadas,

e muito benemerito Mr. Mablin, Sub-Bibliothecario da Universidade de França, já mostrou com razões de grande juizo e sãa critica (13), que a lição do texto dos Lusiadas daquella segunda edição é preferivel á adoptada pelo Morgado de Matteus, conforme á letra da primeira; dando assim o Critico estrangeiro uma reprehensão bem clara, posto que indirecta, ao descuido Portuguêz.

Resumindo agora quanto fica dito a principio nesta nossa *Advertencia*, a saber: Que sendo muito provavel não fossem feitas sôbre o autógrapho de Camões as duas primeiras edições dos Lusiadas: Nem fosse elle quem dirigio a sua impressão, e lhe revio, e corrigio as provas; por ser constante o estado de desgostos e de miseria, em que vivia: Que sendo de igual probabilidade por identidade de razão, que Camões vendesse o seu manuscripto e o Privilegio para a impressão do Poema

---

tambem vão transcriptas no fim do Volume (Tabella IV.).

(13) *Lettre à l'Académie des Sciences de Lisbonne sur le texte des Lusiades*, par Mr. Mablin... &c. à Paris 1826.

a algum especulador : E admittida a muito crivel incuria deste na revisão das provas; e a ignorancia, ou pelo menos a pouca pericia dos typographos, que imprimirão o mesmo Poema, do que dão claras mostras os raros exemplares, que existem das duas primeiras edições : Concluiremos sem hesitação, que, quemquer que (somente pelo que pertence á correcção do texto dos Lusiadas) á presente edição preferir a do Morgado de Matteus, impressa em Paris no anno de 1817. em 4.°, e logo reimpressa em a mesma cidade no anno de 1819. em volume de 8.°, ou alguma das que a tem copiado; poderá ficar certo, de que dá maior apreço a um traslado, quasi em tudo fiel, da erradissima primeira edição de 1572, do que a outra, feita debaixo dos dictames da mais accurada Critica, na qual, sequer com grande probabilidade, se achão reproduzidos os pensamentos, e a bellissima maneira de os enunciar, de que o grande Camões formou o seu immortal Poema Os Lusiadas.

N. B. Em signal de respeitosa gratidão, justo é declaremos aqui o muito, que temos devido á generosidade dos Snrs. Conselheiros, Joaquim José da Costa Macedo, e João Baptista d'Almeida Garret, dos quaes aquelle franqueando-nos um exemplar, que possue, da edição dos Lusiadas de 1572, havida por primeira; e este o seu exemplar da edição do mesmo anno, contada por segunda; nos habilitárão, após maduro exame, por nós feito sôbre os ditos dous exemplares, e confrontados depois com o da Bibliotheca Publica desta Capital, tambem da segunda edição, para podermos dar melhor direcção ao nosso juizo critico sôbre a nova edição dos mesmos Lusiadas, que passâmos a entregar ao Publico.

F. F. de C.

OS LUSIADAS.

CANTO PRIMEIRO.

I.

As armas, e os Barões assinalados,
Que da occidental praia Lusitana
Por mares nunca de antes navegados
Passaram ainda alem da Taprobana,
Em perigos, e guerras esforçados
Mais, do que promettia a força humana:
† E entre gente remota edificaram
Novo reino, que tanto sublimaram:

II.

E tambem as memorias gloriosas
Daquelles Reis, que foram dilatando
A Fé, o imperio; e as terras viciosas
De Africa, e de Asia andaram devastando:
E aquelles, que por obras valerosas
Se vão da lei da morte libertando:
Cantando espalharei por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho, e arte.

XI.

Ouvi; que não vereis com vãas façanhas,
Phantasticas, fingidas, mentirosas,
Louvar os vossos, como nas estranhas
Musas, de engrandecer-se desejosas:
As verdadeiras vossas são tamanhas,
Que excedem as sonhadas, fabulosas,
Que excedem Rodamonte, e o vão Rugeiro,
E Orlando, indaque fora verdadeiro. (3)

XII.

Por estes vos darei hum Nuno fero,
Que fez ao Rei, e ao reino tal serviço:
Hum Egas, e hum Dom Fuas, que de Homero
A cithara para elles só cobiço.
Pois pelos doze Pares, dar-vos quero
Os doze de Inglaterra, e o seu Magriço: (4)
Dou-vos tambem aquelle illustre Gama,
Que para si de Eneas toma a fama.

XIII.

Pois se, a troco de Carlos Rei de França, (5)
Ou de Cesar, quereis igual memoria,
Vede o primeiro Afonso, cuja lança
Escura faz qualquer estranha gloria:
E aquelle, que a seu reino a segurança
Deixou co'a grande, e prospera victoria:
Outro Joanne invicto cavalleiro,
O quarto e quinto Afonsos, e o terceiro.

XIV.

Nem deixarão meus versos esquecidos
Aquelles, que nos reinos lá da Aurora
Se fizeram por armas tão subidos,
Vossa bandeira sempre vencedora:
Hum Pacheco fortissimo, e os temidos
Almeidas, por quem sempre o Tejo chora:
Albuquerque terribil, Castro forte,
E outros, em quem poder não teve a morte.

XV.

E em quanto eu estes canto, e a vós não posso,
Sublime Rei; que não me atrevo a tanto,
Tomai as redeas vós do reino vosso,
Dareis materia a nunca ouvido canto:
Comecem a sentir o pezo grosso
(Que pelo mundo todo faça espanto)
De exercitos, e feitos singulares
De Africa as terras, e do Orienté os mares.

XVI.

Em vós os olhos tem o Mouro frio,
Em quem vê seu exicio affigurado:
Só com vos ver o barbaro Gentio
Mostra o pescoço ao jugo já inclinado:
Tethys todo o ceruleo senhorio
Tem para vós por dote apparelhado;
Que, affeiçoada ao gesto bello, e tenro,
Deseja de comprar-vos para genro. (6)

XVII.

Em vós se vem da Olympica morada
Dos dous Avós as almas cá famosas, (7)
Huma na paz angelica dourada,
Outra pelas batalhas sanguinosas:
Em vós esperam ver-se renovada
Sua memoria, e obras valerosas,
E lá vos tem lugar no fim da idade
No templo da suprema eternidade.

XVIII.

Mas em quanto este tempo passa lento
De regerdes os povos, que o desejam,
Dai vós favor ao novo atrevimento;
Para que estes meus versos vossos sejam:
E vereis ir cortando o salso argento
Os vossos Argonautas; porque vejam,
Que são vistos de vós no mar irado:
E costumai-vos já a ser invocado. (8)

XIX.

Já no largo Oceano navegavam,
As inquietas ondas apartando,
Os ventos brandamente respiravam,
Das naos as velas concavas inchando:
Da branca escuma os mares se mostravam
Cobertos, onde as proas vão cortando
As maritimas aguas consagradas,
Que do gado de Próteo são cortadas.

XX.

Quando os deoses no Olympo luminoso,
Onde o governo está da humana gente,
Se ajuntam em concilio glorioso
Sobre as cousas futuras do Oriente:
Pizando o crystallino ceo formoso,
Vem pela via Lactea juntamente,
* Convocados da parte do Tonante (9)
Pelo neto gentil do velho Atlante. (10)

XXI.

Deixam dos sete ceos o regimento,
Que do poder mais alto lhe foi dado,
Alto poder, que só co'o pensamento
Governa o ceo, a terra, e o mar irado:
Alli se acharam juntos n'hum momento
Os, que habitam o Arcturo congelado,
E os, que o Austro tem, e as partes, onde
A Aurora nasce, e o claro Sol se esconde.

XXII.

Estava o Padre alli sublime, e dino,
Que vibra os feros raios de Vulcano,
N'hum assento de estrellas crystallino,
Com gesto alto, severo, e soberano:
Do rosto respirava hum ar divino,
Que divino tornara hum corpo humano,
Com huma coroa, e sceptro rutilante
De outra pedra mais clara, que diamante.

XXIII.

Em luzentes assentos, marchetados
De ouro, e de perlas, mais abaixo estavam
Os outros deoses todos assentados,
Como a razão, e a ordem concertavam:
Precedem os antiguos mais honrados,
Mais abaixo os menores se assentavam:
Quando Jupiter alto assi dizendo,
C'hum tom de voz começa grave, e horrendo.

XXIV.

Eternos moradores do luzente
Estellifero polo, e claro assento,
Se do grande valor da forte gente
† De Luso não perdeis o pensamento,
Deveis de ter sabido claramente,
Como he dos fados grandes certo intento,
Que por ella se esqueçam os humanos
De Assyrios, Persas, Gregos, e Romanos.

XXV.

Já lhe foi, bem o vistes, concedido
C'hum poder tão singelo, e tão pequeno
Tomar ao Mouro forte, e guarnecido
Toda a terra, que rega o Tejo ameno:
Pois contra o Castelhano tão temido
Sempre alcançou favor do Ceo sereno:
Assi que sempre em fim com fama e gloria
Teve os tropheos pendentes da victoria.

XXVI.

Deixo, deoses, atraz a fama antiga,
Que co'a gente de Romulo alcançaram,
Quando com Viriáto na inimiga
Guerra Romana tanto se affamaram:
Tambem deixo a memoria, que os obriga
A grande nome, quando alevantaram
Hum por seu capitão, que peregrino
Fingio na Cerva espirito divino.

XXVII.

Agora vedes bem, que, commettendo
O duvidoso mar n'hum lenho leve
Por vias nunca usadas, não temendo
De Africo, e Noto a força, a mais se atreve:
Que, havendo tanto já que as partes vendo,
Onde o dia he comprido, e onde breve,
Inclinam seu proposito, e porfia,
A ver os berços, onde nasce o dia.

XXVIII.

Promettido lhe está do Fado eterno,
Cuja alta lei não pode ser quebrada,
Que tenham longos tempos o governo
Do mar, que vê do Sol a roxa entrada:
Nas aguas tem passado o duro inverno,
A gente vem perdida, e trabalhada;
Já parece bem feito, que lhe seja
Mostrada a nova terra, que deseja.

XXIX.

E porque, como vistes, tem passados
Na viagem tão asperos perigos,
Tantos climas, e ceos exprimentados,
Tanto furor de ventos inimigos:
Que sejam, determino, agasalhados
Nesta costa Africana, como amigos,
E, tendo guarnecida a lassa frota,
† Tornarão a seguir sua longa rota.

XXX.

Estas palavras Jupiter dizia:
Quando os deoses, por ordem respondendo,
Na sentença hum do outro differia,
Razões diversas dando, e recebendo.
O padre Baccho alli não consentia
No, que Jupiter disse; conhecendo,
Que esquecerão seus feitos no Oriente,
Se lá passar a Lusitana gente.

XXXI.

Ouvido tinha aos fados, que viria
Huma gente fortissima de Hespanha
Pelo mar alto, a qual sujeitaria
Da India tudo, quanto Doris banha:
E com novas victorias venceria
A fama antigua, ou sua, ou fosse estranha:
Altamente lhe doe perder a gloria,
De que Nysa celebra inda a memoria. (11)

XXXII.

Vê, que já teve o Indo sobjugado,
E nunca lhe tirou fortuna, ou caso,
Por vencedor da India ser cantado
De quantos bebem a agua do Parnaso:
Teme agora, que seja sepultado
Seu tão celebre nome em negro vaso
Da agua do esquecimento, se lá chegam
Os fortes Portuguezes, que navegam.

XXXIII.

Sustentava contra elle Venus bella,
Affeiçoada á gente Lusitana
Por quantas qualidades via nella
Da antigua tão amada sua Romana:
Nos fortes corações, na grande estrella,
Que mostraram na terra Tingitana:
E na lingua, na qual quando imagina,
Com pouca corrupção crê que he a Latina.

XXXIV.

Estas causas moviam Cytherea,
E mais, porque das Parcas claro entende,
Que ha de ser celebrada a clara dea,
Onde a gente belligera se estende.
Assi que, hum pela infamia, que arrecea,
E o outro pelas honras, que pretende,
Debatem, e na porfia permanecem:
A qualquer seus amigos favorecem.

XXXV.

Qual Austro fero, ou Boreas na espessura,
De sylvestre arvoredo abastecida,
Rompendo os ramos vão da mata escura
Com impeto, e braveza desmedida,
Brama toda a montanha, o som murmura,
Rompem-se as folhas, ferve a serra erguida:
Tal andava o tumulto levantado,
Entre os deoses no Olympo consagrado.

XXXVI.

Mas Marte, que da deosa sustentava
Entre todos as partes em porfia,
Ou porque o amor antiguo o obrigava,
Ou porque a gente forte o merecia;
De entre os deoses em pé se levantava:
Merencorio no gesto parecia:
O forte escudo ao collo pendurado
Deitando para traz, medonho, e irado:

XXXVII.

A viseira do elmo de diamante
Alevantando hum pouco, mui seguro
Por dar seu parecer se poz diante
De Jupiter, armado, forte, e duro:
E dando huma pancada penetrante
Co'o conto do bastão no solio puro,
O ceo tremeo, e Apollo de torvado
Hum pouco a luz perdeo, como enfiado.

XXXVIII.

E disse assi: Ó Padre, a cujo imperio
Tudo aquillo obedece, que creaste,
Se esta gente, que busca outro hemispherio,
Cuja valia, e obras tanto amaste,
Não queres, que padeçam vituperio,
Como ha já tanto tempo que ordenaste,
Não ouças mais, pois es juiz direito,
Razões de quem parece, que he suspeito:

XXXIX.

Que, se aqui a razão se não mostrasse
Vencida do temor demasiado,
Bem fora, que aqui Baccho os sustentasse;
Pois que de Luso vem, seu tão privado:
Mas esta tenção sua agora passe,
Porque em fim vem de estomago damnado;
Que nunca tirará alheia inveja
O bem, que outrem merece, e o Ceo deseja.

XL.

E tu, Padre de grande fortaleza,
Da determinação, que tens tomada,
Não tornes por detraz; pois he fraqueza
Desistir-se da cousa começada.
Mercurio; pois excede em ligeireza
Ao vento leve, e á setta bem talhada,
Lhe vá mostrar a terra, onde se informe
Da India, e onde a gente se reforme.

XLI.

Como isto disse, o Padre poderoso,
A cabeça inclinando, consentio
No, que disse Mavorte valeroso,
E nectar sobre todos esparzio.
Pelo caminho Lacteo glorioso
Logo cada hum dos deoses se partio,
Fazendo seus reaes acatamentos,
Para os determinados aposentos.

XLII.

Em quanto isto se passa na formosa
Casa etherea do Olympo omnipotente,
Cortava o mar a gente bellicosa
Já lá da banda do Austro, e do Oriente,
Entre a costa Ethiopica, e a famosa
Ilha de São-Lourenço; e o Sol ardente
Queimava então os deoses, que Typheo (12)
Co'o temor grande em peixes converteo.

XLIII.

Tão brandamente os ventos os levavam,
Como quem o Ceo tinha por amigo:
Sereno o ar, e os tempos se mostravam
Sem nuvens, sem receio de perigo:
O promontorio Prasso já passavam
Na costa de Ethiopia, nome antigo;
Quando o mar descobrindo lhe mostrava
Novas ilhas, que em torno cerca, e lava.

XLIV.

Vasco da Gama, o forte capitão,
Que a tamanhas emprezas se offerece,
De soberbo, e de altivo coração,
A quem fortuna sempre favorece,
Para se aqui deter não vê razão;
Que inhabitada a terra lhe parece:
Por diante passar determinava;
Mas não lhe succedeo como cuidava.

XLV.

Eis apparecem logo em companhia
Huns pequenos bateis, que vem daquella,
Que mais chegada á terra parecia,
Cortando o longo mar com larga vela:
A gente se alvoroça, e de alegria,
Não sabe mais, que olhar a causa della.
Que gente será esta? em si diziam:
Que costumes, que lei, que rei teriam?

XLVI.

As embarcações eram na maneira
Mui veloces, estreitas, e compridas:
As velas, com que vem, eram de esteira
D'humas folhas de palma bem tecidas:
A gente da cor era verdadeira,
Que Phaeton nas terras accendidas
Ao mundo deo, de ousado, e não prudente:
O Pado o sabe, e Lampetusa o sente.

XLVII.

De pannos de algodão vinham vestidos
De varias cores, brancos, e listrados:
Huns trazem derredor de si cingidos,
Outros em modo airoso sobraçados:
† Das cintas para cima vem despidos:
* Por armas tem adargas, e terçados, (13)
Com toucas na cabeça, e navegando,
Anafis sonorosos vão tocando.

XLVIII.

Co'os pannos, e co'os braços acenavam
Ás gentes Lusitanas, que esperassem:
Mas já as proas ligeiras se inclinavam,
Para que junto ás ilhas amainassem:
A gente, e marinheiros trabalhavam,
Como se aqui os trabalhos s'acabassem:
Tomam velas, amaina-se a verga alta,
Da ancora o mar ferido em cima salta.

XLIX.

Não eram ancorados, quando a gente
Estranha pelas cordas já subia,
No gesto ledos vem, e humanamente
O Capitão sublime os recebia.
As mesas manda pôr em continente:
Do licor, que Lyeo prantado havia,
Enchem vasos de vidro, e do que deitam
Os de Phaeton queimados nada engeitam.

L.

Comendo alegremente perguntavam
Pela Arabica lingua, donde vinham:
Quem eram: de que terra: que buscavam:
Ou que partes do mar corrido tinham.
Os fortes Lusitanos lhe tornavam
As discretas respostas, que convinham:
Os Portuguezes somos do Occidente,
Imos buscando as terras do Oriente.

LI.

Do mar temos corrido, e navegado
Toda a parte do Antarctico, e Callisto,
Toda a costa Africana rodeado,
Diversos ceos, e terras temos visto:
D'hum Rei potente somos, tão amado,
Tão querido de todos, e bemquisto,
Que não no largo mar, com leda fronte
Mas no lago entraremos de Acheronte.

LII.

E por mandado seu buscando andamos
A terra Oriental, que o Indo rega:
Por elle o mar remoto navegamos,
Que só dos feos phocas se navega.
Mas já razão parece, que saibamos,
Se entre vós a verdade não se nega,
Quem sois: que terra he esta, que habitais:
Ou se tendes da India alguns sinais.

LIII.

Somos, hum dos das ilhas lhe tornou,
Estrangeiros na terra, lei, e nação:
Que os proprios, são aquelles, que criou
A natura sem lei, e sem razão:
Nós temos a lei certa, que ensinou
O claro descendente de Abrahão,
Que agora tem do mundo o senhorio,
A mãi Hebrea teve, e o pai Gentio. (14)

LIV.

Esta ilha pequena, que habitamos,
He em toda esta terra certa escala
De todos os, que as ondas navegamos
De Quíloa, de Mombaça, e de Sofala:
E, por ser necessaria, procuramos,
Como proprios da terra, de habita-la:
E, porque tudo em fim vos notifique,
Chama-se a pequena ilha Moçambique.

LV.

E já que de tão longe navegais,
Buscando o Indo Hydaspe, e terra ardente,
Piloto aqui tereis, por quem sejais
Guiados pelas ondas sabiamente:
Tambem será bem feito, que tenhais
Da terra algum refresco, e que o Regente,
Que esta terra governa, que vos veja,
E do mais necessario vos proveja.

LVI.

Isto dizendo, o Mouro se tornou
A seus bateis com toda a companhia:
Do Capitão, e gente se apartou
Com mostras de devida cortezia.
Nisto Phebo nas aguas encerrou
Co'o carro de crystal o claro dia,
Dando cargo á irmãa, que allumiasse
O largo mundo, em quanto repousasse.

LVII.

A noite se passou na lassa frota
Com estranha alegria, e não cuidada;
Por acharem da terra tão remota
Nova de tanto tempo desejada.
Qualquer então comsigo cuida, e nota
Na gente, e na maneira desusada,
E como os, que na errada seita creram,
Tanto por todo o mundo se estenderam.

LVIII.

Da Lua os claros raios rutilavam
Pelas argenteas ondas Neptuninas,
As estrellas os ceos acompanhavam,
Qual campo revestido de boninas:
Os furiosos ventos repousavam
Pelas covas escuras peregrinas:
Porem da armada a gente vigiava,
Como por longo tempo costumava.

LIX.

Mas, assi como a Aurora marchetada
Os formosos cabellos espalhou
No ceo sereno, abrindo a roxa entrada
Ao claro Hyperionio, que acordou; (15)
Começa a embandeirar-se toda a armada,
E de toldos alegres se adornou,
Por receber com festas, e alegria,
O Regedor das ilhas, que partia:

LX.

Partia alegremente navegando,
A ver as naos ligeiras Lusitanas,
Com refresco da terra, em si cuidando,
Que são aquellas gentes inhumanas,
Que, os aposentos Caspios habitando,
A conquistar as terras Asianas
Vieram, e por ordem do destino
O imperio tomaram a Constantino. (16)

LXI.

Recebe o Capitão alegremente
O Mouro, e toda sua companhia:
Da-lhe de ricas peças hum presente,
Que só para este effeito já trazia:
Da-lhe conserva doce, e da-lhe o ardente
Não usado licor, que dá alegria.
Tudo o Mouro contente bem recebe,
E muito mais contente come, e bebe.

LXII.

Está a gente maritima de Luso
Subida pela enxarcia, de admirada,
Notando o estrangeiro modo, e uso,
E a linguagem tão barbara, e enleada.
Tambem o Mouro astuto está confuso,
Olhando a cor, o trajo, e a forte armada,
E perguntando tudo, lhe dizia
Se por ventura vinham de Turquia.

LXIII.

E mais lhe diz tambem, que ver deseja
Os livros de sua lei, preceito, ou fé;
Para ver se conforme á sua seja,
Ou se são dos de Christo, como crê:
E porque tudo note, e tudo veja,
Ao Capitão pedia, que lhe dê
Mostra das fortes armas, de que usavam,
Quando co'os inimigos pelejavam.

LXIV.

† Responde o valeroso Capitão
Por hum, que a lingua escura bem sabia:
Dar-te-hei, senhor illustre, relação
De mi, da lei, das armas, que trazia.
Nem sou da terra, nem da geração
Das gentes enojosas de Turquia;
Mas sou da forte Europa bellicosa,
Busco as terras da India tão famosa.

LXV.

A Lei tenho daquelle, a cujo imperio
Obedece o visibil, e invisibil,
Aquelle, que creou todo o hemispherio,
Tudo o que sente, e todo o insensibil:
Que padeceo deshonra, e vituperio,
Soffrendo morte injusta, e insoffribil:
E que do Ceo á terra em fim desceo,
Por subir os mortaes da terra ao Ceo.

LXVI.

Deste Deos-Homem, alto, e infinito
Os livros, que tu pedes, não trazia;
Que bem posso escusar trazer escrito
Em papel, o que na alma andar devia.
Se as armas queres ver, como tens dito,
Cumprido esse desejo te seria:
Como amigo as verás; porque eu me obrigo,
Que nunca as queiras ver como inimigo.

LXVII.

Isto dizendo, manda os diligentes
Ministros amostrar as armaduras:
Vem arnezes, e peitos reluzentes,
Malhas finas, e laminas seguras,
Escudos de pinturas differentes,
Pelouros, espingardas de aço puras,
Arcos, e sagittiferas aljavas,
Partazanas agudas, chuças bravas:

LXVIII.

As bombas vem de fogo, e juntamente
As panellas sulphureas, tão damnosas:
Porem aos de Vulcano não consente,
Que dem fogo ás bombardas temerosas;
Porque o generoso animo, e valente,
Entre gentes tão poucas, e medrosas,
Não mostra, quanto pode: e com razão;
Que he fraqueza entre ovelhas ser leão.

LXIX.

Porem disto, que o Mouro aqui notou,
E de tudo o, que vio com olho attento,
Hum odio certo na alma lhe ficou,
Huma vontade má de pensamento:
Nas mostras, e no gesto o não mostrou;
Mas com risonho, e ledo fingimento
Tratal-os brandamente determina,
Até que mostrar possa o, que imagina.

LXX.

Pilotos lhe pedia o Capitão,
Por quem podesse á India ser levado:
Diz-lhe, que o largo premio levarão
Do trabalho, que nisso for tomado.
Promette-lhos o Mouro com tenção
De peito venenoso, e tão damnado,
Que a morte, se podesse, neste dia
Em lugar de pilotos lhe daria.

LXXI.

Tamanho o odio foi, e a má vontade,
Que aos estrangeiros subito tomou;
Sabendo ser sequaces da verdade,
Que o filho de David nos ensinou.
† Oh segredos daquella Eternidade, (17)
A quem juizo algum não alcançou!
Que nunca falte hum perfido inimigo
Áquelles, de quem foste tanto amigo!

LXXII.

Partio-se nisto em fim co'a companhia,
Das naos o falso Mouro despedido,
Com enganosa, e grande cortezia,
Com gesto ledo a todos, e fingido.
Cortaram os bateis a curta via
Das aguas de Neptuno, e recebido
Na terra do obsequente ajuntamento,
Se foi o Mouro ao cognito aposento.

LXXIII.

Do claro assento ethereo o grão Thebano,
Que da paternal coxa foi nascido,
Olhando o ajuntamento Lusitano
Ao Mouro ser molesto, e aborrecido,
No pensamento cuida hum falso engano,
Com que seja de todo destruido:
E em quanto isto só na alma imaginava,
Comsigo estas palavras praticava.

LXXIV.

Está do fado já determinado,
Que tamanhas victorias, tão famosas
Hajam os Portuguezes alcançado
Das Indianas gentes bellicosas:
E eu só, filho do Padre sublimado,
Com tantas qualidades generosas,
Hei de soffrer, que o fado favoreça
Outrem, por quem meu nome se escureça?

LXXV.

Já quizeram os deoses, que tivesse
O filho de Philippo nesta parte
Tanto poder, que tudo sobmettesse
† Debaixo do seu jugo o fero Marte:
Mas ha-se de soffrer, que o fado desse
A tão poucos tamanho esforço, e arte,
Que eu co'o grão Macedonio, e co'o Romano (18)
Demos lugar ao nome Lusitano?

LXXVI.

Não será assi; porque, antes que chegado
Seja este Capitão, astutamente
Lhe será tanto engano fabricado,
Que nunca veja as partes do Oriente:
Eu descerei á terra, e o indignado
Peito revolverei da Maura gente;
Porque sempre por via irá direita,
Quem do opportuno tempo se aproveita.

LXXVII.

Isto dizendo irado, e quasi insano,
Sobre a terra Africana descendeo,
Onde vestindo a forma, e gesto humano,
Para o Prasso sabido se moveo:
E, por melhor tecer o astuto engano,
No gesto natural se converteo
D'hum Mouro em Moçambique conhecido,
Velho, sabio, e co'o Xeque mui valido.

LXXVIII.

E entrando assi a fallar-lhe a tempo, e horas
Á sua falsidade accommodadas,
Lhe diz, como eram gentes roubadoras
Estas, que ora de novo são chegadas:
Que das nações na costa moradoras
Correndo a fama veio, que roubadas
Foram por estes homens, que passavam,
Que com pactos de paz sempre ancoravam.

LXXIX.

E sabe mais, lhe diz, como entendido
Tenho destes Christãos sanguinolentos,
Que quasi todo o mar tem destruido
Com roubos, com incendios violentos:
E trazem já de longe engano ordido
Contra nós, e que todos seus intentos
São para nos matarem, e roubarem,
E mulheres, e filhos captivarem.

LXXX.

E tambem sei, que tem determinado
De vir por agua a terra muito cedo
O Capitão dos seus acompanhado;
Que da tenção damnada nasce o medo.
Tu deves de ir tambem co'os teus armado
Esperal-o em cilada, occulto e quedo;
Porque, sahindo a gente descuidada,
Cahirão facilmente na cilada.

LXXXI.

E se inda não ficarem deste geito
Destruidos, ou mortos totalmente,
Eu tenho imaginada no conceito
Outra manha, e ardil, que te contente:
Manda-lhe dar piloto, que de geito
Seja astuto no engano, e tão prudente,
Que os leve aonde sejam destruidos,
Desbaratados, mortos, ou perdidos.

LXXXII.

Tanto que estas palavras acabou: (19)
O Mouro nos taes casos sabio, e velho
Os braços pelo collo lhe lançou,
Agradecendo muito o tal conselho:
E logo nesse instante concertou
Para a guerra o belligero apparelho;
Para que ao Portuguez se lhe tornasse
Em roxo sangue a agua, que buscasse.

LXXXIII.

E busca mais para o cuidado engano
Mouro, que por piloto á nao lhe mande,
† Sagaz, astuto, e sabio em todo o dano,
De quem fiar-se possa hum feito grande:
Diz-lhe, que, acompanhando o Lusitano,
Por taes costas, e mares co'elle ande,
Que, se daqui escapar, que lá diante
* Vá cahir, donde nunca se alevante. (20)

LXXXIV.

Já o raio Apollineo visitava
Os montes Nabathëos accendido, (21)
* Quando o Gama co'os seus determinava (22)
De vir por agua a terra apercebido:
A gente nos bateis se concertava,
Como se fosse o engano já sabido:
Mas pode suspeitar-se facilmente;
Que o coração presago nunca mente.

LXXXV.

E mais tambem mandado tinha a terra
De antes pelo piloto necessario,
E foi-lhe respondido em som de guerra:
Caso do que cuidava mui contrario.
Por isto, e porque sabe quanto erra,
Quem se crê de seu perfido adversario;
Apercebido vai, como podia,
Em tres bateis somente, que trazia.

LXXXVI.

Mas os Mouros, que andavam pela praia,
Por lhe defender a agua desejada,
Hum de escudo embraçado, e de azagaia,
Outro de arco encurvado, e setta ervada,
Esperam, que a guerreira gente saia:
Outros muitos já postos em cilada:
E, porque o caso leve se lhe faça,
Põem huns poucos diante por negaça.

LXXXVII.

Andam pela ribeira alva arenosa
Os bellicosos Mouros acenando
Com a adarga, e co'a hastea perigosa
Os fortes Portuguezes incitando.
Não soffre muito a gente generosa
Andar-lhe os cães os dentes amostrando:
Qualquer em terra salta tão ligeiro,
Que nenhum dizer pode, que he primeiro.

LXXXVIII.

Qual no corro sanguino o ledo amante,
Vendo a formosa dama desejada,
O touro busca, e pondo-se diante,
Salta, corre, sibila, acena, e brada:
Mas o animal atroce nesse instante,
Com a fronte cornigera inclinada,
Bramando duro corre, e os olhos cerra,
Derriba, fere, e mata e põe por terra:

LXXXIX.

Eis nos bateis o fogo se levanta
Na furiosa, e dura artilheria:
A plumbea pella mata, o brado espanta,
Ferido o ar retumba, e assovia:
O coração dos Mouros se quebranta,
O temor grande o sangue lhe resfria:
Já foge o escondido de medroso,
E morre o descoberto aventuroso.

XC.

Não se contenta a gente Portugueza:
Mas seguindo a victoria estrue, e mata;
A povoação sem muro, e sem defeza,
Esbombardea, accende, e desbarata.
Da cavalgada ao Mouro já lhe peza;
Que bem cuidou compral-a mais barata:
Já blasphema da guerra, e maldizia
O velho inerte, e a mãi que o filho cria.

XCI.

Fugindo, a setta o Mouro vai tirando
Sem força, de covarde, e de apressado,
A pedra, o pao, e o canto arremessando;
Da-lhe armas o furor desatinado: (23)
Já a ilha, e todo o mais desamparando,
Á terra firme foge amedrontado:
Passa, e corta do mar o estreito braço,
Que a ilha em torno cerca em pouco espaço.

XCII.

Huns vão nas almadias carregadas,
Hum corta o mar a nado diligente,
Quem se affoga nas ondas encurvadas,
Quem bebe o mar, e o deita juntamente.
Arrombam as miudas bombardadas
Os pangaios subtis da bruta gente:
Desta arte o Portuguez em fim castiga
A vil malicia, perfida, inimiga.

XCIII.

Tornam victoriosos para a armada
Co'o despojo da guerra e rica presa,
E vão a seu prazer fazer aguada,
Sem achar resistencia, nem defesa.
Ficava a Maura gente magoada,
No odio antiguo, mais que nunca, accesa:
E, vendo sem vingança tanto dano,
Somente estriba no segundo engano.

XCIV.

Pazes commetter manda arrependido
O Regedor daquella iniqua terra,
Sem ser dos Lusitanos entendido,
Que em figura de paz lhe manda guerra:
Porque o piloto falso promettido,
Que toda a má tenção no peito encerra,
Para os guiar á morte lhe mandava,
Como em signal das pazes, que tratava.

XCV.

O Capitão, que já lhe então convinha
Tornar a seu caminho acostumado;
Que tempo concertado, e ventos tinha,
Para ir buscar o Indo desejado;
Recebendo o piloto, que lhe vinha,
(Foi delle alegremente agasalhado)
E respondendo ao mensageiro, attento,
As velas manda dar ao largo vento.

XCVI.

Desta arte despedida a forte armada,
As ondas de Amphitrite dividia,
Das filhas de Nereo acompanhada,
Fiel, alegre, e doce companhia:
O Capitão; que não cahia em nada
Do enganoso ardil, que o Mouro ordia,
Delle mui largamente se informava
Da India toda e costas, que passava.

XCVII.

Mas o Mouro, instruido nos enganos,
Que o malevolo Baccho lhe ensinara,
De morte, ou captiveiro novos danos,
Antes que á India chegue, lhe prepara:
Dando razão dos portos Indianos,
Tambem tudo o, que pede, lhe declara;
Que havendo por verdade o, que dizia,
De nada a forte gente se temia.

XCVIII.

E diz-lhe mais co'o falso pensamento,
Com que Sinon os Phrygios enganou,
Que perto está huma ilha, cujo assento
Povo antiguo Christão sempre habitou.
O Capitão, que a tudo estava attento,
Tanto com estas novas se alegrou,
Que com dadivas grandes lhe rogava,
Que o leve á terra, onde esta gente estava.

XCIX.

O mesmo o falso Mouro determina,
Que o seguro Christão lhe manda, e pede;
Que a ilha he possuida da malina
Gente, que segue o torpe Mafamede:
Aqui o engano, e morte lhe imagina;
Porque em poder e forças muito excede
A Moçambique esta ilha, que se chama
Quíloa, mui conhecida pela fama.

C.

Para lá se inclinava a leda frota:
Mas a deosa em Cythere celebrada,
Vendo como deixava a certa rota,
Por ir buscar a morte não cuidada;
Não consente, que em terra tão remota
Se perca a gente della tanto amada;
E com ventos contrarios a desvia,
Donde o piloto falso a leva, e guia.

CI.

Mas o malvado Mouro, não podendo
Tal determinação levar avante,
Outra maldade iniqua commettendo,
Ainda em seu proposito constante;
Lhe diz, que, pois as aguas discorrendo,
Os levaram por força por diante,
Que outra ilha tem perto, cuja gente
Eram Christãos com Mouros juntamente.

CII.

Tambem nestas palavras lhe mentia,
Como por regimento em fim levava;
Que aqui gente de Christo não havia,
Mas a, que a Mafamede celebrava.
O Capitão, que em tudo o Mouro cria,
Virando as velas, a ilha demandava:
Mas, não querendo a deosa guardadora,
Não entra pela barra, e surge fóra

CIII.

Estava a ilha á terra tão chegada,
Que hum estreito pequeno a dividia,
Huma cidade nella situada,
Que na fronte do mar apparecia,
De nobres edificios fabricada,
Como por fóra ao longe descobria,
Regida por hum Rei de antigua idade,
Mombaça he o nome da ilha, e da cidade.

CIV.

E sendo a ella o Capitão chegado,
Estranhamente ledo; porque espera
De poder ver o povo baptizado,
Como o falso piloto lhe dissera:
Eis vem bateis da terra com recado
Do Rei, que já sabia a gente que era;
Que Baccho muito de antes o avisara
Na forma d'outro Mouro, que tomara.

CV.

O recado, que trazem, he de amigos,
Mas debaixo o veneno vem coberto;
Que os pensamentos eram de inimigos,
Segundo foi o engano descoberto.
Oh grandes, e gravissimos perigos!
Oh caminho de vida nunca certo!
Que, aonde a gente põe sua esperança,
Tenha a vida tão pouca segurança!

CVI.

No mar tanta tormenta, e tanto dano,
Tantas vezes a morte apercebida!
Na terra tanta guerra, tanto engano,
Tanta necessidade aborrecida!
Onde pode acolher-se hum fraco humano,
Onde terá segura a curta vida?
Que não se arme, e se indigne o Ceo sereno
Contra hum bicho da terra tão pequeno?

OS LUSIADAS.

CANTO SEGUNDO.

I.

Já neste tempo o lucido planeta,
Que as horas vai do dia distinguindo,
Chegava á desejada e lenta meta,
A luz celeste ás gentes encobrindo,
E da casa maritima secreta
Lhe estava o deos nocturno a porta abrindo;
† Quando as infidas gentes se chegaram
Ás naos, que pouco havia que ancoraram.

II.

D'entre elles hum, que traz encommendado
O mortifero engano, assi dizia:
Capitão valeroso, que cortado
Tens de Neptuno o reino, e salsa via,
O Rei, que manda esta ilha, alvoroçado
Da vinda tua, tem tanta alegria,
Que não deseja mais, que agasalhar-te,
Ver-te, e do necessario reformar-te.

III.

E, porque está em extremo desejoso
De te ver, como cousa nomeada,
Te roga que, de nada receoso,
Entres a barra tu, com toda armada:
E porque do caminho trabalhoso
Trarás a gente debil, e cansada,
Diz, que na terra podes reformal-a;
Que a natureza obriga a desejal-a.

IV.

E, se buscando vás mercadoria,
Que produze o aurifero Levante,
Canella, cravo, ardente especiaria,
Ou droga salutifera, e prestante:
Ou se queres luzente pedraria,
O rubi fino, o rigido diamante:
Daqui levarás tudo tão sobejo,
Com que faças o fim a teu desejo.

V.

Ao mensageiro o Capitão responde,
As palavras do Rei agradecendo:
E diz que, porque o Sol no mar se esconde,
Não entra para dentro, obedecendo:
Porem que, como a luz mostrar por onde
Vá sem perigo a frota, não temendo,
Cumprirá sem receio seu mandado;
Que a mais por tal senhor está obrigado.

VI.

Pergunta-lhe despois, se estão na terra
Christãos, como o piloto lhe dizia:
O mensageiro astuto, que não erra,
Lhe diz, que a mais da gente em Christo cria.
Desta sorte do peito lhe desterra
Toda a suspeita, e cauta phantasia;
Por onde o Capitão seguramente
Se fia da infiel, e falsa gente.

VII.

E de alguns, que trazia condemnados
Por culpas, e por feitos vergonhosos;
Porque podessem ser aventurados
Em casos desta sorte duvidosos,
Manda dous mais sagazes, ensaiados;
Porque notem dos Mouros enganosos
A cidade, e poder; e porque vejam
Os Christãos, que só tanto ver desejam.

VIII.

E por estes ao Rei presentes manda;
Porque a boa vontade, que mostrava,
Tenha firme, segura, limpa e branda,
A qual bem ao contrario em tudo estava.
Já a companhia perfida, e nefanda,
Das naos se despedia, e o mar cortava:
Foram com gestos ledos, e fingidos,
Os dous da frota em terra recebidos.

IX.

E, despois que ao Rei apresentaram
Co'o recado os presentes, que traziam,
A cidade correram, e notaram
Muito menos daquillo, que queriam;
Que os Mouros cautelosos se guardaram
De lhe mostrarem tudo o, que pediam;
Que, onde reina a malicia, está o receio,
Que a faz imaginar no peito alheio.

X.

Mas aquelle, que sempre a mocidade
Tem no rosto perpetua, e foi nascido
De duas mãis, que ordia a falsidade,
Por ver o navegante destruido;
Estava n'huma casa da cidade,
Com rosto humano, e habito fingido,
Mostrando-se Christão, e fabricava
Hum altar sumptuoso, que adorava.

XI.

Alli tinha em retrato affigurada
Do alto e Sancto Espirito a pintura,
A candida pombinha debuxada,
Sobre a unica phenix Virgem pura:
A companhia sancta está pintada
Dos doze, tão torvados na figura,
Como os que, só das linguas, que cahiram,
De fogo, varias linguas referiram.

XII.

Aqui os dous companheiros conduzidos,
Onde com este engano Baccho estava,
Põem em terra os giolhos, e os sentidos
Naquelle Deos, que o mundo governava.
Os cheiros excellentes produzidos
Na Panchaia odorifera queimava
O Thyoneo; e assi por derradeiro
O falso deos adora o verdadeiro.

XIII.

Aqui foram de noite agasalhados
Com todo o bom e honesto tratamento
Os dous Christãos, não vendo que enganados
Os tinha o falso, e sancto fingimento.
Mas assi como os raios espalhados
Do Sol foram no mundo, e n'hum momento
Appareceo no rubido horizonte
Da moça de Titão a roxa fronte:

XIV.

Tornam da terra os Mouros co'o recado
Do Rei, para que entrassem, e comsigo
Os dous, que o Capitão tinha mandado,
A quem se o Rei mostrou sincero amigo:
E sendo o Portuguez certificado
De não haver receio de perigo,
E que gente de Christo em terra havia;
Dentro no salso rio entrar queria.

XV.

Dizem-lhe os, que mandou, que em terra viram
Sacras aras, e sacerdote santo:
Que alli se agasalharam, e dormiram,
Em quanto a luz cobrio o escuro manto:
E que no Rei e gentes não sentiram
Senão contentamento, e gosto tanto,
Que não podia certo haver suspeita
N'huma mostra tão clara, e tão perfeita.

XVI.

Com isto o nobre Gama recebia
Alegremente os Mouros, que subiam;
Que levemente hum animo se fia
De mostras, que tão certas pareciam.
A náo da gente perfida se enchia,
Deixando a bordo os barcos, que traziam:
Alegres vinham todos; porque crem,
Que a presa desejada certa tem.

XVII.

Na terra cautamente apparelhavam
Armas, e munições; que como vissem,
Que no rio os navios ancoravam,
Nelles ousadamente se subissem:
E nesta traïção determinavam, (1)
Que os de Luso de todo destruissem,
E que incautos pagassem deste geito
O mal, que em Moçambique tinham feito.

XVIII.

As ancoras tenaces vão levando
Com a nautica grita costumada,
Da proa as velas sós ao vento dando,
Inclinam para a barra abalizada.
Mas a linda Erycina, que guardando
Andava sempre a gente assinalada,
Vendo a cilada grande, e tão secreta,
Voa do ceo ao mar como huma setta.

XIX.

Convoca as alvas filhas de Nereo,
Com toda a mais cerulea companhia;
Que, porque no salgado mar nasceo,
Das aguas o poder lhe obedecia:
E propondo-lhe a causa, a que desceo,
Com todos juntamente se partia,
Para estorvar que a armada não chegasse,
Aonde para sempre se acabasse.

XX.

Já na agua erguendo vão com grande pressa
Com as argenteas caudas branca escuma:
Doto co'o peito corta, e atravessa (2)
Com mais furor o mar, do que costuma:
Salta Nise, Nerine se arremessa
Por cima da agua crespa em força summa:
Abrem caminho as ondas encurvadas,
De temor das Nereidas apressadas.

XXI.

Nos hombros de hum Tritão com gesto acceso
Vai a linda Dióne furiosa:
Não sente, quem a leva, o doce peso,
De soberbo com carga tão formosa:
Já chegam perto, donde o vento teso
Enche as velas da frota bellicosa:
Repartem-se, e rodeam nesse instante
As náos ligeiras, que hiam por diante.

XXII.

Põe-se a deosa com outras em direito
Da proa capitaina, e alli fechando
O caminho da barra, estão de geito,
Que em vão assopra o vento, a vela inchando:
Põe no madeiro duro o brando peito,
Para detraz a forte náo forçando:
Outras, em derredor, levando-a estavam,
E da barra inimiga a desviavam.

XXIII.

Quaes para a cova as providas formigas,
Levando o pezo grande accommodado,
As forças exercitam, de inimigas
Do inimigo inverno congelado;
Alli são seus trabalhos, e fadigas,
Alli mostram vigor nunca esperado:
Taes andavam as nymphas estorvando
Á gente Portugueza o fim nefando.

XXIV.

Torna para detraz a náo forçada,
A pezar dos que leva, que gritando
Maream velas, ferve a gente irada,
O leme a hum bordo, e a outro atravessando:
O mestre astuto em vão da poppa brada,
Vendo como diante ameaçando
† Os estava hum maritimo penedo,
Que de quebrar-lhe a náo lhe mette medo.

XXV.

A celeuma medonha se alevanta
No rudo marinheiro, que trabalha:
O grande estrondo a Maura gente espanta,
Como se vissem horrida batalha:
Não sabem a razão de furia tanta,
Não sabem nesta pressa, quem lhe valha;
Cuidam, que seus enganos são sabidos,
E que hão de ser por isso aqui punidos.

XXVI.

Eil-os subitamente se lançavam
A seus bateis veloces, que traziam:
Outros em cima o mar alevantavam,
* Saltando n'agua, e a nado se acolhiam: (3)
De hum bordo e d'outro subito saltavam;
Que o medo os compellia do, que viam;
Que antes querem ao mar aventurar-se,
Que nas mãos inimigas entregar-se.

XXVII.

Assi como em selvatica alagoa
As rãas, no tempo antiguo Lycia gente,
Se sentem por ventura vir pessoa,
Estando fóra da agua incautamente;
Daqui e dalli saltando, o charco soa,
Por fugir do perigo que se sente;
E acolhendo-se ao couto, que conhecem,
Sós as cabeças na agua lhe apparecem:

XXVIII.

Assi fogem os Mouros: e o piloto,
Que ao perigo grande as náos guiara,
Crendo que seu engano estava noto,
Tambem foge, saltando na agua amara.
Mas por não darem no penedo immoto,
Onde percam a vida doce e chara,
A ancora solta logo a capitaina,
Qualquer das outras junto della amaina.

XXIX.

Vendo o Gama attentado a estranheza
Dos Mouros, não cuidada, e juntamente
O piloto fugir-lhe com presteza;
Entende o, que ordenava a bruta gente:
E vendo sem contraste, e sem braveza
Dos ventos, ou das aguas sem corrente,
Que a náo passar avante não podia,
Havendo-o por milagre, assi dizia:

XXX.

Oh caso grande, estranho, e não cuidado!
Oh milagre clarissimo, e evidente!
Oh descoberto engano inopinado!
Oh perfida, inimiga, e falsa gente!
Quem poderá do mal apparelhado
Livrar-se sem perigo sabiamente,
Se lá de cima a Guarda soberana
Não acudir á fraca força humana?

XXXI.

Bem nos mostra a divina Providencia
Destes portos a pouca segurança:
Bem claro temos visto na apparencia,
Que era enganada a nossa confiança:
Mas pois saber humano, nem prudencia,
Enganos tão fingidos não alcança,
Ó tu, Guarda divina, tem cuidado
De quem sem ti não pode ser guardado.

XXXII.

E se te move tanto a piedade
Desta misera gente peregrina,
Que só por tua altissima bondade
Da gente a salvas, perfida e malina;
N'algum porto seguro de verdade
Conduzir-nos já agora determina,
Ou nos amostra a terra, que buscâmos;
Pois só por teu serviço navegâmos.

XXXIII.

Ouvio-lhe estas palavras piedosas
A formosa Dióne: e commovida,
D'entre as nymphas se vai, que saudosas
Ficaram desta subita partida:
Já penetra as estrellas luminosas,
Já na terceira esphera recebida,
Avante passa, e lá no sexto ceo,
Para onde estava o Padre, se moveo.

XXXIV.

E como hia affrontada do caminho,
Tão formosa no gesto se mostrava,
Que as estrellas, e o ceo, e o ar visinho,
E tudo, quanto a via, namorava.
Dos olhos, onde faz seu filho o ninho,
Huns espiritos vivos inspirava,
Com que os polos gelados accendia,
E tornava do fogo a esphera fria.

XXXV.

E por mais namorar o soberano
Padre, de quem foi sempre amada, e chara,
Se lh'apresenta assi, como ao Troiano (4)
Na selva Idêa já se apresentara.
Se a vira o caçador, que o vulto humano (5)
Perdeo, vendo Diana na agua clara,
Nunca os famintos galgos o mataram;
Que primeiro desejos o acabaram.

XXXVI.

Os crespos fios d'ouro se esparziam
Pelo collo, que a neve escurecia:
Andando, as lacteas tetas lhe tremiam,
Com quem amor brincava, e não se via:
Da alva petrina flammas lhe sahiam,
Onde o Menino as almas accendia:
Pelas lisas columnas lhe trepavam
Desejos, que como hera se enrolavam.

XXXVII.

C'hum delgado cendal as partes cobre,
De quem vergonha he natural reparo;
Porêm nem tudo esconde, nem descobre
O veo, dos roxos lirios pouco avaro:
Mas, para que o desejo accenda, e dobre,
Lhe põe diante aquelle objecto raro:
Já se sentem no ceo por toda a parte
Ciumes em Vulcano, amor em Marte.

XXXVIII.

E mostrando no angelico semblante
Co'o riso huma tristeza misturada;
Como dama, que foi do incauto amante
Em brincos amorosos mal tratada,
Que se aqueixa, e se ri, n'hum mesmo instante,
E se torna entre alegre magoada:
Desta arte a deosa, a quem nenhuma iguala,
Mais mimosa, que triste, ao Padre falla.

XXXIX.

Sempre eu cuidei, ó Padre poderoso,
Que para as cousas, que eu do peito amasse,
Te achasse brando, affabil, e amoroso;
Postoque a algum contrario lhe pezasse:
Mas, pois que contra mi te vejo iroso,
Sem que to merecesse, nem te errasse;
Faça-se como Baccho determina,
Assentarei em fim, que fui mofina.

XL.

Este povo, que he meu, por quem derramo
As lagrimas, que em vão cahidas vejo,
Que assaz de mal lhe quero, pois que o amo,
Sendo tu tanto contra meu desejo:
Por elle a ti rogando choro, e bramo,
E contra minha dita em fim pelejo.
Ora pois; porque o amo, he mal tratado,
Quero-lhe querer mal, será guardado.

XLI.

Mas moura em fim nas mãos das brutas gentes;
Que pois eu fui... E nisto, de mimosa,
O rosto banha em lagrimas ardentes,
Como co'o orvalho fica a fresca rosa:
Callada hum pouco, como se entre os dentes
Se lhe impedira a falla piedosa,
Torna a seguil-a: e indo por diante,
Lhe atalha o poderoso, e grão Tonante:

XLII.

E destas brandas mostras commovido,
Que moveram de hum tigre o peito duro,
Co'o vulto alegre, qual do ceo subido
Torna sereno e claro o ar escuro, (6)
As lagrimas lhe alimpa, e accendido
Na face a beija, e abraça o collo puro;
De modo, que dalli, se só se achara,
Outro novo Cupido se gerara.

XLIII.

E co'o seu apertando o rosto amado,
Que os soluços e lagrimas augmenta;
Como menino da ama castigado,
Que, quem no affaga, o choro lhe accrescenta:
Por lhe pôr em socego o peito irado,
Muitos casos futuros lhe apresenta,
Dos fados as entranhas revolvendo,
Desta maneira em fim lhe está dizendo:

XLIV.

Formosa filha minha, não temais
Perigo algum nos vossos Lusitanos,
Nem que ninguem comigo possa mais,
Que esses chorosos olhos soberanos:
Que eu vos prometto, filha, que vejais
Esquecerem-se Gregos e Romanos
Pelos illustres feitos, que esta gente
Ha de fazer nas partes do Oriente:

XLV.

Que, se o facundo Ulysses escapou
De ser na Ogygia ilha eterno escravo:
E se Antenor os seios penetrou (7)
Illyricos, e a fonte de Timavo:
E se o piedoso Eneas navegou
De Scylla e de Charybdis o mar bravo:
Os vossos, mores cousas attentando,
Novos mundos ao mundo irão mostrando.

XLVI.

Fortalezas, cidades, e altos muros
Por elles vereis, filha, edificados:
Os Turcos bellacissimos, e duros,
Delles sempre vereis desbaratados:
Os Reis da India livres, e seguros
Vereis ao Rei potente sobjugados:
E por elles, de tudo em fim senhores,
Serão dadas na terra leis melhores.

XLVII.

Vereis este, que agora pressuroso
Por tantos medos o Indo vai buscando,
Tremer delle Neptuno de medroso,
Sem vento suas aguas encrespando.
Oh caso nunca visto, e milagroso,
Que trema e ferva o mar, em calma estando! (8)
Oh gente forte, e de altos pensamentos,
Que tambem della hão medo os elementos!

XLVIII.

Vereis a terra, que a agua lhe tolhia,
Que inda ha de ser hum porto mui decente,
Em que vão descançar da longa via
As náos, que navegarem do Occidente.
Toda esta costa em fim, que agora ordia
O mortifero engano, obediente
Lhe pagará tributos, conhecendo
Não poder resistir ao Luso horrendo.

XLIX.

E vereis o mar Roxo tão famoso
Tornar-se-lhe amarello de enfiado:
Vereis de Ormuz o reino poderoso,
Duas vezes tomado, e sobjugado:
Alli vereis o Mouro furioso,
De suas mesmas settas traspassado; (9)
Que, quem vai contra os vossos, claro veja,
Que, se resiste, contra si peleja.

L.

Vereis a inexpugnabil Dio forte,
Que dous cercos terá, dos vossos sendo,
Alli se mostrará seu preço, e sorte,
Feitos de armas grandissimos fazendo:
Invejoso vereis o grão Mavorte
Do peito Lusitano fero, e horrendo:
Do Mouro, alli verão, que a voz extrema
Do falso Mafamede ao Ceo blasphema.

LI.

Goa vereis aos Mouros ser tomada,
A qual virá despois a ser senhora
De todo o Oriente, e sublimada
Co'os triumphos da gente vencedora:
Alli soberba, altiva, e exalçada,
Ao Gentio, que os idolos adora,
Duro freio porá, e a toda a terra,
Que cuidar de fazer aos vossos guerra.

LII.

Vereis a fortaleza sustentar-se
De Cananor com pouca força, e gente:
E vereis Calecut desbaratar-se,
Cidade populosa, e tão potente:
E vereis em Cochim assinalar-se (10)
Tanto hum peito soberbo, e insolente,
Que cithara já mais cantou victoria,
Que assi mereça eterno nome, e gloria.

LIII.

Nunca com Marte instructo, e furioso
Se vio ferver Leucate, quando Augusto
Nas civis Actias guerras animoso,
O capitão venceo Romano injusto, (11)
* Que dos povos da Aurora, e do famoso
Nilo, e do Bactra Scythico, e robusto,
A victoria trazia, e presa rica,
Preso da Egypcia linda, e não pudica;

LIV.

Como vereis, o mar fervendo acceso
Co'os incendios dos vossos, pelejando,
Levando o Idololatra, e o Mouro preso,
De nações differentes triumphando:
E sujeita a rica Aurea-Chersoneso,
Até o longinquo China navegando,
E as ilhas mais remotas do Oriente;
Ser-lhe-ha todo o Oceano obediente.

LV.

De modo, filha minha, que de geito
Amostrarão esforço mais, que humano;
Que nunca se verá tão forte peito,
Do Gangetico mar ao Gaditano,
Nem das Boreaes ondas ao Estreito,
Que mostrou o aggravado Lusitano; (12)
Postoque em todo o mundo, de affrontados,
Resuscitassem todos os passados.

LVI.

Como isto disse, manda o consagrado
Filho de Maia á terra; porque tenha
Hum pacifico porto, e socegado,
Para onde sem receio a frota venha:
E, para que em Mombaça aventurado
O forte Capitão se não detenha,
Lhe manda mais, que em sonhos lhe mostrasse
A terra, onde quieto repousasse.

LVII.

Já pelo ar o Cyllenêo voava:
Com as azas nos pés á terra dece:
Sua vara fatal na mão levava, (13)
Com que os olhos cansados adormece:
Com esta as tristes almas revocava
Do inferno, e o vento lhe obedece;
Na cabeça o galero costumado;
E desta arte a Melinde foi chegado.

LVIII.

Comsigo a Fama leva; porque diga
Do Lusitano o preço grande e raro;
Que o nome illustre a hum certo amor obriga,
E faz a quem o tem, amado e charo.
Desta arte vai fazendo a gente amiga
Co'o rumor famosissimo, e preclaro:
Já Melinde em desejos arde todo
De ver da gente forte o gesto, e modo.

LIX.

Dalli para Mombaça logo parte,
Aonde as náos estavam temerosas;
Para que á gente mande, que se aparte
Da barra imiga, e terras suspeitosas:
Porque mui pouco val esforço, e arte,
Contra infernaes vontades enganosas:
Pouco val coração, astucia, e siso,
Se lá dos Ceos não vem celeste aviso.

LX.

Meio caminho a noite tinha andado,
E as estrellas no ceo co'a luz alhea
Tinham o largo mundo allumiado,
E só co'o somno a gente se recrea.
O Capitão illustre, já cansado
De vigiar a noite, que arrecea,
Breve repouso então aos olhos dava:
A outra gente a quartos vigiava.

LXI.

Quando Mercurio em sonhos lhe apparece,
Dizendo: Fuge, fuge, Lusitano, (14)
Da cilada, que o Rei malvado tece,
Por te trazer ao fim, e extremo dano:
Fuge; que o vento, e o ceo te favorece;
Sereno o tempo tens, e o Oceano,
E outro Rei mais amigo n'outra parte,
Onde podes seguro agasalhar-te.

LXII.

Não tens aqui senão apparelhado
O hospicio, que o cru Diomedes dava,
Fazendo ser manjar acostumado
De cavallos a gente, que hospedava:
As aras de Busiris infamado, (15)
Onde os hospedes tristes immolava,
Terás certas aqui, se muito esperas:
Fuge das gentes perfidas e feras.

LXIII.

Vai-te ao longo da costa discorrendo,
E outra terra acharás de mais verdade
Lá quasi junto, donde o Sol ardendo
Iguala o dia e noite em quantidade : (16)
Alli, tua frota alegre recebendo
Hum Rei com muitas obras de amizade,
Gasalhado seguro te daria,
E para a India certa e sabia guia.

LXIV.

Isto Mercurio disse, e o somno leva (17)
Ao Capitão, que com mui grande espanto
Acorda, e vê ferida a escura treva
De huma subita luz, e raio santo:
E, vendo claro quanto lhe releva
Não se deter na terra iniqua tanto,
Com novo esprito ao mestre seu mandava,
Que as velas desse ao vento, que assoprava.

LXV.

Dai velas, disse, dai ao largo vento;
Que o Ceo nos favorece, e Deos o manda;
Que hum mensageiro vi do claro assento,
Que só em favor de nossos passos anda.
Alevanta-se nisto o movimento
Dos marinheiros de huma e de outra banda,
Levão gritando as ancoras acima,
Mostrando a ruda força, que se estima.

LXVI.

Neste tempo, que as ancoras levavam,
Na sombra escura os Mouros escondidos
Mansamente as amarras lhe cortavam;
Por serem, dando á costa, destruidos:
Mas com vista de linces vigiavam
Os Portuguezes, sempre apercebidos:
Elles, como acordados os sentiram,
Voando, e não remando, lhe fugiram.

LXVII.

Mas já as agudas proas apartando
Hiam as vias humidas de argento,
Assopra-lhe galerno o vento, e brando,
Com suave e seguro movimento:
Nos perigos passados vão fallando;
Que mal se perderão do pensamento
Os casos grandes, donde em tanto aperto
A vida em salvo escapa por acerto.

LXVIII.

Tinha huma volta dado o Sol ardente,
E n'outra começava, quando viram
Ao longe dous navios, brandamente
Co'os ventos navegando, que respiram:
Porque haviam de ser da Maura gente,
Para elles, arribando, as velas viram:
Hum de temor do mal, que arreceava,
Por se salvar a gente, á costa dava.

LXIX.

Não he o outro, que fica, tão manhoso,
Mas nas mãos vai cahir do Lusitano
Sem o rigor de Marte furioso,
E sem a furia horrenda de Vulcano;
Que, como fosse debil e medroso
Da pouca gente o fraco peito humano,
Não teve resistencia; e, se a tivera,
Mais damno resistindo recebera.

LXX.

E como o Gama muito desejasse
Piloto para a India, que buscava;
Cuidou, que entre estes Mouros o tomasse:
Mas não lhe succedeo, como cuidava;
Que nenhum delles ha, que lhe ensinasse,
A que parte dos ceos a India estava:
Porêm dizem-lhe todos, que tem perto
Melinde, onde acharão piloto certo.

LXXI.

Louvam do Rei os Mouros a bondade,
Condição liberal, sincero peito,
Magnificencia grande, e humanidade,
Com partes de grandissimo respeito.
O Capitão o assella por verdade;
Porque já lho dissera deste geito
O Cyllenêo em sonhos; e partia
Para onde o sonho, e o Mouro lhe dizia.

LXXII.

Era no tempo alegre, quando entrava
No roubador de Europa a luz Phebea,
Quando hum e o outro corno lhe aquentava,
E Flora derramava o de Amalthea:
A memoria do dia renovava
O pressuroso Sol, que o ceo rodea,
Em que aquelle, a quem tudo está sujeito,
O sello poz a quanto tinha feito: (18)

LXXIII.

Quando chegava a frota áquella parte,
Onde o reino Melinde já se via,
De toldos adornada, e leda de arte;
Que bem mostra estimar o sancto dia:
Treme a bandeira, voa o estandarte,
A cor purpurea ao longe apparecia,
Soam os atambores, e pandeiros:
E assi entravam ledos, e guerreiros.

LXXIV.

Enche-se toda a praia Melindana
† Da gente, que vem ver a leda armada,
Gente mais verdadeira, e mais humana,
Que toda a d'outra terra atraz deixada.
Surge diante a frota Lusitana,
Péga no fundo a ancora pezada:
Mandam fóra hum dos Mouros, que tomaram,
Por quem sua vinda ao Rei manifestaram.

LXXV.

O Rei, que já sabia da nobreza,
Que tanto os Portuguezes engrandece,
Tomarem o seu porto tanto preza,
Quanto a gente fortissima merece:
E com verdadeiro animo, e pureza,
Que os peitos generosos ennobrece,
Lhe manda rogar muito, que sahissem;
Para que de seus reinos se servissem.

LXXVI.

São offerecimentos verdadeiros,
E palavras sinceras, não dobradas,
As, que o Rei manda aos nobres cavalleiros,
Que tanto mar, e terras tem passadas:
Manda-lhe mais lanigeros carneiros,
E gallinhas domesticas cevadas,
Com as fructas, que então na terra havia;
E a vontade á dadiva excedia.

LXXVII.

Recebe o Capitão alegremente
O mensageiro ledo, e seu recado:
E logo manda ao Rei outro presente,
Que de longe trazia apparelhado,
Escarlata purpurea, cor ardente, (19)
O ramoso coral, fino, e prezado,
Que debaixo das aguas molle crece,
E, como he fóra dellas, se endurece.

LXXVIII.

Manda mais hum na pratica elegante,
Que co'o Rei nobre as pazes concertasse,
E que de não sahir naquelle instante
De suas náos em terra o desculpasse.
Partido assi o embaixador prestante,
Como na terra ao Rei se apresentasse,
Com estylo, que Pallas lhe ensinava,
Estas palavras taes fallando orava:

LXXIX.

Sublime Rei, a quem do Olympo puro
† Foi da Summa Justiça concedido (20)
Refrear o soberbo povo duro,
Não menos delle amado, que temido:
Como porto mui forte, e mui seguro,
De todo o Oriente conhecido,
Te vimos a buscar; para que achemos
Em ti o remedio certo, que queremos.

LXXX.

Não somos roubadores, que, passando (21)
Pelas fracas cidades descuidadas,
A ferro, e a fogo as gentes vão matando,
Por roubar-lhe as fazendas cobiçadas;
Mas da soberba Europa navegando,
Imos buscando as terras apartadas
Da India grande e rica por mandado
De hum Rei, que temos, alto, e sublimado.

LXXXI.

Que geração tão dura ha hi de gente? (22)
Que barbaro costume, e usança fea,
Que não vedem os portos tamsomente,
Mas inda o hospicio da deserta area?
Que má tenção, que peito em nós se sente,
Que de tão pouca gente se arrecea;
Que com laços armados tão fingidos
Nos ordenassem ver-nos destruidos?

LXXXII.

Mas tu, em quem mui certo confiâmos
Achar-se mais verdade, ó Rei benino,
E aquella certa ajuda em ti esperâmos,
Que teve o perdido Ithaco em Alcino,
A teu porto seguros navegâmos,
Conduzidos do Interprete divino;
Que, pois a ti nos manda, está mui claro,
Que és de peito sincero, humano, e raro.

LXXXIII.

E não cuides, ó Rei, que não sahisse
O nosso Capitão esclarecido,
A ver-te, ou a servir-te; porque visse,
Ou suspeitasse em ti peito fingido:
Mas saberás, que o fez; porque cumprisse
O regimento em tudo obedecido
De seu Rei, que lhe manda, que não saia,
Deixando a frota em nenhum porto, ou praia.

LXXXIV.

E porque he de vassallos o exercicio,
Que os membros tem regidos da cabeça,
Não quererás, pois tens de Rei o officio,
Que ninguem a seu Rei desobedeça:
Mas as mercês, e o grande beneficio,
Que ora acha em ti, promette que conheça
Em tudo aquillo, que elle e os seus puderem,
Em quanto os rios para o mar correrem.

LXXXV.

Assi dizia; e todos juntamente,
Huns com outros em pratica fallando,
Louvavam muito o estomago da gente,
Que tantos ceos e mares vai passando:
E o Rei illustre, o peito obediente
Dos Portuguezes na alma imaginando,
Tinha por valor grande, e mui subido
O do Rei, que he tão longe obedecido.

LXXXVI.

E com risonha vista, e ledo aspeito
Responde ao Embaixador, que tanto estima:
Toda a suspeita má tirai do peito,
Nenhum frio temor em vós se imprima;
Que vosso preço, e obras são de geito,
Para vos ter o mundo em muita estima;
E quem vos fêz molesto tratamento,
Não pode ter subido pensamento.

LXXXVII.

De não sahir em terra toda a gente,
Por observar a usada preeminencia,
Aindaque me pêze estranhamente,
Em muito tenho a muita obediencia:
Mas, se lho o regimento não consente,
Nem eu consentirei, que a excellencia
De peitos tão leaes em si desfaça,
Só porque a meu desejo satisfaça.

LXXXVIII.

Porêm, como a luz crastina chegada
Ao mundo fôr, em minhas almadias
Eu irei visitar a forte armada,
Que ver tanto desejo ha tantos dias:
E, se vier do mar desbaratada,
Do furioso vento, e longas vias,
Aqui terá de limpos pensamentos
Piloto, munições, e mantimentos.

LXXXIX.

Isto disse, e nas aguas se escondia
O filho de Latona: e o mensageiro
Co'a embaixada alegre se partia
Para a frota no seu batel ligeiro.
Enchem-se os peitos todos de alegria,
Por terem o remedio verdadeiro,
Para acharem a terra, que buscavam;
E assi ledos a noite festejavam.

XC.

Não faltam alli os raios de artificio,
Os tremulos cometas imitando:
Fazem os bombardeiros seu officio,
O ceo, a terra, e as ondas atroando.
Mostra-se dos Cyclópas o exercicio
Nas bombas, que de fogo estão queimando:
Outros com vozes, com que o ceo feriam,
Instrumentos altisonos tangiam.

XCI.

Respondem-lhe da terra juntamente,
Co'o raio volteando, com zonido;
Anda em gyros no ar a roda ardente,
Estoura o pó sulphureo escondido:
A grita se alevanta ao ceo, da gente;
O mar se via em fogos accendido,
E não menos a terra; e assi festeja
Hum ao outro, á maneira de peleja.

XCII.

Mas já o ceo inquieto revolvendo,
As gentes incitava a seu trabalho:
E já a mãi de Memnon a luz trazendo,
Ao somno longo punha certo atalho:
Hiam-se as sombras lentas desfazendo
Sobre as flores da terra em frio orvalho;
Quando o Rei Melindano se embarcava
A ver a frota, que no mar estava.

XCIII.

Viam-se em derredor ferver as praias
Da gente, que a ver só concorre leda:
Luzem da fina purpura as cabaias,
Lustram os pannos da tecida seda:
Em lugar de guerreiras azagaias,
E do arco, que os cornos arremeda
Da Lũa, trazem ramos de palmeira,
Dos que vencem coroa verdadeira.

XCIV.

Hum batel grande, e largo, que toldado
Vinha de sedas de diversas cores,
Traz o Rei de Melinde, acompanhado
De nobres de seu reino, e de senhores.
Vem de ricos vestidos adornado,
Segundo seus costumes, e primores,
Na cabeça huma fota guarnecida,
De ouro, e de seda, e de algodão tecida.

XCV.

Cabaia de damasco rico, e dino, (23)
Da Tyria côr, entre elles estimada:
Hum collar ao pescoço, de ouro fino,
Onde a materia da obra he superada: (24)
C'hum resplandor reluze adamantino
Na cinta a rica adaga bem lavrada:
Nas alparcas dos pés, em fim de tudo,
Cobrem ouro, e aljofar ao veludo.

XCVI.

Com hum redondo amparo alto de seda,
N'huma alta e dourada hastea enxerido,
Hum ministro á solar quentura veda,
Que não offenda, e queime o Rei subido.
Musica traz na prôa, estranha e leda,
De aspero som, horrissimo ao ouvido,
De trombetas arcadas em redondo,
Que sem concerto fazem rudo estrondo.

XCVII.

Não menos guarnecido o Lusitano
Nos seus bateis da frota se partia,
A receber no mar o Melindano,
Com lustrosa e honrada companhia:
Vestido o Gama vem ao modo Hispano
(Mas Franceza era a roupa, que vestia)
De setim da Adriatica Veneza
Carmesi, côr que a gente tanto preza:

XCVIII.

De botões d'ouro as mangas vem tomadas,
Onde o Sol reluzindo a vista cega:
As calças soldadescas recamadas
Do metal, que fortuna a tantos nega:
E com pontas do mesmo delicadas
Os golpes do gibão ajunta, e achega:
Ao Italico modo a aurea espada:
Pluma na gôrra, hum pouco declinada.

XCIX.

Nos de sua companhia se mostrava
Da tinta, que dá o murice excellente,
A varia côr, que os olhos alegrava,
E a maneira do trajo differente.
Tal o formoso esmalte se notava
Dos vestidos olhados juntamente,
Qual apparece o arco rutilante
Da bella nympha, filha de Thaumante.

C.

Sonorosas trombetas incitavam
† Os animos alegres, resoando:
Dos Mouros os bateis o mar coalhavam,
Os tôldos pelas aguas arrojando:
As bombardas horrisonas bramavam,
Com as nuvens de fumo o Sol tomando,
Amiudam-se os brados accendidos,
Tapam co'as mãos os Mouros os ouvidos.

CI.

Já no batel entrou do Capitão
O Rei, que nos seus braços o levava:
Elle co'a cortezia, que a razão
(Por ser Rei) requeria, lhe fallava.
C'humas mostras de espanto, e admiração,
O Mouro o gesto, e o modo lhe notava,
Como quem em mui grande estima tinha
Gente, que de tão longe á India vinha.

CII.

E com grandes palavras lhe offerece
Tudo o, que de seus reinos lhe cumprisse,
E que, se mantimento lhe fallece,
Como se proprio fosse, lho pedisse:
Diz-lhe mais, que por fama bem conhece
A gente Lusitana, sem que a visse;
Que já ouvio dizer, que noutra terra
Com gente de sua lei tivesse guerra.

CIII.

E, como por toda Africa se soa,
Lhe diz os grandes feitos, que fizeram,
Quando nella ganharam a coroa
Do reino, onde as Hesperidas viveram:
E com muitas palavras apregoa
O menos, que os de Luso mereceram,
E o mais, que pela fama o Rei sabia:
Mas desta sorte o Gama respondia.

CIV.

Ó tu, que só tiveste piedade,
Rei benigno, da gente Lusitana,
Que com tanta miseria, e adversidade
Dos mares exprimenta a furia insana;
Aquella alta, e divina Eternidade,
Que o ceo revolve, e rege a gente humana;
Pois que de ti taes obras recebemos,
Te pague o, que nós outros não podemos.

CV.

Tu só, de todos, quantos queima Apollo,
Nos recebes em paz, do mar profundo:
Em ti dos ventos horridos de Eolo
Refugio achâmos bom, fido, e jucundo:
Em quanto apascentar o largo polo (25)
As estrellas, e o Sol der lume ao mundo,
Onde quer que eu viver, com fama e gloria
Viverão teus louvores em memoria.

CVI.

Isto dizendo, os barcos vão remando
Para a frota, que o Mouro ver deseja:
Vão as naos huma e huma rodeando;
Porque de todas tudo note, e veja:
Mas para o ceo Vulcano fuzilando,
A frota co'as bombardas o festeja,
E as trombetas canoras lhe tangiam,
Co'os anafis os Mouros respondiam.

CVII.

Mas, despois de ser tudo já notado
Do generoso Mouro, que pasmava,
Ouvindo o instrumento inusitado,
Que tamanho terror em si mostrava;
Mandava estar quieto, e ancorado
N'agua o batel ligeiro, que os levava;
Por fallar de vagar co'o forte Gama
Nas cousas, de que tem noticia, e fama.

CVIII.

Em praticas o Mouro differentes
Se deleitava, perguntando agora
Pelas guerras famosas e excellentes
Co'o povo havidas, que a Mafoma adora:
Agora lhe pergunta pelas gentes
De toda a Hesperia ultima, onde mora:
Agora pelos povos seus visinhos,
Agora pelos humidos caminhos.

CIX.

Mas antes, valeroso Capitão,
Nos conta, lhe dizia, diligente
Da terra tua o clima, e região
Do Mundo, onde morais, distinctamente;
E assi de vossa antigua geração,
E o principio do reino tão potente,
Co'os successos das guerras do começo;
Que, sem sabel-as, sei que são de preço:

CX.

E assi tambem nos conta dos rodeios
Longos, em que te traz o mar irado,
Vendo os costumes barbaros alheios,
Que a nossa Africa ruda tem criado:
Conta; que agora vem co'os aureos freios
Os cavallos, que o carro marchetado
Do novo Sol, da fria Aurora trazem;
O vento dorme, o mar, e as ondas jazem.

CXI.

E não menos co'o tempo se parece
O desejo de ouvir-te o, que contares;
Que quem ha, que por fama não conhece (26)
As obras Portuguezas singulares?
Não tanto desviado resplandece
De nós o claro Sol, para julgares,
Que os Melindanos tem tão rudo peito,
Que não estimem muito hum grande feito.

CXII.

Commetteram soberbos os Gigantes
Com guerra vãa o Olympo claro e puro:
Tentou Piríthoo, e Théseo, de ignorantes,
O reino de Plutão horrendo e escuro:
Se houve feitos no mundo tão possantes,
Não menos he trabalho illustre e duro,
Quanto foi commetter inferno, e ceo,
Que outrem commetta a furia de Nereo.

CXIII.

Queimou o sagrado templo de Diana,
Do subtil Ctesiphonio fabricado,
Herostrato, por ser da gente humana
Conhecido no mundo, e nomeado:
Se tambem com taes obras nos engana
O desejo de hum nome avantajado,
Mais razão ha, que queira eterna gloria,
Quem faz obras tão dignas de memoria.

OS LUSIADAS.

CANTO TERCEIRO.

I.

Agora tu, Calliope, me ensina
O, que contou ao Rei o illustre Gama:
Inspira immortal canto, e voz divina
Neste peito mortal, que tanto te ama:
Assi o claro inventor da Medicina,
De quem Orpheo pariste, ó linda dama,
Nunca por Daphne, Clicie, ou Leucothoe
Te negue o amor devido, como soe.

II.

Põe tu, Nympha, em effeito meu desejo,
Como merece a gente Lusitana;
Que veja, e saiba o mundo, que do Tejo
O licôr de Aganippe corre, e mana:
Deixa as flores de Pindo; que já vejo
Banhar-me Apollo na agua soberana,
Senão direi, que tens algum receio,
Que se escureça o teu querido Orpheio.

III.

Promptos estavam todos escuitando
O, que o sublime Gama contaria;
Quando, despois de hum pouco estar cuidando,
Alevantando o rosto, assi dizia:
Mandas-me, ó Rei, que conte declarando
De minha gente a grão genealogia:
Não me mandas contar estranha historia,
Mas mandas-me louvar dos meus a gloria.

IV.

Que outrem possa louvar esforço alheio,
Cousa he, que se costuma, e se deseja:
Mas louvar os meus proprios, arreceio,
Que louvor tão suspeito mal me esteja:
E, para dizer tudo, temo, e creio,
Que qualquer longo tempo curto seja:
Mas, pois o mandas, tudo se te deve;
Irei contra o, que devo, e serei breve.

V.

Alem disso, o que a tudo em fim me obriga,
He não poder mentir no, que disser;
Porque de feitos taes, por mais que diga,
Mais me ha de ficar inda por dizer:
Mas; porque nisto a ordem leve, e siga,
Segundo o que desejas de saber,
Primeiro tratarei da larga terra,
Despois direi da sanguinosa guerra.

VI.

Entre a zona, que o Cancro senhorea,
Meta Septentrional do Sol luzente,
E aquella, que por fria se arrecea
Tanto, como a do meio por ardente,
Jaz a soberba Europa, a quem rodea
Pela parte do Arcturo, e do Occidente
Com suas salsas ondas o Oceano,
E pela Austral o mar Mediterrano.

VII.

Da parte, donde o dia vem nascendo,
Com Asia se avisinha; mas o rio,
Que dos montes Rhipheios vai correndo
Na alagoa Meotis, curvo e frio,
As divide: e o mar, que fero e horrendo
Vio dos Gregos o irado senhorio,
Onde agora de Troia triumphante
Não vê mais, que a memoria, o navegante.

VIII.

Lá onde mais debaixo está do polo,
Os montes Hyperboreos apparecem,
E aquelles, onde sempre sopra Eolo,
E co'o nome dos sôpros se ennobrecem:
Aqui tão pouca força tem de Apollo
Os raios, que no mundo resplandecem,
Que a neve está contino pelos montes,
Gelado o mar, geladas sempre as fontes.

IX.

Aqui dos Scythas grande quantidade (1)
Vivem, que antiguamente grande guerra
Tiveram sobre a humana antiguidade
Co'os, que tinham então a Egypcia terra:
Mas quem tão fóra estava da verdade,
(Já que o juizo humano tanto erra)
Para que do mais certo se informara,
Ao campo Damasceno o perguntara. (2)

X.

Agora nestas partes se nomea
A Lappia fria, a inculta Noroega, (3)
Escandinavia ilha, que se arrea
Das victorias, que Italia não lhe nega:
Aqui, em quanto as aguas não refrea
O congelado inverno, se navega
Hum braço do Sarmatico Oceano
Pelo Brusio, Suecio, e frio Dano.

XI.

Entre este mar, e o Tanais vive estranha
Gente, Ruthenos, Moscos, e Livonios,
Sarmatas outro tempo, e na montanha
Hircinia os Marcomanos são Polonios.
Sujeitos ao imperio de Alemanha
São Saxones, Bohemios, e Pannonios,
E outras varias nações, que o Rheno frio
Lava, e o Danubio, Amásis, e Albis rio.

XII.

Entre o remoto Istro, e o claro estreito,
Aonde Helle deixou co'o nome a vida,
Estão os Thraces de robusto peito,
Do fero Marte patria tão querida,
Onde co'o Hemo, o Rhódope sujeito
Ao Othomano está, que sobmettida
Byzancio tem a seu serviço indino:
Boa injuria do grande Constantino!

XIII.

Logo de Macedonia estão as gentes,
A quem lava do Áxio a agua fria:
E vós tambem, ó terras excellentes
Nos costumes, engenhos, e ousadia,
Que creastes os peitos eloquentes,
E os juizos de alta phantasia,
Com quem tu, clara Grecia, o ceo penetras,
E não menos por armas, que por letras.

XIV.

Logo os Dalmatas vivem, e no seio,
Onde Antenor já muros levantou, (4)
A soberba Veneza está no meio
Das aguas; que tão baixa começou.
Da terra hum braço vem ao mar, que cheio
De esforço nações varias sujeitou,
Braço forte de gente sublimada
Não menos nos engenhos, que na espada.

XV.

Em torno o cerca o reino Neptunino,
Co'os muros naturaes por outra parte: (5)
Pelo meio o divide o Apennino,
Que tão illustre fez o patrio Marte:
Mas despois que o Porteiro tem divino,
Perdendo o esforço veio, e bellica arte:
Pobre está já de antigua potestade:
Tanto Deos se contenta de humildade!

XVI.

Gallia alli se verá, que nomeada
Co'os Cesáreos triumphos foi no mundo,
Que do Séquana, e Rhódano he regada,
E do Garumna frio, e Rheno fundo:
Logo os montes da Nympha sepultada
Pyrene se alevantam, que, segundo
Antiguidades contam, quando arderam,
Rios de ouro, e de prata então correram.

XVII.

Eis-aqui se descobre a nobre Hespanha,
Como cabeça alli de Europa toda,
Em cujo senhorio, e gloria estranha
Muitas voltas tem dado a fatal roda:
Mas nunca poderá com força, ou manha
A fortuna inquieta pôr-lhe noda,
Que lha não tire o esforço, e ousadia
Dos bellicosos peitos, que em si cria.

XVIII.

Com Tingitania entesta, e alli parece
Que quer fechar o mar Mediterrano,
Onde o sabido Estreito se ennobrece
Co'o extremo trabalho do Thebano:
Com nações differentes se engrandece,
Cercadas com as ondas do Oceano,
Todas de tal nobreza, e tal valor,
Que qualquer dellas cuida, que he melhor.

XIX.

Tem o Tarragonez, que se fez claro
Sujeitando Parthénope inquieta,
O Navarro, as Asturias, que reparo
Já foram contra a gente Mahometa:
Tem o Gallego cauto, e o grande e raro
Castelhano, a quem fez o seu planeta
Restituidor de Hespanha, e senhor della,
Betis, Leão, Granada, com Castella.

XX.

Eis-aqui, quasi cume da cabeça
De Europa toda, o reino Lusitano,
Onde a terra se acaba, e o mar começa,
E onde Phebo repousa no Oceano:
Este quiz o Ceo justo, que floreça
Nas armas contra o torpe Mauritano,
Deitando-o de si fóra, e lá na ardente
Africa estar quieto o não consente.

XXI.

Esta he a ditosa patria minha amada,
Á qual se o Ceo me dá, que eu sem perigo
Torne com esta empreza já acabada;
Acabe-se esta luz alli comigo.
Esta foi Lusitania, derivada
De Luso, ou Lysa, que de Baccho antigo
Filhos foram, parece, ou companheiros,
E nella então os incolas primeiros.

XXII.

Desta o Pastor nasceo, que no seu nome
Se vê, que de homem forte os feitos teve,
Cuja fama ninguem virá, que dome;
Pois a grande de Roma não se atreve.
Esta o velho, que os filhos proprios come,
Por decreto do Ceo, ligeiro e leve,
Veio a fazer no mundo tanta parte,
Creando-a reino illustre, e foi desta arte.

XXIII.

Hum Rei, por nome Afonso, foi na Hespanha,
Que fez aos Sarracenos tanta guerra,
Que por armas sanguinas, força, e manha,
A muitos fez perder a vida, e a terra:
Voando deste Rei a fama estranha
Do Herculano Calpe á Caspia serra,
Muitos, para na guerra esclarecer-se,
Vinham a elle, e á morte offerecer-se.

XXIV.

E c'hum amor intrinseco accendidos
Da Fé mais, que das honras populares,
Eram de varias terras conduzidos,
Deixando a patria amada, e proprios lares,
Despois que em feitos altos, e subidos,
Se mostraram nas armas singulares,
Quiz o famoso Afonso, que obras taes
† Levassem premio digno e dões iguaes.

XXV.

Destes Henrique, dizem, que segundo
Filho de hum Rei de Hungria exprimentado,
Portugal houve em sorte, que no mundo
Então não era illustre, nem prezado:
E, para mais signal d'amor profundo,
Quiz o Rei Castelhano, que casado
Com Teresa sua filha o Conde fosse;
E com ella das terras tomou posse.

XXVI.

Este despois que contra os descendentes
Da escrava Agar victorias grandes teve,
Ganhando muitas terras adjacentes,
Fazendo o que a seu forte peito deve,
Em premio destes feitos excellentes,
Deo-lhe o supremo Deos em tempo breve
Hum filho, que illustrasse o nome ufano
Do bellicoso reino Lusitano.

XXVII.

Já tinha vindo Henrique da conquista
Da cidade Hierosolyma sagrada,
E do Jordão a arêa tinha vista,
Que vio de Deos a carne em si lavada;
Que não tendo Gothfredo a quem resista,
Despois de ter Judea sobjugada,
Muitos, que nestas guerras o ajudaram,
Para seus senhorios se tornaram.

XXVIII.

Quando chegado ao fim de sua idade,
O forte, e famoso Hungaro estremado,
Forçado da fatal necessidade,
O esp'rito deo, a quem lho tinha dado:
Ficava o filho em tenra mocidade,
Em quem o pai deixava seu traslado,
Que do mundo os mais fortes igualava;
Que de tal pai tal filho se esperava.

XXIX.

Mas o velho rumor, não sei se errado,
Que em tanta antiguidade não ha certeza,
Conta, que a mãi tomando todo o estado,
Do segundo hymeneo não se despreza:
O filho orpham deixava desherdado,
Dizendo, que nas terras a grandeza
Do senhorio todo só sua era;
Porque para casar seu pai lhas dera.

XXX.

Mas o principe Afonso, que desta arte
Se chamava, do avô tomando o nome,
Vendo-se em suas terras não ter parte;
Que a mãi com seu marido as manda, e come,
Fervendo-lhe no peito o duro Marte,
Imagina comsigo como as tome:
Revolvidas as causas no conceito,
Ao proposito firme segue o effeito.

XXXI.

De Guimarães o campo se tingia
Co'o sangue proprio da intestina guerra,
Onde a mãi, que tão pouco o parecia,
A seu filho negava o amor, e a terra.
Com elle posta em campo já se via,
E não vê a soberba o muito, que erra
Contra Deos, contra o maternal amor;
† Mas nella o sensual era maior.

XXXII.

Ó Progne crua! ó magica Medea!
Se em vossos proprios filhos vos vingais
Da maldade dos pais, da culpa alhea;
Olhai, que inda Teresa pecca mais.
Incontinencia má, cubiça fea,
São as causas deste erro principais:
Scylla por huma mata o velho pai, (6)
Esta por ambas contra o filho vai.

XXXIII.

Mas já o Principe claro o vencimento
Do padrasto, e da iniqua mãi levava:
Já lhe obedece a terra n'hum momento,
Que primeiro contra elle pelejava:
Porêm, vencido de ira o entendimento,
A mãi em ferros asperos atava:
Mas de Deos foi vingada em tempo breve:
Tanta veneração aos pais se deve!

XXXIV.

Eis se ajunta o soberbo Castelhano,
Para vingar a injuria de Teresa,
Contra o tão raro em gente Lusitano,
A quem nenhum trabalho aggrava, ou pesa.
Em batalha cruel o peito humano,
Ajudado da angelica defesa,
Não só contra tal furia se sustenta,
Mas o inimigo asperrimo affugenta.

XXXV.

Não passa muito tempo, quando o forte
Principe em Guimarães está cercado
De infinito poder; que desta sorte
Foi refazer-se o imigo magoado:
Mas, com se offerecer á dura morte
O fiel Egas amo, foi livrado;
Que de outra arte pudera ser perdido,
Segundo estava mal apercebido.

XXXVI.

Mas o leal vassallo, conhecendo
Que seu senhor não tinha resistencia,
Se vai ao Castelhano, promettendo
Que elle faria dar-lhe obediencia:
Levanta o inimigo o cerco horrendo,
Fiado na promessa, e consciencia
De Egas Moniz: mas não consente o peito
Do moço illustre a outrem ser sujeito.

XXXVII.

Chegado tinha o prazo promettido,
Em que o Rei Castelhano já aguardava,
Que o Principe a seu mando sobmettido
Lhe désse a obediencia, que esperava:
Vendo Egas, que ficava fementido,
O que delle Castella não cuidava,
Determina de dar a doce vida
A troco da palavra mal cumprida:

XXXVIII.

E com seus filhos, e mulher se parte
A alevantar com elles a fiança,
Descalços, e despidos, de tal arte,
Que mais move a piedade, que a vingança.
Se pretendes, Rei alto, de vingar-te
De minha temeraria confiança,
Dizia, eis-aqui venho offerecido
A te pagar co'a vida o promettido.

XXXIX.

Vês aqui trago as vidas innocentes
Dos filhos sem peccado, e da consorte;
Se a peitos generosos, e excellentes
Dos fracos satisfaz a fera morte.
Vês aqui as mãos, e a lingua delinquentes,
Nellas sós exprimenta toda sorte
De tormentos, de mortes pelo estylo
De Scinis, e do touro de Perillo.

XL.

Qual diante do algôz o condemnado,
Que já na vida a morte tem bebido,
Põe no cepo a garganta, e já entregado
Espera pelo golpe tão temido;
Tal diante do Principe indignado
Egas estava a tudo offerecido:
Mas o Rei, vendo a estranha lealdade,
Mais pôde em fim, que a ira, a piedade.

XLI.

Oh grão fidelidade Portugueza
De vassallo, que a tanto se obrigava!
Que mais o Persa fez naquella empreza,
Onde rosto, e narizes se cortava?
Do que ao grande Dario tanto peza,
Que, mil vezes dizendo, suspirava,
Que mais o seu Zopyro são prezara,
Que vinte Babylonias, que tomara.

XLII.

Mas já o Principe Afonso apparelhava
O Lusitano exercito ditoso
Contra o Mouro, que as terras habitava
D'alem do claro Tejo deleitoso:
Já no campo de Ourique se assentava
O arraial soberbo, e bellicoso
Defronte do inimigo Sarraceno,
Postoque em força, e gente tão pequeno.

XLIII.

Em nenhuma outra cousa confiado,
Senão no summo Deos, que o ceo regia;
Que tão pouco era o povo bautizado,
Que para hum só cem Mouros haveria:
Julga qualquer juizo socegado
Por mais temeridade, que ousadia,
Commetter hum tamanho ajuntamento;
Que para hum cavalleiro houvesse cento.

XLIV.

Cinco Reis Mouros são os inimigos,
Dos quaes o principal Ismar se chama,
Todos exprimentados nos perigos
Da guerra, onde se alcança a illustre fama:
Seguem guerreiras damas seus amigos,
Imitando a formosa e forte dama, (7)
De quem tanto os Troianos se ajudaram,
E as que o Thermodonte já gostaram. (8)

XLV.

A matutina luz serena, e fria
As estrellas do polo já apartava,
Quando na Cruz o Filho de Maria,
Amostrando-se a Afonso, o animava.
Elle, adorando quem lhe apparecia,
Na Fé todo inflammado, assi gritava:
Aos infieis, Senhor, aos infieis,
E não a mi, que creio o, que podeis!

XLVI.

Com tal milagre os animos da gente
Portugueza inflammados, levantavam
Por seu Rei natural este excellente
Principe, que do peito tanto amavam:
E diante do exercito potente
Dos imigos, gritando o ceo tocavam,
Dizendo em alta voz: « Real, Real,
Por Afonso alto Rei de Portugal. »

XLVII.

Qual co'os gritos, e vozes incitado
Pela montanha o rabido moloso,
Contra o touro remette, que fiado
Na força está do corno temeroso:
Ora pega na orelha, ora no lado,
Latindo, mais ligeiro, que forçoso;
Até que em fim, rompendo-lhe a garganta,
Do bravo a força horrenda se quebranta:

XLVIII.

Tal do Rei novo o estamago, accendido
Por Deos, e pelo povo juntamente,
O barbaro commette apercebido
Co'o animoso exercito rompente:
Levantam nisto os perros o alarido
Dos gritos, tocam á arma, ferve a gente,
As lanças e arcos tomam, tubas soam,
Instrumentos de guerra tudo atroam.

XLIX.

Bem como quando a flamma, que ateada
Foi nos aridos campos, (assoprando
O sibilante Boreas) animada
Co'o vento, o secco mato vai queimando:
A pastoral companha, que deitada
Co'o doce somno estava, despertando
Ao estridor do fogo, que se atea,
Recolhe o fato, e foge para a aldea:

L.

Desta arte o Mouro attonito, e torvado,
Toma sem tento as armas mui depressa:
Não foge, mas espera confiado,
E o ginete belligero arremessa.
O Portuguez o encontra denodado,
Pelos peitos as lanças lhe atravessa:
Huns cahem meios mortos, e outros vão
A ajuda convocando do Alcorão

LI.

Alli se vêm encontros temerosos,
Para se desfazer huma alta serra, (9)
E os animaes correndo furiosos,
Que Neptuno amostrou ferindo a terra:
Golpes se dão medonhos, e forçosos,
Por toda a parte andava accesa a guerra:
Mas o de Luso, arnêz, couraça, e malha
Rompe, corta, desfaz, abola, e talha.

LII.

Cabeças pelo campo vão saltando,
Braços, pernas, sem dono, e sem sentido,
E d'outros as entranhas palpitando,
Pallida a côr, o gesto amortecido.
Já perde o campo o exercito nefando,
† Correm rios do sangue desparzido,
Com que tambem do campo a côr se perde,
† Tornado carmesi de branco, e verde.

LIII.

Já fica vencedor o Lusitano,
Recolhendo os tropheos, e presa rica:
* Desbaratado, e roto o Mouro Hispano, (10)
Tres dias o grão Rei no campo fica.
Aqui pinta no branco escudo ufano,
Que agora esta victoria certifica,
Cinco escudos azues esclarecidos,
Em signal destes cinco Reis vencidos.

LIV.

E nestes cinco escudos pinta os trinta
Dinheiros, por que Deos fora vendido,
Escrevendo a memoria em varia tinta
Daquelle, de quem foi favorecido:
Em cada hum dos cinco cinco pinta;
Porque assi fica o numero cumprido,
Contando duas vezes o do meio
Dos cinco azues, que em cruz pintando veio.

LV.

Passado já algum tempo, que passada
Era esta grão victoria, o Rei subido
A tomar vai Leiria, que tomada
Fôra mui pouco havia do vencido.
Com esta a forte Arronches sobjugada
Foi juntamente, e o sempre ennobrecido
* Scalabicastro, cujo campo ameno (11)
Tu, claro Tejo, regas tão sereno.

LVI.

A estas nobres villas sobmettidas
Ajunta tambem Mafra em pouco espaço,
E nas serras da Lua conhecidas
Sobjuga a fria Cintra o duro braço,
Cintra, onde as Naiádes escondidas
Nas fontes vão fugindo ao doce laço,
Onde amor as enreda brandamente,
Nas aguas accendendo fogo ardente.

LVII.

E tu, nobre Lisboa, que no mundo
Facilmente das outras es princesa,
Que edificada foste do facundo,
Por cujo engano foi Dardania accesa:
Tu, a quem obedece o mar profundo,
Obedeceste á força Portuguesa,
Ajudada tambem da forte armada,
Que das Boreaes partes foi mandada.

LVIII.

Lá do Germanico Albis, e do Rheno,
E da fria Bretanha conduzidos,
A destruir o povo Sarraceno,
Muitos com tenção sancta eram partidos:
Entrando a boca já do Tejo ameno,
Co'o arraial do grande Afonso unidos,
Cuja alta fama então subia aos ceos,
Foi posto cerco aos muros Ulysseos.

LIX.

Cinco vezes a Lua se escondera,
E outras tantas mostrara cheio o rosto,
Quando a cidade entrada se rendera
Ao duro cerco, que lhe estava posto.
Foi a batalha tão sanguina e fera,
Quanto obrigava o firme presupposto
De vencedores asperos e ousados,
E de vencidos já desesperados.

LX.

Desta arte em fim tomada se rendeo,
Aquella, que nos tempos já passados
Á grande força nunca obedeceo
Dos frios povos Scythicos ousados,
Cujo poder a tanto se estendeo,
Que o Ibero o vio, e o Tejo amedrontados,
E em fim co'o Betis tanto alguns poderam,
Que á terra de Vandalia nome deram.

LXI.

Que cidade tão forte por ventura
Haverá que resista, se Lisboa
Não pode resistir á força dura
Da gente, cuja fama tanto voa?
Já lhe obedece toda a Estremadura,
Obidos, Alemquer, por onde soa
O tom das frescas aguas entre as pedras,
* Que murmurando lavã, e Torres-Vedras. (12)

LXII.

E vós tambem, ó terras Transtaganas,
Affamadas co'o dom da flava Ceres,
Obedeceis ás forças mais que humanas,
Entregando-lhe os muros, e os poderes:
E tu, lavrador Mouro, que te enganas,
Se sustentar a fertil terra queres;
Que Elvas, e Moura, e Serpa conhecidas,
E Alcacere-do-Sal estão rendidas.

LXIII.

Eis a nobre cidade, certo assento
Do rebelde Sertorio antiguamente,
Onde ora as aguas nitidas de argento
Vem sustentar de longo a terra, e a gente
Pelos arcos reaes, que cento e cento
Nos ares se alevantam nobremente,
Obedeceo por meio e ousadia
De Giraldo, que medos não temia.

LXIV.

Já na cidade Beja vai tomar
Vingança de Trancoso destruida
Afonso, que não sabe socegar,
Por estender co'a fama a curta vida:
Não se lhe pode muito sustentar
A cidade; mas, sendo já rendida,
Em toda a cousa viva a gente irada
Provando os fios vai da dura espada.

LXV.

Com estas sobjugada foi Palmella,
E a piscosa Cezimbra, e juntamente,
Sendo ajudado mais de sua estrella,
Desbarata hum exercito potente:
* Sentio-o a villa, e vio-o o senhor della, (13)
Que a soccorrel-a vinha diligente
Pela fralda da serra, descuidado
Do temeroso encontro inopinado:

LXVI.

O Rei de Badajoz era alto Mouro,
Com quatro mil cavallos furiosos,
Innumeros peões, d'armas, e de ouro
Guarnecidos, guerreiros, e lustrosos.
Mas, qual no mêz de Maio o bravo touro
Co'os ciumes da vacca arreceosos,
Sentindo gente o bruto e cego amante,
Saltea o descuidado caminhante:

LXVII.

Desta arte Afonso subito mostrado
Na gente dá, que passa bem segura,
Fere, mata, derriba denodado;
Foge o Rei Mouro, e só da vida cura:
D'hum panico terror todo assombrado,
Só de seguil-o o exercito procura,
Sendo estes, que fizeram tanto abalo,
No mais que só sessenta de cavallo.

LXVIII.

Logo segue a victoria sem tardança
O grão Rei incansabil, ajuntando
Gentes de todo o Reino, cuja usança
Era andar sempre terras conquistando.
Cercar vai Badajoz, e logo alcança
O fim de seu desejo, pelejando
Com tanto esforço, e arte, e valentia,
Que a faz fazer ás outras companhia.

LXIX.

Mas o alto Deos, que para longe guarda
O castigo daquelle, que o merece;
Ou, para que se emende, ás vezes tarda;
Ou por segredos, que homem não conhece:
Se atéqui sempre o forte Rei resguarda
Dos perigos, a que elle se offerece,
Agora lhe não deixa ter defesa
Da maldição da mãi, que estava presa;

LXX.

Que estando na cidade, que cercara,
Cercado nella foi dos Leonezes;
Porque a conquista della lhe tomara,
De Leão sendo, e não dos Portuguezes.
A pertinacia aqui lhe custa cara,
Assi como acontece muitas vezes;
Que em ferros quebra as pernas, indo acceso
A' batalha, onde foi vencido, e preso.

LXXI.

Ó famoso Pompeio, não te pene
De teus feitos illustres a ruina,
Nem ver que a justa Némesis ordene
Ter teu sogro de ti victoria dina;
Postoque o frio Phasis, ou Syene,
Que para nenhum cabo a sombra inclina,
O Bootes gelado, e a Linha ardente,
Temessem o teu nome geralmente:

LXXII.

Postoque a rica Arabia, e que os feroces
Heniochos, e Colchos, cuja fama
O véo dourado estende, e os Cappadoces,
E Judea, que hum Deos adora e ama;
E que os molles Sophenes, e os atroces
Cilicios, com a Armenia, que derrama
As aguas dos dous rios, cuja fonte
Está n'outro mais alto, e sancto monte:

LXXIII.

E posto em fim que desd'o mar de Atlante
Até o Scythico Tauro, monte erguido,
Já vencedor te vissem; não te espante,
Se o campo Emathio só te vio vencido:
Porque Afonso verás soberbo, e ovante
Tudo render, e ser despois rendido.
Assi o quiz o Concelho alto, celeste,
Que vença o sogro a ti, e o genro a este.

LXXIV.

† Tornado o Rei sublime finalmente
Do divino Juizo castigado:
Despois que em Santarem soberbamente
Em vão dos Sarracenos foi cercado,
E despois que do martyre Vicente
O santissimo corpo venerado
Do Sacro promontorio conhecido
Á cidade Ulyssea foi trazido;

LXXV.

Porque levasse avante seu desejo,
Ao forte filho manda o lasso velho,
Que ás terras se passasse d'Alemtejo
Com gente, e co'o belligero apparelho.
Sancho, d'esforço, e d'animo sobejo,
Avante passa, e faz correr vermelho
O rio, que Sevilha vai regando,
Co'o sangue Mauro, barbaro, e nefando.

LXXVI.

E com esta victoria cubiçoso,
Já não descansa o moço, até que veja
Outro estrago, como este, temeroso,
No barbaro, que tem cercado Beja:
Não tarda muito o Principe ditoso,
Sem ver o fim daquillo, que deseja.
Assi estragado o Mouro na vingança
De tantas perdas põe sua esperança.

LXXVII.

Já se ajuntam do monte, a quem Medusa
O corpo fez perder, que teve o ceo:
Já vem do promontorio de Ampelusa,
E do Tinge, que assento foi de Anteo.
O morador de Abyla não se escusa;
Que tambem com suas armas se moveo
Ao som da Mauritana e ronca tuba
Todo o reino, que foi do nobre Juba.

LXXVIII.

Entrava com toda esta companhia
O Mir-almuminin em Portugal,
Treze Reis Mouros leva de valia,
Entre os quaes tem o sceptro Imperial:
E assi fazendo quanto mal podia,
O que em partes podia fazer mal,
Dom Sancho vai cercar em Santarem;
Porêm não lhe succede muito bem.

LXXIX.

Da-lhe combates asperos, fazendo
Ardis de guerra mil o Mouro iroso:
Não lhe aproveita já trabuco horrendo,
Mina secreta, ariete forçoso:
Porque o filho de Afonso não perdendo
Nada do esforço, e acordo generoso,
Tudo provê com animo, e prudencia;
Que em toda a parte ha esforço, e resistencia.

LXXX.

Mas o velho, a quem tinham já obrigado
Os trabalhosos annos ao socego,
Estando na cidade, cujo prado
Enverdecem as aguas do Mondego,
Sabendo como o filho está cercado
Em Santarem do Mauro povo cego,
Se parte diligente da cidade;
Que não perde a presteza co'a idade.

LXXXI.

E co'a famosa gente á guerra usada
Vai soccorrer o filho: e assi ajuntados,
A Portugueza furia costumada
Em breve os Mouros tem desbaratados:
A campina, que toda está coalhada
De marlotas, capuzes variados, (14)
De cavallos, jaezes, presa rica,
De seus senhores mortos cheia fica.

LXXXII.

Logo todo o restante se partio
De Lusitania, postos em fugida:
O Mir-almuminin só não fugio;
Porque antes de fugir, lhe foge a vida:
A quem lhe esta victoria permittio,
Dão louvores, e graças sem medida;
Que em casos tão estranhos claramente
Mais peleja o favor de Deos, que a gente.

LXXXIII.

De tamanhas victorias triumphava
O velho Afonso, Principe subido:
Quando, quem tudo em fim vencendo andava,
Da larga e muita idade foi vencido:
A pallida doença lhe tocava
Com fria mão o corpo enfraquecido,
E pagaram seus annos deste geito
Á triste Libitina seu direito.

LXXXIV.

Os altos promontorios o choraram, (15)
E dos rios as aguas saudosas
Os semeados campos alagaram,
Com lagrimas correndo piedosas:
Mas tanto pelo mundo se alargaram
Com fama suas obras valerosas,
Que sempre no seu reino chamarão
Afonso, Afonso, os eccos: mas em vão.

LXXXV.

Sancho forte mancebo, que ficara
Imitando seu pai na valentia,
E que em sua vida já se exprimentara,
Quando o Betis de sangue se tingia,
E o barbaro poder desbaratara
Do Ismaelita Rei de Andaluzia,
E mais quando os, que Beja em vão cercaram,
Os golpes de seu braço em si provaram:

LXXXVI.

Despois que foi por Rei alevantado,
Havendo poucos annos que reinava,
A cidade de Sylves tem cercado,
Cujos campos o barbaro lavrava:
Foi das valentes gentes ajudado
Da Germanica armada, que passava
De armas fortes e gente apercebida,
A recobrar Judea já perdida.

LXXXVII.

Passavam a ajudar na sancta empresa
O roxo Federico, que moveo
O poderoso exercito em defesa
Da cidade, onde Christo padeceo,
Quando Guido, co'a gente em sede accesa,
Ao grande Saladino se rendeo
No lugar, onde aos Mouros sobejavam
As aguas, que os de Guido desejavam.

LXXXVIII.

Mas a formosa armada, que viera
Por contraste de vento áquella parte,
Sancho quiz ajudar na guerra fera,
Já que em serviço vai do sancto marte:
Assi como a seu pai acontecera,
Quando tomou Lisboa, da mesma arte
Do Germano ajudado Sylves toma,
E o bravo morador destrue, e doma.

LXXXIX.

E se tantos tropheos do Mahometa
Alevantando vai, tambem do forte
Leonez não consente estar quieta
A terra, usada aos casos de Mavorte;
Até que na cerviz seu jugo metta
Da soberba Tuí, que a mesma sorte
Vio ter a muitas villas suas visinhas,
Que por armas tu, Sancho, humildes tinhas.

XC.

Mas entre tantas palmas salteado
Da temerosa morte, fica herdeiro
Hum filho seu, de todos estimado,
Que foi segundo Afonso, e Rei terceiro:
No tempo deste aos Mouros foi tomado
Alcacere-do-Sal por derradeiro;
Porque d'antes os Mouros o tomaram,
Mas agora estruidos o pagaram.

XCI.

Morto despois Afonso, lhe succede
Sancho segundo, manso e descuidado,
Que tanto em seus descuidos se desmede,
Que de outrem, quem mandava, era mandado:
De governar o reino, que outro pede,
Por causa dos privados foi privado;
Porque, como por elles se regia,
Em todos os seus vicios consentia.

XCII.

Não era Sancho, não, tão deshonesto,
Como Nero, que hum moço recebia
Por mulher, e despois horrendo incesto
Com a mãi Agrippina commettia:
Nem tão cruel ás gentes, e molesto,
Que a cidade queimasse, onde vivia:
Nem tão máo, como foi Heliogabalo,
Nem como o molle Rei Sardanapalo.

XCIII.

Nem era o povo seu tyrannisado,
Como Sicilia foi de seus tyrannos:
Nem tinha, como Phálaris, achado
Genero de tormentos inhumanos:
Mas o reino de altivo, e costumado
A senhores em tudo soberanos,
A Rei não obedece, nem consente,
Que não for mais, que todos, excellente:

XCIV.

Por esta causa o reino governou
O Conde Bolonhez, despois alçado
Por Rei, quando da vida se apartou
Seu irmão Sancho, sempre ao ocio dado.
Este, que Afonso o bravo se chamou,
Despois de ter o reino segurado,
Em dilatal-o cuida; que em terreno
Não cabe o altivo peito tão pequeno.

XCV.

Da terra dos Algarves, que lhe fôra
Em casamento dada, grande parte
Recupera co'o braço, e deita fóra
O Mouro, mal querido já de Marte:
Este de todo fez livre e senhora
Lusitania com força, e bellica arte,
E acabou de opprimir a nação forte
Na terra, que aos de Luso coube em sorte.

XCVI.

Eis despois vem Diniz, que bem parece
Do bravo Afonso estirpe nobre e dina,
Com quem a fama grande se escurece
Da liberalidade Alexandrina:
Com este o reino prospero florece
(Alcançada já a paz aurea divina)
Em constituições, leis, e costumes,
Na terra já tranquilla claros lumes:

XCVII.

Fez primeiro em Coimbra exercitar-se
O valeroso officio de Minerva,
E de Helícona as Musas fez passar-se
A pizar do Mondego a fertil herva.
Quanto pode de Athenas desejar-se,
Tudo o soberbo Apollo aqui reserva:
Aqui as capellas dá tecidas de ouro,
Do baccharo, e do sempre verde louro.

XCVIII.

Nobres villas de novo edificou,
Fortalezas, castellos mui seguros,
E quasi o reino todo reformou
Com edificios grandes, e altos muros:
Mas despois que a dura Atropos cortou
O fio de seus dias já maduros,
Ficou-lhe o filho pouco obediente,
Quarto Afonso; mas forte e excellente.

XCIX.

Este sempre as soberbas Castelhanas
Co'o peito desprezou firme e sereno;
Porque não he das forças Lusitanas
Temer poder maior, por mais pequeno:
Mas porêm, quando as gentes Mauritanas,
A possuir o Hesperico terreno,
Entraram pelas terras de Castella,
Foi o soberbo Afonso a soccorrel-a.

C.

Nunca com Semirâmis gente tanta
Veio os campos Hydaspicos enchendo:
Nem Attíla, que Italia toda espanta,
Chamando-se de Deos açoute horrendo,
Gotthica gente trouxe tanta, quanta
Do Sarraceno barbaro estupendo,
Co'o poder excessivo de Granada,
Foi nos campos Tartessios ajuntada.

CI.

E vendo o Rei sublime Castelhano
A força inexpugnabil, grande e forte,
Temendo mais o fim do povo Hispano,
Já perdido huma vez, que a propria morte;
Pedindo ajuda ao forte Lusitano,
Lhe mandava a charissima consorte,
Mulher de quem a manda, e filha amada
Daquelle, a cujo reino foi mandada.

CII.

Entrava a formosissima Maria
Pelos paternaes paços sublimados,
Lindo o gesto, mas fóra de alegria,
E seus olhos em lagrimas banhados:
Os cabellos angelicos trazia
Pelos eburneos hombros espalhados;
Diante do pai ledo, que a agasalha,
Estas palavras taes chorando espalha:

CIII.

Quantos povos a terra produzio
De Africa toda, gente fera e estranha,
O grão Rei de Marrocos conduzio,
Para vir possuir a nobre Hespanha:
Poder tamanho junto não se vio,
Despois que o salso mar a terra banha:
Trazem ferocidade, e furor tanto,
Que a vivos medo, e a mortos faz espanto.

CIV.

Aquelle, que me déste por marido,
Por defender sua terra amedrontada,
Co'o pequeno poder offerecido
Ao duro golpe está da Maura espada;
E se não for comtigo soccorrido,
Vêr-me-has delle, e do reino ser privada,
Viuva, e triste, e posta em vida escura,
Sem marido, sem reino, e sem ventura.

CV.

Por tanto, ó Rei, de quem com puro medo
O corrente Mulucha se congela, (16)
Rompe toda a tardança, acude cedo
Á miseranda gente de Castella:
Se esse gesto, que mostras claro e ledo,
De pai o verdadeiro amor assella,
Acude, e corre pai; que, se não corres,
Pode ser que não aches, quem soccorres.

CVI.

Não de outra sorte a timida Maria
Fallando está, que a triste Venus, quando
A Jupiter seu pai favor pedia
Para Eneas seu filho navegando;
Que a tanta piedade o commovia,
Que, cahido das mãos o raio infando,
Tudo o clemente Padre lhe concede,
Pezando-lhe do pouco, que lhe pede.

CVII.

Mas já co'os esquadrões da gente armada
Os Eborenses campos vão coalhados:
Lustra co'o Sol o arnez, a lança, a espada,
Vão rinchando os cavallos jaezados:
A canora trombeta embandeirada
Os corações á paz acostumados
Vai ás fulgentes armas incitando,
Pelas concavidades retumbando.

CVIII.

Entre todos no meio se sublima,
Das insignias Reaes acompanhado,
O valeroso Afonso, que por cima
De todos leva o collo alevantado,
E somente co'o gesto esforça, e anima
A qualquer coração amedrontado:
Assi entra nas terras de Castella
Com a filha gentil, Rainha della.

CIX.

Juntos os dous Afonsos finalmente
Nos campos de Tarifa, estão defronte
Da grande multidão da cega gente,
Para quem são pequenos campo e monte.
Não ha peito tão alto, e tão potente,
Que de desconfiança não se affronte,
Em quanto não conheça, e claro veja,
Que co'o braço dos seus Christo peleja.

CX.

Estão de Agar os netos quasi rindo
Do poder dos Christãos fraco e pequeno,
As terras, como suas, repartindo
Antemão entre o exercito Agareno,
Que com titulo falso possuindo
* Está o famoso nome Saraceno: (17)
Assi tambem com falsa conta, e nua,
Á nobre terra alheia chamam sua.

CXI.

Qual o membrudo e barbaro Gigante,
Do Rei Saul com causa tão temido,
Vendo o Pastor inerme estar diante,
Só de pedras, e esforço apercebido:
† Com palavras soberbas o arrogante
Despreza o fraco moço mal vestido,
Que, rodeando a funda, o desengana,
Quanto mais pode a fé, que a força humana:

CXII.

Desta arte o Mouro perfido despreza
O poder dos Christãos, e não entende,
Que está ajudado da alta fortaleza,
A quem o inferno horrifico se rende:
Com ella o Castelhano, e com destreza
De Marrocos o Rei commette, e offende:
O Portuguez, que tudo estima em nada,
Se faz temer ao reino de Granada.

CXIII.

Eis as lanças, e espadas retiniam
Por cima dos arnezes: bravo estrago!
Chamam (segundo as leis, que alli seguiam)
Huns Mafamede, e os outros Sanct-Iago:
Os feridos com grita o ceo feriam,
Fazendo de seu sangue bruto lago,
Onde outros meios mortos se affogavam,
Quando do ferro as vidas escapavam.

CXIV.

Com esforço tamanho estrue, e mata
O Luso ao Granadil, que em pouco espaço
Totalmente o poder lhe desbarata,
Sem lhe valer defeza, ou peito de aço:
De alcançar tal victoria tão barata
Inda não bem contente o forte braço,
Vai ajudar ao bravo Castelhano,
Que pelejando está co'o Mauritano.

CXV.

Já se hia o Sol ardente recolhendo
Para a casa de Thetis, e inclinado
Para o Ponente, o vespero trazendo,
Estava o claro dia memorado:
* Quando o poder do Mouro grande e horrendo
Foi pelos fortes Reis desbaratado
Com tanta mortandade, que a memoria
Nunca no mundo vio tão grão victoria.

CXVI.

Não matou a quarta parte o forte Mario, (18)
Dos que morreram neste vencimento,
Quando as aguas co'o sangue do adversario
Fez beber ao exercito sedento:
Nem o Peno, asperissimo contrario
Do Romano poder de nascimento,
Quando tantos matou da illustre Roma,
Que alqueires tres de anneis dos mortos toma.

CXVII.

E se tu tantas almas só pudeste
Mandar ao reino escuro de Cocyto,
Quando a sancta Cidade desfizeste
Do povo, pertinaz no antiguo rito,
Permissão, e vingança foi celeste,
E não força de braço, ó nobre Tito;
Que assi dos Vates foi prophetizado,
† E despois por Jesu certificado.

CXVIII.

Passada esta tão prospera victoria,
Tornado Afonso á Lusitana terra,
A se lograr da paz com tanta gloria,
Quanta soube ganhar na dura guerra:
O caso triste, e digno de memoria,
Que do sepulchro os homens desenterra,
Aconteceo da misera, e mesquinha,
Que, despois de ser morta, foi Rainha.

CXIX.

Tu só, tu, puro Amor, com força crua,
Que os corações humanos tanto obriga,
Déste causa á molesta morte sua,
Como se fôra perfida inimiga:
Se dizem, fero Amor, que a sêde tua
Nem com lagrimas tristes se mitiga,
He porque queres, aspero e tyranno,
Tuas aras banhar em sangue humano.

CXX.

Estavas, linda Ignez, posta em socego,
* De teus annos colhendo doce fruito, (19)
Naquelle engano da alma, ledo e cego,
Que a fortuna não deixa durar muito:
Nos saudosos campos do Mondego,
* De teus formosos olhos nunca enxuito, (19)
Aos montes ensinando, e ás hervinhas
O nome, que no peito escripto tinhas.

CXXI.

Do teu Principe alli te respondiam
As lembranças, que na alma lhe moravam,
Que sempre ante seus olhos te traziam,
Quando dos teus formosos se apartavam,
De noite em doces sonhos, que mentiam,
De dia em pensamentos, que voavam:
E quanto em fim cuidava, e quanto via,
Eram tudo memorias de alegria.

CXXII.

De outras bellas senhoras, e Princezas
Os desejados thálamos engeita;
Que tudo em fim, tu, puro amor, desprezas,
Quando hum gesto suave te sujeita.
Vendo estas namoradas estranhezas
O velho pai sesudo, que respeita
O murmurar do povo, e a phantasia
Do filho, que casar-se não queria:

CXXIII.

Tirar Ignez ao mundo determina;
Por lhe tirar o filho, que tem preso,
Crendo co'o sangue só da morte indina
Matar do firme amor o fogo acceso.
Que furor consentio, que a espada fina,
Que pôde sustentar o grande peso
Do furor Mauro, fosse alevantada
Contra huma fraca dama delicada?

CXXIV.

Traziam-na os horrificos algozes
Ante o Rei, já movido a piedade;
Mas o povo com falsas, e ferozes
Razões á morte crua o persuade.
Ella com tristes, e piedosas vozes,
Sahidas só da magoa, e saudade
Do seu Principe, e filhos, que deixava,
Que mais, que a propria morte, a magoava:

CXXV.

Para o ceo crystallino alevantando (20)
Com lagrimas os olhos piedosos,
Os olhos; porque as mãos lhe estava atando
Hum dos duros ministros rigorosos:
E despois nos meninos attentando,
Que tão queridos tinha, e tão mimosos,
Cuja orphandade como mãi temia,
Para o avô cruel assi dizia:

CXXVI.

Se já nas brutas feras, cuja mente
Natura fez cruel de nascimento,
E nas aves agrestes, que somente
Nas rapinas aerias tem o intento,
Com pequenas crianças vio a gente
Terem tão piedoso sentimento,
Como co'a mãi de Nino já mostraram,
E co'os irmãos, que Roma edificaram:

CXXVII.

Ó tu, que tens de humano o gesto, e o peito,
(Se de humano he matar huma donzella
Fraca e sem força, só por ter sujeito
O coração, a quem soube vencel-a)
A estas criancinhas tem respeito;
Pois o não tens á morte escura della:
Mova-te a piedade sua, e minha;
Pois te não move a culpa que não tinha.

CXXVIII.

E se, vencendo a Maura resistencia,
A morte sabes dar com fogo e ferro,
Sabe tambem dar vida com clemencia
A quem, para perdel-a, não fez erro:
Mas, se to assi merece esta innocencia,
Põe-me em perpetuo e misero desterro
Na Scythia fria, ou lá na Libya ardente,
Onde em lagrimas viva eternamente.

CXXIX.

Põe-me, onde se use toda a feridade,
Entre leões e tigres; e verei,
Se nelles achar posso a piedade,
Que entre peitos humanos não achei:
Alli co'o amor intrinseco, e vontade
Naquelle, por quem mouro, criarei
Estas reliquias suas, que aqui viste;
Que refrigerio sejam da mãi triste.

CXXX.

Queria perdoar-lhe o Rei benino,
Movido das palavras, que o magoam;
Mas o pertinaz povo, e seu destino
(Que desta sorte o quiz) lhe não perdoam:
Arrancam das espadas de aço fino
Os, que por bom tal feito alli apregoam.
Contra huma dama, ó peitos carniceiros,
Feros vos amostrais, e cavalleiros?

CXXXI.

Qual contra a linda moça Polyxena,
Consolação extrema da mãi velha;
Porque a sombra de Achilles a condena,
Co'o ferro o duro Pyrrho se apparelha:
Mas ella os olhos, com que o ar serena,
(Bem como paciente, e mansa ovelha)
Na misera mãi postos, que endoudece,
Ao duro sacrificio se offerece:

CXXXII.

Taes contra Ignez os brutos matadores
No collo de alabastro, que sostinha
As obras, com que amor matou de amores
Aquelle, que despois a fez Rainha,
As espadas banhando, e as brancas flores,
Que ella dos olhos seus regadas tinha,
Se encarniçavam, férvidos e irosos,
No futuro castigo não cuidosos.

CXXXIII.

Bem puderas, ó Sol, da vista destes
Teus raios apartar aquelle dia,
Como da séva mesa de Thyestes,
Quando os filhos por mão de Atreo comia!
Vós, ó concavos valles, que podestes
A voz extrema ouvir da boca fria,
O nome do seu Pedro, que lhe ouvistes,
Por muito grande espaço repetistes!

CXXXIV.

Assi como a bonina, que cortada (21)
Antes do tempo foi, candida e bella,
Sendo das mãos lascivas maltratada
Da menina, que a trouxe na capella,
O cheiro traz perdido, e a cor murchada:
Tal está morta a pallida donzella,
Seccas do rosto as rosas, e perdida
A branca e viva cor, co'a doce vida.

CXXXV.

As filhas do Mondego a morte escura,
Longo tempo chorando, memoraram;
E, por memoria eterna, em fonte pura
As lagrimas choradas transformaram:
O nome lhe puzeram, que inda dura,
Dos amores de Ignez, que alli passaram.
Vede que fresca fonte rega as flores;
Que lagrimas são a agua, e o nome amores.

CXXXVI.

Não correo muito tempo, que a vingança
Não visse Pedro das mortaes feridas;
Que, em tomando do reino a governança,
A tomou dos fugidos homicidas:
Do outro Pedro cruissimo os alcança;
Que ambos, imigos das humanas vidas,
O concerto fizeram duro e injusto,
Que com Lepido, e Antonio fez Augusto.

CXXXVII.

Este castigador foi rigoroso
De latrocinios, mortes, e adulterios:
Fazer nos máos cruezas, fero e iroso
Eram os seus mais certos refrigerios:
As cidades guardando justiçoso
De todos os soberbos vituperios,
Mais ladrões, castigando, á morte deo,
Que o vagabundo Alcides, ou Theseo.

CXXXVIII.

Do justo, e duro Pedro nasce o brando,
(Vede da natureza o desconcerto)
Remisso, e sem cuidado algum, Fernando,
Que todo o reino poz em muito aperto;
Que, vindo o Castelhano devastando
As terras sem defeza, esteve perto
De destruir-se o reino totalmente;
Que hum fraco Rei faz fraca a forte gente.

CXXXIX.

Ou foi castigo claro do peccado,
De tirar Leonor a seu marido,
E casar-se com ella, de enlevado
N'hum falso parecer mal entendido:
Ou foi, que o coração sujeito, e dado
Ao vicio vil, de quem se vio rendido,
Molle se fez, e fraco, e bem parece;
Que hum baixo amor os fortes enfraquece.

CXL.

Do peccado tiveram sempre a pena
Muitos, que Deos o quiz, e permittio;
Os que foram roubar a bella Helena;
E com Apio tambem Tarquino o vio:
Pois por quem David sancto se condena?
Ou quem o Tribu illustre destruio (22)
De Benjamin? Bem claro nol-o ensina
Por Sara Pharaó, Sichem por Dina.

CXLI.

E pois, se os peitos fortes enfraquece
Hum inconcesso amor desatinado,
Bem no filho de Alcmena se parece,
Quando em Omphale andava transformado:
De Marco Antonio a fama se escurece,
Com ser tanto a Cleopátra affeiçoado:
Tu tambem, Pœno prospero, o sentiste,
Despois que hũa moça vil na Apulia viste.

CXLII.

Mas quem pode livrar-se por ventura
Dos laços, que amor arma brandamente
Entre as rosas, e a neve humana pura,
O ouro, e o alabastro transparente?
Quem de huma peregrina formosura,
De hum vulto de Medusa propriamente,
Que o coração converte, que tem preso,
Em pedra não; mas em desejo acceso?

CXLIII.

Quem vio hum olhar seguro, hum gesto brando,
Huma suave, e angelica excellencia,
Que em si está sempre as almas transformando,
Que tivesse contra ella resistencia?
Desculpado por certo está Fernando,
Para quem tem de amor experiencia:
Mas antes, tendo livre a phantasia,
Por muito mais culpado o julgaria.

OS LUSIADAS.

CANTO QUARTO.

I.

Despois de procellosa tempestade,
Nocturna sombra, e sibilante vento,
Traz a manhãa serena claridade,
Esperança de porto, e salvamento:
Aparta o Sol a negra escuridade,
* Removendo o temor do pensamento: (1)
Assi no reino forte aconteceo,
Despois que o Rei Fernando falleceo;

II.

Porque se muito os nossos desejaram,
Quem os damnos e offensas vá vingando
Naquelles, que tão bem se aproveitaram
Do descuido remisso de Fernando;
Despois de pouco tempo o alcançaram,
Joanne sempre illustre alevantando
Por Rei, como de Pedro unico herdeiro,
(Aindaque bastardo) verdadeiro.

III.

Ser isto ordenação dos Ceos divina,
Por signaes muito claros se mostrou,
Quando em Evora a voz de huma menina,
Ante tempo fallando, o nomeou:
E como cousa em fim, que o Ceo destina,
No berço o corpo, e a voz alevantou:
Portugal, Portugal, alçando a mão,
Disse, pelo Rei novo, Dom João.

IV.

Alteradas então do reino as gentes
Co'o odio, que occupado os peitos tinha,
Absolutas cruezas, e evidentes
Faz do povo o furor, por onde vinha:
Matando vão amigos, e parentes
Do adultero Conde, e da Rainha,
Com quem sua incontinencia deshonesta
Mais, despois de viuva, manifesta.

V.

Mas elle em fim, com causa deshonrado,
Diante della a ferro frio morre,
De outros muitos na morte acompanhado;
Que tudo o fogo erguido queima, e corre:
Quem, como Astyanax, precipitado
(Sem lhe valerem ordens) de alta torre, (2)
A quem Ordens, nem aras, nem respeito:
Quem nu por ruas, e em pedaços feito.

VI.

Podem-se pôr em longo esquecimento
As cruezas mortaes, que Roma vio,
Feitas do feroz Mario, e do cruento
Sylla, quando o contrario lhe fugio.
Por isso Leonor, que o sentimento
Do morto Conde ao mundo descobrio,
Faz contra Lusitania vir Castella,
Dizendo ser sua filha herdeira della.

VII.

Beatriz era a filha, que casada
Co'o Castelhano está, que o reino pede,
Por filha de Fernando reputada,
Se a corrompida fama lho concede.
Com esta voz Castella alevantada,
Dizendo, que esta filha ao pai succede,
Suas forças ajunta, para as guerras,
De varias regiões, e varias terras.

VIII.

Vem de toda a provincia, que de hum Brigo
(Se foi) já teve o nome derivado;
Das terras, que Fernando, e que Rodrigo
Ganharam do tyranno e Mauro estado.
Não estimam das armas o perigo
Os, que cortando vão co'o duro arado
Os campos Leonezes, cuja gente
Co'os Mouros foi nas armas excellente.

IX.

Os Vandalos, na antigua valentia
Ainda confiados, se ajuntavam
Da cabeça de toda Andaluzia,
Que do Guadalquibir as aguas lavam.
A nobre ilha tambem se apercebia,
Que antiguamente os Tyrios habitavam,
Trazendo, por insignias verdadeiras,
As Herculeas columnas nas bandeiras.

X.

Tambem vem lá do reino de Toledo,
Cidade nobre e antigua, a quem cercando
O Tejo em tôrno vai suave e ledo,
Que das serras de Conca vem manando.
A vós outros tambem não tolhe o medo,
Ó sordidos Gallegos, duro bando,
Que, para resistirdes, vos armastes,
A'quelles, cujos golpes já provastes.

XI.

Tambem movem da guerra as negras furias
A gente Biscainha, que carece
De polidas razões, e que as injurias
Muito mal dos estranhos compadece.
A terra de Guipúscua, e das Asturias,
Que com minas de ferro se ennobrece,
Armou delle os soberbos matadores,
Para ajudar na guerra a seus senhores.

XII.

Joanne, a quem do peito o esforço crece,
Como a Samsão Hebrëo da guedelha, (3)
Postoque tudo pouco lhe parece,
Co'os poucos de seu reino se apparelha:
E, não porque conselho lhe fallece,
Co'os principaes senhores se aconselha,
Mas só por ver das gentes as sentenças;
Que sempre houve entre muitos differenças.

XIII.

Não falta com razões quem desconcerte
Da opinião de todos na vontade,
Em quem o esforço antiguo se converte
Em desusada e má deslealdade,
Podendo o temor mais, gelado, inerte,
Que a propria e natural fidelidade:
Negam o Rei, e a patria, e se convem,
Negarão (como Pedro) o Deos, que tem.

XIV.

Mas nunca foi, que este erro se sentisse
No forte Dom Nuno Alvares: mas antes,
Postoque em seus irmãos tão claro o visse,
Reprovando as vontades inconstantes,
Áquellas duvidosas gentes disse
Com palavras mais duras, que elegantes,
A mão na espada, irado, e não facundo,
Ameaçando a terra, o mar, e o mundo:

XV.

Como da gente illustre Portugueza
Ha de haver, quem refuse o Patrio marte?
Como desta provincia, que princeza
Foi das gentes na guerra em toda parte,
Ha de sahir, quem negue ter defeza,
Quem negue a fé, o amor, o esforço e arte
De Portuguez, e por nenhum respeito
O proprio reino queira ver sujeito?

XVI.

Como? Não sois vós inda os descendentes
Daquelles, que debaixo da bandeira
Do grande Henriques, feros e valentes
* Vencêram esta gente tão guerreira? (4)
Quando tantas bandeiras, tantas gentes
Puzeram em fugida, de maneira
Que sete illustres Condes lhe trouxeram
Presos, afora a presa, que tiveram?

XVII.

Com quem foram contino sopeados
Estes, de quem o estais agora vós,
Por Diniz, e seu filho, sublimados,
Senão co'os vossos fortes pais, e avós?
Pois se com seus descuidos, ou peccados
Fernando em tal fraqueza assi vos poz,
Torne-vos vossas forças o Rei novo;
Se he certo, que co'o Rei se muda o povo.

XVIII.

Rei tendes tal, que se o valor tiverdes
Igual ao Rei, que agora alevantastes,
Desbaratareis tudo o, que quizerdes,
Quanto mais, a quem já desbaratastes:
E se com isto em fim vos não moverdes
Do penetrante medo, que tomastes;
Atai as mãos a vosso vão receio;
Que eu só resistirei ao jugo alheio:

XIX.

Eu só com meus vassallos, e com esta
(E, dizendo isto, arranca meia espada)
Defenderei da força dura, e infesta
A terra nunca de outrem sobjugada:
Em virtude do Rei, da patria mesta,
Da lealdade já por vós negada,
Vencerei não só estes adversarios,
Mas quantos a meu Rei forem contrarios.

XX.

Bem como entre os mancebos recolhidos
Em Canusio, reliquias sós de Cannas,
Já para se entregar quasi movidos
Á fortuna das gentes Africanas,
Cornelio moço os faz, que compellidos (5)
Da sua espada, jurem, que as Romanas
Armas não deixarão, em quanto a vida
Os não deixar, ou nellas for perdida:

XXI.

Desta arte a gente fórça, e esforça Nuno,
Que, com lhe ouvir as ultimas razões,
Removem o temor frio, importuno,
Que gelados lhe tinha os corações:
Nos animaes cavalgam de Neptuno,
Brandindo, e volteando arremessões,
Vão correndo e gritando á boca aberta:
« Viva o famoso Rei, que nos liberta. »

XXII.

Das gentes populares, huns approvam
A guerra, com que a patria se sostinha:
Huns as armas alimpam, e renovam,
Que a ferrugem da paz gastadas tinha,
Capacetes estofam, peitos provam,
Arma-se cada hum, como convinha:
Outros fazem vestidos de mil cores
Com letras e tenções de seus amores.

XXIII.

Com toda esta lustrosa companhia
Joanne forte sae da fresca Abrantes,
Abrantes, que tambem da fonte fria
Do Tejo logra as aguas abundantes.
Os primeiros armigeros regia,
Quem para reger era os mui possantes
Orientaes exercitos sem conto,
Com que passava Xerxes o Hellesponto:

XXIV.

Dom Nuno Alvares digo, verdadeiro
Açoute de soberbos Castelhanos,
† Como já o fero Hunno o foi primeiro (6)
Para Francezes, para Italianos.
Outro tambem famoso cavalleiro,
Que a ala direita tem dos Lusitanos,
Apto para mandal-os, e regel-os,
Mem Rodrigues se diz de Vasconcellos.

XXV.

E da outra ala, que a esta corresponde,
Antão Vasques de Almada he capitão,
Que despois foi de Abranches nobre Conde,
Das gentes vai regendo a sestra mão.
Logo na retaguarda não se esconde
Das quinas e castellos o pendão
Com Joanne Rei forte em toda parte,
Que escurecendo o preço vai de Marte.

XXVI.

Estavam pelos muros temerosas,
E de hum alegre medo quasi frias,
Rezando as mãis, irmãas, damas, e esposas,
Promettendo jejuns, e romarias.
Já chegam as esquadras bellicosas
Defronte das imigas companhias,
Que com grita grandissima os recebem,
E todas grande duvida concebem.

XXVII.

Respondem as trombetas mensageiras,
Pifaros sibilantes, e atambores,
Alferezes volteam as bandeiras,
Que variadas são de muitas cores.
Era no secco tempo, que nas eiras
Ceres o fructo deixa aos lavradores,
Entra em Astrea o Sol no mez de Agosto,
Baccho das uvas tira o doce mosto.

XXVIII.

Deu signal a trombeta Castelhana
Horrendo, fero, ingente, e temeroso:
Ouvio-o o monte Artábro, e Guadiana
Atraz tornou as ondas de medroso:
Ouvio-o o Douro, e a terra Transtagana,
Correo ao mar o Tejo duvidoso:
E as mãis, que o som terribil escuitaram,
Aos peitos os filhinhos apertaram. (7)

XXIX.

Quantos rostos alli se vêm sem côr; (8)
Que ao coração acode o sangue amigo;
Que nos perigos grandes o temor
He maior muitas vezes, que o perigo,
E se o não he, parece-o; que o furor
De offender, ou vencer o duro imigo,
Faz não sentir, que he perda grande e rara,
Dos membros corporaes, da vida chara.

XXX.

Começa-se a travar a incerta guerra,
De ambas partes se move a primeira ala,
Huns leva a defensão da propria terra,
Outros as esperanças de ganhal-a:
Logo o grande Pereira, em quem se encerra
Todo o valor, primeiro se assinala,
Derriba, e encontra, e a terra em fim semea
Dos que a tanto desejam, sendo alhea.

XXXI.

Já pelo espêsso ar os estridentes
Farpões, settas, e varios tiros voam:
Debaixo dos pés duros dos ardentes
Cavallos treme a terra, os valles soam:
Espedaçam-se as lanças, e as frequentes
Quedas co'as duras armas tudo atroam:
Recrescem os imigos sobre a pouca
Gente do fero Nuno, que os apouca.

XXXII.

Eis alli seus irmãos contra elle vão:
(Caso feo e cruel!) Mas não se espanta;
Que menos he querer matar o irmão,
Quem contra o Rei, e a patria se alevanta:
Destes arrenegados muitos são
No primeiro esquadrão, que se adianta
Contra irmãos e parentes, (caso estranho!)
* Quaes nas guerras civis de Julio, e Magno. (9)

XXXIII.

Ó tu Sertorio, ó nobre Coriolano,
Catilina, e vós outros dos antigos,
Que contra vossas patrias com profano
Coração vos fizestes inimigos,
Se lá no reino escuro de Sumano
Receberdes gravissimos castigos;
Dizei-lhe, que tambem dos Portuguezes
Alguns traidores houve algumas vezes.

XXXIV.

Rompem-se aqui dos nossos os primeiros;
Tantos dos inimigos a elles vão:
Está alli Nuno, qual pelos outeiros
De Ceita está o fortissimo leão,
Que cercado se vê dos cavalleiros,
Que os campos vão correr de Tetuão,
Perseguem-no co'as lanças; e elle iroso
Torvado hum pouco está, mas não medroso.

XXXV.

Com tôrva vista os vê; mas a natura
Ferina, e a ira não lhe compadecem
Que as costas dê; mas antes na espessura
Das lanças se arremessa, que recrecem.
Tal está o cavalleiro, que a verdura
Tinge co'o sangue alheio: alli perecem
Alguns dos seus; que o animo valente
Perde a virtude contra tanta gente.

XXXVI.

Sentio Joanne a affronta, que passava
Nuno; que, como sabio capitão,
Tudo corria, e via, e a todos dava
Com presença e palavras coração.
Qual parida leoa, fera e brava,
Que os filhos, que no ninho sós estão,
Sentio que, em quanto pasto lhe buscara,
O pastor de Massylia lhos furtara:

XXXVII.

Corre raivosa, e freme, e com bramidos
Os montes Sete-Irmãos atroa, e abala: (10)
Tal Joanne, com outros escolhidos
Dos seus, correndo acode á primeira ala.
Ó fortes companheiros, ó subidos
Cavalleiros, a quem nenhum se iguala,
Defendei vossas terras; que a esperança
Da liberdade está na vossa lança.

XXXVIII.

Vedes-me aqui Rei vosso, e companheiro,
Que entre as lanças, e settas, e os arnezes
Dos inimigos côrro, e vou primeiro:
Pelejai verdadeiros Portuguezes.
Isto disse o magnanimo guerreiro,
E sopesando a lança quatro vezes,
Com força tira, e deste unico tiro
Muitos lançaram o ultimo suspiro:

XXXIX.

Porque eis os seus accesos novamente
D'huma nobre vergonha, e honroso fogo,
Sobre qual mais com animo valente
Perigos vencerá do marcio jogo
Porfiam : tinge o ferro o fogo ardente,
Rompem malhas primeiro, e peitos logo:
Assi recebem junto, e dão feridas,
Como a quem já não doe perder as vidas.

XL.

A muitos mandam ver o Estygio lago,
Em cujo corpo a morte, e o ferro entrava:
O Mestre morre alli de Sanct-Iago,
Que fortissimamente pelejava:
Morre tambem, fazendo grande estrago,
Outro Mestre cruel de Calatrava:
Os Pereiras tambem arrenegados
Morrem, arrenegando o Ceo, e os fados.

XLI.

Muitos tambem do vulgo vil sem nome
Vão, e tambem dos nobres, ao Profundo,
Onde o trifauce cão perpetua fome
Tem das almas, que passam deste mundo:
E porque mais aqui se amanse, e dome
A soberba do imigo furibundo,
A sublime bandeira Castelhana
Foi derribada aos pés da Lusitana.

XLII.

Aqui a fera batalha se encruece
Com mortes, gritos, sangue, e cutiladas:
A multidão da gente, que perece,
Tem as flores da propria côr mudadas:
Já as costas dão, e as vidas : já fallece
O furor, e sobejam as lançadas:
Já de Castella o Rei desbaratado
Se vê, e de seu proposito mudado.

XLIII.

O campo vai deixando ao vencedor,
Contente de lhe não deixar a vida:
Seguem-no os que ficaram, e o temor
Lhe dá não pés, mas azas á fugida.
Encobrem no profundo peito a dor
Da morte, da fazenda despendida,
Da magoa, da deshonra, e triste nojo
De ver outrem triumphar de seu despojo.

XLIV.

Alguns vão maldizendo, e blasphemando
Do primeiro, que guerra fez no mundo:
Outros a sêde dura vão culpando
Do peito cubiçoso, e sitibundo,
Que, por tomar o alheio, o miserando
Povo aventura ás penas do Profundo;
Deixando tantas mãis, tantas esposas,
Sem filhos, sem maridos, desditosas.

XLV.

O vencedor Joanne esteve os dias
Costumados no campo em grande gloria:
Com offertas despois, e romarias
As graças deo, a quem lhe deo victoria.
Mas Nuno, que não quer por outras vias
Entre as gentes deixar de si memoria,
Senão por armas sempre soberanas,
Para as terras se passa Transtaganas.

XLVI.

Ajuda-o seu destino de maneira,
Que fez igual o effeito ao pensamento;
Porque a terra dos Vandalos fronteira
Lhe concede o despôjo, e o vencimento:
Já de Sevilha a Betica bandeira,
E de varios senhores n'hum momento
Se lhe derriba aos pés, sem ter defeza,
Obrigados da força Portugueza.

XLVII.

Destas e outras victorias longamente
Eram os Castelhanos opprimidos,
Quando a paz, desejada já da gente,
Deram os vencedores aos vencidos,
Despois que quiz o Padre omnipotente
Dar os Reis inimigos por maridos
Ás duas illustrissimas Inglezas, (11)
Gentis, formosas, inclytas Princezas.

XLVIII.

Não soffre o peito forte, usado á guerra,
Não ter imigo já, a quem faça dano;
E assi, não tendo a quem vencer na terra,
Vai commetter as ondas do Oceano.
Este he o primeiro Rei, que se desterra
Da patria, por fazer que o Africano
Conheça pelas armas, quanto excede
A lei de Christo á lei de Mafamede.

XLIX.

Eis mil nadantes aves pelo argento
Da furiosa Thetis inquieta
Abrindo as pandas azas vão ao vento,
Para onde Alcides pôz a extrema meta:
O monte Abyla, e o nobre fundamento
De Ceita toma, e o torpe Mahometa
Deita fóra, e segura toda Hespanha
Da Juliana, má, e desleal manha.

L.

Não consentio a morte tantos annos,
Que de Heroe tão ditoso se lograsse
Portugal; mas os córos soberanos
Do Ceo supremo quiz que povoasse:
Mas para defensão dos Lusitanos
Deixou, quem o levou, quem governasse,
E augmentasse a terra mais, que d'antes,
Inclyta geração, altos Infantes.

LI.

Não foi do Rei Duarte tão ditoso
O tempo, que ficou na summa alteza;
Que assi vai alternando o tempo iroso
O bem co'o mal, o gosto co'a tristeza.
Quem vio sempre hum estado deleitoso?
Ou quem vio em fortuna haver firmeza?
Pois inda neste reino, e neste Rei
Não usou ella tanto desta lei.

LII.

Vio ser captivo o sancto irmão Fernando,
Que a tão altas emprezas aspirava,
Que, por salvar o povo miserando
Cercado, ao Sarraceno s'entregava:
Só por amor da patria está passando
A vida de senhora feita escrava,
Por não se dar por elle a forte Ceita:
Mais o publico bem, que o seu, respeita.

LIII.

Codro, porque o inimigo não vencesse,
Deixou antes vencer da morte a vida:
Regulo, porque a patria não perdesse,
Quiz mais a liberdade ver perdida.
Este, porque se Hespanha não temesse,
A captiveiro eterno se convida:
Codro, nem Curcio, ouvido por espanto,
Nem os Decios leaes fizeram tanto.

LIV.

Mas Afonso, do Reino unico herdeiro,
Nome em armas ditoso em nossa Hesperia,
Que a soberba do barbaro fronteiro
Tornou em baixa e humillima miseria,
Fôra por certo invicto cavalleiro,
Se não quizera ir ver a terra Iberia:
Mas Africa dirá, ser impossibil,
Poder ninguem vencer o Rei terribil.

LV.

Este pôde colher as maçãas de ouro,
Que somente o Tyrinthio colher pode:
Do jugo, que lhe pôz, o bravo Mouro
A cerviz inda agora não sacode:
Na fronte a palma leva, e o verde louro
Das victorias do barbaro, que acode
A defender Alcacer, forte villa,
Tangere populoso, e a dura Arzilla.

LVI.

Porêm ellas em fim por força entradas,
Os muros abaixaram de diamante
Ás Portuguezas forças, costumadas
A derribarem, quanto acham diante:
Maravilhas em armas estremadas,
E de escriptura dignas elegante,
Fizeram cavalleiros nesta empreza,
Mais affinando a fama Portugueza.

LVII.

Porêm despois tocado de ambição,
E gloria de mandar, amara e bella,
Vai commetter Fernando de Aragão
Sobre o potente reino de Castella:
Ajunta-se a inimiga multidão
Das soberbas e varias gentes della,
Desde Caliz ao alto Pyreneo;
Que tudo ao Rei Fernando obedeceo.

LVIII.

Não quiz ficar nos reinos ocioso
O mancebo Joanne, e logo ordena
De ir ajudar o pai ambicioso,
Que então lhe foi ajuda não pequena:
Sahio-se em fim do trance perigoso
Com fronte não torvada, mas serena,
Desbaratado o pai sanguinolento;
Mas ficou duvidoso o vencimento:

LIX.

Porque o filho sublime e soberano,
Gentil, forte, animoso cavalleiro,
Nos contrarios fazendo immenso dano,
Todo hum dia ficou no campo inteiro.
Desta arte foi vencido Octaviano,
E Antonio vencedor, seu companheiro,
Quando daquelles, que Cesár mataram,
Nos Philippicos campos se vingaram.

LX.

Porêm, despois que a escura noite eterna
Afonso aposentou no Ceo sereno,
O Principe, que o reino então governa,
Foi Joanne segundo, e Rei trezeno:
Este, por haver fama sempiterna,
Mais, do que tentar pode homem terreno,
Tentou; que foi buscar da rôxa Aurora
Os terminos, que eu vou buscando agora.

LXI.

Manda seus mensageiros, que passaram
Hespanha, França, Italia celebrada,
E lá no illustre porto se embarcaram,
Onde já foi Parthénope enterrada,
Napoles, onde os fados se mostraram,
Fazendo-a a varias gentes sobjugada;
Pela illustrar no fim de tantos annos
Co'o senhorio de inclytos Hispanos.

LXII.

Pelo mar alto Siculo navegam:
Vão-se ás praias de Rhodes arenosas,
E dalli ás ribeiras altas chegam,
* Que co'a morte de Magno são famosas: (12)
Vão a Memphis, e ás terras, que se regam
Das enchentes Niloticas undosas:
Sobem á Ethiopia sobre Egypto,
Que de Christo lá guarda o sancto rito.

LXIII.

Passam tambem as ondas Erythreas,
Que o povo de Israel sem náo passou:
Ficam-lhe atraz as serras Nabatheas, (13)
Que o filho de Ismael co'o nome ornou:
As costas odoriferas Sabeas,
Que a mãi do bello Adonis tanto honrou, (14)
Cercam, com toda a Arabia descoberta
Feliz, deixando a Pétrea, e a Deserta.

LXIV.

Entram no estreito Persico, onde dura
Da confusa Babel inda a memoria:
Alli co'o Tigre o Euphrates se mistura,
Que as fontes, onde nascem, tem por gloria. (15)
Dalli vão em demanda da agua pura,
Que causa inda será de larga historia,
Do Indo pelas ondas do Oceano,
Onde não se atreveo passar Trajano.

LXV.

Viram gentes incognitas e estranhas
Da India, da Carmania, e Gedrosia,
Vendo varios costumes, varias manhas,
Que cada região produze e cria.
Mas de vias tão asperas, tamanhas,
Tornar-se facilmente não podia:
Lá morreram em fim, e lá ficaram;
Que á desejada patria não tornaram.

LXVI.

Parece, que guardava o claro Ceo
A Manoel, e seus merecimentos
Esta empreza tão ardua, que o moveo
A subidos, e illustres movimentos:
Manoel, que a Joanne succedeo
No reino, e nos altivos pensamentos,
Logo, como tomou do reino cargo,
Tomou mais a conquista do mar largo.

LXVII.

O qual, como do nobre pensamento
Daquella obrigação, que lhe ficara
De seus antepassados, (cujo intento
Foi sempre accrescentar a terra chara)
Não deixasse de ser hum só momento
Conquistado: No tempo, que a luz clara (16)
Foge, e as estrellas nitidas, que sahem,
A repouso convidam, quando cahem;

LXVIII.

Estando já deitado no aureo leito,
Onde imaginações mais certas são,
Revolvendo contino no conceito
De seu officio, e sangue, a obrigação,
Os olhos lhe occupou o somno acceito,
Sem lhe desoccupar o coração;
Porque, tanto que lasso se adormece,
Morpheo em varias formas lhe apparece.

LXIX.

Aqui se lhe apresenta, que subia
Tão alto, que tocava á prima esphera,
Donde diante varios mundos via,
Nações de muita gente estranha, e fera:
E lá bem junto, donde nasce o dia,
Despois que os olhos longos estendera,
Vio de antiguos, longinquos, e altos montes
Nascerem duas claras e altas fontes.

LXX.

Aves agrestes, feras, e alimarias
Pelo monte selvatico habitavam:
Mil arvores silvestres, e hervas varias
O passo, e o trato ás gentes atalhavam:
Estas duras montanhas, adversarias
De mais conversação, por si mostravam,
Que, desque Adão peccou aos nossos annos,
Não as romperam nunca pés humanos.

LXXI.

Das aguas se lhe antolha, que sahiam,
* Par'elle os largos passos inclinando, (17)
Dous homens, que mui velhos pareciam,
De aspeito, inda que agreste, venerando:
Das pontas dos cabellos lhe cahiam
Gottas, que o corpo todo vão banhando,
A côr da pelle baça e denegrida,
A barba hirsuta, intonsa, mas comprida.

LXXII.

D'ambos de dous a fronte coroada
Ramos não conhecidos, e hervas tinha:
Hum delles a presença traz cansada,
Como quem de mais longe alli caminha;
E assi a agua, com impeto alterada,
Parecia, que doutra parte vinha:
Bem como Alpheo de Arcadia em Syracusa
Vai buscar os abraços de Arethusa.

LXXIII.

Este, que era o mais grave na pessoa,
Desta arte para o Rei de longe brada:
Ó tu, a cujos reinos, e coroa
Grande parte do mundo está guardada,
Nós outros, cuja fama tanto voa,
Cuja cerviz bem nunca foi domada,
Te avisâmos, que he tempo, que já mandes
A receber de nós tributos grandes.

LXXIV.

Eu sou o illustre Ganges, que na terra
Celeste tenho o berço verdadeiro: (18)
* Est'outro he o Indo, Rei, que nesta serra, (19)
Que vês, seu nascimento tem primeiro.
Custar-te-hemos com tudo dura guerra:
Mas, insistindo tu; por derradeiro
Com não vistas victorias, sem receio,
A quantas gentes vês porás o freio.

LXXV.

Não disse mais o rio illustre, e santo,
Mas ambos desparecem n'hum momento:
Acorda Manoel c'hum novo espanto,
E grande alteração de pensamento.
Estendeo nisto Phebo o claro manto
Pelo escuro Hemispherio somnolento,
Veio a manhãa no ceo pintando as cores
De pudibunda rosa, e rôxas flores.

LXXVI.

Chama o Rei os senhores a conselho,
E propõe-lhe as figuras da visão,
As palavras lhe diz do sancto velho,
Que a todos foram grande admiração.
Determinam o nautico apparelho,
Para que com sublime coração
Vá a gente, que mandar, cortando os mares,
A buscar novos climas, novos ares.

LXXVII.

Eu, que bem mal cuidava, que em effeito
Se pozesse o, que o peito me pedia;
Que sempre grandes cousas deste geito
Presago o coração me promettia:
Não sei, por que razão, por que respeito,
Ou por que bom signal, que em mi se via,
Me põe o inclyto Rei nas mãos a chave
Deste commettimento grande, e grave.

LXXVIII.

E com rogo, e palavras amorosas;
Que he hum mando nos Reis, que a mais obriga,
Me disse: As cousas arduas e lustrosas
Se alcançam com trabalho, e com fadiga:
Faz as pessoas altas e famosas
A vida, que se perde, e que periga;
Que, quando ao medo infame não se rende,
Então, se menos dura, mais se estende.

LXXIX.

Eu vos tenho entre todos escolhido
Para huma empreza, qual a vós se deve,
Trabalho illustre, duro, e esclarecido,
O que eu sei, que por mi vos será leve.
Não soffri mais; mas logo: Ó Rei subido,
Aventurar-me a ferro, a fogo, a neve,
He tão pouco por vós, que mais me pena
Ser esta vida cousa tão pequena.

LXXX.

Imaginai tamanhas aventuras,
Quaes Eurystheo a Alcides inventava,
O leão Cleonæo, Harpyas duras,
O porco de Erymantho, a Hydra brava,
Descer em fim ás sombras vãas, e escuras,
Onde os campos de Dite a Estyge lava:
Porque a maior perigo, a mor affronta,
Por vós, ó Rei, o esprito, e carne he pronta.

LXXXI.

Com mercês sumptuosas me agradece,
E com razões me louva esta vontade;
Que a virtude louvada vive, e crece,
E o louvor altos casos persuade.
A acompanhar-me logo se offerece,
Obrigado d'amor, e d'amizade,
Não menos cubiçoso de honra, e fama,
O charo meu irmão, Paulo da Gama.

LXXXII.

Mais se me ajunta Nicolao Coelho,
De trabalhos mui grande soffredor:
Ambos são de valia, e de conselho,
D'experiencia em armas, e furor.
Já de manceba gente me apparelho,
Em que cresce o desejo do valor,
Todos de grande esforço; e assi parece,
Quem a tamanhas cousas se offerece.

LXXXIII.

Foram de Manoel remunerados;
Porque com mais amor se apercebessem,
E com palavras altas animados,
Para quantos trabalhos succedessem.
Assi foram os Minyas ajuntados,
Para que o veo dourado combatessem,
Na fatidica náo, que ousou primeira (20)
Tentar o mar Euxino, aventureira.

LXXXIV.

E já no porto da inclyta Ulyssea,
C'hum alvoroço nobre, e c'hum desejo
(Onde o licôr mistura, e branca area
Co'o salgado Neptuno o doce Tejo)
As náos prestes estão: e não refrea
Temor nenhum o juvenil despejo;
Porque a gente maritima, e a de Marte
Estão para seguir-me a toda parte.

LXXXV.

Pelas praias vestidos os soldados
De varias cores vem, e varias artes,
E não menos de esforço apparelhados,
Para buscar do mundo novas partes.
Nas fortes náos os ventos socegados
Ondeam os aerios estandartes:
Ellas promettem, vendo os mares largos,
De ser no Olympo estrellas, como a de Argos.

LXXXVI.

Despois de apparelhados desta sorte,
De quanto tal viagem pede, e manda,
Apparelhámos a alma para a morte,
Que sempre aos nautas ante os olhos anda:
Para o summo Poder, que a etherea côrte
Sustenta só co'a vista veneranda,
Implorámos favor, que nos guiasse,
E que nossos começos aspirasse.

LXXXVII.

Partimos-nos assi do sancto templo,
Que nas praias do mar está assentado,
Que o nome tem da terra, para exemplo
Donde Deos foi em carne ao mundo dado.
Certifico-te, ó Rei, que se contemplo
Como fui destas praias apartado,
Cheio dentro de duvida, e receio,
Que apenas nos meus olhos ponho o freio.

LXXXVIII.

A gente da cidade aquelle dia
(Huns por amigos, outros por parentes,
Outros por ver somente) concorria,
Saudosos na vista, e descontentes:
E nós co'a virtuosa companhia
De mil religiosos diligentes,
Em procissão solemne a Deos orando,
Para os bateis viemos caminhando.

LXXXIX.

Em tão longo caminho, e duvidoso
Por perdidos as gentes nos julgavam,
As mulheres c'hum chôro piedoso,
Os homens com suspiros, que arrancavam:
Mãis, esposas, irmãas (que o temeroso
Amor mais desconfia) accrescentavam
A desesperação, e frio medo
De já nos não tornar a ver tão cedo.

XC.

Qual vai dizendo: Ó filho, a quem eu tinha
Só para refrigerio, e doce amparo
Desta cansada já velhice minha,
Que em chôro acabará penoso, e amaro:
Porque me deixas misera, e mesquinha?
Porque de mi te vás, ó filho charo,
A fazer o funereo enterramento,
Onde sejas de peixes mantimento?

XCI.

Qual em cabello : O doce e amado esposo,
Sem quem não quiz amor, que viver possa;
Porque is aventurar ao mar iroso
Essa vida, que he minha, e não he vossa?
Como por hum caminho duvidoso
Vos esquece a affeição tão dôce nossa?
Nosso amor, nosso vão contentamento
Quereis, que com as velas leve o vento?

XCII.

Nestas e outras palavras, que diziam,
De amor, e de piedosa humanidade,
Os velhos, e os meninos os seguiam,
Em quem menos esforço põe a idade.
Os montes de mais perto respondiam,
Quasi movidos de alta piedade:
A branca areá as lagrimas banhavam,
Que em multidão com ellas se igualavam.

XCIII.

Nós outros, sem a vista alevantarmos
Nem a mãi, nem a esposa, neste estado;
Por nos não magoarmos, ou mudarmos
Do proposito firme começado:
Determinei de assi nos embarcarmos
Sem o despedimento costumado,
Que, postoque he de amor usança boa,
A quem se aparta, ou fica, mais magoa.

XCIV.

Mas hum velho d'aspeito venerando,
Que ficava nas praias entre a gente,
Postos em nós os olhos, meneando
Tres vezes a cabeça, descontente,
A voz pesada hum pouco alevantando,
Que nós no mar ouvimos claramente,
C'hum saber só d'experiencias feito,
Taes palavras tirou do experto peito:

XCV.

Oh gloria de mandar! Oh vãa cobiça
Desta vaidade, a quem chamâmos fama!
Oh fraudulento gosto, que se atiça
C'huma aura popular, que honra se chama:
Que castigo tamanho, e que justiça
Fazes no peito vão, que muito te ama!
Que mortes, que perigos, que tormentas,
Que crueldades nelles exprimentas!

XCVI.

Dura inquietação d'alma, e da vida,
Fonte de desamparos, e adulterios,
Sagaz consumidora conhecida
De fazendas, de reinos, e de imperios:
Chamam-te illustre, chamam-te subida,
Sendo digna de infames vituperios:
Chamam-te fama, e gloria soberana,
Nomes, com quem se o povo nescio engana!

XCVII.

A que novos desastres determinas
De levar estes reinos, e esta gente?
Que perigos, que mortes lhe destinas
Debaixo d'algum nome preeminente?
Que promessas de reinos, e de minas
D'ouro, que lhe farás tão facilmente?
Que famas lhe prometterás? que historias?
Que triumphos? que palmas? que victorias?

XCVIII.

Mas ó tu geração daquelle insano,
Cujo peccado, e desobediencia
Não somente do reino soberano
Te pôz neste desterro, e triste ausencia;
Mas inda d'outro estado, mais que humano,
Da quieta, e da simples innocencia,
Idade d'ouro, tanto te privou,
Que na de ferro, e d'armas te deitou:

XCIX.

Já que nesta gostosa vaidade
Tanto enlevas a leve phantasia:
Já que á bruta crueza, e feridade
Pozeste nome, esforço, e valentia:
Já que prézas em tanta quantidade
O desprezo da vida, que devia
De ser sempre estimada; pois que já
Temeo tanto perdel-a, quem a dá:

C.

Não tens junto comtigo o Ismaelita,
Com quem sempre terás guerras sobejas?
Não segue elle do Arabio a lei maldita,
Se tu pela de Christo só pelejas?
Não tem cidades mil, terra infinita,
Se terras, e riqueza mais desejas?
Não he elle por armas esforçado,
Se queres por victorias ser louvado?

CI.

Deixas criar ás portas o inimigo,
Por ires buscar outro de tão longe,
Por quem se despovôe o reino antigo,
Se enfraqueça, e se vá deitando a longe!
Buscas o incerto, e incognito perigo,
Porque a fama te exalte, e te lisonge,
Chamando-te senhor, com larga copia,
Da India, Persia, Arabia, e da Ethiopia!

CII.

Oh maldito o primeiro, que no mundo
† Nas ondas vela pôz em secco lenho!
* Digno da eterna pena do Profundo, (21)
Se he justa a justa lei, que sigo e tenho:
Nunca juizo algum alto e profundo,
Nem cithara sonora, ou vivo engenho,
Te dê por isso fama, nem memoria;
Mas comtigo se acabe o nome, e a gloria!

CIII.

Trouxe o filho de Jápeto do ceo (22)
O fogo, que ajuntou ao peito humano,
Fogo, que o mundo em armas accendeo,
Em mortes, em deshonras: (grande engano!)
Quanto melhor nos fôra, Prometheo,
E quanto para o mundo menos dano,
Que a tua estatua illustre não tivera
Fogo de altos desejos, que a movera!

CIV.

Não commettêra o moço miserando
O carro alto do pai, nem o ar vazio
O grande architectôr, co'o filho, dando
Hum, nome ao mar, e o outro fama ao rio:
Nenhum commettimento alto, e nefando,
Por fogo, ferro, agua, calma, e frio
Deixa intentado a humana geração. (23)
Misera sorte! Estranha condição!

OS LUSIADAS.

CANTO QUINTO.

I.

Estas sentenças taes o velho honrado
Vociferando estava, quando abrimos
As azas ao sereno e socegado
Vento, e do porto amado nos partimos:
E, como he já no mar costume usado,
A vela desfraldando, o ceo ferimos,
Dizendo: Boa viagem: logo o vento
Nos troncos fez o usado movimento.

II.

Entrava neste tempo o eterno lume
No animal Nemæo truculento,
E o mundo, que com tempo se consume,
Na sexta idade andava enfermo, e lento:
Nella vê, como tinha por costume,
Cursos do Sol quatorze vezes cento,
Com mais noventa e sete, em que corria,
Quando no mar a armada se estendia.

XI.

As Dórcadas passámos, povoadas (4)
Das irmãas, que outro tempo alli viviam,
Que, de vista total sendo privadas,
Todas tres d'hum só olho se serviam:
Tu só, tu cujas tranças encrespadas (5)
Neptuno lá nas aguas accendiam,
Tornada já de todas a mais fêa,
De viboras encheste a ardente arêa.

XII.

Sempre em fim para o Austro a aguda proa,
No grandissimo golfam nos mettemos,
Deixando a serra asperrima Leoa,
Co'o cabo, a quem das Palmas nome demos:
* O Grande rio, onde batendo sôa (6)
O mar nas praias notas, que alli temos,
Ficou, co'a ilha illustre, que tomou
O nome d'hum, que o lado a Deos tocou.

XIII.

Alli o mui grande reino está de Congo,
Por nós já convertido á fé de Christo,
Por onde o Zaire passa claro e longo,
Rio pelos antiguos nunca visto:
Por este largo mar em fim me alongo
Do conhecido polo de Callisto,
Tendo o termino ardente já passado,
Onde o meio do mundo he limitado.

XIV.

Já descoberto tinhamos diante
Lá no novo hemispherio nova estrella, (7)
Não vista de outra gente, que ignorante
Alguns tempos esteve incerta della:
Vimos a parte menos rutilante,
E por falta d'estrellas menos bella,
Do polo fixo, onde inda se não sabe,
Que outra terra comece, ou mar acabe.

XV.

Assi passando aquellas regiões,
Por onde duas vezes passa Apollo,
Dous invernos fazendo, e dous verões,
Em quanto corre d'hum ao outro polo:
Por calmas, por tormentas, e oppressões,
Que sempre faz no mar o irado Eolo,
Vimos as Ursas, a pezar de Juno,
Banharem-se nas aguas de Neptuno.

XVI.

Contar-te longamente as perigosas
Cousas do mar, que os homens não entendem,
Subitas trovoadas, temerosas,
Relampagos, que o ar em fogo accendem,
Negros chuveiros, noites tenebrosas,
Bramidos de trovões, que o mundo fendem;
Não menos he trabalho, que grande erro,
Aindaque tivesse a voz de ferro.

XVII.

Os casos vi, que os rudos marinheiros,
Que tem por mestra a longa experiencia,
Contam por certos sempre, e verdadeiros,
Julgando as cousas só pela apparencia:
E que os, que tem juizos mais inteiros,
Que só por puro engenho, e por sciencia
Vêm do mundo os segredos escondidos,
Julgam por falsos, ou mal entendidos.

XVIII.

Vi claramente visto o lume vivo, (8)
Que a maritima gente tem por santo
Em tempo de tormenta, e vento esquivo,
De tempestade escura, e triste pranto.
Não menos foi a todos excessivo
Milagre, e cousa certo de alto espanto,
Ver as nuvens do mar com largo cano (9)
Sorver as altas aguas do Oceano.

XIX.

Eu o vi certamente (e não presumo,
Que a vista me enganava) levantar-se
No ar hum vaporzinho, e subtil fumo,
E, do vento trazido, rodear-se:
De aqui levado hum cano ao polo summo
Se via, tão delgado, que enxergar-se
Dos olhos facilmente não podia:
Da materia das nuvens parecia.

XX.

Hia-se pouco e pouco accrescentando,
E mais, que hum largo mastro, se engrossava:
Aqui se estreita, aqui se alarga, quando
Os golpes grandes de agua em si chupava:
Estava-se co'as ondas ondeando,
Em cima delle hũa nuvem se espessava,
Fazendo-se maior, mais carregada
Co'o cargo grande d'agua em si tomada.

XXI.

Qual rôxa sanguesuga se veria
Nos beiços da alimaria (que, imprudente,
Bebendo a recolheo na fonte fria)
Fartar co'o sangue alheio a sêde ardente;
Chupando, mais e mais se engrossa, e cria,
Alli se enche, e se alarga grandemente:
Tal a grande columna, enchendo, augmenta
A si, e a nuvem negra, que sustenta.

XXII.

Mas, despois que de todo se fartou,
O pé, que tem no mar, a si recolhe,
E pelo ceo chovendo em fim voou;
Porque co'a agua a jacente agua molhe:
As ondas torna as ondas, que tomou;
Mas o sabor do sal lhe tira, e tolhe.
Vejam agora os sabios na escriptura,
Que segredos são estes de natura.

XXIII.

Se os antiguos philosophos, que andaram
Tantas terras, por ver segredos dellas,
As maravilhas, que eu passei, passaram,
A tão diversos ventos dando as velas:
Que grandes escripturas que deixaram!
Que influição de signos, e de estrellas!
Que estranhezas, que grandes qualidades!
E tudo, sem mentir, puras verdades.

XXIV.

Mas já o planeta, que no ceo primeiro
Habita, cinco vezes apressada,
Agora meio rosto, agora inteiro,
Mostrára, em quanto o mar cortava a armada:
Quando da etherea gavêa hum marinheiro,
Prompto co'a vista, Terra, Terra, brada:
Salta no bordo alvoroçada a gente
Co'os olhos no horizonte do Oriente.

XXV.

Á maneira de nuvens se começam
A descobrir os montes, que enxergâmos:
As ancoras pezadas se adereçam,
As velas já chegados amainâmos:
E para que mais certas se conheçam
As partes tão remotas, onde estamos,
Pelo novo instrumento do Astrolabio,
Invenção de subtil juizo, e sabio:

XXVI.

Desembarcámos logo na espaçosa
Parte, por onde a gente se espalhou, (10)
De ver cousas estranhas desejosa,
Da terra, que outro povo não pizou:
Porêm eu co'os pilotos na arenosa
Praia; por vermos, em que parte estou,
Me detenho em tomar do sol a altura,
E compassar a universal pintura.

XXVII.

Achámos ter de todo já passado
Do Semicapro peixe a grande meta, (11)
Estando entre elle, e o circulo gelado
Austral, parte do mundo mais secreta.
Eis de meus companheiros rodeado,
Vejo hum estranho vir de pelle preta,
Que tomaram por força, em quanto apanha
De mel os doces favos na montanha.

XXVIII.

Torvado vem na vista, como aquelle,
Que não se vira nunca em tal extremo,
Nem elle entende a nós, nem nós a elle,
Selvagem mais, que o bruto Polyphemo:
Começo-lhe a mostrar da rica pelle
De Colchos o gentil metal supremo,
A prata fina, a quente especiaria:
A nada disto o bruto se movia.

XXIX.

Mando mostrar-lhe peças mais somenos,
Contas de crystallino transparente,
Alguns soantes cascaveis pequenos,
Hum barrete vermelho, côr contente.
Vi logo por signaes e por acenos,
Que com isto se alegra grandemente:
Mando-o soltar com tudo, e assi caminha
Para a povoação, que perto tinha.

XXX.

Mas logo ao outro dia seus parceiros,
Todos nus, e da côr da escura treva,
Descendo pelos asperos outeiros,
As peças vem buscar, que est' outro leva:
Domesticos já tanto, e companheiros
Se nos mostram, que fazem, que se atreva
Fernão Velloso a ir ver da terra o trato,
E partir-se com elles pelo mato.

XXXI.

He Velloso no braço confiado,
E de arrogante crê, que vai seguro;
Mas, sendo hum grande espaço já passado,
Em que algum bom signal saber procuro,
Estando, a vista alçada, co'o cuidado
No aventureiro, eis pelo monte duro
Apparece; e, segundo ao mar caminha,
Mais apressado, do que fôra, vinha.

XXXII.

O batel de Coelho foi depressa
Pelo tomar; mas, antes que chegasse,
Hum Ethiope ousado se arremessa
A elle; porque não se lhe escapasse:
Outro e outro lhe sahem, vê-se em pressa
Velloso, sem que alguem lhe alli ajudasse:
Acudo eu logo; e, em quanto o remo aperto,
Se mostra hum bando negro descoberto.

XXXIII.

Da espessa nuvem settas, e pedradas
Chovem sobre nós outros sem medida,
E não foram ao vento em vão deitadas;
Que esta perna trouxe eu dalli ferida:
Mas nós, como pessoas magoadas,
A resposta lhe demos tão tecida,
Que, em mais que nos barretes, se suspeita,
Que a côr vermelha levam desta feita.

XXXIV.

E, sendo já Velloso em salvamento,
Logo nos recolhemos para a armada,
Vendo a malicia fêa, e rudo intento
Da gente bestial, bruta, e malvada,
De quem nenhum melhor conhecimento
Pudémos ter da India desejada,
Que estarmos inda muito longe della:
E assi tornei a dar ao vento a vela.

XXXV.

Disse então a Velloso hum companheiro,
(Começando-se todos a sorrir) (12)
Oulá, Velloso amigo, aquelle outeiro
He melhor de descer, que de subir.
Si he, responde o ousado aventureiro:
Mas, quando eu para cá vi tantos vir
Daquelles cães, depressa hum pouco vim;
Por me lembrar, que estaveis cá sem mim.

XXXVI.

Contou então que, tanto que passaram
Aquelle monte os negros, de quem fallo,
Avante mais passar o não deixaram,
Querendo, se não torna, alli matal-o:
E tornando-se, logo se emboscaram;
Porque, sahindo nós para tomal-o,
Nos podessem mandar ao reino escuro,
Por nos roubarem mais a seu seguro.

XXXVII.

Porêm já cinco soes eram passados,
Que dalli nos partiramos, cortando
Os mares nunca d'outrem navegados,
Prosperamente os ventos assoprando:
Quando huma noite estando descuidados
Na cortadora proa vigiando,
Huma nuvem, que os ares escurece,
Sobre nossas cabeças apparece.

XXXVIII.

Tão temerosa vinha, e carregada,
Que pôz nos corações hum grande medo:
Bramindo o negro mar de longe brada,
Como se désse em vão n'algum rochedo.
Ó Potestade, disse, sublimada!
Que ameaço divino, ou que segredo
Este clima, e este mar nos apresenta,
Que mór cousa parece, que tormenta?

XXXIX.

Não acabava, quando huma figura
Se nos mostra no ar, robusta e válida,
De disforme e grandissima estatura,
O rosto carregado, a barba esqualida,
Os olhos encovados, e a postura
Medonha e má, e a côr terrena e pallida,
Cheios de terra, e crespos os cabellos,
A bôca negra, os dentes amarellos.

XL.

Tão grande era de membros, que bem posso
Certificar-te, que este era o segundo
De Rhodes estranhissimo colosso,
Que hum dos sete milagres foi do mundo:
C'hum tom de voz nos falla horrendo e grosso,
Que pareceo sahir do mar profundo:
Arrepiam-se as carnes e o cabello
A mi, e a todos, só de ouvil-o e vel-o.

XLI.

E disse: Ó gente ousada mais, que quantas
No mundo commetteram grandes cousas,
Tu, que por guerras cruas, taes e tantas,
E por trabalhos vãos nunca repousas:
Pois os vedados terminos quebrantas,
E navegar meus longos mares ousas,
* Que eu tanto tempo ha já que guardo, e tenho,
Nunca arados d'estranho, ou proprio lenho:

XLII.

Pois vens ver os segredos escondidos
Da natureza, e do humido elemento,
A nenhum grande humano concedidos
De nobre ou de immortal merecimento;
Ouve os damnos de mi, que apercebidos
Estão a teu sobejo atrevimento
Por todo o largo mar, e pela terra,
Que inda has de sobjugar com dura guerra.

XLIII.

Sabe, que, quantas náos esta viagem,
Que tu fazes, fizerem de atrevidas,
Inimiga terão esta paragem,
Com ventos, e tormentas desmedidas:
E da primeira armada, que passagem (13)
Fizer por estas ondas insoffridas,
Eu farei d'improviso tal castigo,
Que seja mór o damno, que o perigo.

XLIV.

Aqui espero tomar, se não me engano,
De quem me descobrio, summa vingança: (14)
E não se acabará só nisto o dano
De vossa pertinace confiança;
Antes em vossas náos vereis cada anno
(Se he verdade o, que meu juizo alcança)
Naufragios, perdições de toda sorte,
Que o menor mal de todos seja a morte.

XLV.

E do primeiro illustre, que a ventura (15)
Com fama alta fizer tocar os ceos,
Serei eterna, e nova sepultura,
Por juizos incognitos de Deos:
Aqui porá da Turca armada dura
Os soberbos e prosperos tropheos,
Comigo de seus damnos o ameaça
A destruida Quíloa com Mombaça.

XLVI.

Outro tambem virá de honrada fama, (16)
Liberal, cavalleiro, e namorado,
E comsigo trará a formosa dama,
Que Amor por grão mercê lhe terá dado:
Triste ventura, e negro fado os chama
Neste terreno meu, que duro e irado
Os deixará d'hum cru naufragio vivos,
Para verem trabalhos excessivos.

XLVII.

Verão morrer com fome os filhos charos,
Em tanto amor gerados e nascidos:
Verão os Cafres asperos e avaros
Tirar á linda dama seus vestidos:
Os crystallinos membros, e preclaros
Á calma, ao frio, ao ar verão despidos,
Despois de ter pizada longamente
Co'os delicados pés a arêa ardente.

XLVIII.

E verão mais os olhos, que escaparem
De tanto mal, de tanta desventura,
Os dous amantes miseros ficarem
Na fervida e implacabil espessura:
Alli, despois que as pedras abrandarem
Com lagrimas de dôr, de magoa pura,
Abraçados as almas soltarão
Da formosa e miserrima prisão.

XLIX.

Mais hia por diante o monstro horrendo
Dizendo nossos fados, quando alçado
Lhe disse eu: Quem es tu? que esse estupendo
Corpo certo me tem maravilhado.
A bôca, e os olhos negros retorcendo,
E dando hum espantoso e grande brado,
Me respondeo com voz pezada e amara,
Como quem da pergunta lhe pezara:

L.

Eu sou aquelle occulto, e grande Cabo,
A quem chamais vós outros Tormentorio,
Que nunca a Ptolomeo, Pomponio, Estrabo,
Plinio, e quantos passaram, fui notorio:
Aqui toda a Africana costa acabo
Neste meu nunca visto promontorio,
Que para o polo Antarctico se estende,
A quem vossa ousadia tanto offende.

LI.

Fui dos filhos asperrimos da terra,
Qual Encélado, Egeo, e o Centimano:
Chamei-me Adamastor, e fui na guerra
Contra o, que vibra os raios de Vulcano:
Não que puzesse serra sobre serra;
Mas, conquistando as ondas do Oceano,
Fui capitão do mar, por onde andava
A armada de Neptuno, que eu buscava.

LII.

Amores da alta esposa de Peleo (17)
Me fizeram tomar tamanha empreza,
Todas as deosas desprezei do ceo,
Só por amar das aguas a princeza:
Hum dia a vi co'as filhas de Nereo
Sahir nua na praia; e logo preza
A vontade senti de tal maneira,
Que inda não sinto cousa, que mais queira.

LIII.

Como fosse impossibil alcançal-a
Pela grandeza fêa de meu gesto,
Determinei por armas de tomal-a,
E a Doris este caso manifesto:
De medo a deosa então por mi lhe falla;
Mas ella c'hum formoso riso honesto
Respondeo: qual será o amor bastante
De nympha, que sustente o d'hum gigante?

LIV.

Com tudo, por livrarmos o Oceano
De tanta guerra, eu buscarei maneira,
Com que com minha honra escuse o dano:
Tal resposta me torna a mensageira.
Eu que cahir não pude neste engano,
(Que he grande dos amantes a cegueira)
Encheram-me com grandes abondanças
O peito de desejos, e esperanças.

LV.

Já nescio, já da guerra desistindo,
Huma noite de Doris promettida
Me apparece de longe o gesto lindo
Da branca Thetis unica despida:
Como doudo corri de longe, abrindo
Os braços para aquella, que era vida
Deste corpo; e começo os olhos bellos
A lhe beijar, as faces, e os cabellos.

LVI.

Oh que não sei de nojo como o conte!
Que, crendo ter nos braços quem amava,
Abraçado me achei c'hum duro monte
De aspero mato, e de espessura brava:
Estando c'hum penedo fronte a fronte,
Que eu pelo rosto angelico apertava,
Não fiquei homem não, mas mudo e quedo,
E junto d'hum penedo outro penedo.

LVII.

Ó nympha a mais formosa do Oceano,
Já que minha presença não te agrada,
Que te custava ter-me neste engano,
Ou fosse monte, nuvem, sonho, ou nada?
Daqui me parto irado, e quasi insano
Da magoa, e da deshonra alli passada,
A buscar outro mundo, onde não visse,
Quem de meu pranto e de meu mal se risse.

LVIII.

Eram já neste tempo meus irmãos
Vencidos, e em miseria extrema postos;
E, por mais segurar-se os deoses vãos,
Alguns a varios montes sotopostos:
E como contra o ceo não valem mãos,
Eu, que chorando andava meus desgostos,
Comecei a sentir do fado imigo
Por meus atrevimentos o castigo.

LIX.

Converte-se-me a carne em terra dura,
Em penedos os ossos se fizeram,
Estes membros, que vês, e esta figura
Por estas longas aguas se estenderam:
Em fim, minha grandissima estatura
Neste remoto cabo converteram
Os deoses; e, por mais dobradas magoas,
Me anda Thetis cercando destas agoas. (18)

LX.

Assi contava, e c'hum medonho chôro
Subito d'ante os olhos se apartou:
Desfez-se a nuvem negra, e c'hum sonoro
Bramido muito longe o mar soou.
Eu, levantando as mãos ao sancto côro
Dos Anjos, que tão longe nos guiou,
A Deos pedi, que removesse os duros
Casos, que Adamastor contou futuros.

LXI.

Já Phlegon, e Pyróis vinham tirando, (19)
Co'os outros dous o carro radiante,
Quando a terra alta se nos foi mostrando, (20)
Em que foi convertido o grão gigante:
Ao longo desta costa, começando
Já de cortar as ondas do Levante,
Por ella abaixo hum pouco navegámos,
Onde segunda vêz terra tomámos. (21)

LXII.

A gente, que esta terra possuia,
Postoque todos Ethiópes eram,
Mais humana no trato parecia,
Que os outros, que tão mal nos receberam:
Com bailes, e com festas de alegria
Pela práia arenosa a nós vieram,
As mulheres comsigo, e o manso gado,
Que apascentavam, gordo e bem criado.

LXIII.

As mulheres queimadas vem em cima
Dos vagarosos bôis, alli sentadas,
Animaes, que elles tem em mais estima,
Que todo o outro gado das manadas:
Cantigas pastoris, ou prosa, ou rima,
Na sua lingua cantam, concertadas
Co'o doce som das rusticas avenas,
Imitando de Tityro as Camenas.

LXIV.

Estes, como na vista prazenteiros
Fossem, humanamente nos trataram,
Trazendo-nos gallinhas, e carneiros
A troco d'outras peças, que levaram:
Mas como nunca em fim meus companheiros
Palavra sua alguma lhe alcançaram,
Que désse algum signal do, que buscamos,
As velas dando, as ancoras levamos.

LXV.

Já aqui tinhamos dado hum grão rodeio
Á costa negra de Africa, e tornava
A prôa a demandar o ardente meio
Do ceo, e o polo Antarctico ficava:
Aquelle ilheo deixámos, onde veio
Outra armada primeira, que buscava
O Tormentorio cabo; e, descoberto,
Naquelle ilheo fez seu limite certo. (22)

LXVI.

Daqui fomos cortando muitos dias
Entre tormentas tristes e bonanças,
No largo mar fazendo novas vias,
Só conduzidos de arduas esperanças:
Co'o mar hum tempo andámos em porfias;
Que, como tudo nelle são mudanças,
Corrente nelle achámos tão possante,
Que passar não deixava por diante.

LXVII.

Era maior a força em demasía,
Segundo para traz nos obrigava,
Do mar, que contra nós alli corria,
Que por nós a do vento, que assoprava:
Injuriado Noto da porfia
Em que co'o mar (parece) tanto estava,
Os assopros esforça iradamente,
Com que nos fêz vencer a grão corrente.

LXVIII.

Trazia o Sol o dia celebrado,
Em que tres Reis das partes do Oriente
Foram buscar hum Rei de pouco nado,
No qual Rei outros tres ha juntamente:
Neste dia outro porto foi tomado
Por nós da mesma já contada gente
N'hum largo rio, ao qual o nome demos (23)
Do dia, em que por elle nos mettemos.

LXIX.

Desta gente refresco algum tomámos,
E do rio fresca agua; mas com tudo
Nenhum signal aqui da India achámos
No povo, com nós outros quasi mudo.
Ora vê, Rei, quamanha terra andámos,
Sem sahir nunca deste povo rudo,
Sem vermos nunca nova, nem signal
Da desejada parte Oriental.

LXX.

Ora imagina agora, quão coitados
Andariamos todos, quão perdidos,
De fomes, de tormentas quebrantados,
Por climas, e por mares não sabidos:
E do esperar comprido tão cansados,
Quanto a desesperar já compellidos,
Por ceos não naturaes, de qualidade
Inimiga de nossa humanidade.

LXXI.

Corrupto já e damnado o mantimento,
Damnoso e máo ao fraco corpo humano,
E alem disso nenhum contentamento,
Que se quer da esperança fosse engano:
Crês, tu, que se este nosso ajuntamento
De soldados não fôra Lusitano,
Que durára elle tanto obediente
Por ventura a seu Rei, e a seu regente?

LXXII.

Crês, tu, que já não foram levantados
Contra seu capitão, se os resistira,
Fazendo-se piratas, obrigados
De desesperação, de fome, de ira?
Grandemente por certo estão provados;
Pois que nenhum trabalho grande os tira
Daquella Portugueza alta excellencia
De lealdade firme, e obediencia.

LXXIII.

Deixando o porto em fim do doce rio,
E tornando a cortar a agua salgada,
Fizemos desta costa algum desvio,
Deitando para o pégo toda a armada;
Porque, ventando Noto manso e frio,
Não nos apanhasse a agua da enseada,
Que a costa faz alli daquella banda,
Donde a rica Sofala o ouro manda.

LXXIV.

Esta passada, logo, o leve leme
Encommendado ao sacro Nicolao, (24)
Para onde o mar na costa brada, e geme,
A prôa inclina d'huma, e d'outra náo:
Quando indo o coração, que espera, e teme,
E que tanto fiou d'hum fraco pao,
Do que esperava já desesperado,
Foi d'huma novidade alvoroçado.

LXXV.

E foi, que, estando já da costa perto,
Onde as praias, e valles bem se viam,
N'hum rio, que alli sahe ao mar aberto,
Bateis á vela entravam, e sahiam.
Alegria mui grande foi por certo
Acharmos já pessoas, que sabiam
Navegar; porque entr'ellas esperámos
De achar novas algumas, como achámos.

LXXVI.

Ethiopes são todos, mas parece,
Que com gente melhor communicavam:
Palavra alguma Arabia se conhece
Entre a linguagem sua, que fallavam:
E com panno delgado, que se tece
De algodão, as cabeças apertavam,
Com outro, que de tinta azul se tinge,
Cada hum as vergonhosas partes cinge.

LXXVII.

Pela Arabica lingua, que mal fallam,
E que Fernão Martins mui bem entende,
Dizem, que por náos, que em grandeza igualam
As nossas, o seu mar se corta e fende:
Mas que lá, donde sahe o Sol, se abalam
Para onde a costa ao Sul se alarga, e estende,
E do Sul para o Sol; terra, onde havia
Gente, assi como nós, da côr do dia.

LXXVIII.

Mui grandemente aqui nos alegrámos
Co'a gente, e com as novas muito mais:
Pelos signaes, que neste rio achámos,
O nome lhe ficou dos Bons-Signais:
Hum padrão nesta terra alevantámos;
Que para assignalar lugares tais
Trazia alguns, o nome tem do bello
Guiador de Tobias a Gabelo.

LXXIX.

Aqui de limos, cascas, e d'ostrinhos,
Nojosa criação das aguas fundas,
Alimpámos as náos, que dos caminhos
Longos do mar vem sordidas e immundas.
Dos hospedes, que tinhamos visinhos,
Com mostras aprazíveis e jucundas
Houvemos sempre o usado mantimento,
Limpos de todo o falso pensamento.

LXXX.

Mas não foi da esperança grande e immensa,
Que nesta terra houvemos, limpa e pura
A alegria; mas logo a recompensa
A Rhamnusia com nova desventura. (25)
Assi no Ceo sereno se dispensa:
Com esta condição pezada e dura
Nascemos: o pezar terá firmeza,
Mas o bem logo muda a natureza.

LXXXI.

E foi, que de doença crua e feia
A mais, que eu nunca vi, desampararam
Muitos a vida, e em terra estranha e alheia
Os ossos para sempre sepultaram.
Quem haverá que, sem o ver, o creia?
Que tão disformemente alli lhe incharam
As gingivas na boca, que crescia
A carne, e juntamente apodrecia:

LXXXII.

Apodrecia c'hum fetido e bruto
Cheiro, que o ar visinho inficionava:
Não tinhamos alli medico astuto,
Cirurgião subtil menos se achava;
Mas qualquer neste officio pouco instructo
Pela carne já podre assi cortava,
Como se fôra morta, e bem convinha;
Pois que morto ficava quem a tinha.

LXXXIII.

Em fim que nesta incognita espessura
Deixámos para sempre os companheiros,
Que em tal caminho, e em tanta desventura
Foram sempre comnosco aventureiros.
Quão facil he ao corpo a sepultura!
Quaesquer ondas do mar, quaesquer outeiros
Estranhos, assi mesmo como aos nossos,
Receberão de todo o illustre os ossos. (21)

LXXXIV.

Assi que, deste porto nos partimos
Com maior esperança, e mór tristeza,
E pela costa abaixo o mar abrimos,
Buscando algum signal de mais firmeza:
Na dura Moçambique em fim surgimos,
De cuja falsidade, e má vileza
Já serás sabedor, e dos enganos
Dos povos de Mombaça pouco humanos.

LXXXV.

Até que aqui no teu seguro porto,
Cuja brandura, e doce tratamento
Dará saude a hum vivo, e vida a hum morto,
Nos trouxe a piedade do alto assento:
Aqui repouso, aqui doce conforto,
Nova quietação do pensamento
Nos déste: e vês-aqui, se attento ouviste,
Te contei tudo, quanto me pediste.

LXXXVI.

* Julgas agora, Rei, que houve no mundo (26)
Gentes, que taes caminhos commettessem?
Crês, tu, que tanto Eneas, e o facundo
Ulysses pelo mundo se estendessem?
Ousou algum a ver do mar profundo,
Por mais versos que delle se escrevessem,
Do que eu vi a poder d'esforço e de arte,
E do que inda hei de ver, a oitava parte?

LXXXVII.

Esse, que bebeo tanto da agua Aonia,
Sobre quem tem contenda peregrina (27)
Entre si Rhodes, Smyrna, e Colophonia,
Athenas, Ios, Argo, e Salamina:
† Ess'outro, que esclarece toda Ausonia,
A cuja voz altisona e divina,
Ouvindo, o patrio Mincio se adormece,
Mas o Tybre co'o som se ensoberbece:

LXXXVIII.

Cantem, louvem, e escrevam sempre extremos
Desses seus semideoses, e encareçam,
Fingindo Magas, Circes, Polyphemos,
Sirenas, que co'o canto os adormeçam:
Dem-lhe mais navegar á vela e remos
Os Cicones, e a terra, onde se esqueçam
Os companheiros, em gostando o loto:
Dem-lhe perder nas aguas o piloto:

LXXXIX.

Ventos soltos lhe finjam, e imaginem
Dos odres, e Calypsos namoradas,
Harpyas, que o manjar lhe contaminem,
Descer ás sombras nuas já passadas;
Que, por muito, e por muito que se afinem
Nestas fabulas vãas, tão bem sonhadas,
A verdade, que eu conto nua e pura,
Vence toda grandiloqua escriptura.

XC.

Da boca do facundo Capitão
Pendendo estavam todos embebidos,
Quando deo fim á longa narração
Dos altos feitos grandes, e subidos.
Louva o Rei o sublime coração
Dos Reis em tantas guerras conhecidos:
Da gente louva a antigua fortaleza,
A lealdade d'animo, e nobreza.

XCIX.

Ás Musas agradeça o nosso Gama
O muito amor da patria, que as obriga
A dar aos seus na lyra nome, e fama
De toda a illustre e bellica fadiga;
Que elle, nem quem na estirpe seu se chama,
Calliope não tem por tão amiga,
Nem as filhas do Tejo, que deixassem
As telas d'ouro fino, e que o cantassem:

C.

Porque o amor fraterno, e puro gosto
De dar a todo o Lusitano feito
Seu louvor, he somente o presupposto
Das Tágides gentis, e seu respeito:
Porêm não deixe em fim de ter disposto
Ninguem a grandes obras sempre o peito;
Que por esta, ou por outra qualquer via
Não perderá seu preço, e sua valia.

OS LUSIADAS.

CANTO SEXTO.

I.

Não sabia, em que modo festejasse
O Rei pagão os fortes navegantes;
Para que as amizades alcançasse
Do Rei Christão, das gentes tão possantes:
Pêza-lhe, que tão longe o aposentasse
Das Europeas terras abundantes
A ventura, que não no fez visinho
Donde Hercules ao mar abrio o caminho.

II.

Com jogos, danças, e outras alegrias,
A segundo a policia Melindana,
Com usadas e ledas pescarias,
Com que a Lageia Antonio alegra, e engana, (1)
Este famoso Rei todos os dias
Festeja a companhia Lusitana,
Com banquetes, manjares desusados,
Com fructas, aves, carnes, e pescados.

III.

Mas vendo o Capitão, que se detinha
Já mais, do que devia, e o fresco vento
O convida, que parta, e tome asinha
Os pilotos da terra, e mantimento;
Não se quer mais detêr; que ainda tinha
Muito para cortar do salso argento:
Já do Pagão benigno se despede,
Que a todos amizade longa pede.

IV.

Pede-lhe mais, que aquelle porto seja
Sempre com suas frotas visitado;
Que nenhum outro bem maior deseja,
Que dar a taes barões seu reino e estado:
E que, em quanto seu corpo o esprito reja,
Estará de contino apparelhado
A pôr a vida, e reino totalmente
Por tão bom Rei, por tão sublime gente.

V.

Outras palavras taes lhe respondia
O Capitão, e logo, as velas dando,
Para as terras da Aurora se partia,
Que tanto tempo ha já, que vai buscando.
No piloto, que leva, não havia
Falsidade, mas antes vai mostrando
A navegação certa; e assi caminha
Já mais seguro, do que d'antes vinha.

VI.

As ondas navegavam do Oriente
Já nos mares da India, e enxergavam
Os thalamos do Sol, que nasce ardente:
Já quasi seus desejos se acabavam.
Mas o mao de Thyoneo, que na alma sente
As venturas, que então se apparelhavam
Á gente Lusitana, dellas dina,
Arde, morre, blasphema, e desatina.

VII.

Via estar todo o Ceo determinado
De fazer de Lisboa nova Roma:
Não no pode estorvar; que destinado
Está d'outro poder, que tudo doma.
Do Olympo desce em fim desesperado,
Novo remedio em terra busca, e toma:
Entra no humido reino, e vai-se á corte
Daquelle, a quem o mar cahio em sorte.

VIII.

No mais interno fundo das profundas
Cavernas altas, onde o mar se esconde,
Lá donde as ondas sahem furibundas,
Quando ás iras do vento o mar responde,
Neptuno mora, e moram as jucundas
Nereidas, e outros deoses do mar, onde
As aguas campo deixam ás cidades,
Que habitam estas humidas deidades.

IX.

Descobre o fundo nunca descoberto
As arêas alli de prata fina,
Torres altas se vêm no campo aberto
Da transparente massa crystallina:
Quanto se chegam mais os olhos perto,
Tanto menos a vista determina,
Se he crystal o, que vê, se diamante;
Que assi se mostra claro e radiante.

X.

As portas d'ouro fino, e marchetadas
Do rico aljofar, que nas conchas nace,
De esculptura formosa estão lavradas,
Na qual do irado Baccho a vista pace:
E vê primeiro em côres variadas
Do velho chaos a tão confusa face: (2)
Vêm-se os quatro elementos trasladados,
Em diversos officios occupados.

XI.

Alli sublime o Fogo estava em cima,
Que em nenhuma materia se sostinha,
Daqui as cousas vivas sempre anima,
Despois que Prometheo furtado o tinha.
Logo após elle leve se sublima
O invisibil Ar, que mais asinha
Tomou lugar, e nem por quente, ou frio
Algum deixa no mundo estar vazio.

XII.

Estava a Terra em montes revestida
De verdes hervas, e arvores floridas,
Dando pasto diverso, e dando vida
Ás alimarias nella produzidas:
A clara forma alli estava esculpida
Das Aguas entre a terra desparzidas,
De pescados criando varios modos,
Com seu humor mantendo os corpos todos:

XIII.

N'outra parte esculpida estava a guerra,
Que tiveram os deoses co'os gigantes,
Está Typheo debaixo da alta serra
De Ethna, que as flammas lança crepitantes:
Esculpido se vê ferindo a terra
Neptuno, quando as gentes ignorantes,
Delle o cavallo houveram, e a primeira
De Minerva pacifica oliveira.

XIV.

Pouca tardança faz Lyeo irado
Na vista destas cousas; mas, entrando
Nos paços de Neptuno, que, avisado
Da vinda sua, o estava já aguardando,
Ás portas o recebe, acompanhado
Das nymphas, que se estão maravilhando
De ver que, commettendo tal caminho,
Entre no reino d'agua o rei do vinho:

XV.

Ó Neptuno, lhe disse, não te espantes
De Baccho nos teus reinos receberes;
Porque tambem co'os grandes e possantes
Mostra a fortuna injusta seus poderes:
Manda chamar os deoses do mar, antes
Que falle mais, se ouvir-me o mais quizeres;
Verão da desventura grandes modos,
Ouçam todos o mal, que toca a todos.

XVI.

Julgando já Neptuno, que seria
Estranho caso aquelle, logo manda
Tritão, que chame os deoses da agua fria,
Que o mar habitam d'huma e d'outra banda:
Tritão, que de ser filho se gloria
Do Rei, e de Salacia veneranda,
Era mancebo grande, negro e feio,
Trombeta de seu pai, e seu correio.

XVII.

Os cabellos da barba, e os que decem
Da cabeça nos hombros, todos eram
Huns limos prenhes d'agua, e bem parecem,
Que nunca brando pentem conheceram:
Nas pontas pendurados não fallecem
Os negros misilhões, que alli se geram:
Na cabeça por gorra tinha posta
Huma mui grande casca de lagosta.

XVIII.

O corpo nu, e os membros genitais,
Por não ter ao nadar impedimento;
Mas porêm de pequenos animais
Do mar todos cobertos cento e cento:
Camarões, e cangrejos, e outros mais
† Que recebem de Phebe crescimento:
* Ostras, e breguigões do musgo sujos, (3)
A's costas com a casca os caramujos.

XIX.

Na mão a grande concha retorcida,
Que trazia, com força já tocava:
A voz grande canora foi ouvida
Por todo o mar, que longe retumbava.
Já toda a companhia apercebida
Dos deoses para os paços caminhava
Do deos, que fez os muros de Dardania,
Destruidos despois da Grega insania.

XX.

Vinha o padre Oceano acompanhado
Dos filhos, e das filhas, que gerara:
Vem Nereo, que com Doris foi casado,
Que todo o mar de nymphas povoara:
O propheta Protêo, deixando o gado
Maritimo pascer pela agua amara,
Alli veio tambem; mas já sabia
O, que o padre Lyeo no mar queria.

XXI.

Vinha por outra parte a linda esposa
De Neptuno, de Cælo, e Vesta filha,
Grave, e leda no gesto, e tão formosa,
Que se amansava o mar de maravilha:
Vestida huma camisa preciosa
Trazia de delgada beatilha,
Que o corpo crystallino deixa ver-se;
Que tanto bem não he para esconder-se:

XXII.

Amphitrite, formosa como as flores,
Neste caso não quiz que fallecesse,
O Delphim traz comsigo, que aos amores
Do Rei lhe aconselhou que obedecesse:
Co'os olhos, que de tudo são senhores,
Qualquer parecerá que o Sol vencesse:
Ambas vem pela mão, igual partido;
Pois ambas são esposas d'hum marido.

XXIII.

Aquella, que das furias de Athamante (4)
Fugindo, veio a ter divino estado,
Comsigo traz o filho, bello infante
No numero dos deoses relatado:
Pela praia brincando vem diante
Com as lindas conchinhas, que o salgado
Mar sempre cria, e ás vezes pela area
No collo o toma a bella Panopea.

XXIV.

E o deos, que foi n'hum tempo corpo humano, (5)
E por virtude da herva poderosa
Foi convertido em peixe, e deste dano
Lhe resultou deidade gloriosa,
Inda vinha chorando o fêo engano,
Que Circe tinha usado co'a formosa
Scylla, que elle ama, desta sendo amado;
Que a mais obriga amor mal empregado.

XXV.

Já finalmente todos assentados
Na grande sala, nobre e divinal,
As deosas em riquissimos estrados,
Os deoses em cadeiras de crystal;
Foram todos do Padre agasalhados,
Que co'o Thebano tinha assento igual:
De fumos enche a casa a rica massa (6)
Que no mar nasce, e Arabia em cheiro passa.

XXVI.

Estando socegado já o tumulto
Dos deoses, e de seus recebimentos,
Começa a descobrir do peito occulto
A causa o Thyoneo de seus tormentos:
Hum pouco carregando-se no vulto,
Dando mostra de grandes sentimentos,
Só por dar aos de Luso triste morte
Co'o ferro alheio, falla desta sorte:

XXVII.

Principe, que de juro senhoreas
D'hum polo ao outro polo o mar irado,
Tu, que as gentes da terra toda enfreas;
Que não passem o termo limitado:
E tu, padre Oceano, que rodeas
O mundo universal, e o tens cercado,
E com justo decreto assi permittes,
Que dentro vivam só de seus limites:

XXVIII.

E vós, deoses do mar, que não soffreis
Injuria alguma em vosso reino grande,
Que com castigo igual vos não vingueis
De quem quer, que por elle corra, e ande:
Que descuido foi este, em que viveis?
Quem pode ser, que tanto vos abrande
Os peitos, com razão endurecidos
Contra os humanos fracos, e atrevidos?

XXIX.

Vistes, que com grandissima ousadia
Foram já commetter o ceo supremo: (7)
Vistes aquella insana phantasia
De tentarem o mar com vela, e remo: (8)
Vistes, e ainda vemos cada dia
Soberbas, e insolencias taes, que temo;
Que do mar e do ceo em poucos annos
Venham deoses a ser, e nós humanos.

XXX.

Vedes agora a fraca geração,
Que d'hum vassallo meu o nome toma,
Com soberbo, e altivo coração
A vós, e a mi, e o mundo todo doma:
Vedes, o vosso mar cortando vão,
Mais do que fez a gente alta de Roma:
Vedes, o vosso reino devassando,
Os vossos estatutos vão quebrando.

XXXI.

Eu vi, que contra os Minyas, que primeiro (9)
No vosso reino este caminho abriram,
Boreas injuriado, e o companheiro
Aquilo, e os outros todos resistiram:
Pois se do ajuntamento aventureiro
Os ventos esta injuria assi sentiram,
Vós, a quem mais compete esta vingança,
Que esperais? Porque a pondes em tardança?

XXXII.

E não consinto, deoses, que cuideis,
Que por amor de vós do ceo desci,
Nem da magoa, da injuria, que soffreis,
Mas da que se me fáz tambem a mi;
Que aquellas grandes honras, que sabeis,
Que no mundo ganhei, quando venci
As terras Indianas do Oriente,
Todas vejo abatidas desta gente:

XXXIII.

Que o grão Senhor, e fados, que destinam,
Como lhe bem parece, o baixo mundo,
Famas mores, que nunca, determinam
De dar a estes Barões no mar profundo:
Aqui vereis, ó deoses, como ensinam
O mal tambem a deoses; que, a segundo
Se vê, ninguem já tem menos valia,
Que quem com mais razão valer devia.

XXXIV.

E por isso do Olympo já fugi,
Buscando algum remedio a meus pezares;
Por vêr o preço, que no ceo perdi,
Se por dita acharei nos vossos mares.
† Mais quiz dizer, e não passou daqui;
Porque as lagrimas já correndo a pares
Lhe saltaram dos olhos, com que logo
Se accendem as deidades d'agua em fogo.

XXXV.

A ira, com que subito alterado
O coração dos deoses foi n'hum ponto,
Não soffreo mais conselho bem cuidado,
Nem dilação, nem outro algum desconto:
Ao grande Eolo mandam já recado
Da parte de Neptuno, que sem conto
Solte as furias dos ventos repugnantes;
Que não haja no mar mais navegantes.

XXXVI.

Bem quizera primeiro alli Proteo
Dizer neste negocio o, que sentia,
E, segundo o que a todos pareceo,
Era alguma profunda prophecia:
Porèm tanto o tumulto se moveo
Subito na divina companhia,
Que Tethys indignada lhe bradou:
« Neptuno sabe bem o que mandou. »

XXXVII.

Já lá o soberbo Hyppótades soltava
Do carcere fechado os furiosos
Ventos, que com palavras animava
Contra os Barões audaces, e animosos.
Subito o ceo sereno se obumbrava;
Que os ventos mais, que nunca, impetuosos
Começam novas forças a ir tomando,
Torres, montes, e casas derribando.

XXXVIII.

* Em quanto este concelho se fazia
No fundo aquoso, a leda lassa frota
Com vento socegado proseguia
Pelo tranquillo mar a longa rota:
Era no tempo quando a luz do dia
Do Eoo hemispherio está remota,
Os do quarto da prima se deitavam,
Para o segundo os outros despertavam.

XXXIX.

Vencidos vem do somno, e mal despertos
Bocejando a miude se encostavam
Pelas antennas, todos mal cobertos
Contra os agudos ares, que assopravam:
Os olhos contra seu querer abertos,
* Mas esfregando, os membros estiravam : (10)
Remedios contra o somno buscar querem,
Historias contam, casos mil referem.

XL.

Com que melhor podemos, hum dizia,
Este tempo passar, que he tão pezado,
Senão com algum conto de alegria,
Com que nos deixe o somno carregado?
Responde Leonardo, que trazia
Pensamentos de firme namorado:
Que contos poderemos ter melhores,
Para passar o tempo, que de amores?

XLI.

Não he, disse Velloso, cousa justa
Tratar branduras em tanta aspereza;
Que o trabalho do mar, que tanto custa,
Não soffre amores, nem delicadeza:
Antes de guerra férvida, e robusta
A nossa historia seja; pois dureza
Nossa vida ha de ser, segundo entendo;
Que o trabalho por vir mo está dizendo.

XLII.

Consentem nisto todos, e encommendam
A Velloso, que conte isto, que approva.
Contarei, disse, sem que me reprendam
De contar cousa fabulosa, ou nova:
E porque os, que me ouvirem, daqui aprendam
A fazer feitos grandes de alta prova,
Dos nascidos direi na nossa terra,
E estes sejam os doze de Inglaterra.

XLIII.

No tempo que do reino a redea leve
João, filho de Pedro, moderava:
Despois que socegado e livre o teve
Do visinho poder, que o molestava,
Lá na grande Inglaterra, que da neve
Boreal sempre abunda, semeava
A fera Erinnys dura e má cizania,
Que lustre fosse á nossa Lusitania.

XLIV.

Entre as damas gentis da côrte Inglesa,
E nobres cortezãos acaso hum dia
Se levantou Discordia em ira accesa,
Ou foi opinião, ou foi porfia:
Os cortezãos, a quem tão pouco pesa
Soltar palavras graves de ousadia,
Dizem, que provarão, que honras e famas
Em taes damas não ha para ser damas.

XLV.

E que, se houver alguem, com lança e espada
Que queira sustentar a parte sua,
Que elles em campo razo, ou estacada
Lhe darão fea infamia, ou morte crua.
A feminil fraqueza pouco usada,
Ou nunca a opprobrios taes, vendo-se nua
De forças naturaes convenientes;
Soccorro pede a amigos, e parentes.

XLVI.

Mas, como fossem grandes, e possantes,
No reino os inimigos; não se atrevem
Nem parentes, nem férvidos amantes,
A sustentar as damas, como devem:
Com lagrimas formosas, e bastantes
A fazer, que em soccorro os deoses levem
De todo o Ceo, por rostos de alabastro;
Se vão todas ao Duque de Alencastro.

XLVII.

Era este Inglez potente, e militara
Co'os Portuguezes já contra Castella,
Onde as forças magnanimas provara
Dos companheiros, e benigna estrella:
Não menos nesta terra exprimentara
Namorados affeitos, quando nella
A filha vio, que tanto o peito doma,
Do forte Rei, que por mulher a toma.

XLVIII.

Este, que soccorrer-lhe não queria,
Por não causar discordias intestinas,
Lhe diz: Quando o direito pretendia
Do reino lá das terras Iberinas,
Nos Lusitanos vi tanta ousadia,
Tanto primor, e partes tão divinas,
Que elles sós poderiam, se não erro,
Sustentar vossa parte a fogo e ferro.

XLIX.

E se, aggravadas damas, sois servidas,
Por vós lhe mandarei embaixadores,
Que por cartas discretas, e polidas
De vosso aggravo os façam sabedores:
Tambem por vossa parte encarecidas
Com palavras d'afagos, e d'amores
Lhe sejam vossas lagrimas; que eu creio,
Que alli tereis soccorro, e forte esteio.

L.

Desta arte as aconselha o Duque experto,
E logo lhe nomea dôze fortes:
E, porque cada dama hum tenha certo,
Lhe manda, que sobre elles lancem sortes;
Que ellas só dôze são: e descoberto
Qual a qual tem cahido das consortes,
Cada huma escreve ao seu por varios modos,
E todas a seu Rei, e o Duque a todos.

LI.

Já chega a Portugal o mensageiro,
Toda a côrte alvoroça a novidade:
Quizera o Rei sublime ser primeiro,
Mas não lho soffre a Regia magestade:
Qualquer dos cortezãos aventureiro
Deseja ser com férvida vontade,
E só fica por bemaventurado,
Quem já vem pelo Duque nomeado.

LII.

Lá na leal cidade, donde teve
Origem (como he fama) o nome eterno
De Portugal, armar madeiro leve
Manda o, que tem o leme do governo.
Apercebem-se os dôze em tempo breve
D'armas, e roupas de uso mais moderno,
De elmos, cimeiras, letras, e primores,
Cavallos, e concertos de mil cores.

LIII.

Já do seu Rei tomado tem licença,
Para partir do Douro celebrado,
Aquelles, que escolhidos por sentença
Foram do Duque Inglez exprimentado.
Não ha na companhia differença
De cavalleiro, destro, ou esforçado;
Mas hum só, que Magriço se dizia,
Desta arte falla á forte companhia:

LIV.

Fortissimos consocios, eu desejo
Ha muito já de andar terras estranhas;
Por ver mais aguas, que as do Douro, e Tejo,
Varias gentes, e leis, e varias manhas:
Agora, que apparelho certo vejo,
(Pois que do mundo as cousas são tamanhas)
Quero, se me deixais, ir só por terra;
Porque eu serei comvosco em Inglaterra.

LV.

E quando caso for, que eu, impedido
Por quem das cousas he ultima linha,
Não for comvosco ao prazo instituido,
Pouca falta vos faz a falta minha;
Todos por mi fareis o que he devido:
Mas, se a verdade o esprito me adivinha,
Rios, montes, fortuna, ou sua inveja
Não farão, que eu comvosco lá não seja.

LVI.

Assi diz: e, abraçados os amigos,
E tomada licença, em fim se parte:
Passa Leão, Castella, vendo antigos
Lugares, que ganhára o patrio Marte,
Navarra, co'os altissimos perigos
Do Pyreneo, que Hespanha, e Gallia parte:
Vistas em fim de França as cousas grandes,
* No grande emporio foi parar de Frandes. (11)

LVII.

Alli chegado, ou fosse caso, ou manha,
Sem passar se deteve muitos dias:
Mas dos onze a illustrissima companha
Cortam do mar do Norte as ondas frias.
Chegados de Inglaterra á costa estranha,
Para Londres já fazem todos vias:
Do Duque são com festa agasalhados,
† E das damas servidos, e amimados.

LVIII.

Chega-se o prazo, e dia assignalado
De entrar em campo já co'os dôze Inglezes,
Que pelo Rei já tinham segurado:
Armam-se d'elmos, grevas, e de arnezes:
Já as damas tem por si fulgente, e armado
O Mavorte feroz dos Portuguezes:
Vestem-se ellas de côres, e de sedas,
De ouro, e de joias mil, ricas, e ledas.

LIX.

Mas aquella, a quem fôra em sorte dado
Magriço, que não vinha, com tristeza
Se veste; por não ter quem nomeado
Seja seu cavalleiro nesta empreza:
Bem que os onze apregoam, que acabado
Será o negocio assi na côrte Ingleza,
Que as damas vencedoras se conheçam,
Postoque dous e tres dos seus falleçam.

LX.

Já n'hum sublime, e publico theatro
Se assenta o Rei Inglez com toda a côrte:
Estavão tres e tres, e quatro e quatro,
Bem como a cada qual coubera em sorte.
Não são vistos do Sol, do Tejo ao Bactro, (12)
De força, esforço, e d'animo mais forte
Outros dôze sahir, como os Inglezes,
No campo contra os onze Portuguezes.

LXI.

Mastigam os cavallos escumando
Os aureos freos com feroz sembrante:
Estava o Sol nas armas rutilando,
Como em crystal, ou rigido diamante:
Mas enxerga-se n'hum e n'outro bando
Partido desigual, e dissonante
Dos onze contra os dôze: quando a gente
Começa a alvoroçar-se geralmente.

LXII.

Viram todos o rosto, aonde havia
A causa principal do reboliço:
Eis entra hum cavalleiro, que trazia
Armas, cavallo, ao bellico serviço:
Ao Rei, e ás damas falla, e logo se hia
Para os onze; que este era o grão Magriço:
Abraça os companheiros, como amigos,
A quem não falta certo nos perigos.

LXIII.

A dama, como ouvio, que este era aquelle,
Que vinha a defender seu nome, e fama,
Se alegra, e veste alli do animal de Helle,
Que a gente bruta mais, que virtude, ama.
Já dão signal, e o som da tuba impelle
Os bellicosos animos, que inflamma:
Picam d'esporas, largam redeas logo,
Abaixam lanças, fere a terra fogo.

LXIV.

Dos cavallos o estrepito parece,
Que faz, que o chão debaixo todo treme:
O coração no peito, que estremece,
De quem os olha, se alvoroça, e teme:
Qual do cavallo voa; que não dece:
Qual, co'o cavallo em terra dando, geme:
Qual vermelhas as armas faz de brancas:
Qual co'os pennachos do elmo açouta as ancas.

LXV.

Algum dalli tomou perpetuo sono,
E fez da vida ao fim breve intervallo:
Correndo algum cavallo vai sem dono,
E n'outra parte o dono sem cavallo:
Cahe a soberba Ingleza do seu throno;
Que dous, ou tres já fóra vão do vallo:
Os, que de espada vem fazer batalha,
Mais acham já, que arnez, escudo, e malha.

LXVI.

Gastar palavras em contar extremos
De golpes feros, cruas estocadas,
He desses gastadores, que sabemos,
Maos do tempo com fabulas sonhadas:
Basta por fim do caso, que entendemos,
Que com finezas altas e afamadas
Co'os nossos fica a palma da victoria,
E as damas vencedoras, e com gloria.

LXVII.

Recolhe o Duque os dôze vencedores
Nos seus paços com festas e alegria:
Cozinheiros occupa, e caçadores
Das damas a formosa companhia;
Que querem dar aos seus libertadores
Banquetes mil cada hora, e cada dia,
Em quanto se detem em Inglaterra,
Até tornar á doce, e chara terra.

LXVIII.

Mas dizem, que com tudo o grão Magriço,
Desejoso de ver as cousas grandes,
Lá se deixou ficar, onde hum serviço (13)
Notavel á Condessa fez de Frandes:
E, como quem não era já noviço
Em todo trance, onde tu Marte mandes,
Hum Francez mata em campo, que o destino
Lá teve de Torquato, e de Corvino.

LXIX.

Outro tambem dos dôze em Alemanha (14)
Se lança, e teve hum fero desafio
C'hum Germano enganoso, que com manha
Não devida o quiz pôr no extremo fio.
Contando assi Velloso, já a companha
Lhe pede, que não faça tal desvio
Do caso de Magriço, e vencimento,
Nem deixe o de Alemanha em esquecimento.

LXX.

Mas neste passo assi promptos estando,
Eis o mestre, que olhando os ares anda,
O apito toca; acordam despertando
Os marinheiros d'huma e d'outra banda:
E, porque o vento vinha refrescando,
Os traquetes das gaveas tomar manda:
Alerta, disse, estai; que o vento crece
Daquella nuvem negra, que apparece.

LXXI.

Não eram os traquetes bem tomados,
Quando dá a grande, e subita procella:
Amaina, disse o mestre a grandes brados,
Amaina, disse, amaina a grande vela.
Não esperam os ventos indignados,
Que amainassem; mas, juntos dando nella,
Em pedaços a fazem c'hum ruido,
Que o mundo pareceo ser destruido.

LXXII.

O ceo fere com gritos nisto a gente,
Com subito temor, e desacordo;
Que, no romper da vela, a náo pendente
Toma grão somma d'agua pelo bordo:
Alija, disse o mestre rijamente,
Alija tudo ao mar, não falte acordo,
Vão outros dar á bomba não cessando:
Á bomba; que nos imos alagando.

LXXIII.

Correm logo os soldados animosos
A dar á bomba; e tanto que chegaram,
Os balanços, que os mares temerosos
Deram á náo, n'hum bordo os derribaram:
Tres marinheiros duros, e forçosos
A manear o leme não bastaram,
Talhas lhe punham d'huma e d'outra parte,
* Sẽ aproveitar dos homens força, e arte. (15).

LXXIV.

Os ventos eram taes, que não puderam
Mostrar mais força d'impeto cruel,
Se para derribar então vieram
A fortissima torre de Babel:
Nos altissimos mares, que cresceram,
A pequena grandura d'hum batel
Mostra a possante náo, que move espanto,
Vendo que se sostem nas ondas tanto.

LXXV.

A náo grande, em que vai Paulo da Gama,
Quebrado leva o mastro pelo meio,
Quasi toda alagada : a gente chama
Aquelle, que a salvar o mundo veio.
Não menos gritos vãos ao ar derrama
Toda a náo de Coelho com receio;
Com quanto teve o mestre tanto tento,
Que primeiro amainou, que désse o vento.

LXXVI.

Agora sobre as nuvens os subiam
As ondas de Neptuno furibundo:
Agora a vêr, parece, que desciam
As intimas entranhas do profundo.
Noto, Austro, Boreas, Aquilo queriam
Arruinar a machina do mundo:
A noite negra, e fea se allumia
Co'os raios, em que o polo todo ardia.

LXXVII.

As Halcyoneas aves triste canto (16)
Junto da costa brava levantaram,
Lembrando-se de seu passado pranto,
Que as furiosas aguas lhe causaram:
Os delphins namorados entretanto
Lá nas covas maritimas entraram,
Fugindo a tempestade, e ventos duros,
Que nem no fundo os deixa estar seguros.

LXXVIII.

Nunca tão vivos raios fabricou
Contra a fera soberba dos gigantes
O grão ferreiro sordido, que obrou
Do enteado as armas radiantes:
Nem tanto o grão Tonante arremessou (17)
Relampagos ao mundo fulminantes
No grão diluvio, donde sós viveram
Os dous, que em gente as pedras converteram.

LXXIX.

Quantos montes então que derribaram
As ondas, que batiam denodadas!
Quantas arvores velhas arrancaram
Do vento bravo as furias indignadas!
As forçosas raizes não cuidaram,
Que nunca para o ceo fossem viradas,
Nem as fundas areas, que podessem
Tanto os mares, que em cima as revolvessem.

LXXX.

Vendo Vasco da Gama, que tão perto
Do fim de seu desejo se perdia:
Vendo ora o mar até o inferno aberto,
Ora com nova furia ao ceo subia:
Confuso de temor, da vida incerto,
Onde nenhum remedio lhe valia,
Chama aquelle remedio sancto, e forte,
Que o impossibil pode, desta sorte:

LXXXI.

Divina Guarda, angelica, celeste,
Que os ceos, o mar, e terra senhoreas,
Tu, que a todo Israel refugio déste
Por metade das aguas Erythreas:
Tu, que livraste Paulo, e defendeste
Das syrtes arenosas, e ondas feas,
E guardaste co'os filhos o segundo
Povoador do alagado e vacuo mundo:

LXXXII.

Se tenho novos medos perigosos
† D'outra Scylla, e Charybdis já passados,
Outras syrtes, e baixos arenosos,
Outros Acroceraunios infamados: (18)
No fim de tantos casos trabalhosos
Porque somos de ti desamparados,
Se este nosso trabalho não te offende,
Mas antes teu serviço só pretende?

LXXXIII.

Oh ditosos aquelles, que poderam (19)
Entre as agudas lanças Africanas
Morrer, em quanto fortes sostiveram
A sancta Fé nas terras Mauritanas:
De quem feitos illustres se souberam,
De quem ficam memorias soberanas,
De quem se ganha a vida, com perdel-a,
Doce fazendo a morte as honras della!

LXXXIV.

Assi dizendo, os ventos, que lutavam,
Como touros indomitos bramando,
Mais e mais a tormenta accrescentavam,
Pela miuda enxarcia assoviando:
Relampagos medonhos não cessavam,
Feros trovões, que vem representando
Cahir o ceo dos eixos sobre a terra,
Comsigo os elementos terem guerra.

LXXXV.

Mas já a amorosa estrella scintillava
Diante do Sol claro no horizonte,
Mensageira do dia, e visitava
A terra, e o largo mar com leda fronte:
A deosa, que nos ceos a governava,
De quem foge o ensifero Orionte,
Tanto que o mar, e a chara armada vira,
Tocada junto foi de medo, e de ira.

LXXXVI.

Estas obras de Baccho são por certo,
Disse: mas não será, que avante leve
Tão damnada tenção; que descoberto
Me será sempre o mal, a que se atreve:
Isto dizendo, desce ao mar aberto,
No caminho gastando espaço breve,
Em quanto manda ás nymphas amorosas
Grinaldas nas cabeças pôr de rosas.

LXXXVII.

Grinaldas manda pôr de varias cores
Sobre cabellos louros á porfia:
Quem não dirá, que nascem rôxas flores
Sobre ouro natural, que amor enfia?
Abrandar determina por amores
Dos ventos a nojosa companhia,
Mostrando-lhe as amadas nymphas bellas,
Que mais formosas vinham, que as estrellas.

LXXXVIII.

Assi foi: porque, tanto que chegaram
Á vista dellas, logo lhe fallecem
As forças, com que d'antes pelejaram,
E já como rendidos lhe obedecem:
Os pés, e mãos, parece, que lhe ataram
Os cabellos, que os raios escurecem.
A Boreas, que do peito mais queria,
Assi disse a bellissima Orithya:

LXXXIX.

Não creas, fero Boreas, que te creio,
Que me tiveste nunca amor constante;
Que brandura he de amor mais certo arreio,
E não convem furor a firme amante:
Se já não pões a tanta insania freio,
Não esperes de mi, daqui em diante
Que possa mais amar-te, mas temer-te;
Que amor comtigo em medo se converte.

XC.

Assi mesmo a formosa Galatea
Dizia ao fero Noto; que bem sabe
Que dias ha, que em vêl-a se recrea,
E bem crê, que com elle tudo acabe:
Não sabe o bravo tanto bem se o crea;
Que o coração no peito lhe não cabe:
De contente de vêr, que a dama o manda,
Pouco cuida que faz, se logo abranda.

XCI.

Desta maneira as outras amansavam
Subitamente os outros amadores;
E logo á linda Venus se entregavam,
Amansadas as iras, e os furores:
Ella lhe prometteo, vendo que amavam,
Sempiterno favor em seus amores,
Nas bellas mãos tomando-lhe homenagem
De lhe serem leaes, esta viagem.

XCII.

Já a manhãa clara dava nos outeiros,
Por onde o Ganges murmurando soa,
Quando da celsa gavea os marinheiros
Enxergaram terra alta pela proa:
Já fóra de tormenta, e dos primeiros
Mares, o temor vão do peito voa:
Disse alegre o Piloto Melindano,
« Terra he de Calecut, » se não me engano.

XCIII.

Esta he por certo a terra, que buscais,
Da verdadeira India, que apparece;
E, se do mundo mais não desejais,
Vosso trabalho longo aqui fenece.
Soffrer aqui não pode o Gama mais,
De ledo em vêr, que a terra se conhece,
Os giolhos no chão, as mãos ao ceo,
A mercê grande a Deos agradeceo:

XCIV.

As graças a Deos dava, e razão tinha;
Que não somente a terra lhe mostrava,
Que com tanto temor buscando vinha,
Por quem tanto trabalho exprimentava;
Mas via-se livrado tão asinha
Da morte, que no mar lhe apparelhava
O vento duro, férvido, e medonho,
Como quem despertou de horrendo sonho.

XCV.

Por meio destes horridos perigos,
Destes trabalhos graves, e temores,
Alcançam os, que são de fama amigos,
As honras immortaes, e gráos maiores:
Não encostados sempre nos antigos
Troncos nobres de seus antecessores,
Não nos leitos dourados entre os finos
Animaes de Moscovia zebellinos.

XCVI.

Não co'os manjares novos e exquisitos,
Não co'os passeios molles e ociosos,
Não co'os varios deleites e infinitos,
Que afeminam os peitos generosos:
Não co'os nunca vencidos appetitos,
Que a fortuna tem sempre tão mimosos,
Que não soffre a nenhum, que o passo mude
Para alguma obra heroica de virtude:

XCVII.

Mas com buscar co'o seu forçoso braço
As honras, que elle chame proprias suas,
Vigiando, e vestindo o forjado aço,
Soffrendo tempestades, e ondas cruas,
Vencendo os torpes frios no regaço
Do Sul, e regiões de abrigo nuas,
Engolindo o corrupto mantimento,
Temperado c'hum arduo soffrimento:

XCVIII.

E com forçar o rosto, que se enfia,
A parecer seguro, ledo, inteiro
Para o pelouro ardente, que assovia,
E leva a perna ou braço ao companheiro.
Desta arte, o peito hum callo honroso cria,
Desprezador das honras, e dinheiro,
Das honras, e dinheiro, que a ventura
Forjou, e não virtude justa, e dura.

XCIX.

Desta arte se esclarece o entendimento,
Que experiencias fazem repousado;
E fica vendo, como de alto assento,
O baixo trato humano embaraçado:
Este, onde tiver força o regimento
Direito, e não de affeitos occupado,
Subirá (como deve) a illustre mando
Contra vontade sua, e não rogando.

OS LUSIADAS.

CANTO SEPTIMO.

I.

Já se viam chegados junto á terra,
Que desejada já de tantos fôra,
Que entre as correntes Indicas se encerra,
E o Ganges, que no ceo terreno mora.
Ora sus, gente forte, que na guerra
Quereis levar a palma vencedora,
Já sôis chegados, já tendes diante
A terra de riquezas abundante.

II.

A vós, ó geração de Luso, digo,
Que tão pequena parte sôis no mundo,
Não digo inda no mundo, mas no amigo
Curral, de quem governa o ceo rotundo:
Vós, a quem não somente algum perigo
Estorva conquistar o povo immundo,
Mas nem cobiça, ou pouca obediencia
Da Madre, que nos Ceos está em essencia:

XI.

Se cobiça de grandes senhorios
Vos faz ir conquistar terras alheas,
Não vedes, que Pactolo e Hermo rios,
Ambos volvem auriferas areas?
Em Lydia, Assyria, lavram de ouro os fios,
Africa esconde em si luzentes veas:
Mova-vos já se quer riqueza tanta;
Pois mover-vos não pode a Casa santa.

XII.

Aquellas invenções feras, e novas
De instrumentos mortaes da artilharia
Já devem de fazer as duras provas
Nos muros de Byzancio, e de Turquia:
Fazei, que torne lá ás sylvestres covas
Dos Caspios montes, e da Scythia fria
A Turca geração, que multiplica
Na policia da vossa Europa rica.

XIII.

Gregos, Thraces, Armenios, Georgianos
Bradando-vos estão, que o povo bruto
Lhe obriga os charos filhos aos profanos (5)
Preceitos do Alcorão (duro tributo!):
Em castigar os feitos inhumanos
Vos gloriai de peito forte, e astuto,
E não queirais louvores arrogantes
De serdes contra os vossos mui possantes.

XIV.

Mas em tanto que cegos, e sedentos
Andais de vosso sangue, ó gente insana,
Não faltarão Christãos atrevimentos
Nesta pequena casa Lusitana:
De Africa tem maritimos assentos,
He na Asia mais, que todas, soberana,
Na quarta parte nova os campos ara,
E, se mais mundo houvera, lá chegara.

XV.

E vejamos em tanto, que acontece
Aquelles tão famosos navegantes,
Despois que a branda Venus enfraquece
O furor vão dos ventos repugnantes,
Despois que a larga terra lhe apparece,
Fim de suas porfias tão constantes,
Onde vem semear de Christo a lei,
E dar novo costume, e novo Rei.

XVI.

Tanto que á nova terra se chegaram,
Leves embarcações de pescadores
Acharam, que o caminho lhe mostraram
De Calecut, onde eram moradores:
Para lá logo as proas se inclinaram;
Porque esta era a cidade das melhores
Do Malabar melhor, onde vivia
O Rei, que a terra toda possuia.

XVII.

Alem do Indo jaz, e aquem do Gange
Hum terreno mui grande, e assaz famoso,
Que pela parte Austral o mar abrange,
E para o Norte o Emodio cavernoso:
Jugo de Reis diversos o constrange
A varias leis, alguns o vicioso
Mafoma, alguns os idolos adoram,
Alguns os animaes, que entre elles moram.

XVIII.

Lá bem no grande monte, que, cortando
Tão larga terra, toda Asia discorre,
Que nomes tão diversos vai tomando,
Segundo as regiões, por onde corre,
As fontes saem, donde vem manando
Os rios, cuja grão corrente morre
No mar Indico, e cercam todo o peso
Do terreno, fazendo-o Chersoneso.

XIX.

Entre hum e outro rio em grande espaço
Sae da larga terra hũa longa ponta
Quasi pyramidal, que no regaço
Do mar com Ceilão insula confronta:
E junto, donde nasce o largo braço
Gangetico, o rumor antiguo conta,
Que os visinhos, da terra moradores,
Do cheiro se mantêm das finas flores:

XX.

Mas agora de nomes, e de usança
Novos e varios são os habitantes,
Os Delijs, os Patânes, que em possança
De terra, e gente são mais abundantes:
Decanijs, Oriás, que a esperança
Tem de sua salvação nas resonantes
Aguas do Gange: e a terra de Bengala,
Fertil de sorte, que outra não lhe iguala.

XXI.

O reino de Cambaia bellicoso:
(Dizem que foi de Poro, Rei potente):
O reino de Narsinga, poderoso
Mais de ouro e pedras, que de forte gente:
Aqui se enxerga lá do mar undoso
Hum monte alto, que corre longamente,
Servindo ao Malabar de forte muro,
Com que do Canará vive seguro:

XXII.

Da terra os naturaes lhe chamam Gate,
Do pé do qual pequena quantidade
Se estende hũa fralda estreita, que combate
Do mar a natural ferocidade:
Aqui de outras cidades, sem debate,
Calecut tem a illustre dignidade
De cabeça de imperio rica, e bella:
Samorim se intitula o senhor della.

XXIII.

Chegada a frota ao rico senhorio,
Hum Portuguez mandado logo parte,
A fazer sabedor o Rei gentio
Da vinda sua a tão remota parte.
Entrando o mensageiro pelo rio,
Que alli nas ondas entra, a não vista arte,
A côr, o gesto estranho, o trajo novo
Fez concorrer a vêl-o todo o povo.

XXIV.

Entre a gente, que a vêl-o concorria,
Se chega hum Mahometa, que nascido
Fôra na região da Berberia,
Lá onde fôra Anteo obedecido:
Ou pela visinhança já teria
O reino Lusitano conhecido,
Ou foi já assignalado de seu ferro,
Fortuna o trouxe a tão longo desterro.

XXV.

Em vendo o mensageiro, com jocundo
Rosto, como quem sabe a lingua Hispana,
Lhe disse: Quem te trouxe a est'outro mundo,
Tão longe da tua patria Lusitana?
Abrindo, lhe responde, o mar profundo,
Por onde nunca veio gente humana,
Vimos buscar do Indo a grão corrente,
Por onde a Lei divina se accrescente.

XXVI.

Espantado ficou da grão viagem
O Mouro, que Monçaide se chamava,
Ouvindo as oppressões, que na passagem
Do mar o Lusitano lhe contava:
Mas vendo em fim, que a força da mensagem
Só para o Rei da terra relevava,
Lhe diz, que estava fóra da cidade,
Mas de caminho pouca quantidade:

XXVII.

E que, em tanto que a nova lhe chegasse
De sua estranha vinda, se queria,
Na sua pobre casa repousasse,
E do manjar da terra comeria:
E, despois que se hum pouco recreasse,
Com elle para a armada tornaria;
Que alegria não pode ser tamanha,
Que achar gente visinha em terra estranha.

XXVIII.

O Portuguez acceita de vontade
O, que o ledo Monçaide lhe offerece:
Como se longa fôra já a amizade,
Com elle come e bebe, e lhe obedece:
Ambos se tornam logo da cidade
Para a frota, que o Mouro bem conhece,
Sobem á capitaina, e toda a gente
Monçaide recebeo benignamente.

XXIX.

O Capitão o abraça em cabo ledo,
Ouvindo clara a lingua de Castella,
Junto de si o assenta, e prompto e quedo,
Pela terra pergunta, e cousas della.
Qual se ajuntava em Rhódope o arvoredo,
Só por ouvir o amante da donzella
Eurydice, tocando a lyra de ouro,
Tal a gente se ajunta a ouvir o Mouro.

XXX.

Elle começa: Ó gente, que a natura
Visinha fez de meu paterno ninho,
Que destino tão grande, ou que ventura,
Vos trouxe a commetterdes tal caminho?
Não he sem causa, não, occulta e escura,
Vir do longinquo Tejo, e ignoto Minho
Por mares nunca d'outro lenho arados
A reinos tão remotos e apartados.

XXXI.

Deos por certo vos traz; porque pretende
Algum serviço seu por vós obrado:
Por isso só vos guia, e vos defende
Dos imigos, do mar, do vento irado.
Sabei, que estais na India, onde se estende
Diverso povo, rico, e prosperado
De ouro luzente, e fina pedraria,
Cheiro suave, ardente especiaria.

XXXII.

Esta provincia, cujo porto agora
Tomado tendes, Malabar se chama:
Do culto antiguo os idolos adora,
Que cá por estas partes se derrama:
De diversos Reis he, mas d'hum só fôra
N'outro tempo, segundo a antigua fama:
Saramá Perimal foi derradeiro
Rei, que este reino teve unido, e inteiro:

XXXIII.

Porêm, como a esta terra então viessem
De lá do seio Arabico outras gentes,
Que o culto Mahometico trouxessem,
No qual me instituiram meus parentes;
Succedeo, que prégando convertessem
* O Perimal, de sabias e eloquentes; (6)
Fazem-lhe a lei tomar com fervor tanto,
Que presuppôz de nella morrer santo.

XXXIV.

Náos arma, e nellas mette curioso
Mercadoria, que offereça, rica;
Para ir nellas a ser religioso,
Onde o propheta jaz, que a lei publica:
Antes que parta, o reino poderoso
Co'os seus reparte; porque não lhe fica
Herdeiro proprio: faz os mais acceitos
Ricos de pobres, livres de sujeitos.

XXXV.

A hum Cochim, e a outro Cananor
A qual Chalé, a qual a ilha da Pimenta,
A qual Coulão, a qual dá Cranganor,
E os mais, a quem o mais serve, e contenta.
Hum só moço, a quem tinha muito amor,
Despois que tudo dêo, se lhe apresenta:
Para este Calecut somente fica,
Cidade já por trato nobre, e rica:

XXXVI.

Esta lhe dá co'o titulo excellente
De Imperador, que sôbre os outros mande.
Isto feito, se parte diligente
Para onde em sancta vida acabe, e ande:
E daqui fica o nome de potente
Samorim mais, que todos, digno e grande,
Ao moço, e descendentes, donde vem
Este, que agora o imperio manda, e tem.

XXXVII.

A lei da gente toda, rica e pobre,
De fabulas composta se imagina:
Andam nus, e somente hum panno cobre
As partes, que a cobrir natura ensina:
Dous modos ha de gente; porque a nobre
Naires chamados são, e a menos dina
Poleás tem por nome, a quem obriga
A lei não misturar a casta antiga:

XXXVIII.

Porque os, q̃ usaram sempre hum mesmo officio,
D'outro não podem receber consorte,
Nem os filhos terão outro exercicio,
Senão o de seus passados, até morte.
Para os Naires he certo grande vicio
Destes serem tocados, de tal sorte,
Que, quando algum se toca por ventura,
Com ceremonias mil se alimpa, e apura.

XXXIX.

Desta sorte o Judaico povo antigo
Não tocava na gente de Samária:
Mais estranhezas inda das, que digo,
Nesta terra vereis de usança varia:
Os Naires sós são dados ao perigo
Das armas, sós defendem da contraria
Banda o seu Rei, trazendo sempre usada
Na esquerda a adarga, e na direita a espada.

XL.

Brahmenes são os seus religiosos,
Nome antiguo, e de grande preeminencia:
Observam os preceitos tão famosos (7)
D'hum, que primeiro pôz nome á sciencia:
Não matam cousa viva, e temerosos,
Das carnes tem grandissima abstinencia:
Somente no venereo ajuntamento
Tem mais licença, e menos regimento.

XLI.

Geraes são as mulheres, mas somente
Para os da geração de seus maridos:
Ditosa condição, ditosa gente,
Que não são de ciumes offendidos!
Estes, e outros costumes variamente
São pelos Malabares admittidos:
A terra he grossa em trato em tudo aquillo,
Que as ondas podem dar da China ao Nilo.

XLII.

Assi contava o Mouro: mas vagando
Andava a fama já pela cidade
Da vinda desta gente estranha, quando
O Rei saber mandava da verdade:
Já vinham pelas ruas caminhando,
Rodeados de todo sexo, e idade,
Os principaes, que o Rei buscar mandara
O capitão da armada, que chegara.

XLIII.

Mas elle, que do Rei já tem licença
Para desembarcar, acompanhado
Dos nobres Portuguezes, sem detença
Parte de ricos pannos adornado:
Das côres a formosa differença
A vista alegra ao povo alvoroçado:
O remo compassado fere frio
Agora o mar, despois o fresco rio.

XLIV.

Na praia hum regedor do reino estava,
Que na sua lingua Catual se chama,
Rodeado de Naires, que esperava
Com desusada festa o nobre Gama;
Já na terra nos braços o levava,
E n'hum portatil leito hũa rica cama
Lhe offerece, em que vá (costume usado);
Que nos hombros dos homens he levado.

XLV.

Desta arte o Malabar, dest'arte o Luso,
Caminham lá, para onde o Rei o espera:
Os outros Portuguezes vão ao uso,
Que infantaria segue, esquadra fera:
O povo, que concorre, vai confuso
De vêr a gente estranha, e bem quizera
Perguntar; mas no tempo já passado
Na torre de Babel lhe foi vedado.

XLVI.

O Gama, e o Catual hiam fallando
Nas cousas, que lhe o tempo offerecia:
Monçaide entr'elles vai interpretando
As palavras, que de ambos entendia.
Assi pela cidade caminhando,
Onde huma rica fabrica se erguia
De hum sumptuoso templo, já chegavam,
Pelas portas do qual juntos entravam.

XLVII.

Alli estão das deidades as figuras
Esculpidas em páo, e em pedra fria,
Varios de gestos, varios de pinturas,
A segundo o demonio lhe fingia:
Vêm-se as abominaveis esculpturas,
Qual a Chimera em membros se varia:
Os Christãos olhos, a vêr Deos usados
Em forma humana, estão maravilhados.

XLVIII.

Hum, na cabeça cornos esculpidos,
Qual Jupiter Hammon em Libya, estava:
Outro n'hum corpo rostos tinha unidos,
Bem como o antiguo Jano se pintava:
Outro com muitos braços divididos
A Briarêo parece que imitava:
Outro fronte canina tem de fóra,
Qual Anubis Memphitico se adora.

XLIX.

Aqui feita do barbaro Gentio
A supersticiosa adoração,
Direitos vão, sem outro algum desvio,
Para onde estava o Rei do povo vão:
Engrossando-se vai da gente o fio,
Co'os que vem vêr o estranho Capitão:
Estão pelos telhados, e janellas,
Velhos e moços, donas e donzellas.

L.

Já chegam perto, e não com passos lentos,
Dos jardins odoriferos, formosos,
Que em si escondem os regios aposentos,
Altos de torres não; mas sumptuosos:
Edificam-se os nobres seus assentos
Por entre os arvoredos deleitosos:
Assi vivem os Reis daquella gente
No campo, e na cidade juntamente.

LI.

Pelos portaes da cêrca a subtileza
Se enxérga da Dedálea faculdade,
Em figuras mostrando por nobreza
Da India a mais remota antiguidade:
Affiguradas vão com tal viveza (8)
As historias daquella antigua idade,
Que, quem dellas tiver noticia inteira,
Pela sombra conhece a verdadeira.

LII.

Estava hum grande exercito, que pisa
A terra Oriental, que o Hydaspe lava,
Rege-o hum capitão de fronte lisa,
Que com frondentes thyrsos pelejava:
Por elle edificada estava Nysa
Nas ribeiras do rio, que manava,
Tão proprio, que, se alli estiver Semele,
Dirá por certo, que he seu filho aquelle.

LIII.

Mais avante, bebendo, sécca o rio
Mui grande multidão da Assyria gente,
Sujeita a feminino senhorio
De huma tão bella, como incontinente:
Alli tem junto ao lado nunca frio
Esculpido o feroz ginete ardente,
Com quem teria o filho competencia:
Amor nefando, bruta incontinencia!

LIV.

Daqui mais apartadas tremolavam
As bandeiras de Grecia gloriosas,
Terceira monarchia, e sobjugavam
Até as aguas Gangeticas undosas:
D'hum capitão mancebo se guiavam,
De palmas rodeado valerosas,
Que já, não de Philippo, mas sem falta
De progenie de Jupiter se exalta. (9)

LV.

Os Portuguezes vendo estas memorias,
Dizia o Catual ao Capitão:
Tempo cedo virá, que outras victorias
Estas, que agora olhais, abaterão:
Aqui se escreverão novas historias
Por gentes estrangeiras, que virão;
Que os nossos sabios magos o alcançaram,
Quando o tempo futuro especularam.

LVI.

E diz-lhe mais a magica sciencia,
Que, para se evitar força tamanha,
Não valerá dos homens resistencia;
Que contra o Ceo não val da gente manha:
Mas tambem diz, que a bellica excellencia
Nas armas, e na paz, da gente estranha
Será tal, que será no mundo ouvido
O vencedor, por gloria do vencido.

LVII.

Assi fallando entravam já na sala,
Onde aquelle potente Imperador
N'huma camilha jaz, que não se iguala
De outra alguma no preço, e no lavor:
No recostado gesto se assignala
Hum venerando e prospero senhor:
Hum panno de ouro cinge, e na cabeça
De preciosas gemmas se adereça.

LVIII.

Bem junto delle hum velho reverente,
Co'os giolhos no chão, de quando em quando
Lhe dava a verde folha da herva ardente,
Que a seu costume estava ruminando:
Hum Brahmene, pessoa preeminente,
Para o Gama vem com passo brando;
Para que ao grande Principe o apresente,
Que diante lhe acena, que se assente.

LIX.

Sentado o Gama junto ao rico leito,
Os seus mais afastados, prompto em vista
Estava o Samorim no trajo, e geito
Da gente, nunca de antes delle vista:
Lançando a grave voz do sabio peito,
Que grande autoridade logo aquista
Na opinião do Rei, e do povo todo,
O Capitão lhe falla deste modo:

LX.

Hum grande Rei de lá das partes, onde
O ceo volubil com perpetua roda
Da terra a luz solar co'a terra esconde,
Tingindo a, que deixou, de escura noda,
Ouvindo do rumor, que lá responde,
O ecco, como em ti da India toda
O principado está, e a magestade;
Vinculo quer comtigo de amizade:

LXI.

E por longos rodeios a ti manda,
Por te fazer saber, que tudo aquillo,
Que sôbre o mar, que sôbre as terras anda,
De riquezas, de lá do Tejo ao Nilo,
E desde a fria plaga de Zelanda,
Até bem donde o Sol não muda o estylo
Nos dias, sôbre a gente de Ethiopia,
Tudo tem no seu reino em grande copia.

LXII.

E, se queres com pactos, e lianças
De paz, e de amizade sacra e nua
Commercio consentir das abondanças
Das fazendas da terra sua, e tua;
Porque cresçam as rendas, e abastanças
(Por quem a gente mais trabalha e sua)
De vossos reinos; será certamente
De ti proveito, e delle gloria ingente.

LXIII.

E sendo assi, que o nó desta amizade
Entre vós firmemente permaneça,
Estará prompto a toda adversidade,
Que por guerra a teu reino se offereça,
Com gente, armas, e náos; de qualidade,
Que por irmão te tenha, e te conheça:
E da vontade em ti sôbre isto posta
Me dês a mi certissima resposta.

LXIV.

Tal embaixada dava o Capitão,
A quem o Rei gentio respondia,
Que em vêr embaixadores de nação
Tão remota grão gloria recebia:
Mas neste caso a ultima tenção
Com os de seu conselho tomaria,
Informando-se certo, de quem era
O Rei, e a gente, e terra, que dissera:

LXV.

E que em tanto podia do trabalho
Passado ir repousar, e em tempo breve
Daria a seu despacho hum justo talho,
Com que a seu Rei resposta alegre leve.
Já nisto punha a noite o usado atalho
Ás humanas canseiras; porque ceve
De doce somno os membros trabalhados,
Os olhos occupando ao ocio dados.

LXVI.

Agasalhados fôram juntamente
O Gama e Portuguezes no aposento
Do nobre regedor da Indica gente
Com festas, e geral contentamento.
O Catual, no cargo diligente
De seu Rei, tinha já por regimento
Saber da gente estranha, donde vinha,
Que costumes, que lei, que terra tinha.

LXVII.

Tanto que os igneos carros do formoso
Mancebo Delio vio, que a luz renova,
Manda chamar Monçaide, desejoso
De poder-se informar da gente nova:
Já lhe pergunta prompto e curioso,
Se tem noticia inteira, e certa prova
Dos estranhos, quem são; que ouvido tinha,
Que he gente de sua patria mui visinha:

LXVIII.

Que particularmente alli lhe désse
Informação mui larga, pois fazia
Nisso serviço ao Rei; porque soubesse
O que neste negocio se faria.
Monçaide torna: Postoque eu quizesse
Dizer-te disto mais, não saberia:
Somente sei, que he gente lá de Hespanha,
Onde o meu ninho, e o Sol no mar se banha.

LXIX.

Tem a lei d'hum Propheta, que gerado
Foi sem fazer na carne detrimento
Da Mãi; tal que por bafo está approvado
Do Deos, que tem do mundo o regimento.
O, que entre meus antiguos he vulgado
Delles, he que o valor sanguinolento
Das armas no seu braço resplandece,
O que em nossos passados se parece;

LXX.

Porque elles com virtude sobrehumana
Os deitaram dos campos abundosos
Do rico Tejo, e fresca Guadiana
Com feitos memoraveis, e famosos:
* E, não contentes inda, na Africana (10)
Parte, cortando os mares procellosos,
Nos não querem deixar viver seguros,
Tomando-nos cidades, e altos muros.

LXXI.

Não menos tem mostrado esforço, e manha
Em quaesquer outras guerras, que aconteçam,
Ou das gentes belligeras de Hespanha,
Ou lá d'alguns, que do Pyrene deçam:
Assi que, nunca em fim com lança estranha,
Se tem, que por vencidos se conheçam:
Nem se sabe inda, não, te affirmo e assello,
Para estes Annibáes nenhum Marcello.

LXXII.

E, se esta informação não for inteira
Tanto, quanto convem, delles pretende
Informar-te; que he gente verdadeira,
A quem mais falsidade enoja, e offende:
Vai vêr-lhe a frota, as armas, e a maneira
Do fundido metal, que tudo rende;
E folgarás de veres a policia
Portugueza na paz, e na milicia.

LXXIII.

Já com desejos o Idolátra ardia
De vêr isto, que o Mouro lhe contava:
Manda esquipar bateis; que ir vêr queria
Os lenhos, em que o Gama navegava:
Ambos partem da praia, a quem seguia
A Naira geração, que o mar coalhava:
Á capitaina sobem forte e bella,
Onde Paulo os recebe a bordo della.

LXXIV.

Purpureos são os toldos, e as bandeiras
Do rico fio são, que o bicho gera,
Nellas estão pintadas as guerreiras
Obras, que o forte braço já fizera:
Batalhas tem campaes, aventureiras,
Desafios crueis, pintura fera,
Que, tanto que ao Gentio se apresenta,
A tento nella os olhos apascenta.

LXXV.

Pelo que vê pergunta : mas o Gama
Lhe pedia primeiro, que se assente,
E que aquelle deleite, que tanto ama
A seita Epicurêa, experimente.
Dos espumantes vasos se derrama
O licôr, que Noé mostrara á gente:
Mas comer o Gentio não pretende;
Que a seita, que seguia, lho defende.

LXXVI.

A trombeta, que em paz no pensamento
Imagem faz de guerra, rompe os ares:
Co'o fogo o diabolico instrumento
Se faz ouvir no fundo lá dos mares.
Tudo o Gentio nota; mas o intento
Mostrava sempre ter nos singulares
Feitos dos homens, que em retrato breve
A muda poesia alli descreve.

LXXVII.

* Alça-se em pé, com elle o Gama junto, (11)
* Coelho de outra parte e o Mauritano:
Os olhos põe no bellico transunto
* De hum velho branco, aspeito soberano, (12)
Cujo nome não pode ser defunto,
Em quanto houver no mundo trato humano:
No trajo a Grega usança está perfeita,
Hum ramo por insignia na direita.

LXXVIII.

Hum ramo na mão tinha... Mas ó cego
Eu, que commetto insano, e temerario,
Sem vós, Nymphas do Tejo, e do Mondego,
Por caminho tão arduo, longo, e vario!
Vosso favor invoco, que navego
Por alto mar com vento tão contrario;
Que, se não me ajudais, hei grande medo,
Que o meu fraco batel se alague cedo.

LXXIX.

Olhai, que ha tanto tempo, que, cantando
O vosso Tejo e os vossos Lusitanos,
A fortuna me traz peregrinando,
Novos trabalhos vendo, e novos danos:
Agora o mar, agora exprimentando
Os perigos Mavorcios inhumanos:
Qual Canace, que á morte se condena,
N'huma mão sempre a espada, e n'outra a penna: (13)

LXXX.

Agora com pobreza aborrecida
Por hospicios alheos degradado:
Agora da esperança já adquirida
De novo, mais que nunca, derribado:
Agora ás costas escapando a vida,
Que d'hum fio pendia tão delgado;
Que não menos milagre foi salvar-se,
Que para o Rei Judaico accrescentar-se. (14)

LXXXI.

E ainda, Nymphas minhas, não bastava,
Que tamanhas miserias me cercassem;
Senão que aquelles, que eu cantando andava,
Tal premio de meus versos me tornassem:
A trôco dos descansos, que esperava,
Das capellas de louro, que me honrassem,
Trabalhos nunca usados me inventaram,
Com que em tão duro estado me deitaram.

LXXXII.

Vêde, Nymphas, que engenhos de senhores
O vosso Tejo cria valerosos,
Que assi sabem prezar com taes favores,
A quem os faz, cantando, gloriosos!
Que exemplos a futuros escriptores,
Para espertar engenhos curiosos,
Para pôrem as cousas em memoria,
Que merecerem ter eterna gloria!

LXXXIII.

Pois, logo em tantos males he forçado,
Que só vosso favor me não falleça,
Principalmente aqui, que sou chegado,
Onde feitos diversos engrandeça:
Dai-mo vós sós; que eu tenho já jurado,
Que não no empregue em quem o não mereça,
Nem por lisonja louve algum subido,
Sob pena de não ser agradecido.

LXXXIV.

Nem creais, Nymphas, não, que fama désse
A quem ao bem commum, e do seu Rei
Antepuzer seu proprio interesse,
Imigo da divina e humana lei:
Nenhum ambicioso, que quizesse
Subir a grandes cargos, cantarei,
Só por poder com torpes exercicios
Usar mais largamente de seus vicios.

LXXXV.

Nenhum, que use de seu poder bastante
Para servir a seu desejo feio,
E que, por comprazer ao vulgo errante,
Se muda em mais figuras, que Proteio:
Nem, Camenas, tambem cuideis, que cante
Quem com habito honesto e grave veio,
Por contentar ao Rei no officio novo,
A despir, e roubar o pobre povo.

LXXXVI.

Nem quem acha, que he justo, e que he direito
Guardar-se a lei do Rei severamente,
E não acha, que he justo, e bom respeito,
Que se pague o suor da servil gente:
Nem quem sempre com pouco experto peito
Razões apprende, e cuida que he prudente;
Para taixar com mão rapace, e escassa
Os trabalhos alheios, que não passa.

LXXXVII.

Aquelles sós direi, que aventuraram
Por seu Deos, por seu Rei, a amada vida,
Onde, perdendo-a, em fama a dilataram
Tão bem de suas obras merecida:
Apollo, e as Musas, que me acompanharam,
Me dobrarão a furia concedida,
Em quanto eu tómo alento descansado,
Por tornar ao trabalho, mais folgado.

OS LUSIADAS.

CANTO OITAVO.

I.

Na primeira figura se detinha
O Catual, que vira estar pintada,
Que por divisa hum ramo na mão tinha,
A barba branca, longa, e penteada:
« Quem era, e por que causa lhe convinha
« A divisa, que tem na mão tomada?
Paulo responde, cuja voz discreta
O Mauritano sabio lhe interpreta.

II.

Estas figuras todas, que apparecem,
Bravos em vista, e feros nos aspeitos,
Mais bravos e mais feros se conhecem
Pela fama nas obras e nos feitos:
Antiguos são, mas inda resplandecem
Co'o nome entre os engenhos mais perfeitos:
Este, que vês, he Luso, donde a fama
O nosso reino Lusitania chama.

III.

* Foi filho, ou companheiro do Thebano, (1)
Que tão diversas partes conquistou:
Parece vindo ter ao ninho Hispano,
Seguindo as armas, que contino usou:
* Do Douro, e Guadiana o campo ufano, (2)
Já dito Elysio, tanto o contentou,
Que alli quiz dar aos já cansados ossos
Eterna sepultura, e nome aos nossos.

IV.

O ramo, que lhe vês para divisa,
O verde thyrso foi de Baccho usado,
O qual á nossa idade amostra, e avisa,
* Que foi seu companheiro, ou filho amado. (3)
Vês outro, que do Tejo a terra pisa,
Despois de ter tão longo mar arado,
Onde muros perpetuos edifica,
E templo a Pallas, que em memoria fica?

V.

Ulysses he, o que faz a sancta casa
Á deosa, que lhe dá lingua facunda;
Que, se lá na Asia Troia insigne abrasa,
Cá na Europa Lisboa ingente funda.
Quem será est'outro cá, que o campo arrasa
De mortos com presença furibunda?
Grandes batalhas tem desbaratadas,
Que as aguias nas bandeiras tem pintadas.

VI.

Assi o Gentio diz: responde o Gama:
Este, que vês, pastor já foi de gado,
Viriáto sabemos que se chama,
Destro na lança mais, que no cajado:
Injuriada tem de Roma a fama,
Vencedor invencibil, afamado;
Não tem com elle, não, nem ter puderam
O primôr, que com Pyrrho já tiveram:

VII.

Com força não, com manha vergonhosa
A vida lhe tiraram, que os espanta;
Que o grande aperto em gente, inda que honrosa,
Ás vezes leis magnanimas quebranta.
Outro está aqui, que contra a patria irosa
Degradado comnosco se alevanta:
Escolheo bem, com quem se alevantasse,
Para que eternamente se illustrasse:

VIII.

Vês, comnosco tambem vence as bandeiras
Dessas aves de Jupiter validas;
Que já naquelle tempo as mais guerreiras
Gentes de nós souberam ser vencidas:
Olha tão subtis artes, e maneiras,
Para adquirir os povos, tão fingidas,
A fatidica Cerva, que o avisa:
Elle he Sertorio, e ella a sua divisa:

IX.

Olha est'outra bandeira, e vê pintado
O grão progenitôr dos Reis primeiros:
Nós Húngaro o fazemos, porêm nado
Crem ser em Lotharingia os estrangeiros:
Despois de ter, co'os Mouros, superado (4)
Gallegos e Leonezes cavalleiros,
Á Casa sancta passa o sancto Henrique;
Porque o tronco dos Reis se sanctifique.

X.

Quem he, me dize, est'outro, que me espanta,
(Pergunta o Malabar maravilhado)
Que tantos esquadrões, que gente tanta
Com tão pouca tem roto e destroçado?
Tantos muros asperrimos quebranta,
Tantas batalhas dá, nunca cansado,
Tantas coroas tem por tantas partes
A seus pés derribadas, e estandartes?

XI.

Este he o primeiro Afonso, disse o Gama,
Que todo Portugal aos Mouros toma,
Por quem no Estygio lago jura a Fama
De mais não celebrar nenhum de Roma:
Este he aquelle zeloso, a quem Deos ama,
Com cujo braço o Mouro imigo doma,
Para quem de seu reino abaixa os muros,
Nada deixando já para os futuros.

XII.

Se Cesar, se Alexandre Rei tiveram
Tão pequeno poder, tão pouca gente
Contra tantos imigos, quantos eram
Os, que desbaratava este excellente;
Não creas, que seus nomes se estenderam
Com glorias immortaes tão largamente:
Mas deixa os feitos seus inexplicaveis,
Vê, que os de seus vassallos são notaveis.

XIII.

Este que vês olhar com gesto irado
Para o rompido alumno mal soffrido,
Dizendo-lhe, que o exercito espalhado
Recolha, e torne ao campo defendido:
Torna o moço do velho acompanhado,
Que vencedor o torna de vencido:
Egas Moniz se chama o forte velho,
Para leaes vassallos claro espelho.

XIV.

Vêl-o cá vai co'os filhos a entregar-se,
A corda ao collo, nu de seda e panno;
Porque não quiz o moço sujeitar-se,
Como elle promettera, ao Castelhano:
Fêz com siso e promessas levantar-se
O cêrco, que já estava soberano:
Os filhos, e mulher obriga á pena:
Para que o senhor salve, a si condena.

XV.

Não fêz o consul tanto, que cercado (5)
Foi nas forcas Caudinas de ignorante,
Quando a passar por baixo foi forçado
Do Samnitico jugo triumphante:
Este pelo seu povo injuriado
* A si se entrega só firme e constante; (6)
* Est'outro a si e os filhos naturais,
E a consorte sem culpa, que doe mais.

XVI.

Vês este, que, sahindo da cilada,
Dá sobre o Rei, que cérca a villa forte,
Já o Rei tem preso, e a villa descercada?
Illustre feito, digno de Mavorte!
Vêl-o cá vai pintado nesta armada,
No mar tambem aos Mouros dando a morte,
Tomando-lhe as galés, levando a gloria
Da primeira maritima victoria:

XVII.

He Dom Fuas Roupinho, que na terra (7)
E no mar resplandece juntamente
Co'o fogo, que accendeo junto da serra
De Abyla nas galés da Maura gente:
Olha como em tão justa e sancta guerra
De acabar pelejando está contente:
Das mãos dos Mouros entra a felice alma
Triumphando nos Ceos com justa palma.

XVIII.

Não vês hũ ajuntamento de estrangeiro
Trajo sahir da grande armada nova,
Que ajuda a combater o Rei primeiro
Lisboa, de si dando sancta prova?
Olha Henrique, famoso cavalleiro, (8)
A palma, que lhe nasce junto á cova:
Por elles mostra Deos milagre visto:
Germanos são os martyres de Christo.

XIX.

Hum Sacerdote vê brandindo a espada (9)
Contra Arronches, que toma por vingança
De Leiria, que de antes foi tomada
Por quem por Mafamede enresta a lança:
He Theotonio, Prior. Mas vê cercada
Santarem, e verás a segurança
Da figura nos muros, que primeira
Subindo ergueo das quinas a bandeira:

XX.

* Vêl-o cá, onde Sancho desbarata (10)
Os Mouros de Vandalia em fera guerra,
Os imigos rompendo, o alferes mata,
E Hispalico pendão derriba em terra?
Mem Moniz he, que em si o valor retrata, (11)
Que o sepulchro do pai co'os ossos cerra,
Digno destas bandeiras; pois sem falta
A contraria derriba, e a sua exalta.

XXI.

Olha aquelle, que desce pela lança
Com as duas cabeças dos vigias,
Onde a cilada esconde, com que alcança
A cidade por manhas, e ousadias:
Ella por armas toma a semelhança
Do cavalleiro, que as cabeças frias
Na mão levava: feito nunca feito!
Giraldo Sem-pavôr he o forte peito.

XXII.

Não vês hum Castelhano, que aggravado
De Afonso nono Rei, pelo odio antigo
Dos de Lara co'os Mouros he deitado,
De Portugal fazendo-se inimigo?
Abrantes villa toma, acompanhado
Dos duros infieis, que traz comsigo:
Mas vê, que hum Portuguez com pouca gente
O desbarata, e o prende ousadamente:

XXIII.

Martim Lopes se chama o cavalleiro,
Que destes levar pode a palma, e o louro.
Mas olha hum Ecclesiastico guerreiro, (12)
Que em lança de aço torna o bago de ouro:
Vêl-o entre os duvidosos tão inteiro
Em não negar batalha ao bravo Mouro?
Olha o signal no ceo, que lhe apparece,
Com que nos poucos seus o esforço crece:

XXIV.

Vês, vão os Reis de Cordova, e Sevilha (13)
Rotos, co'os outros dous, e não de espaço:
Rotos? mas antes mortos. Maravilha
Feita de Deos; que não de humano braço!
Vês, já a villa de Alcácere se humilha,
Sem lhe valer defeza, ou muro de aço,
A Dom Mattheus, o Bispo de Lisboa,
Que a coroa de palma alli coroa?

XXV.

Olha hum Mestre, que desce de Castella,
Portuguez de nação, como conquista
A terra dos Algarves, e já nella
Não acha, quem por armas lhe resista:
Com manha, esforço, e com benigna estrella
Villas, castellos toma á escala vista:
Vês Tavila tomada aos moradores,
Em vingança dos sete caçadores?

XXVI.

Vês, com bellica astucia ao Mouro ganha
Sylves, que elle ganhou com força ingente?
He Dom Paio Correa, cuja manha,
E grande esforço faz inveja á gente.
Mas não passes os tres, que em França, e Hespanha
Se fazem conhecer perpetuamente
Em desafios, justas e torneos,
Nellas deixando publicos tropheos:

XXVII.

Vêl-os, co'o nome vem de aventureiros
A Castella, onde o preço sós levaram
Dos jogos de Bellona verdadeiros,
Que com damno de alguns se exercitaram?
Vê mortos os soberbos cavalleiros,
Que o principal dos tres desafiaram,
Que Gonçalo Ribeiro se nomea,
Que póde não temer a lei Lethea.

XXVIII.

Attenta n'hum, que a fama tanto estende,
Que de nenhum passado se contenta,
Que a patria, que de hum fraco fio pende,
Sobre seus duros hombros a sustenta:
Não no vês tinto de ira, que reprende (14)
A vil desconfiança inerte e lenta
Do povo, e faz que tome o doce freio
De Rei seu natural, e não de alheio?

XXIX.

Olha, por seu conselho, e ousadia,
De Deos guiada só, e de sancta estrella,
Só pode o, que impossibil parecia,
Vencer o povo ingente de Castella:
Vês por industria, esforço, e valentia
Outro estrago, e victoria clara e bella
Na gente assi feroz, como infinita,
† Que entre o Tartesso, e Guadiana habita?

XXX.

Mas não vês quasi já desbaratado
O poder Lusitano pela ausencia
Do capitão devoto, que apartado
Orando invoca a summa e trina Essencia?
Vêl-o com préssa já dos seus achado,
Que lhe dizem, que falta resistencia
Contra poder tamanho, e que viesse;
Porque comsigo esforço aos fracos désse?

XXXI.

Mas olha, com que sancta confiança,
Que inda não era tempo, respondia;
Como quem tinha em Deos a segurança
Da victoria, que logo lhe daria:
Assi Pompilio, ouvindo que a possança
Dos imigos a terra lhe corria,
A quem lhe a dura nova estava dando,
Pois eu, responde, estou sacrificando:

XXXII.

Se, quem com tanto esforço em Deos se atreve,
Ouvir quizeres, como se nomea,
Portuguez Scipião chamar-se deve,
Mas mais de Dom Nuno Alvares se arrea:
Ditosa patria, que tal filho teve,
Mas antes pai; que, em quanto o Sol rodea
Este globo de Ceres, e Neptuno,
Sempre suspirará por tal alumno.

XXXIII.

Na mesma guerra vê, que presas ganha
Est'outro capitão de pouca gente,
Commendadores vence, e o gado apanha,
Que levavam roubado ousadamente:
Outra vez vê, que a lança em sangue banha
Destes, só por livrar co'amor ardente
O preso amigo, preso por leal:
Pero Rodrigues he do Landroal.

XXXIV.

Olha este desleal o como paga (15)
† O perjurio, que fêz, e vil engano:
Gil Fernandes he de Elvas, quem o estraga,
E faz vir a passar o ultimo dano:
De Xerez rouba o campo, e quasi alaga
Co'o sangue de seus donos Castelhano.
Mas olha Rui Pereira, que co'o rosto (16)
Faz escudo ás galés, diante posto.

XXXV.

Olha, que dezesete Lusitanos (17)
Neste outeiro subidos se defendem
Fortes de quatro centos Castelhanos,
Que em derredor pelos tomar se estendem:
Porêm logo sentiram com seus danos,
Que não só se defendem, mas offendem:
Digno feito de ser no mundo eterno,
Grande no tempo antiguo, e no moderno.

XXXVI.

Sabe-se antiguamente, que trezentos
Já contra mil Romanos pelejaram
No tempo, que os viris atrevimentos
De Viriáto tanto se illustraram:
E, delles alcançando vencimentos
Memoraveis, de herança nos deixaram,
Que os muitos, por ser poucos, não temamos,
O que despois mil vezes amostramos.

XXXVII.

Olha cá dous Infantes, Pedro, e Henrique,
Progenie generosa de Joanne:
Aquelle faz, que fama illustre fique
Delle em Germania, com que a morte engane: (18)
Este, que ella nos mares o publique
Por seu descobridor, e desengane
De Ceita a Maura tumida vaidade,
Primeiro entrando as portas da cidade.

XXXVIII.

Vês o Conde Dom Pedro, que sustenta (19)
Dous cercos contra toda a Berberia?
Vês outro Conde está, que representa (20)
Em terra Marte em forças, e ousadia?
De poder defender se não contenta
Alcácere da ingente companhia;
Mas do seu Rei defende a chara vida,
Pondo por muro a sua, alli perdida.

XXXIX.

Outros muitos verias, que os pintores
Aqui tambem por certo pintariam;
Mas falta-lhe pincel, faltam-lhe côres,
Honra, premio, favor, que as artes criam:
Culpa dos viciosos successores,
Que degeneram certo, e se desviam
Do lustre, e do valor dos seus passados,
Em gostos e vaidades atolados.

XL.

Aquelles pais illustres, que já deram
Principio á geração, que delles pende,
Pela virtude muito então fizeram,
E por deixar a casa, que descende:
Cegos! Que dos trabalhos, que tiveram,
Se alta fama, e rumôr delles se estende,
Escuros deixam sempre seus menores,
Com lhe deixar descansos corruptores.

XLI.

Outros tambem ha grandes e abastados,
Sem nenhum tronco illustre, donde venham;
Culpa de Reis, que ás vezes a privados
Dão mais, que a mil, que esforço, e saber tenham:
Estes os seus não querem vêr pintados,
Crendo, que côres vãas lhe não convenham,
E, como a seu contrario natural,
A pintura, que falla, querem mal.

XLII.

Não nego, que ha com tudo descendentes
De generoso tronco, e casa rica,
Que com costumes altos e excellentes
Sustentam a nobreza, que lhe fica:
E se a luz dos antiguos seus parentes
Nelles mais o valor não clarifica,
Não falta ao menos, nem se faz escura;
Mas destes acha poucos a pintura.

XLIII.

Assi está declarando os grandes feitos
O Gama, que alli mostra a varia tinta,
Que a douta mão tão claros, tão perfeitos
Do singular artifice alli pinta.
Os olhos tinha promptos e direitos
O Catual na historia bem distinta:
Mil vezes perguntava, e mil ouvia
As gostosas batalhas, que alli via.

XLIV.

Mas já a luz se mostrava duvidosa;
Porque a alampada grande se escondia
Debaixo do horizonte, e luminosa
Levava aos antípodas o dia:
Quando o gentio, e a gente generosa
Dos Naires da náo forte se partia,
A buscar o repouso, que descansa
Os lassos animaes na noite mansa.

XLV.

Entretanto os harúspices famosos
Na falsa opinião, que em sacrificios
Antevêm sempre os casos duvidosos
Por signaes diabolicos, e indicios;
Mandados do Rei proprio, estudiosos
Exercitavam a arte e seus officios
Sobre esta vinda desta gente estranha,
Que ás suas terras vem da ignota Hespanha:

XLVI.

Signal lhe mostra o Demo verdadeiro,
De como a nova gente lhe seria
Jugo perpetuo, eterno captiveiro,
Destruïção de gente, e de valia. (21)
Vai-se espantado o attonito agoureiro
Dizer ao Rei (segundo o que entendia)
Os signaes temerosos, que alcançara
Nas entranhas das victimas, que olhara.

XLVII.

* A isto mais se ajunta, que a hum devoto (22)
Sacerdote da lei de Mafamede,
Dos odios concebidos não remoto
Contra a divina Fé, que tudo excede,
Em forma do propheta falso e noto,
Que do filho da escrava Agar procede,
Baccho odioso em sonhos lhe apparece,
Que de seus odios inda se não dece.

XLVIII.

E diz-lhe assi : Guardai-vos, gente minha,
Do mal, que se apparelha pelo imigo,
Que pelas aguas humidas caminha,
Antes que esteis mais perto do perigo.
Isto dizendo, acorda o Mouro asinha
Espantado do sonho : mas comsigo
Cuida, que não he mais que sonho usado,
Torna a dormir quieto, e socegado.

XLIX.

Torna Baccho, dizendo : Não conheces
O grão legislador, que a teus passados
Tem mostrado o preceito, a que obedeces,
Sem o qual foreis muitos baptizados?
Eu por ti, rudo, vélo, e tu adormeces?
Pois saberás, que aquelles, que chegados
De novo são, serão mui grande dano
Da lei, que eu dei ao nescio povo humano.

L.

Em quanto he fraca a força desta gente,
Ordena como em tudo se resista;
Porque, quando o Sol sahe, facilmente
Se pode nelle pôr a aguda vista:
Porêm, despois que sobe claro e ardente,
Se agudeza dos olhos o conquista,
Tão cega fica, quanto ficareis,
Se raizes criar lhe não tolheis.

LI.

Isto dito, elle, e o somno se despede:
Tremendo fica o attonito Agareno,
Salta da cama, lume aos servos pede,
Lavrando nelle o férvido veneno.
Tanto que a nova luz, que ao Sol precede,
Mostrára rosto angelico e sereno,
Convoca os principaes da torpe seita,
Aos quaes do, que sonhou, dá conta estreita.

LII.

Diversos pareceres, e contrarios
Alli se dão, segundo o que entendiam:
Astutas traïções, enganos varios, (23)
Perfidias inventavam, e teciam:
Mas, deixando conselhos temerarios,
Destruïção da gente pretendiam,
Por manhas mais subtis, e ardis melhores
Com peitas adquirindo os regedores.

LIII.

Com peitas, ouro, e dadivas secretas
Conciliam da terra os principaes,
E com razões notaveis e discretas
Mostram ser perdição dos naturaes;
Dizendo, que são gentes inquietas,
Que, os mares discorrendo Occidentaes,
Vivem só de piráticas rapinas,
Sem Rei, sem leis humanas, ou divinas.

LIV.

Oh quanto deve o Rei, que bem governa,
De olhar, que os conselheiros, ou privados
De consciencia, e de virtude interna,
E de sincero amor sejam dotados!
Porque, como estê posto na superna
Cadeira, pode mal dos apartados
Negocios ter noticia mais inteira,
Do que lhe dér a lingua conselheira.

LV.

Nem tam pouco direi, que tome tanto
Em grosso a consciencia limpa e certa,
Que se enleve n'hum pobre e humilde manto,
Onde ambição a caso ande encoberta:
E quando hum bom em tudo he justo, e santo,
Em negocios do mundo pouco acerta;
Que mal com elles poderá ter conta
A quieta innocencia, em só Deos pronta.

LVI.

Mas aquelles avaros Catuais,
Que o Gentilico povo governavam,
Induzidos das gentes infernais,
O Portuguez despacho dilatavam.
Mas o Gama, que não pretende mais,
De tudo quanto os Mouros ordenavam,
Que levar a seu Rei hum signal certo
Do mundo, que deixava descoberto:

LVII.

Nisto trabalha só, quem bem sabia,
Que, despois que levasse esta certeza,
Armas, e náos, e gente mandaria
Manoel, que exercita a summa alteza,
Com que a seu jugo e lei sobmetteria
Das terras, e do mar a redondeza;
Que elle não era mais, que hum diligente
Descobridor das terras do Oriente.

LVIII.

Fallar ao Rei gentio determina,
Porque com seu despacho se tornasse;
Que já sentia em tudo da malina
Gente impedir-se, quanto desejasse.
O Rei, que da noticia falsa e indina
Não era d'espantar se s'espantasse,
Que tão credulo era em seus agouros,
E mais sendo affirmados pelos Mouros:

LIX.

Este temor lhe esfria o baixo peito:
Por outra parte a força da cobiça,
A quem por natureza está sujeito,
Hum desejo immortal lhe accende, e atiça;
Que bem vê, que grandissimo proveito
Fará, se com verdade, e com justiça
O contrato fizer por longos annos,
Que lhe commette o Rei dos Lusitanos.

LX.

Sobre isto nos conselhos, que tomava,
Achava mui contrarios pareceres;
Que naquelles, com quem se aconselhava,
Executa o dinheiro seus poderes:
O grande Capitão chamar mandava,
A quem, chegado, disse: Se quizeres
Confessar-me a verdade limpa e nua,
Perdão alcançarás da culpa tua:

LXI.

Eu sou bem informado, que a embaixada,
Que de teu Rei me déste, que he fingida;
Porque nem tu tens Rei, nem patria amada,
Mas vagabundo vás passando a vida;
Que quem da Hesperia ultima alongada,
Rei, ou senhor, de insania desmedida,
Ha de vir commetter com náos e frotas
Tão incertas viagens, e remotas?

LXII.

E, se de grandes reinos poderosos
O teu Rei tem a regia magestade,
Que presentes me trazes valerosos,
Signaes de tua incognita verdade?
† Com peças, e dões altos sumptuosos
Se lia dos Reis altos a amizade;
* Que signal, nem penhôr não são bastante (24)
As palavras d'hum vago navegante.

LXIII.

Se por ventura vindes desterrados,
Como já fôram homens d'alta sorte,
Em meu reino sereis agasalhados;
Que toda a terra he patria para o forte:
Ou se piratas sôis ao mar usados,
Dizei-mo sem temor de infamia, ou morte;
Que, por se sustentar em toda idade,
Tudo faz a vital necessidade.

LXIV.

Isto assi dito, o Gama, que já tinha
Suspeitas das insidias, que ordenava
O Mahomético odio, donde vinha
Aquillo, que tão mal o Rei cuidava:
C'huma alta confiança, que convinha,
Com que seguro credito alcançava,
Que Venus Acidalia lhe influia,
Taes palavras do sabio peito abria:

LXV.

Se os antiguos delictos, que a malicia
Humana commetteo na prisca idade,
† Não causaram, que o vaso da nequicia,
Açoute tão cruel da Christandade,
Viera pôr perpetua inimicicia (25)
Na geração de Adão co'a falsidade
(Ó poderoso Rei) da torpe seita;
Não conceberas tu tão má suspeita:

LXVI.

Mas, porque nenhum grande bem se alcança
Sem grandes oppressões, e em todo o feito
Segue o temor os passos da esperança,
Que em suor vive sempre de seu peito;
Me mostras tu tão pouca confiança
Desta minha verdade, sem respeito
Das razões em contrario, que acharias,
Se não cresses, a quem não crer devias:

LXVII.

Porque, se eu de rapinas só vivesse,
Undívago, ou da patria desterrado;
Como crês, que tão longe me viesse
Buscar assento incognito e apartado?
Por que esperanças, ou por que interesse,
Viria exprimentando o mar irado,
Os Antarcticos frios, e os ardores,
Que soffrem do Carneiro os moradores? (26)

LXVIII.

Se com grandes presentes d'alta estima
O credito me pedes do, que digo;
Eu não vim mais, que a achar o estranho clima,
Onde a natura pôz teu reino antigo:
Mas, se a fortuna tanto me sublima,
Que eu torne á minha patria, e reino amigo;
Então verás o dom soberbo e rico,
Com que minha tornada certifico.

LXIX.

Se te parece inopinado feito,
Que Rei da ultima Hesperia a ti me mande;
O coração sublime, o regio peito
Nenhum caso possibil tem por grande:
Bem parece, que o nobre, e grão conceito
Do Lusitano espirito demande
Maior credito, e fé de mais alteza,
Que crêa delle tanta fortaleza.

LXX.

Sabe, que ha muitos annos, que os antigos
Reis nossos firmemente proposeram
De vencer os trabalhos, e perigos,
Que sempre ás grandes cousas se opposeram:
E, descobrindo os mares inimigos
Do quieto descanso, pretenderam
De saber, que fim tinham, e onde estavam
As derradeiras praias, que lavavam.

LXXI.

Conceito digno foi do ramo claro
Do venturoso Rei, que arou primeiro
O mar, por ir deitar do ninho charo
O morador de Abyla derradeiro:
Este por sua industria, e engenho raro,
N'hum madeiro ajuntando outro madeiro,
Descobrir pôde a parte, que faz clara
De Argus, da Hydra a luz, da Lebre, e da Ara. (27)

LXXII.

Crescendo co'os successos bons primeiros
No peito as ousadias, descobriram
Pouco e pouco caminhos estrangeiros,
Que huns, succedendo aos outros, proseguiram:
De Africa os moradores derradeiros
Austraes, que nunca as sete flammas viram, (28)
Foram vistos de nós, atraz deixando
Quantos estão os Trópicos queimando.

LXXIII.

Assi com firme peito, e com tamanho
Proposito vencemos a Fortuna;
Até que nós no teu terreno estranho
Viemos pôr a ultima coluna:
Rompendo a força do liquido estanho,
Da tempestade horrifica, e importuna,
A ti chegámos, de quem só queremos
Signal, que ao nosso Rei de ti levemos.

LXXIV.

Esta he a verdade, Rei; que não faria
Por tão incerto bem, tão fraco premio,
Qual, não sendo isto assi, esperar podia,
Tão longo, tão fingido, e vão proemio:
Mas antes descansar me deixaria
No nunca descansado e fero gremio
Da madre Thetis, qual pirata inico,
Dos trabalhos alheios feito rico.

LXXV.

Assi que, ó Rei, se minha grão verdade
Tens por, qual he, sincera e não dobrada;
Ajunta-me ao despacho brevidade,
Não me impidas o gosto da tornada:
E, se inda te parece falsidade;
Cuida bem na razão, que está provada,
Que com claro juizo pode vêr-se;
Que facil he a verdade d'entender-se.

LXXVI.

Attento estava o Rei na segurança,
Com que provava o Gama o, que dizia:
Concebe delle certa confiança,
Credito firme, em quanto proferia:
Pondera das palavras a abastança,
Julga na autoridade grão valia:
Começa de julgar por enganados
Os Catuaes corruptos, mal julgados.

LXXVII.

Juntamente a cobiça do proveito,
Que espera do contracto Lusitano,
O faz obedecer, e ter respeito
Co'o Capitão, e não co'o Mauro engano:
Em fim, ao Gama manda, que direito
Ás náos se vá; e, seguro d'algum dano,
Possa á terra mandar qualquer fazenda,
Que pela especiaria troque, e venda:

LXXVIII.

Que mande da fazenda, em fim lhe manda,
Que nos reinos Gangeticos falleça,
Se alguma traz idonea lá da banda,
Donde a terra se acaba, e o mar começa.
Já da Real presença veneranda
Se parte o Capitão para onde peça
Ao Catual, que delle tinha cargo,
Embarcação; que a sua está de largo:

LXXIX.

Embarcação, que o leve ás náos, lhe pede:
Mas o máo regedor, que novos laços
Lhe machinava, nada lhe concede,
Interpondo tardanças e embaraços:
Com elle parte ao caes; porque o arrede
Longe, quanto puder, dos regios paços,
Onde, sem que seu Rei tenha noticia,
Faça o, que lhe ensinar sua malicia.

LXXX.

Lá bem longe lhe diz, que lhe daria
Embarcação bastante, em que partisse,
Ou que para a luz crástina do dia
Futuro sua partida differisse.
Já com tantas tardanças entendia
O Gama, que o Gentio consentisse
Na má tenção dos Mouros, torpe e fera,
O que delle atelli não entendera.

LXXXI.

Era este Catual hum, dos que estavam
Corruptos pela Mahometana gente,
O principal, por quem se governavam
As cidades do Samorim potente:
Delle somente os Mouros esperavam
Effeito a seus enganos torpemente:
Elle, que no concerto vil conspira,
De suas esperanças não delira.

LXXXII.

O Gama com instancia lhe requere,
Que o mande pôr nas náos, e não lhe val;
E, que assi lho mandara, lhe refere,
O nobre successor de Perimal:
Por que razão lhe impede, e lhe differe
A fazenda trazer de Portugal;
Pois aquillo, que os Reis já tem mandado,
Não pode ser por outrem derogado?

LXXXIII.

Pouco obedece o Catual corruto
A taes palavras, antes revolvendo
Na phantasia algum subtil, e astuto
Engano diabolico, e estupendo:
Ou, como banhar possa o ferro bruto
No sangue aborrecido, estava vendo:
Ou como as náos em fogo lhe abrazasse;
Porque nenhuma á patria mais tornasse.

LXXXIV.

Que nenhum torne á patria só pretende
O conselho infernal dos Mahometanos;
Porque não saiba nunca, onde se estende
A terra Eóa, o Rei dos Lusitanos.
Não parte o Gama em fim; que lho defende
O regedor dos barbaros profanos:
Nem sem licença sua ir-se podia;
Que as almadías todas lhe tolhia.

LXXXV.

Aos brados e razões do Capitão
† Responde o Idolátra, que mandasse
Chegar á terra as náos, que longe estão;
Porque melhor dalli fôsse, e tornasse:
Signal he de inimigo, e de ladrão,
Que lá tão longe a frota se alargasse,
Lhe diz; porque do certo e fido amigo
He não temer do seu nenhum perigo.

LXXXVI.

Nestas palavras o discreto Gama
Enxerga bem, que as náos deseja perto
O Catual; porque com ferro, e flamma
Lhas assalte por odio descoberto.
Em varios pensamentos se derrama:
Phantasiando está remedio certo,
Que désse a quanto mal se lhe ordenava;
Tudo temia, tudo em fim cuidava.

LXXXVII.

Qual o reflexo lume do polido (29)
Espelho de aço, ou de crystal formoso,
Que, do raio solar sendo ferido,
Vai ferir n'outra parte luminoso;
E, sendo da ociosa mão movido
Pela casa do moço curioso,
Anda pelas paredes, e telhado,
* Trémulo, aqui e alli dessocegado.

LXXXVIII.

Tal o vago juizo fluctuava
Do Gama preso, quando lhe lembrara
Coelho, se por caso o esperava
Na praia co'os bateis, como ordenara:
Logo secretamente lhe mandava,
Que se tornasse á frota, que deixara;
Não fosse salteado dos enganos,
Que esperava dos feros Mahometanos.

LXXXIX.

Tal ha de ser, quem quer co'o dom de Marte
Imitar os illustres, e igualal-os:
Voar co'o pensamento a toda parte,
Adivinhar perigos, e evital-os:
Com militar engenho, e subtil arte
Entender os imigos, e enganal-os,
Crer tudo em fim; que nunca louvarei
O capitão, que diga: Não cuidei. (30)

XC.

Insiste o Malabar em tel-o preso,
Se não manda chegar á terra a armada:
Elle constante, e de ira nobre acceso,
Os ameaços seus não teme nada;
Que antes quer sobre si tomar o peso
De quanto mal a vil malicia ousada
Lhe andar armando, que pôr em ventura
A frota de seu Rei, que tem segura.

XCI.

Aquella noite esteve alli detido,
E parte do outro dia; quando ordena
De se tornar ao Rei: mas impedido
Foi da guarda, que tinha não pequena.
Commette-lhe o Gentio outro partido,
Temendo de seu Rei castigo, ou pena,
Se sabe esta malicia, a qual asinha
Saberá, se mais tempo alli o detinha.

XCII.

Diz-lhe, que mande vir toda a fazenda
Vendibil, que trazia, para terra;
Para que de vagar se troque e venda;
Que, quem não quer commercio, busca guerra.
Postoque os máos propositos entenda
O Gama, que o damnado peito encerra,
Consente; porque sabe por verdade,
Que compra co'a fazenda a liberdade.

XCIII.

Concertam-se, que o nêgro mande dar
Embarcações idoneas, com que venha;
Que os seus bateis não quer aventurar,
Onde lhos tome o imigo, ou lhos detenha:
Partem as almadías a buscar
Mercadoria Hispana, que convenha:
Escreve a seu irmão, que lhe mandasse
A fazenda, com que se resgatasse.

XCIV.

Vem a fazenda á terra, aonde logo
A agasalhou o infame Catual:
Com ella ficam Alvaro e Diogo;
Que a podessem vender pelo que val.
Se mais que obrigação, que mando e rogo,
No peito vil o premio pode e val,
Bem o mostra o Gentio a quem o entenda;
Pois o Gama soltou pela fazenda:

XCV.

Por ella o sólta, crendo que alli tinha
Penhor bastante, donde recebesse
Interesse maior, do que lhe vinha,
Se o Capitão mais tempo detivesse.
Elle vendo, que já lhe não convinha
Tornar a terra; porque não podesse
Ser mais retido, sendo ás náos chegado,
Nellas estar se deixa descansado.

XCVI.

Nas náos estar se deixa vagaroso,
Até vêr o que o tempo lhe descobre;
Que não se fia já do cubiçoso
Regedor corrompido, e pouco nobre.
Veja agora o juizo curioso
Quanto no rico, assi como no pobre,
Pode o vil interesse, e sêde imiga
Do dinheiro, que a tudo nos obriga.

XCVII.

A Polydoro mata o Rei Threïcio, (31)
Só por ficar senhor do grão thesouro:
Entra pelo fortissimo edificio
Com a filha de Acrisio a chuva d'ouro:
Pode tanto em Tarpeia avaro vicio,
Que a trôco do metal luzente, e louro
Entrega aos inimigos a alta torre,
Do qual quasi afogada em pago morre.

XCVIII.

Este rende munidas fortalezas,
Faz traidores, e falsos os amigos:
Este a mais nobres faz fazer vilezas,
E entrega capitães aos inimigos:
Este corrompe virginaes purezas,
Sem temer de honra ou fama alguns perigos:
Este deprava ás vezes as sciencias,
Os juizos cegando, e as consciencias.

XCIX.

Este interpreta mais que subtilmente
Os textos : este faz, e desfaz leis:
Este causa os perjurios entre a gente:
E mil vezes tyrannos torna os Reis.
Até os, que só a Deos Omnipotente
Se dedicam, mil vezes ouvireis,
Que corrompe este encantador, e illude;
Mas não sem côr com tudo de virtude.

OS LUSIADAS.

CANTO NONO.

I.

Tiveram longamente na cidade,
Sem vender-se, a fazenda os dous feitores;
Que os infieis por manha, e falsidade
Fazem, que não lha comprem mercadores;
Que todo seu proposito, e vontade,
Era deter alli os descobridores
Da India tanto tempo, que viessem
De Meca as náos, que as suas desfizessem.

II.

Lá no seio Erythrêo, onde fundada
Arsínoe foi do Egypcio Ptolemeo,
Do nome da irmãa sua assi chamada,
Que despois em Suez se converteo,
Não longe o porto jaz da nomeada
Cidade Meca, que se engrandeceo
Com a superstição falsa, e profana
Da religiosa agua Mahometana. (1)

III.

Gidá se chama o porto, aonde o trato
De todo o Roxo mar mais florecia,
De que tinha proveito grande, e grato
O Soldão, que esse reino possuia.
† Daqui aos Malabares, por contrato
Dos infieis, formosa companhia
De grandes náos pelo Indico Oceano
Especiaria vem buscar cada anno.

IV.

Por estas náos os Mouros esperavam,
Que, como fossem grandes e possantes,
Aquellas, que o commercio lhe tomavam,
Com flammas abrazassem crepitantes:
Neste soccorro tanto confiavam,
Que já não querem mais dos navegantes,
Senão que tanto tempo alli tardassem,
Que da famosa Meca as náos chegassem.

V.

Mas o Governador dos ceos, e gentes,
Que, para quanto tem determinado,
De longe os meios dá convenientes,
Por onde vem a effeito o fim fadado;
Influio piedosos accidentes
De affeição em Monçaide, que guardado
Estava para dar ao Gama aviso,
E merecer por isso o Paraiso.

VI.

Este, de quem se os Mouros não guardavam,
Por ser Mouro, como elles, antes era
Participante em quanto machinavam;
A tenção lhe descobre torpe e fera:
Muitas vezes as náos, que longe estavam,
Visita, e com piedade considera
O damno, sem razão, que se lhe ordena
Pela maligna gente Sarracena:

VII.

Informa o cauto Gama das armadas,
Que de Arabica Meca vem cada anno,
Que agora são dos seus tão desejadas,
Para ser instrumento deste dano:
Diz-lhe, que vem de gente carregadas,
E dos trovões horrendos de Vulcano,
E que pode ser dellas opprimido,
Segundo estava mal apercebido.

VIII.

O Gama, que tambem considerava
O tempo, que para a partida o chama,
E que despacho já não esperava
Melhor do Rei, que os Mahometanos ama:
Aos feitores, que em terra estão, mandava,
Que se tornem ás náos: e, porque a fama
Desta subita vinda os não impida,
Lhe manda, que a fizessem escondida.

IX.

Porêm não tardou muito, que voando
Hum rumor não soasse com verdade,
Que fôram presos os feitores, quando
Fôram sentidos vir-se da cidade.
Esta fama as orelhas penetrando
Do sabio Capitão, com brevidade
Faz represalia n'huns, que ás náos vieram
A vender pedraria, que trouxeram.

X.

Eram estes antiguos mercadores,
Ricos em Calecut, e conhecidos:
Da falta delles logo entre os melhores
Sentido foi, que estão no mar retidos.
Mas já nas náos os bons trabalhadores
Volvem o cabrestante, e, repartidos
Pelo trabalho, huns puxam pela amarra,
Outros quebram co'o peito duro a barra: (2)

XI.

Outros pendem da verga, e já desatam
A vela, que com grita se soltava;
Quando com maior grita ao Rei relatam
A préssa, com que a armada se levava:
As mulheres, e filhos, que se matam,
Daquelles, que vão presos, onde estava
O Samorim, se aqueixam, que perdidos
Huns tem os pais, as outras os maridos.

XII.

Manda logo os feitores Lusitanos
Com toda sua fazenda livremente,
A pezar dos imigos Mahometanos;
Porque lhe torne a sua presa gente:
Desculpas manda o Rei de seus enganos.
Recebe o Capitão de melhor mente
Os presos, que as desculpas; e, tornando
Alguns negros, se parte as velas dando.

XIII.

Parte-se costa abaixo; porque entende,
Que em vão co'o Rei gentio trabalhava
Em querer delle paz, a qual pretende,
Por firmar o commercio, que tratava:
Mas como aquella terra, que se estende
Pela Aurora, sabida já deixava;
Com estas novas torna á patria chara,
Certos signaes levando do que achara.

XIV.

Leva alguns Malabares, que tomou
Por força, dos que o Samorim mandara,
Quando os presos feitores lhe tornou:
Leva pimenta ardente, que comprara:
A sêcca flor de Banda não ficou, (3)
A noz, e o negro cravo, que faz clara
A nova ilha Maluco, co'a canella,
Com que Ceilão he rica, illustre, e bella.

XV.

Isto tudo lhe houvera a diligencia
De Monçaide fiel, que tambem leva;
Que, inspirado de angelica influencia,
Quer no livro de Christo, que se escreva.
Oh ditoso Africano, que a clemencia
Divina assi tirou d'escura treva,
E tão longe da patria achou maneira
Para subir á patria verdadeira!

XVI.

Apartadas assi da ardente costa
As venturosas náos, levando a proa
Para onde a natureza tinha posta
A meta Austrina da esperança boa,
Levando alegres novas, e resposta
Da parte Oriental para Lisboa,
Outra vez commettendo os duros medos
Do mar incerto, timidos e ledos: (4)

XVII.

O prazer de chegar á patria chara,
A seus penates charos, e parentes,
Para contar a peregrina, e rara
Navegação, os varios ceos, e gentes:
Vir a lograr o premio, que ganhara
Por tão longos trabalhos, e accidentes,
Cada hum tem por gosto tão perfeito,
Que o coração para elle he vaso estreito.

XVIII.

Porêm a deosa Cypria, que ordenada
Era para favor dos Lusitanos
Do Padre eterno, e por bom genio dada,
Que sempre os guia já de longos annos;
A gloria por trabalhos alcançada,
Satisfação de bem soffridos danos,
Lhe andava já ordenando, e pretendia
Dar-lhe nos mares tristes alegria.

XIX.

Despois de ter hum pouco revolvido
Na mente o largo mar, que navegaram:
Os trabalhos, que pelo Deos, nascido
Nas Amphionêas Thebas, se causaram:
Já trazia de longe no sentido,
Para premio de quanto mal passaram,
Buscar-lhe algum deleite, algum descanso
No reino de crystal liquido, e manso:

XX.

Algum repouso em fim, com que podesse
Refocillar a lassa humanidade
Dos navegantes seus, como interesse
Do trabalho, que encurta a breve idade.
Parece-lhe razão, que conta désse
A seu filho, por cuja potestade
Os deoses faz descer ao vil terreno,
E os humanos subir ao ceo sereno.

XXI.

Isto bem revolvido, determina
De ter-lhe aparelhada lá no meio
Das aguas alguma insula divina,
Ornada d'esmaltado e verde arreio;
Que muitas tem no reino, que confina
Da primeïra co'o terreno seio, (5)
Afora as que possue soberanas
Para dentro das portas Herculanas.

XXII.

Alli quer, que as aquaticas donzellas
Esperem os fortissimos Barões,
Todas as que tem titulo de bellas,
Gloria dos olhos, dôr dos corações,
Com danças, e chorêas; porque nellas
Influirá secretas affeições,
Para com mais vontade trabalharem
De contentar, a quem se affeiçoarem.

XXIII.

Tal manha buscou já; para que aquelle,
Que de Anchises pario, bem recebido
Fosse no campo, que a bovina pelle
Tomou de espaço por subtil partido:
Seu filho vai buscar; porque só nelle
Tem todo seu poder, fero Cupido;
Que, assi como naquella empreza antiga
A ajudou já, nest'outra a ajude, e siga.

XXIV.

No carro ajunta as aves, que na vida
Vão da morte as exequias celebrando;
E aquellas, em que já foi convertida (6)
Peristéra, as boninas apanhando.
Em derredor da deosa já partida
No ar lascivos beijos se vão dando:
Ella, por onde passa, o ar, e o vento
Sereno faz com brando movimento.

XXV.

Já sobre os Idalíos montes pende,
Onde o filho frecheiro estava então
Ajuntando outros muitos; que pretende
Fazer huma famosa expedição
Contra o mundo rebelde; porque emende
Erros grandes, que ha dias nelle estão,
Amando cousas, que nos fôram dadas,
Não para ser amadas, mas usadas.

XXVI.

Via Acteon na caça tão austero,
De cego na alegria bruta, insana,
Que, por seguir hum feo animal fero,
Foge da gente, e bella forma humana:
E por castigo quer doce e severo
Mostrar-lhe a formosura de Diana,
E guarde-se não seja inda comido
Desses cães, que agora ama, e consumido.

XXVII.

E vê do mundo todo os principais,
Que nenhum no bem publico imagina:
Vê nelles, que não tem amor a mais,
Que a si somente, e a quem Philaucia ensina:
Vê, que esses, que frequentam os reais
Paços, por verdadeira e sãa doutrina,
Vendem adulação, que mal consente
Mondar-se o novo trigo florecente.

XXVIII.

Vê, que aquelles, que devem á pobreza
Amor divino, e ao povo charidade,
Amam somente mandos, e riqueza,
Simulando justiça, e integridade:
Da fea tyrannia, e de aspereza
Fazem direito, e vãa severidade:
Leis em favor do Rei se estabelecem,
As em favor do povo só perecem.

XXIX.

Vê em fim, que ninguem ama o, que deve,
Senão o, que somente mal deseja:
Não quer, que tanto tempo se releve
O castigo, que duro, e justo seja.
Seus ministros ajunta; porque leve
Exercitos conformes á peleja,
Que espera ter co'a mal regida gente,
Que lhe não for agora obediente.

XXX.

Muitos destes meninos voadores
Estão em varias obras trabalhando,
Huns amolando ferros passadores,
Outros hasteas de settas delgaçando:
Trabalhando, cantando estão de amores,
Varios casos em verso modulando,
Melodia sonora, e concertada,
Suave a letra, angelica a soada.

XXXI.

Nas fragoas immortaes, onde forjavam
Para as settas as pontas penetrantes,
Por lenha, corações ardendo estavam;
Vivas entranhas inda palpitantes:
As aguas, onde os ferros temperavam,
Lagrimas são de miseros amantes:
A viva flamma, o nunca morto lume
Desejo he só, que queima, e não consume.

XXXII.

Alguns exercitando a mão andavam
Nos duros corações da plebe ruda:
Crebros suspiros pelo ar soavam
Dos, que feridos vão da setta aguda:
Formosas nymphas são as, que curavam
As chagas recebidas, cuja ajuda
Não somente dá vida aos mal feridos,
Mas põe em vida os inda não nascidos.

XXXIII.

Formosas são algumas, e outras feas,
Segundo a qualidade fôr das chagas;
Que o veneno espalhado pelas veas
Curam-no ás vezes asperas triagas.
Alguns ficam ligados em cadeas
Por palavras subtis de sabias magas,
Isto acontece ás vezes, quando as settas
Acertam de levar hervas secretas.

XXXIV.

Destes tiros assi desordenados,
Que estes moços mal destros vão tirando,
Nascem amores mil desconcertados
Entre o povo ferido, miserando:
E tambem nos heroes de altos estados
Exemplos mil se vêm de amor nefando,
Qual o das môças, Bibli, e Cinyrea: (7)
Hum mancebo de Assyria, hum de Judea.

XXXV.

E vós, ó poderosos, por pastoras
Muitas vezes ferido o peito vedes;
E por baixos e rudos, vós senhoras,
Tambem vos tomam nas Vulcaneas redes.
Huns esperando andais nocturnas horas,
Outros subis telhados e paredes:
Mas eu creio, que deste amor indino
He mais culpa a da mãi, que a do menino.

XXXVI.

Mas já no verde prado o carro leve
Punham os brancos cysnes mansamente,
E Dióne, que as rosas entre a neve
No rosto traz, descia diligente.
O frecheiro, que contra o ceo se atreve,
A recebel-a vem ledo e contente:
Vem todos os Cupidos servidores
Beijar a mão á deosa dos amores.

XXXVII.

Ella; porque não gaste o tempo em vão,
Nos braços tendo o filho, confiada
Lhe diz: Amado filho, em cuja mão (8)
Toda minha potencia está fundada,
Filho, em quem minhas forças sempre estão,
Tu que as armas Typhêas tens em nada;
A soccorrer-me á tua potestade
Me traz especial necessidade.

XXXVIII.

Bem vês as Lusitanicas fadigas,
Que eu já de muito longe favoreço;
Porque das Parcas sei minhas amigas,
Que me hão de venerar, e ter em preço;
E porque tanto imitam as antigas
Obras de meus Romanos, me offereço
A lhe dar tanta ajuda em, quanto posso,
A quanto se estender o poder nosso.

XXXIX.

E porque das insidias do odioso
Baccho fôram na India molestados,
E das injurias sós do mar undoso
Puderam mais ser mortos, que cansados:
No mesmo mar, que sempre temeroso
Lhe foi, quero, que sejam repousados,
Tomando aquelle premio, e doce gloria
Do trabalho, que faz clara a memoria.

XL.

E para isso queria, que feridas
As filhas de Nerêo no ponto fundo,
D'amor dos Lusitanos incendidas,
Que vem de descobrir o novo mundo,
Todas n'huma ilha juntas, e subidas,
Ilha, que nas entranhas do profundo
Oceano terei apparelhada,
† De dões de Flora, e Zephyro adornada:

XLI.

Alli com mil refrescos e manjares,
Com vinhos odoriferos, e rosas,
Em crystallinos paços singulares
Formosos leitos, e ellas mais formosas,
Em fim com mil deleites não vulgares
Os esperem as nymphas amorosas,
D'amor feridas; para lhe entregarem,
Quanto dellas os olhos cubiçarem:

XLII.

Quero, que haja no reino Neptunino,
Onde eu nasci, progenie forte e bella,
E tome exemplo o mundo vil, malino,
Que contra tua potencia se rebella;
Porque entendam, que muro adamantino,
Nem triste hypocrisia val contra ella:
Mal haverá na terra, quem se guarde,
Se teu fogo immortal nas aguas arde.

XLIII.

Assi Venus propôz, e o filho inico,
Para lhe obedecer, já se apercebe:
Manda trazer o arco eburneo, rico,
Onde as settas de ponta de ouro embebe.
Com gesto ledo a Cypria, e impudico
Dentro no carro o filho seu recebe;
A redea larga ás aves, cujo canto
A Phaetontea morte chorou tanto.

XLIV.

Mas diz Cupido, que era necessaria
Huma famosa e celebre terceira,
Que, postoque mil vezes lhe he contraria,
Outras muitas a tem por companheira:
A deosa Gigantêa, temeraria,
Jactante, mentirosa, e verdadeira,
Que com cem olhos vê, e por onde voa,
O, que vê, com mil bôcas apregoa.

XLV.

Vão a buscar, e mandam a diante,
Que celebrando vá com tuba clara
Os louvores da gente navegante,
Mais do que nunca os d'outrem celebrara.
Já murmurando a Fama penetrante
Pelas fundas cavernas se espalhara:
Falla verdade, havida por verdade;
Que junto a deosa traz Credulidade.

XLVI.

O louvor grande, o rumor excellente
No coração dos deoses, que indignados
Fôram por Baccho contra a illustre gente,
Mudando, os fêz hum pouco affeiçoados.
O peito feminil, que levemente
Muda quaesquer propositos tomados,
Já julga por máo zelo, e por crueza
Desejar mal a tanta fortaleza.

XLVII.

Despede nisto o fero moço as settas
Huma após outra, geme o mar co'os tiros:
Direitas pelas ondas inquietas
† Algũas vão, e algũas fazem giros:
Cahem as nymphas, lançam das secretas
Entranhas ardentissimos suspiros:
Cahe qualquer, sem vêr o vulto, que ama;
Que tanto, como a vista, pode a fama.

XLVIII.

Os cornos ajuntou da eburnea lũa, (9)
Com força o môço indomito excessiva;
† Que Tethys quer ferir mais, que nenhũa; (9)
Porque mais, que nenhũa, lhe era esquiva.
† Já não fica na aljava setta algũa, (9)
Nem nos equoreos campos nympha viva:
E, se feridas inda estão vivendo,
Será para sentir, que vão morrendo.

XLIX.

Dai lugar, altas e ceruleas ondas;
Que, vedes, Venus traz a medicina,
Mostrando as brancas velas, e redondas,
Que vem por cima da agua Neptunina:
Para que tu reciproco respondas,
Ardente Amor, á flamma feminina,
He forçado, que a pudicicia honesta
Faça, quanto lhe Venus admoesta.

L.

Já todo o bello côro se apparelha
Das Nereidas, e junto caminhava
Em chorêas gentis, usança velha,
† Para a ilha, a que Venus as guiava:
Alli a formosa deosa lhe aconselha
O, que ella fez mil vezes, quando amava:
Ellas, que vão do doce amor vencidas,
Estão a seu conselho offerecidas.

LI.

Cortando vão as náos a larga via
Do mar ingente para a patria amada,
Desejando prover-se de agua fria
Para a grande viagem prolongada:
Quando juntas com subita alegria
Houveram vista da ilha namorada,
Rompendo pelo ceo a mãi formosa
De Memnónio, suave e deleitosa.

LII.

De longe a ilha viram fresca e bella;
Que Venus pelas ondas lha levava,
(Bem como o vento leva branca vela)
Para onde a forte armada se enxergava;
Que, porque não passassem, sem que nella
Tomassem porto, como desejava,
Para onde as náos navegam a movia
A Acidália, que tudo em fim podia.

LIII.

Mas firme a fêz e immobil, como vio,
Que era dos nautas vista, e demandada;
Qual ficou Delos, tanto que pario
Latôna Phebo, e a deosa á caça usada.
Para lá logo a prôa o mar abrio,
Onde a costa fazia huma enseada
Curva e quieta, cuja branca area
Pintou de ruivas conchas Cytherea.

LIV.

Tres formosos outeiros se mostravam
Erguidos com soberba graciosa,
Que de gramíneo esmalte se adornavam,
Na formosa ilha alegre, e deleitosa:
Claras fontes, e limpidas manavam
Do cume, que a verdura tem viçosa:
Por entre pedras alvas se deriva
A sonorosa lympha fugitiva.

LV.

N'hum valle ameno, que os outeiros fende,
Vinham as claras aguas ajuntar-se,
Onde huma mesa fazem, que se estende
Tão bella, quanto pode imaginar-se:
Arvoredo gentil sôbre ella pende,
Como que prompto está para affeitar-se,
Vendo-se no crystal resplandecente,
Que em si o está pintando propriamente.

LVI.

Mil arvores estão ao ceo subindo
Com pomos odoriferos e bellos:
† A larangeira tem no fruito lindo
A côr, que tinha Daphne nos cabellos:
Encosta-se no chão; que está cahindo,
A cidreira co'os pezos amarellos:
Os formosos limões alli cheirando
Estão virgineas têtas imitando.

LVII.

As arvores agrestes, que os outeiros
Tem com frondente côma ennobrecidos,
Álemos são de Alcides, e os loureiros
Do louro deos amados, e queridos:
Myrtos de Cytherêa, co'os pinheiros
De Cybele, por outro amor vencidos: (10)
Está apontando o agudo cypariso
Para onde he posto o ethereo paraiso.

LVIII.

† Os dões, que dá Pomôna, alli natura
Produze differentes nos sabores,
Sem ter necessidade de cultura;
Que sem ella se dão muito melhores:
As cerejas purpureas na pintura:
As amoras, que o nome tem de amores:
O pomo, que da patria Persia veio,
Melhor tornado no terreno alheio.

LIX.

Abre a romãa, mostrando a rubicunda
Côr, com que tu, rubi, teu preço perdes:
Entre os braços do ulmeiro está a jucunda
Vide c'huns cachos roxos, e outros verdes:
E vós se na vossa arvore fecunda,
Peras pyramidaes, viver quizerdes,
Entregai-vos ao damno, que co'os bicos
Em vós fazem os passaros inicos.

LX.

Pois a tapeçaria bella e fina,
Com que se cobre o rustico terreno,
Faz ser a de Acheménia menos dina,
Mas o sombrio valle mais ameno:
Alli a cabeça a flor Cephisia inclina (11)
Sôbolo tanque lucido e sereno:
Florece o filho e neto de Cinyras, (12)
Por quem tu, deosa Páphia, inda suspiras.

LXI.

Para julgar difficil cousa fôra, (13)
No ceo vendo, e na terra as mesmas côres,
Se dava ás flores côr a bella Aurora,
Ou se lha dão a ella as bellas flores.
Pintando estava alli Zephyro, e Flora
As violas da côr dos amadores:
O lirio roxo, a fresca rosa bella,
Qual reluze nas faces da donzella:

LXII.

A candida cecêm, das matutinas (14)
Lagrimas rociada, e a mangerona:
Vêm-se as letras nas flores Hyacinthinas, (15)
Tão queridas do filho de Latona:
Bem se enxérga nos pomos, e boninas,
Que competia Chloris com Pomona. (16)
Pois se as aves no ar cantando voam,
Alegres animaes o chão povoam:

LXIII.

* Ao longo da agua o niveo cysne canta, (17)
Responde-lhe do ramo philomela:
Da sombra de seus cornos não se espanta
Acteon n'agua crystallina e bella:
Aqui a fugace lebre se levanta
Da espessa mata, ou timida gazella:
Alli no bico traz ao charo ninho
O mantimento o leve passarinho.

LXIV.

Nesta frescura tal desembarcavam
Já das náos os segundos Argonautas,
Onde pela floresta se deixavam
Andar as bellas deosas, como incautas:
Algumas doces citharas tocavam,
Algumas arpas, e sonoras frautas,
Outras co'os arcos de ouro se fingiam
Seguir os animaes, que não seguiam.

LXV.

Assi lho aconselhára a mestra experta,
Que andassem pelos campos espalhadas;
Que, vista dos Barões a prêsa incerta,
Se fizessem primeiro desejadas.
Algumas, que na fórma descoberta
Do bello corpo estavam confiadas,
Posta a artificiosa formosura,
Nuas lavar se deixam na agua pura.

LXVI.

Mas os fortes mancebos, que na praia
Punham os pés de terra cubiçosos;
Que não ha nenhum delles, que não saia
De acharem caça agreste desejosos:
Não cuidam, que sem laço, ou redes, caia
Caça naquelles montes deleitosos
Tão suave, domestica, e benina,
Qual ferida lha tinha já Erycina.

LXVII.

Alguns, que em espingardas, e nas béstas
Para ferir os cervos se fiavam,
Pelos sombrios matos, e florestas
Determinadamente se lançavam:
Outros nas sombras, que das altas sestas
Defendem a verdura, passeavam
Ao longo da agua, que suave, e queda
Por alvas pedras corre á praia leda.

LXVIII.

Começam de enxergar subitamente
Por entre verdes ramos varias côres,
Côres, de quem a vista julga, e sente,
Que não eram das rosas, ou das flores;
Mas da lãa fina, e seda differente,
Que mais incita a força dos amores,
De que se vestem as humanas rosas,
Fazendo-se por arte mais formosas.

LXIX.

Dá Velloso espantado hum grande grito:
Senhores, caça estranha, disse, he esta:
Se inda dura o Gentio antiguo rito,
A deosas he sagrada esta floresta:
Mais descobrimos, do que humano esprito
Desejou nunca: e bem se manifesta,
Que são grandes as cousas, e excellentes,
Que o mundo encobre aos homens imprudentes.

LXX.

Sigamos estas deosas, e vejamos,
Se phantasticas são, se verdadeiras.
Isto dito, veloces mais, que gamos,
Se lançam a correr pelas ribeiras.
Fugindo as nymphas vão por entre os ramos;
Mas mais industriosas, que ligeiras,
Pouco e pouco sorrindo, e gritos dando,
Se deixam ir dos galgos alcançando.

LXXI.

De huma os cabellos de ouro o vento leva,
* Correndo, e de outra as fraldas delicadas: (18)
Accende-se o desejo, que se ceva
Nas alvas carnes subito mostradas:
Huma de industria cahe, e já releva
Com mostras mais macias, que indignadas,
Que sobre ella empecendo tambem caia,
Quem a seguio pela arenosa praia.

LXXII.

Outros por outra parte vão topar
Com as deosas despidas, que se lavam:
Ellas começam subito a gritar,
Como que assalto tal não esperavam.
Humas, fingindo menos estimar
A vergonha, que a força, se lançavam
Nuas por entre o mato, aos olhos dando
O, que ás mãos cubiçosas vão negando.

LXXIII.

Outra, como acudindo mais depressa
Á vergonha da deosa caçadora,
Esconde o corpo n'agua: outra se apressa
Por tomar os vestidos, que tem fóra.
Tal dos mancebos ha, que se arremessa
Vestido assi, e calçado; (que co'a mora
De se despir ha medo, que inda tarde)
A matar na agua o fogo, que nelle arde.

LXXIV.

Qual cão de caçador, sagaz e ardido,
Usado a tomar na agua a ave ferida,
* Vendo no rosto o ferreo cano, erguido (19)
Para a garcenha, ou pata conhecida;
Antes que sôe o estouro, mal soffrido
Salta n'agua, e da prêsa não duvida,
Nadando vai, e latindo: assi o mancebo
Remette á, que não era irmãa de Phebo.

LXXV.

Leonardo, soldado bem disposto,
Manhoso, cavalleiro, e namorado,
A quem amor não dera hum só desgosto,
Mas sempre fôra delle maltratado,
E tinha já por firme presupposto
Ser com amores mal afortunado,
Porêm não que perdesse a esperança
De inda poder seu fado ter mudança:

LXXVI.

Quiz aqui sua ventura, que corria
Após Ephyre, exemplo de belleza,
Que mais caro, que as outras, dar queria
O, que deo, para dar-se, a natureza.
Já cansado correndo lhe dizia:
Ó formosura indigna de aspereza;
Pois desta vida te concedo a palma,
Espera hum corpo, de quem levas a alma.

LXXVII.

Todas de correr cansam, nympha pura,
Rendendo-se á vontade do inimigo,
Tu só de mi só foges na espessura?
Quem te disse, que eu era o, que te sigo?
Se to tem dito já aquella ventura,
Que em toda a parte sempre anda comigo,
O' não na creas; porque eu, quando a cria,
Mil vezes cada hora me mentia.

LXXVIII.

Não canses; que me cansas: e se queres
Fugir-me; porque não possa tocar-te,
Minha ventura he tal, que, inda que esperes,
Ella fará, que não possa alcançar-te.
Espera: quero vêr, se tu quizeres,
Que subtil modo busca de escapar-te,
E notarás no fim deste successo
« Tra la spiga e la man qual muro è messo. » (20)

LXXIX.

Ó não me fujas! Assi nunca o breve
Tempo fuja de tua formosura!
Que, só com refrear o passo leve,
Vencerás da fortuna a força dura.
Que Imperador, que exercito se atreve
A quebrantar a furia da ventura,
Que, em quanto desejei, me vai seguindo,
O que tu só farás não me fugindo?

LXXX.

Pões-te da parte da desdita minha?
Fraqueza he dar ajuda ao mais potente.
Levas-me hum coração, que livre tinha?
Solta-mo, e correrás mais levemente.
Não te carrega essa alma tão mesquinha,
Que nesses fios de ouro reluzente
Atada levas? Ou, despois de presa,
Lhe mudaste a ventura, e menos pesa?

LXXXI.

Nesta esperança só te vou seguindo,
Que ou tu não soffrerás o peso della,
Ou na virtude de teu gesto lindo
Lhe mudarás a triste e dura estrella:
E se se lhe mudar, não vás fugindo;
Que amor te ferirá, gentil donzella,
E tu me esperarás, se amor te fere:
E se me esperas, não ha mais, que espere.

LXXXII.

Já não fugia a bella nympha tanto (21)
Por se dar cara ao triste, que a seguia,
Como por ir ouvindo o doce canto,
As namoradas magoas, que dizia:
Volvendo o rosto já sereno e santo,
Toda banhada em riso, e alegria,
Cahir se deixa aos pés do vencedor,
Que todo se desfaz em puro amor.

LXXXIII.

Oh que famintos beijos na floresta!
E que mimoso chôro, que soava!
Que affagos tão suaves! Que ira honesta,
Que em risinhos alegres se tornava!
O, que mais passam na manhãa, e na sesta,
Que Venus com prazeres inflammava,
Melhor he exprimental-o, que julgal-o;
Mas julgue-o, quem não pode exprimental-o.

LXXXIV.

Desta arte em fim conformes já as formosas
Nymphas co'os seus amados navegantes,
Os ornam de capellas deleitosas,
De louro, e de ouro, e flores abundantes:
As mãos alvas lhe davam como esposas:
Com palavras formaes, e estipulantes
Se promettem eterna companhia
Em vida e morte, de honra e alegria.

LXXXV.

Huma dellas maior, a quem se humilha
Todo o coro das nymphas, e obedece,
Que, dizem, ser de Cælo e Vesta filha,
O que no gesto bello se parece;
Enchendo a terra, e o mar de maravilha,
O Capitão illustre, que o merece,
Recebe alli com pompa honesta e regia,
Mostrando-se senhora grande e egregia;

LXXXVI.

Que, despois de lhe ter dito, quem era,
C'hum alto exordio de alta graça ornado,
Dando-lhe a entender, que alli viera
Por alta influição do immobil fado;
Para lhe descobrir da unida esphera,
Da terra immensa, e mar não navegado
Os segredos por alta prophecia,
O que esta sua nação só merecia:

LXXXVII.

Tomando-o pela mão, o leva, e guia
Para o cume d'hum monte alto e divino,
No qual hũa rica fábrica se erguia
De crystal toda, e de ouro puro, e fino.
A maior parte aqui passam do dia
Em doces jogos, e em prazer contino:
Ella nos paços logra seus amores,
As outras pelas sombras entre as flores.

LXXXVIII.

Assi a formosa, e a forte companhia
O dia quasi todo estão passando,
N'huma alma, doce, incognita alegria
Os trabalhos tão longos compensando:
Porque dos feitos grandes, da ousadia
Forte e famosa o mundo está guardando
O premio lá no fim bem merecido
Com fama grande, e nome alto e subido;

LXXXIX.

Que as nymphas do Oceano tão formosas, (22)
Tethys, e a ilha angelica pintada,
Outra cousa não he, que as deleitosas
Honras, que a vida fazem sublimada:
Aquellas preeminencias gloriosas,
Os triumphos, a fronte coroada
De palma e louro, a gloria e maravilha,
Estes são os deleites desta ilha;

XC.

Que as immortalidades, que fingia
A antiguidade, que os illustres ama,
Lá no estellante Olympo, a quem subia
Sôbre as azas ínclytas da fama
Por obras valerosas, que fazia,
Pelo trabalho immenso, que se chama
Caminho da virtude alto e fragoso,
Mas no fim doce, alegre, e deleitoso;

XCI.

Não eram senão premios, que reparte
Por feitos immortaes e soberanos
O mundo co'os barões, que esforço e arte
Divinos os fizeram, sendo humanos;
Que Jupiter, Mercurio, Phebo, e Marte,
Eneas, e Quirino, e os dous Thebanos,
Ceres, Pallas, e Juno, com Diana,
Todos fôram de fraca carne humana. (23)

XCII.

Mas a fama, trombeta de obras tais,
Lhe deo no mundo nomes tão estranhos,
De Deoses, Semideoses immortais,
Indigetes, Heroicos, e de Magnos.
Por isso, ó vós, que as famas estimais,
Se quizerdes no mundo ser tamanhos,
Despertai já do somno do ocio ignavo,
Que o animo de livre faz escravo.

XCIII.

E ponde na cubiça hum freio duro,
E na ambição tambem, que indignamente
Tomais mil vezes, e no torpe e escuro
Vicio da tyrannia infame, e urgente;
Porque essas honras vãas, esse ouro puro
Verdadeiro valor não dão á gente:
Melhor he merecel-os, sem os ter,
Que possuil-os, sem os merecer.

XCIV.

Ou dai na paz as leis iguaes, constantes,
Que aos grandes não dem o dos pequenos,
Ou vos vesti nas armas rutilantes
Contra a lei dos imigos Sarracenos:
Fareis os reinos grandes e possantes,
E todos tereis mais, e nenhum menos,
Possuireis riquezas merecidas,
Com as honras, que illustram tanto as vidas.

XCV.

E fareis claro o Rei, que tanto amais,
Agora co'os conselhos bem cuidados,
Agora co'as espadas, que immortais
Vos farão, como os vossos já passados:
Impossibilidades não façais;
Que, quem quiz, sempre pôde: e numerados
Sereis entre os Heroes esclarecidos,
E nesta ilha de Venus recebidos.

OS LUSIADAS.

CANTO DECIMO.

I.

Mas já o claro amador da Larissea (1)
Adúltera inclinava os animaes
Lá para o grande lago, que rodea
Temistitão nos fins Occidentaes : (2)
O grande ardor do Sol Favonio enfrea
Co'o sôpro, que nos tanques naturaes
Encrespa a agua serena, e despertava
Os lirios e jasmins, que a calma aggrava.

II.

Quando as formosas nymphas, co'os amantes
Pela mão já conformes e contentes,
Subiam para os paços radiantes,
E de metaes ornados reluzentes,
Mandados da Rainha, que abundantes
Mesas d'altos manjares excellentes
Lhe tinha apparelhadas, que a fraqueza
Restaurem da cansada natureza.

III.

Alli em cadeiras ricas, crystallinas
Se assentam dous e dous, amante, e dama:
N'outras á cabeceira, d'ouro finas,
Está co'a bella deosa o claro Gama.
De iguarias suaves e divinas,
A quem não chega a Egypcia antigua fama, (3)
Se accumulam os pratos de fulvo ouro,
Trazidos lá do Atlantico thesouro.

IV.

Os vinhos odoriferos, que acima
Estão, não só do Italico Falerno,
Mas da Ambrósia, que Jove tanto estima,
Com todo o ajuntamento sempiterno,
Nos vasos, onde em vão trabalha a lima,
Crespas escumas erguem, que no interno
Coração movem subita alegria,
Saltando co'a mistura d'agua fria.

V.

Mil praticas alegres se tocavam,
Risos doces, subtis, e argútos ditos,
Que entre hum, e outro manjar se alevantavam,
Despertando os alegres appetitos:
Musicos instrumentos não faltavam,
Quaes no profundo reino os nus espritos
Fizeram descansar da eterna pena,
C'huma voz d'huma angelica Sirena.

VI.

Cantava a bella nympha, e co'os accentos,
Que pelos altos paços vão soando,
Em consonancia igual os instrumentos
Suaves vem a hum tempo conformando:
Hum subito silencio enfrea os ventos,
E faz ir docemente murmurando
As aguas, e nas casas naturaes
Adormecer os brutos animaes.

VII.

Com doce voz está subindo ao ceo
Altos barões, que estão por vir ao mundo,
Cujas claras ideas vio Proteo
N'hum globo vão, diáphano, rotundo;
Que Jupiter em dom lho concedeo
Em sonhos, e despois no reino fundo
Vaticinando o disse, e na memoria
Recolheo logo a nympha a clara historia.

VIII.

Materia he de cothurno, e não de socco,
A, que a nympha aprendeo no immenso lago,
Qual Iopas não soube, ou Demodoco, (4)
Entre os Pheaces hum, outro em Carthago.
Aqui, minha Calliope, te invoco
Neste trabalho extremo; porque em pago
Me tornes, do que escrevo, e em vão pretendo,
O gosto de escrever, que vou perdendo.

IX.

Vão os annos descendo, e já do estio
Ha pouco que passar até o outono:
A fortuna me faz o engenho frio,
Do qual já não me jacto, nem me abono:
Os desgostos me vão levando ao rio
Do negro esquecimento, e eterno sono:
Mas, tu me dá, que cumpra, ó grão Rainha
Das Musas, co'o que quero á nação minha!

X.

† Cantava a bella deosa, que viriam
Do Tejo pelo mar, que o Gama abrira,
Armadas, que as ribeiras venceriam,
Por onde o Oceano Indico suspira:
E que os gentios Reis, que não dariam
A cerviz sua ao jugo, o ferro e ira
Provariam do braço duro e forte,
Até render-se a elle, ou logo á morte:

XI.

Cantava d'hum, que tem nos Malabares (5)
Do summo sacerdocio a dignidade,
Que, só por não quebrar co'os singulares
Barões os nós, que dera, d'amizade,
Soffrerá suas cidades, e lugares,
Com ferro, incendios, ira, e crueldade,
Vêr destruir do Samorim potente,
Que taes odios terá co'a nova gente.

XII.

E canta, como lá se embarcaria
Em Belem o remedio deste dano,
Sem saber o que em si ao mar traria,
O grão Pacheco, Achilles Lusitano:
O pezo sentirão, quando entraria,
O curvo lenho, e o férvido Oceano,
Quando mais n'agua os troncos, que gemerem, (6)
Contra sua natureza se metterem.

XIII.

Mas já chegado aos fins Orientaes,
E deixado em ajuda do gentio
Rei de Cochim com poucos naturaes
Nos braços do salgado e curvo rio,
Desbaratará os Naires infernaes
No passo Cambalão, tornando frio
De espanto o ardor immenso do Oriente,
Que verá tanto obrar tão pouca gente.

XIV.

Chamará o Samorim mais gente nova:
Virão Reis de Bipur, e de Tanor,
Das serras de Narsinga, que alta prova
Estarão promettendo a seu senhor:
Fará, que todo o Naire em fim se mova,
Que entre Calecut jaz, e Cananor,
D'ambas as leis imigas, para a guerra,
Mouros por mar, Gentios pela terra.

XV.

E todos outra vêz desbaratando
Por terra e mar o grão Pacheco ousado,
A grande multidão, que irá matando,
A todo o Malabar terá admirado:
Commetterá outra vêz, não dilatando,
O Gentio os combates apressado,
Injuriando os seus, fazendo votos
Em vão aos deoses vãos, surdos, e immotos.

XVI.

Já não defenderá somente os passos,
Mas queimar-lhe-ha lugares, templos, casas:
Acceso de ira o cão, não vendo lassos
Aquelles, que as cidades fazem rasas,
Fará, que os seus, de vida pouco escassos,
Commettam o Pacheco, que tem asas,
Por dous passos n'hum tempo: mas voando
D'hum n'outro, tudo irá desbaratando.

XVII.

Virá alli o Samorim; por que em pessoa
Veja a batalha, e os seus esforce, e anime:
Mas hum tiro, que com zonido voa,
De sangue o tingirá no andor sublime.
Já não verá remedio, ou manha boa,
Nem força, que o Pacheco muito estime:
Inventará traições, e vãos venenos;
Mas sempre (o Ceo querendo) fará menos.

XVIII.

Que tornará a vêz septima, cantava,
Pelejar com o invicto e forte Luso,
A quem nenhum trabalho peza, e aggrava;
Mas com tudo este só o fará confuso:
Trará para a batalha horrenda e brava
Machinas de madeiros fóra de uso,
Para lhe abalroar as caravelas;
Que atelli vão lhe fôra commettel-as.

XIX.

Pela agua levará serras de fogo,
Para abrazar-lhe quanta armada tenha:
Mas a militar arte, e engenho, logo
Fará ser vãa a braveza, com que venha.
Nenhum claro barão no marcio jogo,
Que nas azas da fama se sostenha,
Chega a este, que a palma a todos toma,
E perdoe-me a illustre Grecia, ou Roma;

XX.

Porque tantas batalhas, sustentadas
Com muito pouco mais de cem soldados,
Com tantas manhas, e artes inventadas,
Tantos cães não imbelles profligados,
Ou parecerão fabulas sonhadas,
Ou que os celestes córos invocados
Descerão a ajudal-o, e lhe darão
Esforço, força, ardil, e coração.

XXI.

Aquelle, que nos campos Marathonios
O grão poder de Dário estrue, e rende,
Ou quem com quatro mil Lacedemonios
O passo de Thermopylas defende,
Nem o mancebo Cocles dos Ausonios,
Que com todo o poder Tusco contende
Em defensa da ponte, ou Quinto Fabio;
Foi como este na guerra forte e sabio.

XXII.

Mas neste passo a nympha o som canoro
Abaixando, fez ronco, e entristecido,
Cantando em baixa voz, envolta em chôro,
O grande esforço mal agradecido.
Ó Belizario, disse, que no coro
Das Musas serás sempre engrandecido,
Se em ti viste abatido o bravo Marte,
Aqui tens com quem podes consolar-te!

XXIII.

Aqui tens companheiro, assi nos feitos,
Como no galardão injusto e duro:
Em ti, e nelle veremos altos peitos
A baixo estado vir, humilde e escuro:
Morrer nos hospitaes em pobres leitos
Os, que ao Rei, e á lei servem de muro!
Isto fazem os Reis, cuja vontade
Manda mais, que a justiça, e que a verdade:

XXIV.

Isto fazem os Reis, quando embebidos
N'huma apparencia branda, que os contenta,
Dão os premios, de Aiace merecidos,
A lingua vãa de Ulysses fraudulenta:
Mas vingo-me; que os bens mal repartidos,
Por quem só doces sombras apresenta,
Se não os dão a sabios cavalleiros,
Dão-os logo a avarentos lisongeiros.

XXV.

Mas tu, de quem ficou tão mal pagado
Hum tal vassallo, ó Rei, só nisto inico,
Se não és para dar-lhe honroso estado,
He elle para dar-te hum reino rico:
Em quanto fôr o mundo rodeado
Dos Apollineos raios, eu te fico,
Que elle seja entre a gente illustre e claro,
E tu nisto culpado por avaro.

XXVI.

Mas eis outro, cantava, intitulado (7)
Vem com nome Real, e traz comsigo
O filho, que no mar será illustrado
Tanto, como qualquer Romano antigo:
Ambos darão com braço forte, armado
A Quíloa fertil aspero castigo,
Fazendo nella Rei leal e humano,
Deitado fóra o perfido Tyranno.

XXVII.

Tambem farão Mombaça, que se arrea
De casas sumptuosas e edificios,
Co'o ferro e fogo seu queimada e fea,
Em pago dos passados maleficios.
Despois na costa da India, andando chea
De lenhos inimigos, e artificios
Contra os Lusos, com velas e com remos
O mancebo Lourenço fará extremos.

XXVIII.

Das grandes náos do Samorim potente,
Que encherão todo o mar, co'a ferrea pella,
Que sahe com trovão do cobre ardente,
Fará pedaços leme, mastro, vela:
Despois, lançando arpéos ousadamente
Na capitaina imiga, dentro nella
Saltando, a fará só com lança e espada
De quatro centos Mouros despejada.

XXIX.

Mas de Deos a escondida providencia;
Que ella só sabe o bem, de que se serve,
O porá, onde esforço, nem prudencia,
Poderá haver, que a vida lhe reserve:
Em Chaul, onde em sangue, e resistencia
O mar todo com fogo e ferro ferve,
Lhe farão, que com vida se não saia,
As armadas de Egypto, e de Cambaia.

XXX.

Alli o poder de muitos inimigos,
Que o grande esforço só com força rende,
Os ventos, que faltaram, e os perigos
Do mar, que sobejaram, tudo o offende.
Aqui resurjam todos os antigos,
A vêr o nobre ardor, que aqui se aprende:
Outro Sceva verão, que espedaçado (8)
Não sabe ser rendido, nem domado.

XXXI.

Com toda hũa coxa fóra, que em pedaços
Lhe leva hum cego tiro, que passara,
Se serve inda dos animosos braços,
E do grão coração, que lhe ficara:
Até que outro pelouro quebra os laços,
Com que co'a alma o corpo se liara:
Ella sôlta voou da prisão fóra,
Onde subito se acha vencedora.

XXXII.

Vai-te, alma, em paz da guerra turbulenta,
Na qual tu mereceste paz serena!
Que o corpo, que em pedaços se apresenta,
Quem o gerou, vingança já lhe ordena;
Que eu ouço retumbar a grão tormenta,
Que vem já dar a dura e eterna pena,
De esperas, basiliscos, e trabucos,
A Cambaicos crueis, e a Mamelucos.

XXXIII.

Eis vem o pai com animo estupendo,
Trazendo furia, e magoa por antolhos,
Com que o paterno amor lhe está movendo
Fogo no coração, agua nos olhos:
A nobre ira lhe vinha promettendo,
Que o sangue fará dar pelos giolhos
Nas inimigas náos: sentil-o-ha o Nilo,
Podel-o-ha o Indo vêr, e o Gange ouvil-o.

XXXIV.

Qual o touro cioso, que se ensaia
Para a crua peleja, os cornos tenta
No tronco d'hum carvalho, ou alta faia,
E o ar ferindo, as forças exprimenta:
Tal, antes que no seio de Cambaia
Entre Francisco irado, na opulenta
Cidade de Dabul a espada afia,
Abaixando-lhe a tumida ousadia.

XXXV.

E logo, entrando fero na enseada
De Dio, illustre em cercos e batalhas,
Fará espalhar a fraca e grande armada
De Calecut, que remos tem por malhas:
A de Melique Yaz acautelada, (9)
Co'os pelouros, que tu, Vulcano, espalhas,
Fará ir vêr o frio e fundo assento,
Secreto leito do humido elemento.

XXXVI.

Mas a de Mir-Hocêm, que, abalroando,
A furia esperará dos vingadores,
Verá braços, e pernas ir nadando,
Sem corpos, pelo mar, de seus senhores:
Raios de fogo irão representando
No cego ardor os bravos domadores:
Quanto alli sentirão olhos, e ouvidos,
He fumo, ferro, flammas, e alaridos.

XXXVII.

Mas ah, que desta prospera victoria,
Com que despois virá ao patrio Tejo,
Quasi lhe roubará a famosa gloria
Hum successo, que triste, e negro vejo!
O cabo Tormentorio, que a memoria
Co'os ossos guardará, não terá pejo
De tirar deste mundo aquelle esprito,
Que não tiraram toda a India, e Egyto.

XXXVIII.

Alli Cafres selvagens poderão
O, que destros imigos não puderam,
E rudos páos tostados sós farão
O, que arcos, e pelouros não fizeram.
Occultos os juizos de Deos são!
* As gentes vãas, que não os entenderam, (10)
Chamam-lhe fado máo, fortuna escura,
Sendo só providencia de Deos pura.

XXXIX.

Mas oh que luz tamanha, que abrir sinto,
Dizia a nympha, e a voz alevantava,
Lá no mar de Melinde em sangue tinto
Das cidades de Lamo, de Oja, e Brava
Pelo Cunha tambem; que nunca extinto (11)
Será seu nome em todo o mar, que lava
As ilhas do Austro, e praias, que se chamam
De São-Lourenço, e em todo o Sul se afamam!

XL.

Esta luz he do fogo, e das luzentes
Armas, com que Albuquerque irá amansando
De Ormuz os Párseos, por seu mal valentes,
Que refusam o jugo honroso, e brando:
Alli verão as settas estridentes (12)
Reciprocar-se, a ponta no ar virando
Contra quem as tirou; que Deos peleja
Por quem estende a fé da madre Igreja.

XLI.

Alli de sal os montes não defendem
De corrupção os corpos, no combate,
Que, mortos, pela praia e mar se estendem
De Gerum, de Mascate, e Calayate:
Até que á força só de braço aprendem
A abaixar a cerviz, onde se lhe ate
Obrigação de dar o reino inico
Das perlas de Barem tributo rico.

XLII.

Que gloriosas palmas tecer vejo,
Com que victoria a fronte lhe coroa,
Quando sem sombra vãa de medo, ou pejo,
Toma a ilha illustrissima de Goa!
Despois, obedecendo ao duro ensejo,
A deixa, e occasião espera boa,
Com que a torne a tomar; que esforço, e arte,
Vencerão a fortuna, e o proprio Marte.

XLIII.

Eis já sobre ella torna, e vai rompendo
Por muros, fogo, lanças, e pelouros,
Abrindo com a espada o espesso, e horrendo
Esquadrão de Gentios, e de Mouros:
Irão soldados ínclytos fazendo
Mais, que leões famélicos, e touros,
Na luz, que sempre celebrada, e dina (13)
Será da Egypcia Sancta Catharina.

XLIV.

Nem tu menos fugir poderás deste,
Postoque rica, e postoque assentada
Lá no gremio da Aurora, onde nasceste,
Opulenta Malaca nomeada!
As settas venenosas, que fizeste,
Os crises, com que já te vejo armada, (14)
Malaios namorados, Jáos valentes,
Todos farás ao Luso obedientes.

XLV.

Mais estanças cantára esta Sirena
Em louvor do illustrissimo Albuquerque,
Mas alembrou-lhe huma ira, que o condena,
Postoque a fama sua o mundo cerque.
O grande capitão, que o fado ordena
Que com trabalhos gloria eterna merque,
Mais ha de ser hum brando companheiro
Para os seus, que juiz cruel, e inteiro.

XLVI.

Mas em tempo, que fomes, e asperezas,
Doenças, frechas, e trovões ardentes,
A sazão, e o lugar fazem cruezas
Nos soldados a tudo obedientes,
Parece de selvaticas brutezas,
De peitos inhumanos, e insolentes,
Dar extremo supplicio pela culpa, (15)
Que a fraca humanidade, e Amor desculpa.

XLVII.

Não será a culpa abominoso incesto,
Nem violento estupro em virgem pura,
Nem menos adulterio deshonesto;
Mas c'huma escrava vil, lasciva, e escura:
Se o peito, ou de cioso, ou de modesto,
Ou de usado a crueza fera e dura,
Co'os seus huma ira insana não refrea,
Põe na fama alva noda negra e fea.

XLVIII.

Vio Alexandre Apelles namorado
Da sua Campaspe, e deo-lha alegremente,
Não sendo seu soldado exprimentado,
Nem vendo-se n'hum cerco duro e urgente.
Sentio Cyro, que andava já abrazado
Araspas de Panthêa em fogo ardente,
Que elle tomara em guarda, e promettia,
Que nenhum máo desejo o venceria:

XLIX.

Mas vendo o illustre Persa, que vencido
Fôra de amor; que em fim não tem defensa,
Levemente o perdoa, e foi servido
Delle n'hum caso grande em recompensa.
Por força de Juditha foi marido
O ferreo Baldovino; mas dispensa
Carlos, pai della, posto em cousas grandes,
Que viva, e povoador seja de Frandes.

L.

Mas proseguindo a nympha o longo canto,
De Soares cantava, que as bandeiras (16)
Faria tremolar, e pôr espanto
Pelas rôxas Arabicas ribeiras:
Medina abominabil teme tanto,
Quanto Meca, e Gidá, co'as derradeiras
Praias de Abassia: Barborá se teme
Do mal, de que o emporio Zeila geme:

LI.

A nobre ilha tambem de Taprobana,
Já pelo nome antiguo tam famosa, (17)
Quanto agora soberba e soberana
Pela cortiça calida, cheirosa,
Della dará tributo á Lusitana
Bandeira, quando excelsa, e gloriosa,
Vencendo, se erguerá na torre erguida
Em Columbo, dos proprios tão temida.

LII.

Tambem Sequeira, as ondas Erythreas (18)
Dividindo, abrirá novo caminho
Para ti, grande imperio, que te arreas
De seres de Candace e Sabá ninho:
Maçuá, com cisternas de agua cheas,
Verá, e o porto Arquico alli visinho,
E fará descobrir remotas ilhas,
Que dão ao mundo novas maravilhas.

LIII.

Virá despois Menezes, cujo ferro (19)
Mais na Africa, que cá terá provado:
Castigará de Ormuz soberba o erro,
Com lhe fazer tributo dar dobrado.
Tambem tu, Gama, em pago do desterro, (20)
Em que estás, e serás inda tornado,
Co'os titulos de Conde, e d'honras nobres
Virás mandar a terra, que descobres:

LIV.

Mas aquella fatal necessidade,
De quem ninguem se exime dos humanos,
Illustrado co'a Regia dignidade,
Te tirará do mundo, e seus enganos.
Outro Menezes logo, cuja idade (21)
He maior na prudencia, que nos annos,
Governará, e fará o ditoso Henrique,
Que perpetua memoria delle fique:

LV.

Não vencerá somente os Malabares,
Destruindo Panane, com Coulete,
Commettendo as bombardas, que nos ares
Se vingam só do peito, que as commette:
Mas com virtudes certo singulares,
Vence os imigos d'alma todos sete:
De cubiça triumpha, e incontinencia,
Que em tal idade he summa de excellencia.

LVI.

Mas despois que as estrellas o chamarem,
Succederás, ó forte Mascarenhas, (22)
E, se injustos o mando te tomarem,
Prometto-te, que fama eterna tenhas!
Para teus inimigos confessarem
Teu valôr alto, o fado quer, que venhas
A mandar mais de palmas coroado,
Que de fortuna justa acompanhado:

LVII.

No reino de Bintão, que tantos danos
Terá a Malaca muito tempo feitos,
N'hum só dia as injurias de mil annos
Vingarás co'o valor de illustres peitos:
Trabalhos e perigos inhumanos,
Abrolhos ferreos mil, passos estreitos,
Tranqueiras, baluartes, lanças, settas,
Tudo fico, que rompas, e sobmettas:

LVIII.

Mas na India cubiça e ambição,
Que claramente põem aberto o rosto
Contra Deos e justiça, te farão
Vituperio nenhum, mas só desgosto:
Quem faz injuria vil, e semrazão
Com forças e poder, em que está posto,
Não vence; que a victoria verdadeira
He saber ter justiça nua e inteira.

LIX.

Mas com tudo não nego, que Sampaio (23)
Será no esforço illustre e assinalado,
Mostrando-se no mar hum fero raio,
Que de inimigos mil verá coalhado:
Em Bacanor fará cruel ensaio
No Malabar; para que amedrontado
Despois a ser vencido delle venha
Cutiale, com quanta armada tenha: (24)

LX.

E não menos de Dio a fera frota,
Que Chaul temerá, de grande e ousada,
Fará co'a vista só perdida e rota
Por Heitor da Sylveira, e destroçada:
Por Heitor Portuguez, de quem se nota,
Que na costa Cambaica sempre armada
Será aos Guzarates tanto dano,
Quanto já foi aos Gregos o Troiano.

LXI.

A Sampaio feroz succederá
Cunha, que longo tempo tem o leme: (25)
De Chale as torres altas erguerá,
Em quanto Dio illustre delle treme:
O forte Baçaim se lhe dará,
Não sem sangue porêm; que nelle geme
Melique, porque á força só de espada
A tranqueira soberba vê tomada.

LXII.

Traz este vem Noronha cujo auspicio (26)
De Dio os Rumes féros afugenta,
Dio, que o peito e bellico exercicio
De Antonio da Sylveira bem sustenta:
Fará em Noronha a morte o usado officio,
Quando hum teu ramo, ó Gama, se exprimenta (27)
No governo do imperio, cujo zelo
Com medo o roxo mar fará amarello.

LXIII.

Das mãos do teu Estevam vem tomar
As redeas hum, que já será illustrado (28)
No Brasil, com vencer e castigar
O pirata Francez, ao mar usado:
Despois Capitão mór do Indico mar,
O muro de Damão soberbo, e armado
Escala, e primeiro entra a porta aberta,
Que fogo e frechas mil terão coberta.

LXIV.

A este o Rei Cambaico soberbissimo
Fortaleza dará na rica Dio;
Porque contra o Mogôr poderosissimo
Lhe ajude a defender o senhorio:
Despois irá com peito esforçadissimo
A tolher, que não passe o Rei gentio
De Calecut, que assi com quantos veio
O fará retirar de sangue cheio:

LXV.

Destruirá a cidade Repelim,
Pondo o seu Rei com muitos em fugida:
E despois junto ao cabo Comorim
Huma façanha faz esclarecida,
A frota principal do Samorim,
Que destruir o mundo não duvida,
Vencerá co'o furor do ferro e fogo,
Em si verá Beadála o marcio jogo:

LXVI.

Tendo assi limpa a India dos imigos,
Virá despois com sceptro a governal-a,
Sem que ache resistencia, nem perigos;
Que todos tremem delle, e nenhum falla:
Só quiz provar os asperos castigos
Baticalá, que vira já Beadála:
De sangue e corpos mortos ficou chea,
E de fogo e trovões desfeita, e fea.

LXVII.

Este será Martinho, que de Marte
O nome tem co'as obras derivado:
Tanto em armas illustre em toda parte,
Quanto em conselho sabio, e bem cuidado.
Succeder-lhe-ha alli Castro, que o estandarte (29)
Portuguez terá sempre levantado,
Conforme successor ao succedido;
Que hum ergue Dio, outro o defende erguido;

LXVIII.

Persas feroces, Abassís, e Rumes,
Que trazido de Roma o nome tem,
Varios de gestos, varios de costumes;
Que mil nações ao cerco feras vem,
Farão dos ceos ao mundo vãos queixumes,
Porque huns poucos a terra lhe detem:
Em sangue Portuguez juram descridos
De banhar os bigodes retorcidos:

LXIX.

Basiliscos medonhos, e leões,
Trabucos feros, minas encobertas
Sustenta Mascarenhas co'os barões, (30)
Que tão ledos as mortes tem por certas:
Até que nas maiores oppressões
Castro libertador, fazendo offertas
Das vidas de seus filhos, quer, que fiquem
Com fama eterna, e a Deos se sacrifiquem:

LXX.

Fernando hum delles, ramo da alta planta,
Onde o violento fogo com ruido
Em pedaços os muros no ar levanta,
Será alli arrebatado, e ao Ceo subido:
Alvaro, quando o inverno o mundo espanta,
E tem o caminho humido impedido,
Abrindo-o, vence as ondas, e os perigos,
Os ventos, e despois os inimigos:

LXXI.

Eis vem despois o pai, que as ondas corta
† Co'o restante da gente Lusitana,
E com força, e saber, que mais importa,
Batalha dá felice, e soberana:
Huns, paredes subindo, escusam porta,
Outros a abrem na fera esquadra insana:
Feitos farão tão dignos de memoria,
Que não caibam em verso, ou larga historia:

LXXII.

Este despois em campo se apresenta,
Vencedor forte e intrepido, ao possante
Rei de Cambaia, e a vista lhe amedrenta
Da fera multidão quadrupedante:
Não menos suas terras mal sustenta
O Hydalcham do braço triumphante,
Que castigando vai Dabul na costa:
Nem lhe escapou Pondá, no sertão posta.

LXXIII.

Estes e outros Barões por varias partes
Dignos todos de fama e maravilha,
Fazendo-se na terra bravos Martes,
Virão lograr os gostos desta ilha,
Varrendo triumphantes estandartes,
Pelas ondas, que corta a aguda quilha;
E acharão estas nymphas, e estas mesas,
Que glorias e honras são de arduas empresas.

LXXIV.

Assi cantava a nympha, e as outras todas
Com sonoroso applauso vozes davam,
Com que festejam as alegres vodas,
Que com tanto prazer se celebravam.
« Por mais que da fortuna andem as rodas, »
N'huma cônsona voz todas soavam,
« Não vos hão de faltar, gente famosa,
« Honra, valor, e fama gloriosa! »

LXXV.

Despois que a corporal necessidade
Se satisfêz do mantimento nobre,
* E na harmónica e doce suavidade (31)
Viram os altos feitos, que descobre:
Tethys, de graça ornada, e gravidade;
Para que com mais alta gloria dobre
As festas deste alegre e claro dia,
Para o felice Gama assi dizia:

LXXVI.

Faz-te mercê, Barão, a Sapiencia
Suprema, de co'os olhos corporais
Veres o, que não pode a vãa sciencia
Dos errados, e miseros mortais!
Sigue-me firme e forte, com prudencia,
Por este monte espesso, tu, co'os mais.
Assi lhe diz: e o guia por hum mato
Arduo, difficil, duro a humano trato.

LXXVII.

Não andam muito, que no erguido cume
Se acharam, onde hum campo se esmaltava
De esmeraldas, rubis taes, que presume
A vista, que divino chão pizava:
Aqui hum globo vêm no ar; que o lume
Clarissimo por elle penetrava
De modo, que o seu centro está evidente,
Como a sua superficie claramente

LXXVIII.

Qual a materia seja, não se enxerga,
Mas enxerga-se bem, que está composto
De varios orbes, que a divina verga
Compôz, e hum centro a todos só tem posto:
Volvendo, ora se abaixe, agora se erga,
Nunca s'ergue, ou se abaixa, e hum mesmo rosto
Por toda a parte tem, e em toda a parte
Começa, e acaba em fim por divina arte;

LXXIX.

Uniforme, perfeito, em si sostido,
Qual em fim o Archetípo, que o creou.
Vendo o Gama este globo, commovido
De espanto e de desejo alli ficou.
Diz-lhe a deosa: O transumpto reduzido
Em pequeno volume aqui te dou
Do mundo aos olhos teus; para que vejas,
Por onde vás, e irás, e o que desejas.

LXXX.

Vês aqui a grande machina do mundo,
Ethérea, e elemental, que fabricada
Assi foi do saber alto, e profundo,
Que he sem principio, e meta limitada.
Quem cérca em derredor este rotundo
Globo, e sua superficie tão limada,
He Deos: mas o que he Deos, ninguem o entende;
Que a tanto o engenho humano não se estende.

LXXXI.

Este orbe, que primeiro vai cercando
Os outros mais pequenos, que em si tem,
Que está com luz tão clara radiando,
Que a vista cega, e a mente vil tambem,
Empyreo se nomea, onde logrando
Puras almas estão de aquelle bem
Tamanho, que elle só se entende e alcança,
De quem não ha no mundo semelhança.

LXXXII.

Aqui só verdadeiros gloriosos
Divos estão; porque eu, Saturno, e Jano,
Jupiter, Juno, fomos fabulosos,
Fingidos de mortal, e cego engano:
Só para fazer versos deleitosos
Servimos; e se mais o trato humano
Nos pode dar, he só, que o nome nosso
Nestas estrellas pôz o engenho vosso:

LXXXIII.

E tambem porque a sancta Providencia,
Que em Jupiter aqui se representa,
Por espiritos mil, que tem prudencia,
Governa o mundo todo, que sustenta.
* Ensina-o a prophetica sciencia (32)
Em muitos dos exemplos, que apresenta:
Os, que são bons, guiando favorecem,
Os máos, em quanto podem, nos empecem.

LXXXIV.

Quer logo aqui a pintura, que varia,
Agora deleitando, ora ensinando, (33)
Dar-lhe nomes, que a antigua poesia
A seus deoses já dera, fabulando;
Que os Anjos de celeste companhia
Deoses o sacro verso está chamando;
Nem nega, que esse nome preeminente
Tambem aos máos se dá, mas falsamente:

LXXXV.

Em fim que o summo Deos, que por segundas
Causas obra no mundo, tudo manda.
E tornando a contar-te das profundas
Obras da mão divina veneranda,
Debaixo deste circulo, onde as mundas
Almas divinas gozam, que não anda,
Outro corre tão leve, e tão ligeiro,
Que não se enxérga: he o Móbile primeiro:

LXXXVI.

Com este rapto e grande movimento (34)
Vão todos os, que dentro tem no seio:
Por obra deste o Sol, andando a tento,
O dia e noite faz com curso alheio.
Debaixo deste leve anda outro lento,
Tão lento, e sobjugado a duro freio,
Que, em quanto Phebo, de luz nunca escasso,
Duzentos cursos faz, dá elle hum passo.

LXXXVII.

Olha est'outro debaixo, que esmaltado
De corpos lisos anda, e radiantes,
Que tambem nelle tem curso ordenado,
E nos seus axes correm scintillantes:
Bem vês como se veste, e faz ornado
† Co'o largo cinto d'ouro, que estellantes
Animaes dôze traz affigurados,
Aposentos de Phebo limitados.

LXXXVIII.

Olha por outras partes a pintura,
Que as estrellas fulgentes vão fazendo:
Olha a Carrêta, attenta a Cynosura,
Andromeda, e seu pai, e o Drago horrendo:
Vê de Cassiopêa a formosura,
* E do Orionte o gesto metuendo; (35)
Olha o Cysne morrendo, que suspira,
† A Lebre e os Cães, a Náo e a dôce Lyra.

LXXXIX.

Debaixo deste grande firmamento
Vês o ceo de Saturno, deos antigo,
Jupiter logo faz o movimento,
E Marte abaixo, bellico inimigo,
O claro olho do ceo no quarto assento,
E Venus, que os amores traz comsigo,
Mercurio de eloquencia soberana,
Com tres rostos debaixo vai Diana.

XC.

Em todos estes orbes differente
Curso verás, n'huns grave, e n'outros leve;
Ora fogem do centro longamente,
Ora da terra estão caminho breve;
Bem como quiz o Padre Omnipotente,
Que o fogo fêz, e o ar, o vento e neve,
Os quaes verás, que jazem mais a dentro,
E tem co'o mar a terra por seu centro.

XCI.

Neste centro, pousada dos humanos,
Que não somente ousados se contentam
De soffrerem da terra firme os danos,
Mas inda o mar instabil exprimentam;
Verás as varias partes, que os insanos
Mares dividem, onde se aposentam
Varias nações, que mandam varios Reis,
Varios costumes seus, e varias leis.

XCII.

Vês Europa christãa, mais alta e clara,
Que as outras em policia e fortaleza.
Vês Africa, dos bens do mundo avara,
Inculta, e toda chea de bruteza,
Co'o cabo, que atéqui se vos negara,
Que assentou para o Austro a natureza:
Olha essa terra toda, que se habita
Dessa gente sem lei, quasi infinita.

XCIII.

Vê do Benomotápa o grande imperio,
De selvatica gente, negra e nua,
Onde Gonçalo morte e vituperio (36)
Padecerá pela Fé sancta sua:
Nasce por este incognito hemispherio
O metal, por que mais a gente sua:
Vê que do lago, donde se derrama
O Nilo, tambem vindo está Cuama:

XCIV.

Olha as casas dos negros, como estão
Sem portas, confiados em seus ninhos,
Na justiça Real, e defensão,
E na fidelidade dos visinhos:
Olha, delles a bruta multidão,
Qual bando espesso e negro de estorninhos,
Combaterá em Sofala a fortaleza,
Que defenderá Nhaia com destreza: (37)

XCV.

Olha lá as alagoas, donde o Nilo
Nasce, que não souberam os antigos:
Vel-o rega, gerando o crocodilo,
Os povos Abassís, de Christo amigos:
Olha como sem muros (novo estilo)
Se defendem melhor dos inimigos:
Vê Méroe, que ilha foi de antigua fama,
Que ora dos naturaes Nobá se chama:

XCVI.

Nesta remota terra, hum filho teu
Nas armas contra os Turcos será claro,
Ha de ser Dom Christovam o nome seu,
Mas contra o fim fatal não ha reparo:
Vê cá a costa do mar, onde te deu
Melinde hospicio gazalhoso, e charo:
† O Rapto rio nota, que o romance
Da terra chama Obí, entra em Quilmance.

XCVII.

O cabo vê já Arómata chamado,
E agora Guardafú, dos moradores,
Onde começa a boca do afamado
Mar Roxo, que do fundo toma as côres:
Este como limite está lançado,
Que divide Asia de Africa; e as melhores
† Povoações, que a parte Africa tem,
Maçuá são, Arquíco, e Suanquem.

XCVIII.

Vês o extremo Suéz, que antiguamente,
Dizem, que foi dos Héroas a cidade,
Outros dizem que Arsínoe, e ao presente
Tem das frotas do Egypto a potestade:
Olha as aguas, nas quaes abrio patente
* Estrada o grão Moysés na antigua idade: (38)
Asia começa aqui, que se apresenta
Em terras grande, em reinos opulenta.

XCIX.

Olha o monte Sinái, que se ennobrece
Co'o sepulchro de Sancta Catharina:
Olha Toro, e Gidá, que lhe fallece
Agua das fontes doce, e crystallina:
Olha as portas do estreito, que fenece
No reino da sêcca Ádem, que confina
Com a serra d'Arzira, pedra viva,
Onde chuva dos ceos se não deriva.

C.

Olha as Arabias três, que tanta terra
Tomam, todas da gente vaga e baça,
Donde vem os cavallos para a guerra,
Ligeiros, e feroces, de alta raça.
Olha a costa, que corre até que cerra
Outro estreito de Persia, e faz a traça
O cabo, que co'o nome se appellida
Da cidade Fartáque alli sabida.

CI.

Olha Dofar insigne, porque manda
O mais cheiroso incenso para as aras:
Mas attenta, já cá de est'outra banda
De Roçalgate, e praias sempre avaras,
Começa o reino Ormuz, que todo se anda
Pelas ribeiras, que inda serão claras,
Quando as galés do Turco, e fera armada
Virem de Castel-Branco núa a espada.

CII.

Olha o cabo Asabóro, que chamado
Agora he Moçandão dos navegantes:
Por aqui entra o lago, que he fechado
De Arabia, e Persias terras abundantes.
Attenta a ilha Barêm, que o fundo ornado
Tem das suas perlas ricas, e imitantes
Á côr da Aurora, e vê na agua salgada
Ter o Tygris e Euphrates huma entrada.

CIII.

Olha da grande Persia o imperio nobre,
Sempre posto no campo, e nos cavallos,
Que se injuría de usar fundido cobre,
E de não ter das armas sempre os callos.
Mas vê a ilha Gerúm, como descobre (39)
O, que fazem do tempo os intervallos;
Que da cidade Armuza, que alli esteve,
Ella o nome despois, e a gloria teve.

CIV.

Aqui de Dom Philippe de Menezes
Se mostrará a virtude em armas clara,
Quando com muito poucos Portuguezes
Os muitos Párseos vencerá de Lara:
Virão provar os golpes e revezes
De Dom Pedro de Sousa, que provara
Já seu braço em Ampaza, que deixada
Terá por terra á força só de espada.

CV.

Mas deixemos o estreito, e o conhecido
Cabo de Jasque, dito já Carpella,
Com todo o seu terreno mal querido
† Da natura, e dos dões usados della:
Carmânia teve já por appellido:
Mas vês o formoso Indo, que daquella
Altura nasce, junto á qual tambem
D'outra altura correndo o Gange vem.

CVI.

Olha a terra de Ulcinde fertilissima,
E de Jaquete a intima enseada,
Do mar a enchente subita grandissima,
E a vasante, que foge apressurada.
A terra de Cambaia vê riquissima,
Onde do mar o seio faz entrada:
Cidades outras mil, que vou passando,
A vós outros aqui se estão guardando.

CVII.

Vês, corre a costa célebre Indiana
Para o Sul até o cabo Comori,
Já chamado Corí, que Taprobana
(Que ora he Ceilão) defronte tem de si:
Por este mar a gente Lusitana,
Que com armas virá despois de ti,
Terá victorias, terras, e cidades,
Nas quaes hão de viver muitas idades.

CVIII.

As provincias, que entre hum e o outro rio
Vês com varias nações, são infinitas:
Hum reino Mahometa, outro Gentio,
A quem tem o Demonio leis escritas.
Olha que de Narsinga o senhorio
Tem as reliquias sanctas e bemditas
† Do corpo de Thomé, barão sagrado,
Que a Jesu Christo teve a mão no lado:

CIX.

Aqui a cidade foi, que se chamava
Meliapôr, formosa, grande e rica:
Os idolos antiguos adorava,
Como inda agora faz a gente inica:
Longe do mar naquelle tempo estava,
Quando a Fé, que no mundo se publica,
Thomé vinha prégando, e já passara
Provincias mil do mundo, que ensinara.

CX.

Chegado aqui prégando, e junto dando
A doentes saude, a mortos vida,
A caso traz hum dia o mar vagando
Hum lenho de grandeza desmedida:
Deseja o Rei, que andava edificando,
Fazer delle madeira, e não duvida
Podêr tiral-o a terra com possantes
Forças d'homens, de engenhos, de elephantes.

CXI.

Era tão grande o pezo do madeiro,
Que, só para abalar-se, nada abasta;
Mas o nuncio de Christo verdadeiro
Menos trabalho em tal negocio gasta:
Ata o cordão, que traz, por derradeiro
No tronco, e facilmente o leva, e arrasta
Para onde faça hum sumptuoso templo,
Que ficasse aos futuros por exemplo.

CXII.

Sabía bem, que se com fé formada
Mandar a hum monte surdo, que se mova,
Que obedecerá logo á voz sagrada;
Que assi lho ensinou Christo, e elle o prova:
A gente ficou disto alvoroçada,
Os Brâhmenes o tem por cousa nova:
Vendo os milagres, vendo a sanctidade,
Hão medo de perder autoridade.

CXIII.

São estes sacerdotes dos Gentios,
Em quem mais penetrado tinha inveja,
Buscam maneiras mil, buscam desvios,
Com que Thomé não se ouça, ou morto seja:
O principal, que ao peito traz os fios, (40)
Hum caso horrendo faz, que o mundo veja;
Que inimiga não ha tão dura, e fera,
Como a virtude falsa da sincera.

CXIV.

† Hum filho proprio mata, e logo accusa
De homicidio Thomé, que era innocente:
Dá falsas testemunhas, como se usa,
Condemnaram-no á morte brevemente.
O Sancto, que não vê melhor escusa,
Que appellar para o Padre Omnipotente,
Quer diante do Rei, e dos senhores,
Que se faça hum milagre dos maiores.

CXV.

O corpo morto manda ser trazido,
Que resuscite, e seja perguntado
Quem foi seu matador, e será crido
Por testemunho o seu mais approvado:
Virão todos o môço vivo erguido
Em nome de Jesu crucificado:
Dá graças a Thomé, que lhe deo vida,
E descobre seu pai ser homicida.

CXVI.

Este milagre fêz tamanho espanto,
Que o Rei se banha logo na agua santa,
E muitos após elle: hum beija o manto,
Outro louvor do Deos de Thomé canta.
Os Brâhmenes se encheram de odio tanto,
Com seu veneno os morde inveja tanta,
Que, persuadindo a isso o povo rudo,
Determinam matal-o em fim de tudo.

CXVII.

Hum dia, que prégando ao povo estava,
Fingiram entre a gente hum arruido:
Já Christo neste tempo lhe ordenava,
Que, padecendo, fôsse ao Ceo subido.
A multidão das pedras, que voava,
No Sancto dá, já a tudo offerecido:
Hum dos máos, por fartar-se mais depressa,
Com crua lança o peito lhe atravessa.

CXVIII.

Choraram-te, Thomé, o Gange e o Indo, (41)
Chorou-te toda a terra, que pizaste;
Mais te choram as almas, que vestindo
Se hiam da sancta Fé, que lhe ensinaste:
Mas os Anjos do Ceo cantando, e rindo,
Te recebem na gloria, que ganhaste.
Pedimos-te, que a Deos ajuda peças,
Com que os teus Lusitanos favoreças.

CXIX.

E vós outros, que os nomes usurpais
De mandados de Deos, como Thomé,
Dizei, se sôis mandados, como estais,
Sem irdes a prégar a sancta Fé?
Olhai que, se sôis sal, e vos damnais
Na patria, onde propheta ninguem he;
Com que se salgarão em nossos dias
(Infieis deixo) tantas heresias?

CXX.

Mas passo esta materia perigosa,
E tornemos á costa debuxada.
Já com esta cidade tão famosa,
Se faz curva a Gangetica enseada:
Corre Narsinga rica e poderosa,
Corre Orixa de roupas abastada,
No fundo da enseada o illustre rio
Ganges vem ao salgado senhorio:

CXXI.

Ganges, no qual os seus habitadores
Morrem banhados, tendo por certeza,
Que, inda que sejam grandes peccadores,
Esta agua sancta os lava, e dá pureza.
Vê Cathigão, cidade das melhores
De Bengala, provincia, que se preza
De abundante; mas olha, que está posta
Para o Austro daqui virada a costa.

CXXII.

Olha o reino Arracão, olha o assento
De Pegú, que já monstros povoaram,
Monstros filhos do fêo ajuntamento
D'huma mulher e hum cão, que sós se acharam:
Aqui soante arame no instrumento
Da geração costumam, o que usaram
Por manha da Rainha, que, inventando
Tal uso, deitou fóra o errôr nefando.

CXXIII.

Olha Tavai cidade, onde começa
De Sião largo o imperio tão comprido:
Tenassarí, Quedá, que he só cabeça
Das, que pimenta alli tem produzido.
Mais avante fareis, que se conheça
Malaca por emporio ennobrecido,
Onde toda a provincia do mar grande
Suas mercadorias ricas mande.

CXXIV.

Dizem, que desta terra, co'as possantes (42)
Ondas o mar entrando, dividio
A nobre ilha Samátra, que já d'antes
Juntas ambas a gente antigua vio:
Chersoneso foi dita, e das prestantes
Veas d'ouro, que a terra produzio,
Aurea por epithéto lhe ajuntaram,
Alguns que fosse Ophír imaginaram.

CXXV.

Mas na ponta da terra Cingapura
Verás, onde o caminho ás náos se estreita;
Daqui, tornando a costa á Cynosura,
Se encurva, e para a Aurora se endireita:
Vês Pam, Patâne, reinos, e a longura
De Sião, que estes e outros mais sujeita:
Olha o rio Menão, que se derrama
Do grande lago, que Chiamai se chama.

CXXVI.

Vês neste grão terreno os differentes
Nomes de mil nações nunca sabidas:
Os Láos em terra e numero potentes,
Avás, Bramás por serras tão compridas.
Vê nos remotos montes outras gentes,
Que Gueos se chamam, de selvages vidas,
Humana carne comem, mas a sua
Pintam com ferro ardente, usança crua.

CXXVII.

Vês, passa por Camboja Mecom rio,
Que capitão das aguas se interpreta,
Tantas recebe d'outro só no estio,
Que alaga os campos largos, e inquieta:
Tem as enchentes, quaes o Nilo frio:
A gente delle crê, como indiscreta,
Que pena, e gloria tem despois de morte
Os brutos animaes de toda sorte.

CXXVIII.

Este receberá placido, e brando,
* No seu regaço o Canto, que molhado (43)
Vem do naufragio triste, e miserando.
* Dos procellosos baixos escapado, (43)
Das fomes, dos perigos grandes, quando
Será o injusto mando executado
Naquelle, cuja lyra sonorosa
Será mais afamada, que ditosa.

CXXIX.

Vês, corre a costa, que Champá se chama,
Cuja mata he do páo cheiroso ornada:
Vês, Cauchichina está de escura fama,
E de Ainão vê a incognita enseada:
Aqui o soberbo imperio, que se afama
Com terras, e riqueza não cuidada,
Da China corre, e occupa o senhorio
Desd'o Trópico ardente ao Cinto frio.

CXXX.

Olha o muro, e edificio nunca crido,
Que entre hum imperio, e o outro se edifica,
Certissimo signal, e conhecido,
Da potencia Real, soberba, e rica:
Estes, o Rei, que tem, não foi nascido
Principe, nem dos pais aos filhos fica;
Mas elegem aquelle, que he famoso
Por cavalleiro sabio, e virtuoso.

CXXXI.

Inda outra muita terra se te esconde,
Até que venha o tempo de mostrar-se.
Mas não deixes no mar as ilhas, onde
A natureza quiz mais afamar-se:
Esta meia escondida, que responde
De longe á China, donde vem buscar-se,
He Japão, onde nasce a prata fina,
Que illustrada será co'a Lei divina.

CXXXII.

Olha cá pelos mares do Oriente
As infinitas ilhas espalhadas:
Vê Tidóre, e Ternáte, co'o fervente
Cume, que lança as flammas ondeadas;
As arvores verás do cravo ardente,
Co'o sangue Portuguez inda compradas,
Aqui ha as aureas aves, que não decem (44)
Nunca á terra, e só mortas apparecem.

CXXXIII.

Olha de Banda as ilhas, que se esmaltam
Da varia côr, que pinta o roxo fruto,
As aves variadas, que alli saltam,
Da verde noz tomando seu tributo:
Olha tambem Bornêo, onde não faltam
Lagrimas no licôr coalhado, e enxuto
Das arvores, que câmphora he chamado,
Com que da ilha o nome he celebrado.

CXXXIV.

Alli tambem Timôr, que o lenho manda
Sândalo salutifero, e cheiroso:
Olha a Sunda tão larga, que huma banda
Esconde para o Sul difficultoso:
A gente do sertão, que as terras anda,
Hum rio, diz, que tem miraculoso,
Que, por onde elle só sem outro vae,
Converte em pedra o páo, que nelle cae.

CXXXV.

Vê naquella, que o tempo tornou ilha,
Que tambem flammas tremulas vapora,
A fonte, que oleo mana, e a maravilha
Do cheiroso licôr, que o tronco chora, (45)
Cheiroso mais, que quanto estilla a filha
De Cinyras na Arabia, onde ella mora;
E vê que, tendo quanto as outras tem,
Branda sêda, e fino ouro dá tambem.

CXXXVI.

Olha em Ceilão, que o monte se alevanta
Tanto, que as nuvens passa, ou a vista engana:
Os naturaes o tem por cousa santa;
Pela pedra, onde está a pégada humana.
Nas ilhas de Maldiva nasce a planta, (46)
No profundo das aguas soberana,
Cujo pômo contra o veneno urgente
He tido por antidoto excellente.

CXXXVII.

Verás defronte estar do Roxo estreito
Socotorá, co'o amaro Aloe famosa:
Outras ilhas no mar tambem sujeito
A vós na costa de Africa arenosa,
Onde sahe do cheiro mais perfeito (47)
A massa, ao mundo occulta, e preciosa:
De São-Lourenço vê a ilha afamada,
Que Madagascar he d'alguns chamada.

CXXXVIII.

Eis-aqui as novas partes do Oriente,
Que vós outros agora ao mundo dais,
Abrindo a porta ao vasto mar patente,
Que com tão forte peito navegais.
Mas he tambem razão, que no Ponente
D'hum Lusitano hum feito inda vejais,
Que, de seu Rei mostrando-se aggravado,
Caminho ha de fazer nunca cuidado.

CXXXIX.

Vedes a grande terra, que contina
Vai de Callisto ao seu contrario polo,
Que soberba a fará a luzente mina
Do metal, que a côr tem do louro Apollo:
Castella, vossa amiga, será dina
De lançar-lhe o collar ao rudo collo:
Varias provincias tem de varias gentes,
Em ritos, e costumes differentes.

CXL.

Mas cá onde mais se alarga, alli tereis
Parte tambem co'o páo vermelho nota,
De Sancta-Cruz o nome lhe poreis,
Descobril-a-ha a primeira vossa frota:
Ao longo desta costa, que tereis,
Irá buscando a parte mais remota
O Magalhaens, no feito com verdade
Portuguez, porêm não na lealdade.

CXLI.

Desque passar a via mais que mea,
Que ao Antarctico polo vai da Linha,
D'huma estatura quasi gigantea
Homens verá, da terra alli visinha:
E mais avante o Estreito, que se arrea
Co'o nome delle agora, o qual caminha (48)
Para outro mar, e terra, que fica onde
Com suas frias azas o Austro a esconde.

CXLII.

Atéqui, Portuguezes, concedido
Vos he saberdes os futuros feitos,
Que pelo mar, que já deixais sabido,
Virão fazer barões de fortes peitos.
Agora: pois que tendes aprendido
Trabalhos, que vos façam ser acceitos
Ás eternas espôsas, e formosas,
Que coroas vos tecem gloriosas:

CXLIII.

Podeis-vos embarcar; que tendes vento
E mar tranquillo para a patria amada.
Assi lhe disse : e logo movimento
Fazem da ilha alegre e namorada:
Levam refresco, e nobre mantimento,
Levam a companhia desejada
Das nymphas, que hão de ter eternamente,
Por mais tempo que o Sol o mundo aquente.

CXLIV.

Assi foram cortando o mar sereno
Com vento sempre manso, e nunca irado,
Até que houveram vista do terreno,
Em que nasceram, sempre desejado.
Entraram pela foz do Tejo ameno,
E á sua patria, e Rei temido e amado
O premio e gloria dão; porque mandou,
E com titulos novos se illustrou.

CXLV.

No mais, Musa, no mais; que a lyra tenho
Destemperada, e a voz enrouquecida,
E não do canto, mas de vêr que venho
Cantar a gente surda, e endurecida.
O favor, com que mais se accende o engenho,
Não no dá a Patria, não; que está mettida
No gosto da cubiça, e na rudeza
D'huma austera, apagada, e vil tristeza:

CXLVI.

E não sei, por que influxo de destino
Não tem hum ledo orgulho, e geral gosto,
Que os animos levanta de contino,
A ter para trabalhos ledo o rosto.
Por isso vós, ó Rei, que por divino
Conselho estais no regio solio posto,
Olhai que sôis (e vêde as outras gentes)
Senhor só de vassallos excellentes!

CXLVII.

Olhai, que ledos vão por varias vias,
Quaes rompentes leões, e bravos touros,
Dando os corpos a fomes, e vigias,
A ferro, a fogo, a settas, e pelouros:
A quentes regiões, a plagas frias,
A golpes de Idolátras, e de Mouros,
A perigos incognitos do mundo,
A naufragios, a peixes, ao profundo:

CXLVIII.

Por vos servir a tudo apparelhados,
De vós tão longe sempre obedientes
A quaesquer vossos asperos mandados,
Sem dar resposta, promptos e contentes:
Só com saber que são de vós olhados,
Demonios infernaes, negros, e ardentes
Commetterão comvosco, e não duvido,
Que vencedor vos façam, não vencido.

CXLIX.

Favorecei-os logo, e alegrai-os
Com a presença, e leda humanidade:
De rigorosas leis desalivai-os;
Que assi se abre o caminho á sanctidade:
Os mais exprimentados levantai-os,
Se com a experiencia tem bondade
Para vosso conselho; pois que sabem
O como, o quando, e onde as cousas cabem.

CL.

Todos favorecei em seus officios,
Segundo tem das vidas o talento:
Tenham Religiosos exercicios
De rogarem por vosso regimento;
Com jejuns, disciplina pelos vicios
Communs, toda ambição terão por vento;
Que o bom Religioso verdadeiro
Gloria vãa não pretende, nem dinheiro.

CLI.

Os Cavalleiros tende em muita estima;
Pois com seu sangue intrepido, e fervente
Estendem não somente a Lei de cima,
Mas inda vosso imperio preeminente;
Pois aquelles, que a tão remoto clima
Vos vão servir com passo diligente,
Dous inimigos vencem, huns os vivos,
E (o que he mais) os trabalhos excessivos.

CLII.

Fazei, Senhor, que nunca os admirados
Alemães, Gallos, Ítalos, e Inglezes,
Possam dizer, que são para mandados
Mais, que para mandar, os Portuguezes.
Tomai conselhos só d'exprimentados,
Que viram largos annos, largos mezes;
Que, postoque em scientes muito cabe,
Mais em particular o experto sabe.

CLIII.

De Phormião, philosopho elegante,
Vereis como Annibál escarnecia,
Quando das artes bellicas diante
Delle com larga voz tratava, e lia.
A disciplina militar prestante
Não se aprende, Senhor, na phantasia,
Sonhando, imaginando, ou estudando;
Senão vendo, tratando, e pelejando.

CLIV.

Mas eu, que fallo humilde, baixo e rudo,
De vós não conhecido, nem sonhado?
Da bôca dos pequenos sei com tudo,
Que o louvor sahe ás vezes acabado:
Nem me falta na vida honesto estudo,
Com longa experiencia misturado,
Nem engenho, que aqui vereis presente,
Cousas, que juntas se acham raramente.

CLV.

Para servir-vos, braço ás armas feito:
Para cantar-vos, mente ás Musas dada:
Só me fallece ser a vós acceito,
De quem virtude deve ser prezada.
Se me isto o Ceo concede, e o vosso peito
Digna empreza tomar de ser cantada,
Como a presaga mente vaticina,
Olhando a vossa inclinação divina:

CLVI.

Ou fazendo, que mais, que a de Medusa,
A vista vossa tema o monte Atlante;
Ou rompendo nos campos de Ampelusa
† Os muros de Marrocos, e Trudante:
A minha já estimada, e leda Musa,
Fico, que em todo o mundo de vós cante
De sorte, que Alexandro em vós se veja,
Sem á dita de Achilles ter inveja.

FIM.

ANNOTAÇÕES

CRITICAS, HISTORICAS E MYTHOLOGICAS.

Ao escuro dá luz, e ao que podéra
Fazer duvida aclara. . . . . .
(A. Ferreira, Carta a Diogo Bernardes.)
Mas discreto critíca, e faz justiça
Sem torpe inveja, sem paixão obscura.
(Filinto, Carta ao Sr. Brito.)

CANTO I.

Estancia v.

(1) Dai-me huma furia grande e sonorosa,
E não de agreste avena, ou frauta ruda.

Camões, antes de embocar a tuba heroica, havia começado por poezias pastoris; e podia dizer com Virgilio:

Ille ego, qui quondam gracili modulatus avenâ
Carmen . . . . . .
(Æneid. Lib. I. v. 1.)

Est. viii.

(2) Que inda bebe o licôr do sancto rio.

Fala o Poeta do Ganges, rio sagrado na opinião dos Indios, no qual em se lavando, reputão-se limpos de todos seus delictos e peccados. (Vid. Cant. VII, est. xx, v. 5... 7. Cant. X, est. cxxi, v. 1... 4.)

Est. xi.

(3) Que excedem Rhodamonte, e o vão Rogeiro,
E Orlando, inda que fôra verdadeiro.

Allusão aos Poemas de Ariosto, e de Boiardo.

Est. xii.

(4) Os dôze de Inglaterra, e o seu Magriço.

Facto historico, que fórma um interessante episodio do Canto VI, est. xliii... lxix.

Est. XIII.

(5) Pois se a trôco de Carlos, Rei de França.

Talvêz Carlos VII, chamado *O Victorioso*, que morreo em 1461.

Est. XVI.

(6) Deseja de comprar-vos para genro.

Imitação de Virgilio (Georg. Lib. I, v. 31.)

Teque sibi generum Tethys emat omnibus undis.

Est. XVII.

(7) Dos dous Avós as almas cá famosas.

ElRei D. João III, e o Imperador Carlos V.

Est. XVIII.

(8) E costumai-vos já a ser invocado.

Imitação de Virgilio (Georg. Lib. I, v. 42.)

. . . . . *et votis jam nunc assuesce vocari.*

Est. XX.

(9) Convocados da parte *do Tonante.*

De Tonante lêm as duas primeiras edições, e quantas as tem copiado: mas o Poeta fala aqui antonomasticamente, e em tal modo de locução o artigo torna-se indispensavel. — Lição correcta ao mesmo respeito offerece o verso 8, est. XLI, do Cant. II.

Lhe atalha *o poderoso e grão Tonante*,

ou —— Nem tanto *o grão Tonante* arremessou, (Cant. VI, est. LXXVIII, v. 5.) e mais claramente nas Rimas varias o verso da Oitava XVI das dirigidas a D. Constantino Viso-rei da India:

Que os trovões imitava *do Tonante.*

Est. XX.

(10) Pelo neto gentil do velho Atlante.

É Mercurio, filho de Jupiter e de Maya, e esta filha de Atlas.

Est. XXXI.

(11) De que Nysa celébra inda a memoria.

Nysa antiga cidade da India, situada áquem do rio Indo, e não longe do Cophes ou Cophen, seu affluente pela margem direita, no paiz de Candaar (Afghanistan) conforme D'Anville, a fundação de cuja cidade era attribuida a Dionysius ou Baccho na sua expedição á India. (Vid. Cant. VII, est. LII, v. 5.) Havia junto della um

monte, chamado *Meros*, vocabulo que em Grego significa *côxa*, o que dêo logar á fabula de Baccho mettido em uma côxa de Jupiter (Vid. est. LXXIII, v. 2. deste mesmo Cant. I.), e do seu duplicado nascimento; por se haver retirado com o seu exercito para este monte, onde se salvou de uma grande peste, que, durante a sua já mencionada expedição á India, devastára os campos. (Vid. Plinio Lib. VI, Cap. XXI, citado por Cellarius na sua Geographia Antiga, Tom. II, Liv. 3, Cap. XXIII, §. 18.).

EST. XLII.

(12) . . . . . o Sol ardente
Queimava então os deoses, que Typhêo
Co'o temôr grande em peixes convertêo.

Isto é, andava o Sol, como vulgarmente se diz, ou antes a Terra no signo de *Pisces*, a saber, corrião os ultimos dias do mêz de Fevereiro.

EST. XLVII.

(13) Por armas tem *adargas* e terçados.

Corrigimos *adargas*, em vêz de *adagas*, como trazem as duas primeiras edições, e algumas outras, que com menos critica as copiárão. — Que os povos de Moçambique usavão tambem da arma defensiva denominada *adarga*, o diz o Poeta no verso 3, est. LXXXVII deste mesmo Canto; e é bem de crêr que, sahindo alguns dos moradores do paiz em pequenos bateis, ou Zambucos, como lhes chama Barros, ao encontro da Armada do Gama, fossem providos, não só de armas offensivas, *terçados*, mas tambem das defensivas, *adargas*. Alem de que Camões, falando logo adiante nas est. LXXXVI, e LXXXVII de outras especies de armas offensivas, por estes Africanos empunhadas contra os Portuguezes, como de *azagaias*, de *arcos e setas*, de *hasteas perigosas*, não faz menção alguma de *adagas;* nem tão pouco na est. XCI, onde menciona outras armas, que na fuga hião arremessando, quaes a *pedra*, o *páo*, o *canto*. — Verdade é, que Castanhêda (Historia da India Liv. I, Cap. V.), de cuja narração mais, que da de Barros, Camões parece têr-se aproveitado neste e n'outros logares, diz: « A gente, que vinha dentro (dos barcos) erã homẽs baços e de bõs corpos, vestidos de panos d'algodão listrados e de muytas cores, hũs cingidos até o giolho, e outros sobraçados como capas: e nas cabeças fotas cõ vivos de seda lavrados de fio de ouro, e trazião terçados mou-

riscos e *adagas* » : Mas porque não haverá erro typographico de *adagas* em logar de *adargas*, tanto em Castanhêda, como nas primeiras edições dos Lusiadas? — Sendo aliás muito para se notar, que a correcção por nós feita concorda com o que ao mesmo respeito se lê na *Vida d'elRei D. Manoel*, escripta em Latim pelo Bispo Osorio (Lib. I.), cujas palavras são como se seguem : — Homines autem erant colorati, specie liberali præditi, vestibus bombycinis ornati, longissimis linteis auro intertextis et arcte compressis, ut spiris multifariam circumdatis caput obtegerent, ornabantur. Erant præterea aduncis gladiis accincti, *parmasque brachiis insertas gestabant.* — Ou, como traduz o nosso P. Francisco Manoel do Nascimento : « Erão homens de côr baça, mas muy bem apessoados; trajavão opas de seda, ornavão as cabeças com toucas foteadas de finissimo algodão listado de ouro; cingião alfanges ao lado, *e arrodelavão-se de broqueis.* » —— Advertiremos mais, que *adargas*, em vêz de *adagas*, lê a edição pequenina de 1651, a menos incorrecta de quantas conhecemos, o que foi seguido pelo Sr. J. V. Barreto Feio na sua edição feita em Hamburgo no anno de 1834.

EST. LIII.

(14) A mãi Hebrêa teve, e o pai Gentio.

Expressão caracteristica da religião Mahometana; por ser um composto de tradições Judaicas, e da antiga idolatria dos Arabes.

EST. LIX.

(15) Ao claro *Hyperionio*, que acordou.

Epitheto dado frequentemente por Homero ao Sol, assim denominado de seu pai *Hyperion*, segundo a fábula.

EST. LX.

(16) O imperio tomaram a Constantino.

Allude a Constantino Paleologo, ultimo Imperador do Oriente, governando o qual, foi Constantinopla tomada pelos Turcos em 26 de Maio de 1453.

EST. LXXI.

(17) Oh segredos daquella Eternidade.

Ambas as edições de 1572 escrevem *Eternidade* com a primeira letra maiúscula; e sem embargo disso emendou o Morgado de Matteus na sua edição *eternidade* com inicial minuscula, aliás escrevendo correctamente a mesma palavra na est. CIV, v. 5. do Cant. II. — É de notar,

que em ambas as primeiras edições, havidas na opinião geral (nem sempre a mais sensata) por mais puras, se acha escripto o verso da maneira seguinte:

Os segredos daquella Eternidade.

(18) Que eu co'o grão Macedonio, e *co'o Romano.*

Fala na ultima parte deste verso do Imperador Trajano, que fêz grandes conquistas no Oriente. (Vid. est. III, v. 3. deste mesmo Canto.)

EST. LXXXII.

(19) Tanto que estas palavras acabou.

Por agente do verbo *acabou* subentende-se *Baccho*, e não o *Mouro* do verso seguinte, como, ao que parece, julgárão, e mal, alguns Commentadôres e editôres dos Lusiadas.

EST. LXXXIII.

(20) Vá cahir, *donde* nunca se levante.

Quasi todas as edições lêm *onde*, o que é erro manifesto, que não pode ser attribuido a Camões. — Esta correcção é tambem da pequenina edição de 1651.

EST. LXXXIV.

(21) Os montes Nabatëos accendido.

São montes da Arabia, que os Historiadores antigos pretendião ter sido a primeira morada dos filhos da Nabath, filho mais velho de Ismael. — Advirta-se, que o vocabulo *Nabatëos* tem neste verso quatro syllabas pela figura Diéresis, figura que se encontra repetida em differentes logares do Poema, como iremos notando. — Não terá por impertinente uma tal advertencia, quem souber da imputação de ter errado versos, feita a Camões por Zoilos, qual o A. das *Cartas sôbre o verdadeiro Methodo de estudar* (Carta 7.); por invejosos, ou sequér despeitados, como o P. Macedo na sua *Censura das Lusiadas;* e por outros de igual medida de intelligencia poetica, e gosto, e caracter. Versos errados encontrão-se, é certo, nas duas tão gabadas edições do anno de 1572; pois na mesma contada por segunda, e a cuja correcção levemente se tem dito presidíra o Autor, escapárão ao typographo e ao revedor não menos de *oito:* Com tudo só a mais cega prevenção, ou a má vontade é que pode attribuir a Camões erros desta, e de outra igual natureza, de que estão recheados os exemplares dos Lusiadas, sahidos á luz ainda durante a sua vida.

Est. lxxxiv.

(22) *Quando o Gama* co'os seus determinava.

Quando Gama lêm as duas edições de 1572, e as suas copias; mas que lêm mal o mostrão todos os logares parallelos do Poema sem excepção. (Vid. Cant. II, est. xxix, v. 1. — est. lxx, v. 1. — est. xcvii, v. 5. — Cant. VI, est. xciii, v. 5. — Cant. VII, est. xlvi, v. 1. — est. lix, v. 1. — est. lxxiii, v. 4. — Cant. VIII, est. xi, v. 1. — est. lxxxiv, v. 5. &c. &c.)

Est. xci.

(23) Da-lhe armas o furôr desatinado.

Furor arma ministrat. . . . . (Virg. Æneid. I, v. 154.)

. . . . . *telum ira facit.* (id. ibid. — VII, v. 508.)

CANTO II.

Estancia xvii.

(1) E nesta *traïção* determinavam.

Tem neste verso tres syllabas pela figura Diéresis o vocabulo *traïção*.

Est. xx.

(2) *Doto* co'o peito corta, e atravessa.

Em ambas as edições de 1572, e mais particularmente na que o Morgado de Matteus tomou para texto da sua, lê-se *Cloto*, em vêz de *Doto;* e este editor, não obstante a veneração, que tributava áquella edição, não duvidou de substituir, ou de emendar *Doto* pelas razões sem duvida sensatas, por elle allegadas na *Advertencia*, que antecede a sua rica edição. —— É muito provavel, que Camões tivesse aqui em vista o logar de Virgilio (Æneid. IX, v. 101, &c.):

Mortalem eripiam formam, magnique jubebo
Æquoris esse deas: quales Nereïa Doto,
Et Galatea secant spumantem pectore pontum.

Est. xxvi.

(3) Outros em cima o mar alevantavam,
Saltando n'agua, *e a* nado se acolhiam.

Todas as edições, ainda as tidas por mais puras, lêm:
Saltando n'agua *a* nado se acolhiam:

Parecceo-nos com tudo, que a pequena alteração feita

neste verso por meio do acrescentamento de uma virgula, e da conjunção *e*, o tornava mais digno do reconhecido bom juizo do Poeta; visto ser muito possivel haver aqui falta typographica.

Est. xxxv.

(4) Se lh'apresenta assi, como ao *Troiano*
Na selva Idêa já se apresentára.

O *Troiano* é Paris, perante quem Venus se apresentou núa, para melhor ganhar o premio da belleza.

Est. xxxv.

(5) Se a vira o *caçadôr*, que o vulto humano
Perdêo, vendo Diana na agua clara;
Nunca os famintos galgos o mataram.

É *Acteon* convertido em veado, e despedaçado por seus proprios cães.

Est. xlii.

(6) Co'o vulto alegre, qual do ceo subido
Torna sereno e claro o ar escuro.

Imitação de Virgilio. (Æneid. I, v. 259.)
Vultu, quo Cœlum tempestatesque serenat.

Est. xlv.

(7) E se Antenôr os seios penetrou
Illyricos, e a fonte de Timavo.

Imitação do mesmo. (Æneid. I, v. 246, &c.)
Antenor potuit . . . . . .
Illyricos penetrare sinus, atque intima tutus
Regna Liburnorum et fontem superare Timavi.

Est. xlvii.

(8) Oh caso nunca visto e milagroso,
Que trêma, e fêrva o mar, em calma estando.

Vid. Barros (Decad. III. Part. II. Liv. 9. Cap. I.), e Castanhêda (Histor. da India Liv. 6. Cap. LXXI.), onde se lê o seguinte: « . . . e perto da costa d'ela (India) hũa noite dos seys dias de Setembro ao quarto da alva tremeo o mar muyto rijo, e por bõ espaço: e pola primeyra se cuydou na frota q̃ dava em algũs baixos de penedia, até que cayrão no que era. »

Est. xlix.

(9) Alli vereis o Mouro furioso
De suas mesmas settas traspassado,

Conta João de Barros (Decad. II. Part. I. Liv. 2. Cap. III. in fin.), que depois de uma batalha naval, dada contra os Mouros por Afonso de Albuquerque debaixo dos muros de Ormuz, « se achárão muitos corpos dos mesmos Mouros atravessados com suas proprias frechas, sem entre os nossos haver algum, que tirasse com arco, de que elles usão. » Este mesmo facto é narrado por Castanhêda (Liv. 2. Cap. LXII. in fin.): Sendo de notar, que tanto um, como outro Historiador attribue a milagre este successo. O Bispo Osorio porêm com melhor critica o explica por natural accidente da maneira seguinte: — *Hoc certe constat, tantam fuisse hostium trepidationem, postquam rem inclinari conspexêre, ut conversis arcubus se ipsos sagittis configerent. Itaque maximus numerus hostium interfectorum fluctibus ejectus in litus fuit sagittis transfixus, cùm a Lusitanis nulla sagitta mitteretur.* — (De Rebus Emmanuelis Lib. V.): « Huma cousa he porêm constante, que tal foi a torvação dos inimigos, quando começou a declinar a sorte do combate, que com os mesmos arcos contra si voltados se ferião; o que apparecêo mui claro nos cadaveres, que as ondas arrebessavão pelas ribeiras, que, sendo Mouros, vinhão espinhados de flexas, quando os Portuguezes huma só não tinhão despedido. » (Traducção de Francisco Manoel do Nascimento).

Est. LII.

(10) E vereis em Cochim assinalar-se,
Tanto hum peito soberbo e insolente.

Fala do grande Duarte Pacheco (Vid. Cant. X. est. XII . . . XXV.).

Est. LIII.

(11) O Capitão. . . . . Romano injusto,
Que dos povos *da Aurora*, e do famoso
Nilo, e do Bactra Scythico e robusto
A victoria trazia, e prêsa rica,
Prêso da Egypcia linda e não pudica.

Vê-se claramente, que Camões, ao compôr estes versos, tivera em vista o logar da Eneida Lib. VIII, v. 685, &c.:

Hinc ope barbaricâ, variisque Antonius armis
Victor ab Auroræ populis, et littore rubro,
Ægyptum, viresque Orientis, et ultima secum
Bactra vehit; sequiturque, nefas! Ægyptia conjux.

Lêmos o verso quinto desta estancia — Que dos povos *da Aurora*, e do famoso — e não *de Aurora*, como trazem

as primeiras edições; e julgâmo-nos dispensados de autorisar com argumentos a nossa correcção, por ser ella claramente indispensavel, a qual é tambem de outras muitas edições, entre estas da de 1651.

Est. LV.

(12) Nem das Boreaes ondas ao Estreito,
Que *mostrou o aggravado Lusitano.*

É Fernando de Magalhães, que no anno de 1520 descobrio o Estreito ao Sul da America, o qual ficou sendo chamado do seu appellido. — N. B. Ha aqui um manifesto anachronismo, repetido no Canto X, est. CXLI, v. 5 e 6.

Est. LVII.

(13) Sua vara fatal na mão levava,
Com que os olhos cançados adormece:
Com esta as tristes almas revocava
Do inferno, e o vento lhe obedece.

Assim Virgilio na Eneida Lib. IV. v. 242 &c.

Tum virgam capit: hâc animas ille evocat orco
Pallentes, alias sub Tartara tristia mittit;
Dat somnos, adimitque, et lumina morte resignat:
Illâ fretus agit ventos, et turbida tranat
Nubila. . . . . . .

Est. LXI.

(14) . . . . . Fuge, fuge, Lusitano,
Da cilada, que o Rei malvado tece.

Imitação do Verso da Eneida Lib. III, v. 44.

Heu! fuge crudeles terras, fuge littus avarum.

Est. LXII.

(15) As aras de Busiris infamado.

Clara imitação de Virgilio nas Georgicas Lib. III, v. 5.

Aut illaudati nescit Busiridis aras.

Est. LXIII.

(16) Lá quasi junto, donde o Sol ardendo
Iguala o dia e a noite em quantidade.

A grammatica do primeiro destes dous versos claramente elliptica, segundo entendemos, deve ser a seguinte: — Lá quasi junto (ao Equadôr terrestre, fronteiro ao celeste), donde o Sol ardendo (sc. vibrando a prumo os seus raios) Iguala o dia e a noite em quantidade —. Allude o Poeta á cidade de Melinde, situada em 3º 9' de Latitude Austral.

Est. lxiv.

(17) Isto Mercurio disse, e o sômno leva.
Dat somnos, adimitque.... (Virg. Æneid. IV. v. 244.)

Est. lxxii.

(18) A memoria do dia renovava
O pressuroso Sol, que o Ceo rodêa,
Em que aquelle, a quem tudo está sujeito,
O sêllo pôz a quanto tinha feito.

Era em Domingo de Pascoa, que naquelle anno, o de 1498, correspondêo a 5 d'Abril.

Est. lxxvii.

(19) *Escàrlata* purpurea, côr ardente.
Escarlaia pano de fina lãa carmisim.

Est. lxxix.

(20) Foi da summa *Justiça* concedido.

O Morgado de Matteus, e as edições, que tem copiado a sua, escrevem aqui menos correctamente com inicial minuscula o vocabulo *Justiça*, desviando-se, como no Canto I, est. lxxi, da edição de 1572, que áquelle editôr servio de norma; sendo que lá o vocabulo *Eternidade*, aqui o de *Justiça*, e bem assim o de *Poder* no Canto IV, est. lxxxvi, v. 5. designão clarissimamente a sublime idêa da Divindade!!!

Est. lxxx.

(21) Não sômos roubadôres, que passando. &c.

Imita o Poeta a passagem da Eneida Lib. I. v. 530 e 531:

Non nos aut ferro Libycos populare penates
Venimus, aut raptas ad littora vertere prædas.

Est. lxxxi.

(22) Que geração tão dura ha hi de gente.

Continúa imitando o logar do mesmo Poema: Lib. I. v. 543, &c.

Quod genus hoc hominum? Quæve hunc tam barbara morem
Permittit patria? Hospitio prohibemur arenæ!
Bella cient, primâque vetant consistere terrâ.

Est. xcv.

(23) Cabaia de damasco rico e dino.

« Levava vestida hũa cabaya de pano dalgodão branco, *que he hũa roupa apertada* no corpo e côprida até o artelho ». (Castanhêda, Histor. da India Liv. 1. Cap. VI.)

Est. xcv.

(24) Onde a materia da obra he superada.

Materiam superabat opus. . . . . (Ovid. Metamorph. II. v. 5.)

Est. cv.

(25) Em quanto apascentar o largo polo
As estrellas, e o Sol dér lume ao mundo,
Onde quer que eu viver, com fama e gloria
Viverão teus louvores em memoria.

Virgilio diz (Eclog. V. v. 69, &c.) :

Dum juga montis aper, fluvios dum piscis amabit,
Dumque thymo pascentur apes, dum rore cicadæ,
Semper honos, nomenque tuum, laudesque manebunt.

Est. cxi.

(26) Que quem ha, que por fama não conhece
As obras Portuguezas singulares?

O mesmo Virgilio na Eneida : Lib. I. v. 568, &c. :

Quis genus Æneadum, quis Trojæ nesciat urbem,
Virtutesque virosque, aut tanti incendia belli?
Non obtusa adeò gestamus pectora Poeni,
Nec tam aversus equos Tyriâ Sol jungit ab urbe.

CANTO III.

Estancia ix.

(1) Aqui dos Scythas grande quantidade
Vivem, que antiguamente grande guerra
Tiveram sôbre a humana antiguidade
Co'os que tinham então a Egypcia terra.

Acêrca da grande contestação, que houve entre os Scythas e Egypcios sôbre qual dos dous povos remontava a mais alta antiguidade, pode ler-se o historiador Justino (Lib. II, Cap. I.).

Est. ix.

(2) Ao campo Damasceno o perguntára.

É o campo Damasceno o logar, onde se diz fôra formado por Deus o primeiro par da especie humana, Adão e Eva.

EST. X.

(3) A Lapia fria, a inculta Noruega,
Escandinavia ilha. . . . . .

Plinio chama erradamente á Suecia e Noruega *Scandinavia insula*, sendo certo, que ambas, com uma parte da Laponia, formão uma verdadeira peninsula.

EST. XIV.

(4) Onde Antenôr já muros levantou.

Allude o Poeta á cidade de Padua, cuja fundação é attribuida a Antenôr, um dos Troyanos, que se diz escapárão á destruição da sua cidade pelos Gregos: e parece haver tido em vista neste logar os seguintes versos de Virgilio: (Æneid. I. v. 251, &c.)

Hic tamen ille urbem Patavi, sedesque locavit
Teucrorum, et genti nomen dedit, armaque fixit
Troïa. . . . . .

EST. XV.

(5) Co'os *muros naturaes* por outra parte.

Aos Alpes chama Polybio *muros da Italia*.

EST. XXXII.

(6) Scylla por huma mata o velho pai.

Vid. Ovid. Metamorph. Lib. VIII. in princip.

EST. XLIV.

(7) Imitando *a formosa e forte dama*,
De quem tanto os Troyanos se ajudaram.

A formosa e forte dama é a célebre Penthesilêa, rainha das Amazônas, a qual, segundo os Poetas, foi em soccorro de Priamo na guerra de Troya.

EST. XLIV.

(8) E as que o Thermodonte já gostaram.

São as Amazônas, moradoras, segundo a antiga opinião, junto ás margens do Thermodonte, rio do Ponto na Asia menor, das quaes escrevêo Virgilio (Æneid. XI. v. 659, &c.):

Quales Threïciæ, cùm flumina Thermodontis
Pulsant, et pictis bellantur Amazones armis.

EST. LI.

(9) Alli se vêm encontros temerosos
Para se desfazer huma alta *serra*.

Na milicia antiga era designada pelo nome de *serra* o esquadrão formado de muitos angulos a modo de dentes de serra : (Vid. Bluteau Diccionar., &c.) E é provavelmente neste sentido que o Poeta emprega aqui o vocabulo *serra*.

EST. LIII.

(10) Desbaratado e môrto o *Mouro* Hispano.

As edições de 1572, e as suas copias mais ou menos fieis lêm todas *Mauro Hispano;* porêm muito impropriamente em nosso entender, attento o discreto emprego, feito por Camões dos dous vocabulos *Mouro* e *Mauro* : Por quanto *Mouro* é empregado sempre no Poema substantivadamente, como, por ex. o *Mouro frio*, o *Mouro forte*, o *Mouro astuto*, os *Mouros bellicosos*, os *Mouros enganosos*, os *Mouros cautelosos*, &c. Pelo contrario Camões nunca se serve do vocabulo *Mauro*, que não seja como adjectivo, por ex. a *Maura lança*, a *Maura gente*, a *Maura vaidade*, o *Mauro sangue*, o *Mauro pôvo*, o *Mauro engano*, &c. E sem embargo de serem em regra geral os vocabulos *Mouro* e *Mauro* ambos adjectivos; com tudo, conforme as excepções da mesma regra da Grammatica Portugueza, o *artigo*, posto antes do primeiro, como nos seis exemplos em seu seguimento apresentados, o converte em substantivo: sendo que o segundo conserva sempre a sua natureza de adjectivo, o que bem mostrão os seis exemplos subsequentemente transcriptos, nos quaes o artigo affecta não o vocabulo *Maura* ou *Mauro*, mas os substantivos, com que elles concordão. Assim que no verso, a que se refere a presente Annotação, a expressão *Mouro Hispano*, bem como adiante na estancia CI, v. 3. *pôvo Hispano*, o que querem significar é *Mouro* e *pôvo natural* ou *moradôr da Hespanha*. — Applicando esta doutrina ao verso 5, est. CXV. deste mesmo Canto, escrevemos alli tambem *Mouro*, em logar de *Mauro*, que trazem todas as edições acima mencionadas, e lêmos o verso assim :

Quando o poder do *Mouro* grande e horrendo;

na firme convicção de que as duas lições contrarias são erros não do Poeta, mas do copista do manuscripto, ou do compositôr dos impressos : E para mais corroborarmos a nossa opinião, acrescentâmos, que lição igual á

nossa offerece nos dous logares a pequenina edição de 1651.

Est. lv.

(11) *Scalabicastro*, cujo campo ameno.

Em todos quantos AA. temos podido consultar, é designada a villa de Santarêm em Latim pelo vocabulo *Scalabicastrum*, e nunca por *Scabelicastrum* ou *Scabelicastro*, como escrevem todas as edições, que temos visto, exceptuada a de Hamburgo: e posto que o vocabulo *Scalabicastrum* fosse corrompido pelos Mouros no de *Cabelicastro* (como diz Bluteau, fundado na advertencia de Gaspar Barreiros na sua Corografia pag. 62. v.º); com tudo não é de presumir, que Camões, Portuguêz erudito, e não Mouro, o escrevesse conforme ao uso corrupto da Maurisma. — Por tanto havemol-o por erro typographico em todas as edições; sendo muito para admirar, que nenhum editôr dos Lusiadas, antes do Sr. Barreto Feio, tivesse nelle advertido!!!

Est. lxi.

(12) . . . . . por onde sôa
O tom das frescas aguas entre as pedras,
Que murmurando *lavã*, e Torres-Vedras.

Corrigimos no ultimo destes versos *lavã* ou *lavam*, em vêz de *lava*, que se acha em quasi todas as edições (sendo uma das exceptuadas a de 1651); porque o agente deste verbo não é *o tom*, mas o subentendido *frescas aguas;* nem *o tom* é cousa, que *lave:* aliás a falta typographica do *til* sôbre a ultima syllaba de *lavã* era facillima de ser commettida já pelo copista do manuscripto, já por uma typographia, qual a que imprimio as primeiras edições dos Lusiadas. Nem fica o verso errado, como alguem poderia dizer, attento o uso frequente, que o Poeta faz da figura Ecthlipse. (Vid. Cant. I, est. xxxiv, v. 7. — est. lx, v. 8. — Cant. II, est. xc. v. 1. — est. ci, v. 7. — Cant. IV, est. xxxviii, v. 8. — est. xcii, v. 4. — Cant. X, est. xliii, v. 3. — est. xcvi, v. 3. &c. &c. &c.).

Est. lxv.

(13) Sentio-o a villa, e vio-o *o Senhor* della.

A lição das primeiras edições — *e vio-o a serra della* —, combinada com os versos antecedente e seguinte, apresenta um verdadeiro disparate, obvio a quem lêr com attenção. O Morgado de Matteus, escravo algumas vezes, da sua edição *princeps;* a fim de salvar aquella dispara-

tada lição, introduz aqui de seu mero arbitrio um parentheses, que não vem em nenhuma das duas edições de 1572, com já notou o Sr. Barreto Feio; e imagina ao mesmo tempo o supposto emprêgo de uma figura poetica, a quem nem sequér dá nome: Mas sendo, como é, frequente o uso de parentheses em ambas aquellas edições, (não ha um só Canto, em que se não encontrem, não sendo, a regular-nos pelo exemplar da primeira edição, que temos presente, em todo o Poema menos em numero, do que quarenta e quatro, e por via de regra todos bem collocados) será crivel, que escapasse neste logar o parentheses, onde elle era tão indispensavel, que da sua falta resulta uma expressão inepta? — Demais: *a serra della* do 5. verso, e *Pela fralda da serra* logo no 7. são duas *serras* muito visinhas uma da outra na mesma Oitava, que a tornão por extremo escabrosa, alem de inintelligivel, e menos conforme ao bom juizo do Poeta. — Acresce finalmente, que o primeiro verso da estancia seguinte;

O Rei de Badajoz era alto Mouro,

serve de confirmar sem a menor duvida a correcção por nós adoptada, como foi já advertido mui sensatamente pelo Sr. Barreto Feio, fundado muito provavelmente no testemunho dos Historiadores, que se encarregárão de narrar este glorioso feito, quaes, por ex., Duarte Nunes de Leão, e Manoel de Faria e Sousa: Eis como se exprés-são os dous mencionados Historiadores: « E posta nella (Cezimbra) a guarda necessaria, quiz acometter Palmella, lugar por sitio tambem muito forte e difficultoso, e que parecia impossivel tomar-se. Para o que soomente com sessenta de cavallo, homẽes de feito, e cõ algũs piães beesteiros partio para ver o assento do Castello, e per onde acometteria. E estando o vendo, appareceo elRei de Badajoz por hũa assomada com muita gente das frontarias do redor, em que dizião vir quatro mil de cavallo e setenta mil de pee. Os quaes vinhão sem ordem, e a grãde pressa a soccorrer aos de Cezimbra, e fora de cuidarem de achar quê lhes désse estorvo. ElRei D. Afonso se teve detras de hum outeiro, e vendo os Cavalleiros, que com elle vinhão, tantas gentes, recearão muito verem-se em perigo, e aconselhavão a elRei que se recolhesse a seu arraial. Outros erão de parecer que se posesse no alto da serra de Azeitão, e tomasse nella algum forte, donde se defendesse, até ir recado aos seus. ElRei vendo o medo delles, que lhe não pareceo sem causa, por a mul-

tidão de Mouros, confiado porêm no poder de Deos. . . . Os Portuguezes vendo a determinação d'elRei, e como elle punha a aquelle feito sua pessoa, responderão, que lhe não faltarião, e o seguirião, e que fosse logo, porque os Mouros se chegavão. ElRei abalou, e em se mostrando aos Mouros, fez tocar as trombetas, e forão ferir nelles tão rijamente, que nos primeiros encontros cairão muitos mortos e feridos. Os Mouros vendo-se tomados de improviso, e sabendo que aquelle era elRei D. Afonso Henriques, cujo nome tanto temião, e tendo para si que os Christãos serião mais, começarão a fugir, parecendo aos derradeiros, que os seus mesmos que voltavão fugindo, erão Christãos, o que lhes fêz mais pavor, e serem desbaratados . . . . a victoria foi grande e notavel, sendo de tantas gentes, e que vinhão valêr a outros. ElRei seguio o alcance dos Mouros, e forão mortos e feridos muitos, e outros captivos, e lhe foi tomada a carriagem, e quanto trazião, que foi hum grande e rico despôjo. . . . Os Mouros de Palmella como souberão o desbarato d'elRei de Badajoz, e virão os Christãos, que vinhão contra elles, perdendo a esperança de serem soccorridos, derão a villa com condição de os deixarem ir em salvo. . . . &c. » (Duarte Nunes de Leão Chronica d'elRei D. Afonso Henriques, ediç. in fol. do anno de 1677. apag. 41 v.º &c.).

« Con sesenta lanças i algunos ballesteros quiso registrar el sitio i fuerça de la plaça de Palmela; miravalo quando por un recuesto se empeçó a descobrir elRei de Badajoz com quatro mil cavallos i sesenta mil infantes. El numero era este, mas ninguna la orden, con que marchavan por socorrer a los de Cesimbra: no sabian que va estavan debelados ». (Faria e Sousa Epitome de las Historias Portuguesas, Part. III, Cap. II.).

Est. LXXXI.

(14) De *marlotas*, capuzes variados.

Marlota, segundo Bluteau, é o vestido Mourisco, com que se cinge e aperta o corpo: ou capa curta á Mourisca. Conforme o A. dos *Vestigios da Lingua Arabica em Portugal*, é vestido curto, de que usão os da Persia e India.

Est. LXXXIV.

(15) Os altos promontorios o choraram, &c.

Imitação de Virgilio. (Georg. IV. v. 461. &c.):

. . . . . *Flerunt Rhodopeiæ arces*,

Altaque Pangæa, et Rhesi mavortia tellus,
Atque Getæ, atque Hebrus, et Actias Orithya.

Est. cv.

(16) O corrente *Mulucha* se congela.
Mulucha grande rio da Mauritania no reino de Fez.

Est. cx.

(17) Que com titulo falso possuindo
Está o famoso nome *Saraceno.*

Escrevemos neste logar *Saraceno*, e não *Sarraceno*, como se lê em todas as edições; que, ao contrario, fariamos dizer ao Poeta uma grande necedade. *Sarraceno*, segundo o Conde de Segur, (Histoir. Univers. Tom. VIII. cap. 9.º ediç. de 8.º) e outros, quer dizer *Oriental;* e *Saraceno* vale o mesmo que descendente de *Sara*, do que muito se prezão os Arabes Mahometanos. Em uma Nota á *Introduct. in Universam Geographiam* de Cluverio Lib. V. cap. 24. lê-se o seguinte: — *Saraceni prius dicti sunt Agareni ab Agar Abrahami serva: et postea Ismaelitæ. Demum Mahumede auctore voluerunt Saraceni apellari, vel a Sara uxore Abrahæ; vel a Saraca regione, quam Stephanus partem facit Arabiæ.* — A' cerca destes mesmos povos escreve Bluteau (Diccionar. vocab. *Sarraceno*): « Tambem se chamão *Saracenos*, nome que lhes deo Mafoma; porque se prezava de descendente da casta *Sara*, mulher legitima de Abrahão, não sendo senão de Agar, sua escrava, da gente Ismaelita e reprovada ». Ora se lessemos *Sarraceno*, como tem deixado passar inconsideradamente neste logar todos os editores dos Lusiadas, fariamos dizer ao grande Camões — que o exercito Agareno ou Mahometano estava possuindo *falsamente* o nome *Oriental* ou *Arabe* — » o que de certo não podia dizer um homem de juizo são. Alem de que, com que razão podia ser applicada a qualidade de *famoso* ao nome *Sarraceno* ou *Oriental?*

Est. cxvi.

(18) Não matou a quarta parte o forte Mario.

Na victoria contra os Cimbros, ganhada pelo exercito Romano junto a cidade de Verceil ou Vercelli (como traduz Sousa na Vida do Arcebispo Liv. II. cap. 4.º) no Piemonte 652 annos depois da fundação de Roma, e 101 antes do Nascimento de Christo. Os Historiadores elevão a cento e vinte mil o numero dos mortos, e a sessenta mil o dos prizioneiros,

Est. cxx.

(19) Estavas, linda Ignêz, posta em socego,
De teus annos colhendo dôce *fruito*,
. . . . . .
. . . . . .
Nos saudosos campos do Mondego,
De teus formosos olhos nunca *enxuito*.

Fructo e *enxuto*, com que em todas as edições, a contar desde as primeiras do anno de 1572, acabão os versos segundo e sexto desta estancia, não são consoantes de *muito*, final do quarto verso da mesma estancia; e ninguem admittirá, que um Poeta, como Camões, errasse a rima até sem precisão, elle que tão escrupuloso nesta materia se mostra, do que offerece exemplos grande numero dos seus versos. Sem falarmos na repetição das mesmas palavras, com que, para conservar rigorosamente a rima, fecha em algumas Oitavas differentes versos (Vid. Cant. IV, est. ci, e cii, e Cant. VIII, est. xciv.); por causa da rima escreve o Poeta *Orpheio* em vêz de *Orphéo*, *noda* em vêz de *nodoa*, *Mediterrano* por *Mediterraneo* (Cant. III, est. ii, v. 8. — est. xvii, v. 6. — est. xviii, v. 2.): *lisonge* por *lisongeie* (Cant. IV, est. ci, v. 6.): *abondanças* por *abundancias* (Cant. V, est. liv, v. 7. — Cant. VII, est. lxii, v. 3.): e no mesmo Canto VII, est. lxxxv, v. 4. *Proteio* em logar de *Protéo*, &c. &c. — Da palavra *fruito* usa frequentemente, se não sempre, em todas suas poesias, e até sem ser obrigado pelo consoante, como, por ex. no Cant. IX, est. lvi, v. 3. deste Poema — A larangeira tem no *fruito* lindo — (ediç. de 1572, e seguintes, e não como se acha emendado na edição do Morgado de Matteus!): escreve *escuitando* (Cant. III, est. iii, v. 1.), *escuitaram* (Cant. IV, est. xxviii, v. 7.), *aspeito* (Cant. VII, est. lxxvii, v. 4. &c.) sem que todavia lho exijam a rima. — Alem de que, quem anda versado na lição dos nossos Classicos, não ignora o uso frequente deste ditongo *ui* ou *uy* na penultima de muitos dos vocabulos da Lingua: Por ex. Bernardes (Carta X) para rimar com *muita* serve-se de *fruita* e de *luita*, escreve na Egloga IV. *escuitas*, na Egloga XVII. *fruitas* e *truitas*; Sá de Miranda (Carta V.) *escuito*: Na mesma prosa a Infanta D. Catharina (Perfeição da Vida Monastica) escreve *luitas*, *chuiva*, &c. &c. &c. — Mas que ha de ser, se editores imperitos, como tem sido quasi

todos os dos nossos Classicos, tudo nelles tem estragado, linguagem, orthographia, medida de versos, tudo, tudo? Por ex., escrevendo Antonio Ferreira amiudadas vezes *objeito* por *objecto* por causa da rima, fazem-lhe escrever na Egloga X. *enxuto* rimando com *fruito* e com *muito*, como acontece neste logar de Camões. — Pedimos desculpa para a longa extensão desta Nota sôbre materia, que a alguem parecerá talvèz de pouca monta, que o não é, antes sim de grande valôr e importancia; excepto se deixa de o ser o são credito dos nossos bons Autores, e o perfeito conhecimento da Lingua Portugueza, que elles falárão pura, e não turva e immunda, como nol-a querem dar a beber editores e commentadores ignorantissimos.

Est. cxxv.

(20) Para o Ceo crystalino alevantando
Com lagrimas os olhos piedosos,
Os olhos; porque as mãos lhe estava atando
Hum dos duros ministros rigorosos.

Imitação, ou quasi traducção da Eneida: (Lib. II. v. 405, &c.)

Ad cœlum tendens ardentia lumina frustra,
Lumina; nam teneras arcebant vincula palmas.

Est. cxxxiv.

(21) Assi como a bonina, que cortada
Antes do tempo foi, candida e bella, &c.

Imitação do mesmo Poema: (Lib. IX. v. 435, &c.)

Purpureus veluti flos succissus aratro
Languescit moriens, lassove papavera colo
Demisere caput, pluviâ cùm forte gravantur.

Ou tambem (Lib. XI. v. 68.)

Qualem virgineo demessum pollice florem.

Est. cxl.

(22) Ou quem o Tribu illustre destruio
De Benjamim? Bem claro nol-o ensina
Por Sara Pharaó, Sichêm por Dina.

De Benjamim: (Vid. Lib. Judicum Cap. 19, e 20.
— *Por Sara Pharaó*: (Vid. Genesis Cap. 12. v. 17.)
— *Sichém por Dina*: (Id. Cap. 34.).

CANTO IV.

ESTANCIA I.

(1) Removendo o temôr *do* pensamento.

Removendo o temôr ao pensamento, como lêm a maior parte das edições, não nos parece bôa Syntaxe; por isso corrigimos, como vai no texto. — A troca de um *a* por um *d* em caracteres italicos, como são os das duas primeiras edições, e tão imperfeitas, era muito facil de ser commettida pelos typographos. Esta mesma lição é tambem da edição de 1651, já por nós indicada como de todas a menos incorrecta.

EST. V.

(2) Quem, como Astyanax, precipitado
(Sem lhe valerem Ordens) da alta tôrre.

Alliusão ao Bispo de Lisboa D. Martinho. (Vid. Historia de Portugal.)

EST. XII.

(3) Como a Samsão *Hebrëo* da guedelha.

O vocabulo *Hebrëo* tem neste verso tres syllabas pela figura Diéresis.

EST. XVI.

(4) *Vencêram* esta gente tão guerreira?

Vencêram, e não *Vencestes*, como lêm todas as edições, menos a de Hamburgo; ao contrario padece a grammatica a mais barbara tortura. É para pasmar, que tenha escapado este erro a todos os editores e commentadores dos Lusiadas, excepto ao Sr. José Victorino Barreto Feio!!! Com tudo elle havia sido já emendado na versão feita em Castelhano por Henrique Garcèz, e impressa no anno de 1591, onde se lê:

Como no sois vos otros descendientes
de aquellos que debaxo la vandera
del gran Henrique fieros y valientes
vencieron esta gente tan guerrera?

Igual correcção encontrâmos feita em todas as mais traduções dos Lusiadas para outras Linguas, que temos podido consultar: sómente escapou ella aos nossos Sabichões e Eruditassos! Já é cegueira, ou teimosa prevenção a favôr das primeiras edições!!! — Nesta estancia

allude o Poeta á batalha de Valdevêz, na qual o Sr. D. Afonso Henriques, ainda Infante, derrotou tão completamente o exercito Castelhano, que a planicie, onde ella foi dada, obteve o nome de *Campo da matança*: nella ficou ferido elRei de Castella, e fôrão feitos prisioneiros sete Officiaes-Generaes, designados pelo titulo de *Condes*.

Est. xx.

(5) *Cornelio* môço os faz, que compellidos.
Publio Cornelio Scipião, denominado depois *o primeiro Africano*.

Est. xxiv.

(6) Como já o fero Hunno o foi primeiro.
O fero Hunno é o celebre Attila, Rei dos Hunnos.

Est. xxviii.

(7) Ouvio-o o monte Artábro, e Guadiana
Atraz tornou as ondas de medroso:
. . . . . .
. . . . . .
E as mâis, que o som terribil *escuitaram*,
Aos peitos os filhinhos apertaram.

Imita nesta estancia Camões a Virgilio na Eneida: (Lib. VII. v. 515. &c.)

Contremuit nemus, et silvæ intonuere profundæ,
Audiit et Triviæ longe lacus, audiit amnis
Sulphureâ Nar albus aquâ, fontesque Velini;
Et trepidæ matres pressere ad pectora natos.

Est. xxix.

(8) Quantos rostos alli se vêm sem côr, &c.

Esta Oitava é uma das de mais difficil intelligencia em todo o Poema; no em tanto mui poucos são os editores e commentadores dos Lusiadas, que se tenhão empenhado em trabalhar por lhe dar luz. Sem que alteremos a lição das primeiras edições, vejamos se nos é possivel entrar no sentido do Poeta: E pois a estancia 29. tem um nexo estreitissimo com a antecedente, começaremos por esta, expondo o mais succintamente o seu pensamento. — Est. 28. — O som horrendo e temeroso das trombetas dêo signal, de que a batalha hia começar: Toda a natureza inanimada e animada parecêo, ouvindo-o, dar mostras de mêdo, ou sequer de receio. — Est. 29. — Os rostos dos soldados perdêrão a côr

(1), por lhes acudir o sangue ao coração : Pois nos grandes perigos, não *o médo*, filho da cobardia, mas sim *o temôr*, ou a apprehensão razoavel e bem fundada do mal, que nos pode provir, muitas vezes é maior, do que o mesmo perigo; e se assim não é, ao menos assim o parece —. (O mais, que se segue, é a conclusão deste pensamento) : — É por isso que o furôr de offender ou vencêr o inimigo, faz se não sinta, como perda grande e rara, a pêrda dos membros, e até a da propria vida —. (Acerca da differença entre *medo*, *temôr*, *e receio*, Vid. *Synonymos da Lingua Portugueza* Tom. II. Art.º 280.) — Quem se não satisfizer com a intelligencia, que desta estancia acabâmos de dar, pode adoptar da pequenina edição de Lisboa de 1651. por Paulo Craesbeeck (texto o menos incorrecto de quantos conhecemos) a lição do verso 5.º desta mesma estancia, onde se acha a maior difficuldade, a qual lição é como se segue :

E se o não he, parece que o furor.

Na verdade esta ultima lição offerece um sentido mais claro, ou antes menos equivoco, do que as vulgares.

Est. xxxii.

(9) Quaes nas guerras civis de Julio, *e* Magno.

De Julio, *e Magno*, isto é, de Julio Cesar, e de Pompêo o Magno, e não de *Julio Magno*, como lêm as edições de 1572, e todas quantas as copiárão ás cegas. — O Commentadôr Manoel Corrêa em a Nota a este verso, para salvar a lição depravada, escreve barbaridades, assim como em differentes outros logares; sem attendêr ao verso 4.º da est. 62. deste mesmo Canto — Que co'a morte de *Magno* são famosas, — onde o Poeta clarissimamente se refere a Pompêo Magno, assassinado nas praias do mar junto a Alexandria do Egypto. — Advirta-se, que tanto nesta estancia, como no final do verso 4.º est. 92. Cant. IX, em vêz de *Magno* e de *Magnos* deve ler-se *Manho* e *Manhos* com pronuncia Italiana por causa da rima.

Est. xxxvii.

(10) Os montes sete-Irmãos atrôa, e abala.

Forão pelos Portuguezes denominados *sete-Irmãos* estes montes, por apresentarem todos o mesmo aspecto.

---

(1) *O furôr marcial despertado no principio dos combates pelo som das trombetas guerreiras, como foi já indicado pelo Poeta, — O peito accende, e a côr ao gesto muda* — (Cant. I. est. v. v. 4.).

EST. XLVII.

(11) Ás duas illustrissimas Inglezas,
Gentis, formosas, inclytas Princezas.

As duas filhas do Duque de Lancastre, das quaes a primeira D. Filippa casou com elRei de Portugal o Sr. D. João I, e a segunda D. Catharina com D. Henrique III, filho d'elRei de Castella D. João I.

EST. LXII.

(12) Que co'a morte de Magno são famosas.

Fala da Cidade de Alexandria no Egypto, em cujas praias foi assassinado Pompeo o Magno. (Vid. Not. (9) deste Canto. — Corrigimos neste verso o erro palpavel do maior numero de edições, *com morte*, em vêz de *co'a morte*.

EST. LXIII.

(13) Ficão-lhe atrás as serras Nabathêas.

Vid. Not. (21) á est. 84 do Canto I.

EST. LXIII.

(14) As costas odoriferas Sabêas,
Que a mãi do bello Adonis tanto honrou.

Allude á célebre Myrrha, que em castigo da sua paixão incestuosa foi convertida, segundo a fabula, na arvore, que dá o incenso. (Vid. Ovid. Metamorphos. Lib. X. v. 491, &c.)

EST. LXIV.

(15) Que as fontes, onde nascem, tem por gloria.

Corria entre os antigos, que as fontes dos rios Tigre e Euphrates erão no Paraiso-Terreal.

EST. LXVII.

(16) . . . . . No tempo que a luz clara
Foge, e as estrellas nitidas, que sahem,
A repouso convidam, quando cahem.

Esta passagem dos Lusiadas, que, para a entenderem, tanto tem dado em que pensar a editores, e a commentadores, querendo uns que o Poeta se refira aqui ao principio, outros ao fim da noite, e ainda outros á noite inteira, estes porêm em toda a est. 67. fazendo emprego de signaes orthographicos muito differente dos dous primeiros, não se nos affigura de tão difficil intelligencia, como tem parecido a quem sôbre a mesma passagem tanto ha discursado, Camões teve sem duvida aqui pre-

sente o logar da Eneida : (Lib. II. v. 8, &c.), onde o Poeta Latino diz :

. . . . . *Et jam nox humida cœlo*
Præcipitat, suadentque cadentia sidera somnos;

referindo-se não ao fim, porêm ao meio ou a pouco mais de meio da noite; que, a não ser assim, não teria Eneas espaço de tempo bastante para fazer a longa narração, que absorve dous Livros inteiros do Poema, e á qual pôz termo a tempo que Dido, ainda antes de amanhecêr, foi buscar debalde em seu leito o placido descanço, como se lê nos versos 5.º 6.º e 7.º do Livro IV. — Não assim o Poeta Portuguêz; pois, segundo nos parece, sem referir-se determinadamente a nenhuma das tres epochas da noite, comêço, meio e fim, o que simples e unicamente nos quer dizer é, que o sônho do Sr. D. Manoel tivera logar *não já de dia, mas sim de noite.* — Que o sônho não foi logo ao anoitecer, como querem alguns criticos, é claro pelo que se lê na estancia seguinte, onde se diz : que, *depois de deitado no aureo leito, e de ter estado revolvendo no conceito as obrigações do officio e do sangue*, o que do grande cuidado, que este Monarcha punha em bem regêr os seus Estados, provavelmente lhe levaria longo espaço; adormecêra, e que logo começára a sonhar : o sônho porêm é de crêr fosse dilatado, pelo muito que, antes da apparição dos dous rios, elRei vio em imaginação, segundo consta das est. 69, e 70. —— Tambem nos parece, que das palavras da est. 67. — *as estrellas nitidas, que sahem, a repouso convidão, quando cahem* — se não pode concluir affirmativamente, como pretendem outros criticos, que o sônho só começára pouco antes da madrugada : Porque o Poeta naquellas palavras, sem alludir ao Monarcha, nada mais faz que declarar em geral o, que ordinariamente acontece a todas as pessoas, isto é, o terem maior tendencia para dormir o sômno da manhãa, do que outro qualquer sômno; mormente se cuidados importantes as tiverão desveladas por longo espaço da noite. — Despendemos toda esta profusão de palavras, para sustentarmos convenientemente a intelligencia, e a lição por nós seguida, que é a das primeiras duas edições; desprezando todavia a alteração de signaes orthographicos, feita no texto pelo Morgado de Matteus, por inteiramente inutil. Sem embargo disto, não podemos deixar de reconhecer, que a intelligencia, dada a este logar pelo Sr. Barreto Feio, a qual tem a seu favor a lição offerecida pelas edi-

ções de 1613, e de 1651, não deixa de parecer-nos mui sensata; e declarâmos, que sem a menor hesitação lhe dariamos a preferencia, se vissemos, que era insustentavel a intelligencia e a lição das duas edições de 1572.

Est. LXXI.

(17) Par'elle os largos passos inclinando.

Julgámos corrupta a frase, que se lê em quasi todas as edições — *Por elle* os largos passos inclinando — : a troca de *Por elle* em vêz de *Par'elle* era facillima com caracteres italicos, como são os das duas primeiras edições do Poema. Acresce, que a lição por nos adoptada encontra-se no exemplar impresso em 1572, hoje pertencente ao Sr. Conselheiro Garret, que generosamente nôl-o confiou para o examinarmos, como effectivamente o examinámos com a mais escrupulosa miudeza: sendo muito para se notar, que o exemplar da Bibliotheca Publica de Lisboa, cujos signaes caracteristicos o mostrão da mesma edição do do Sr. Conselheiro Garret, isto é, da havida por segunda do anno de 1572, lê *Por elle.* — A traducção dos Lusiadas em Castelhano, impressa em Madrid em 1591, reproduz este logar da maneira seguinte:

y de dentro las aguas vio salian
los passos *hazia elle* enderescando.

Igual lição se encontra em todas as mais traduções do mesmo Poema, que temos podido examinar.

Est. LXXIV.

(18) Eu sou o illustre Ganges, que na terra
Celeste tenho o berço verdadeiro.

Opinárão alguns Autores, que o Ganges (bem como o Tigre, o Euphrates e o Nilo) tinha o seu nascimento no Paraiso-Terreal, donde, depois de haver corrido longo espaço por debaixo da terra, sahia junto do monte Imaúz: Camões mostra aqui abraçar esta opinião. — Serve tambem esta mesma nota para explicar a expressão do verso 4.º est. 1 do Cant. VII:

E o Ganges, que *no Ceo terreno* mora.

Est. LXXIV.

(19) Est'outro he o Indo, *Rei*, que nesta serra &c.

Collocámos entre virgulas a palavra *Rei*, entendendo o Sr. D. Manoel, e não o rio Indo, como querem todas as edições, exceptuada a d'Hamburgo; porque não vemos razão alguma, para que o Ganges, que *era o mais*

grave na pessoa, como se lê na estancia antecedente, désse o titulo de *Rei* ao seu collega Indo, que aliás lhe é muito inferior em copia de aguas, e em extensão de corrente.

EST. LXXXIII.

(20) Na *fatidica náo*, que ousou primeira &c.

A náo Argos, segundo a Mythologia, foi construida de madeira da floresta Dódona, cujas arvores predizião o futuro.

EST. CII.

(21) Digno da eterna pena do *Profundo*.

Escrevemos com inicial maiuscula o vocabulo *Profundo* em opposição ao que se encontra nas outras edições; por servir aqui para designar substantivada e antonomasticamente a idêa do *Abismo* ou *Inferno*. — Igual correcção e por identidade de razão fizemos na est. 41. v. 2, e na est. 44. v. 6. deste mesmo Canto.

EST. CIII.

(22) Trouxe o filho de Jápeto do ceo
O fôgo, que ajuntou ao peito humano &c.

Imitação dos versos de Horacio: (Lib. I. Od. 3.)

Audax Japeti genus
Ignem fraude malâ gentibus intulit:
Post ignem ethereâ domo
Subductum macies, et nova febrium
Terris incubuit cohors.

EST. CIV.

(23) Nenhum commettimento. . . . . .
. . . . . .
Deixa intentado a humana geração.

O mesmo Horacio (Epist. ad Pison. v. 285.):

Nil intentatum nostri liquere. . . . . .

CANTO V.

ESTANCIA IV.

(1) . . . . . que á direita
Não ha certeza d'outra, mas suspeita.

Christovão Colomb sómente na sua terceira viagem em 1498 foi que descobrio o continente Americano ao Norte

da Linha; por isso o Gama apenas podia suspeitar a sua existencia no anno de 1497, em que sahio de Lisboa. A parte daquelle continente ao Sul da Linha foi descoberta em 1500 por Pedr'Alvares Cabral.

Est. vi.

(2) Deixámos de Massylia a esteril costa &c.

Descreve o Poeta nesta estancia o vasto Deserto de Saara.

Est. viii.

(3) Entrámos navegando pelas filhas
Do velho Hesperio, Hespérides chamadas.

São, conforme o Poeta, as ilhas de Cabo-Verde: bem que em alguns Escriptores antigos sejão tambem designadas pelo nome de *Hespérides* as ilhas Canarias.

Est. xi.

(4) As Dórcadas passámos. . . . . .

Será o archipelago de *Bissagos* ou de *Bissangos*, cujas principaes ilhas estão situadas entre 10.º e 12.º de latitude septentrional??? (Vid. Mr. D'Anville — Géographie Ancienne — (*Mappa Orbis veteribus notus*): Nelle entre 10º e 12º de Latitude Boreal, pouco mais ou menos, e em frente de um rio, que não pode ser outro senão o Rio Grande, se vê um archipelago, composto de muitas ilhas, dellas o maior numero pequenas, e correspondendo-lhe a letra seguinte — *Hesperidum Insulæ*, *forte et Gorgades*. (Vid. tambem Annotação (6) deste mesmo Canto.)

Est. xi.

(5) Tu só, tu, cujas tranças encrespadas &c.
Meduza. (Vid. Metamorph. de Ovid. Lib. I. v. 798 &c.)

Est. xii.

(6) O *Grande* rio, onde batendo sôa
O mar nas praias notas, que alli temos.

Escrevemos com inicial maiuscula a palavra *Grande*, contra o que se lê em todas as edições; por ser este o nome proprio do rio, de que muito provavelmente aqui fala Camões: elle assim anda denominado em todas as Cartas geographicas, e em todas as relações historicas, tanto antigas, como modernas; e os muitos desacertos, que ácerca deste rio se encontrão escriptos assim nos antigos Commentadores dos Lusiadas, como em alguns Autores modernos, derivão de todos elles ignorarem, que ha

naquella Costa um rio, desde os primeiros descobrimentos denominado *Grande*, em cujas margens seus descobridores, os Portuguezes, tiverão desde o principio estabelecimentos, presentemente abandonados. — Com tal nome vai este rio desembocar ás costas da Guiné em 11° de Latitude do Norte, sessenta e tantas leguas alem do Cabo-Verde; e delle fazem menção, entre outros AA., Damião de Goes (Chronica do Principe D. João cap. 8.°) — Barros (Decad. I. Liv. 1.° cap. 14.) — Soares da Silva (Memorias d'elRei D. João I. Tom. 1.° cap. 88. num. 507.) — Candido Lusitano (Vida do Infante D. Henrique Liv. 3.° a pag. 292 . . . 295. ediç. de 4.°) — O Vice-Almirante Quintella (Annaes da Marinha Portugueza Tom. 1.° a pag. 148. Not. (1), referindo-se ao anno 1446) — O Sr. Visconde de Santarem Not. (1) ao cap. 88. da Chronica do Descobrimento e Conquista de Guiné por Azurara, pag. 414.) — Os AA. da Corografia Cabo-Verdiana (Tom. I. a pag. 127, e seguintes.) — O Indice Chronologico das Navegações, Viagens, Descobrimentos e Conquistas dos Portuguezes nos paizes ultramarinos desde o principio do Seculo XV. — anno de 1446, d.° de 1447, a pag. 35. &c.). —— Advertiremos porêm, que Barros, Soares da Silva e Candido Lusitano, nos logares citados acima, querem, que o *Rio Grande* seja o mesmo, que o de *Nuno Tristão;* quando os outros collocão a foz deste ultimo riò umas vinte legoas mais avante, como se vê tambem na Carta da Costa Occidental da Africa do famoso Atlas em pergaminho, ricamente illuminado, do cosmographo Portuguêz Fernão Vaz Dourado, feito em Gôa no anno de 1571, o qual se conserva hoje no Real e Nacional Archivo da Torre do Tombo de Lisboa. —— É a foz do *Rio Grande* em frente da ilha de *Bolâma*, uma das do archipelago de *Bissagos*, na parte do territorio Portuguêz, denominado *Bissáo:* (Vid. Corografia Cabo-Verdiana no Tom. e pag. acima citadas).

Est. xiv.

(7) Já descoberto tinhamos diante
Lá no nôvo hemispherio *nova estrella.*

Esta *nova estrella* é a Constellação do *Cruzeiro*, que serve aos nauticos para marcarem o Polo do Sul.

Est. xviii.

(8) Vi claramente visto o lume vivo,
Que a maritima gente tem por santo.

É o fenomeno igneo, que apparece aos maritimos em occasião de tormenta, denominado *Santelmo*, ou *Corpo-Santo*, &c.

Est. xviii.

(9) . . . . . cousa certo de alto espanto
Ver as nuvens do mar com largo cano
Sorvêr as altas aguas do Oceano.

São as Trombas-maritimas, fenomeno horroroso, e frequente sôbre tudo no Mar das Indias.

Est. xxvi.

(10) Desembarcámos logo na espaçosa
Parte, por onde a gente se espalhou.

A ângra de Santa Helena em 32° 40' de Latitude Meridional.

Est. xxvii.

(11) Do semícapro peixe a grande méta.

O signo de Capricornio, que serve para marcar, e para designar o Trópico do mesmo nome, é algumas vezes representado debaixo da figura de um bóde, terminada inferiormente em cauda de peixe.

Est. xxxv.

(12) Começando-se todos a sorrir.

Camões parece teve em vista neste logar a passagem da Eneida (Lib. V. v. 181, &c.)

Illum et labentem Teucri, et risere natantem,
Et salsos rident removentem pectore fluctus.

Est. xliii.

(13) E da primeira armada, que passagem
Fizer por estas ondas insoffridas,
Eu farei d'improviso tal castigo &c.

Foi a armada de Pedr'Alvares Cabral, que de treze navios, de que constava, lhe soçobrárão quatro, sem delles escapar pessoa alguma com vida, em uma tempestade, que o assaltou nestas alturas.

Est. xliv.

(14) Aqui espero tomar, se não me engano,
De quem me descobrio summa vingança.

Entende-se Bartholomeu Dias, o primeiro descobridôr do Cabo das Tormentas, ou da Boa-Esperança, o qual commandava uma das quatro embarcações da armada de Pedr'Alvares Cabral, que soçobrárão na tempestade a-

cima mencionada ; e foi por tanto uma das victimas.

EST. XLV.

(15) E do primeiro illustre , que a ventura &c.

D. Francisco d'Almeida , 1.º Vice-Rei da India , que no 1.º de Março de 1510 foi morto em uma briga entre os indigenas e os da sua compânha junto á Bahia do Saldanha em 33º 9' de Latitude do Sul. (Vid. Cant. X. est. 37 , e 38.).

EST. XLVI.

(16) Outro tambem virá de honrada fama ,

. . . . . .

E comsigo trará a formosa dama &c.

Manoel de Souza de Sepulveda , e sua esposa D. Leonor de Sá , que com seus filhos acabárão desgraçadamente na Cafraria.

EST. LII.

(17) Amores da alta espôsa de Pelêo.

E Thetis , espôsa de Pelêo , e mãi de Achilles ; e não Tethis , espôsa de Neptuno.

EST. LIX.

(18) Me anda Thetis cercando destas aguas.

Mr. Sané , falando do episodio do Adamastôr , o qual finda neste verso , diz o seguinte : « Homere , Virgile , le Dante et Milton n'ont rien de plus grandieux , de plus original , et la poésie en est divine. »

EST. LXI.

(19) Já Phlégon e Pyróis vinham tirando
Co'os outros dous o carro radiante.

Imitação de Ovidio (Metamorph. Lib. II. v. 153 , &c.)

Interea volucres Pyroeïs , Eous et Æthon ,
Solis equi , quartusque Phlegon. . . . . .

EST. LXI.

(20) Quando a terra alta se nos foi mostrando ,
Em que foi convertido o grão gigante.

A armada de Vasco da Gama dobrou o Cabo da Boa-Esperança em 20 de Novembro do anno de 1497. (Barros Decad. I. Liv. 4.º cap. 3.º).

EST. LXI.

(21) Onde segunda vêz terra tomámos.

Na bahia , ora denominada *Aguada de S. Braz* , ses-

senta leguas alem do Cabo da Bôa-Esperança. (Barros loc. cit.)

EST. LXV.

(22) Naquelle ilhéo fêz seu limite certo.

Situado a quarenta e tantas leguas alem do Cabo da Boa-Esperança, e têrmo da primeira navegação de Bartholomeu Dias, que lhe pôz o nome de *Santa-Cruz*.

EST. LXVIII.

(23) N'hum largo *rio*, ao qual o nome démos
Do dia, em que por elle nos mettemos.

O rio dos Reis.

EST. LXXIV.

(24) . . . . . logo o léme leve
Encommendado ao *Sacro Nicoláo*.

Por ser grande advogado dos mareantes, do qual piamente se conta, e crê, que, em uma grande tormenta sendo invocado, apparecêra á companha de um navio, cujo léme dirigíra, e salvára a embarcação. (Lê-se na vida deste Santo, escripta por Simão Metaphrastes.)

EST. LXXX.

(25) . . . . . mas logo a recompensa
A *Rhamnusia* com nova desventura.

Deosa da vingança e da indignação, adorada em Rhâmnas, aldêa da Attica; e por isso chamada *Rhamnusia*. É a mesma que os Mythológos denominão Nemésis.

EST. LXXXVI.

(26) Julgas agora, Rei, *que houve* no mundo
Gentes, que taes caminhos commettêssem?

A lição do primeiro destes dous versos, por nós corrigida, postoque diversa da que apresentão as duas edições de 1572, e outras, está em harmonia com a dos seus parallelos: (Vid. v. 3.º desta mesma estancia — est. 71. v. 5. — e est. 72. v. 1. deste mesmo Canto.) A lição vulgarmente seguida:

Julgas agora, Rei, *se houve* no mundo
Gentes, que taes caminhos commettêssem?

fórma um contrasenso, que tem escapado a quasi todos os editôres!!! Com melhor critica a pequenina edição de 1651. lê assim:

Julga *tu* agora, Rei, se houve no mundo
Gentes, que taes caminhos commettessem.

Est. lxxxvii.

(27) Esse, que bebêo tanto da agua Aonia;
Sôbre quem tem contenda peregrina
Entre si Rhodes, Smyrna e Colophonia,
Athenas, Ios, Argo e Salamina.

Este logar dos Lusiadas é a versão litteral do antigo distico, citado por Aulo-Gellio:

Septem urbes certant de stirpe insignis Homeri:
Smyrna, Rhodos, Colophon, Salamin, Chios, Argos, Athenæ:

Ou talvêz que o Poeta tivesse aqui presente a passagem da Oração de Cicero *pro Archia: Homerum Colophonei civem esse dicunt suum: Chii suum vindicant, Salaminii repetunt, Smyrnæi verò suum esse confirmant.*

Est. xciii.

(28) E diz, que nada tanto o deleitava,
Como a voz, que seus feitos celebrava.

Occorrêo provavelmente tambem a Camões neste logar o, que de Themistocles escreve Cicero na Oração já citada: *Themistoclem illum, summum Athenis virum, dixisse aiunt, cùm ex eo quæreretur, quod acroama, aut cujus vocem libentissime audiret:* « *Ejus, a quo sua virtus optime prædicaretur.* »

Est. xcv.

(29) Octavio entre as maiores oppressões
Compunha versos doutos e venustos;
Não dirá Fulvia certo, que he mentira;
Quando a deixava Antonio por Glafira.

Refére-se, ao que parece, nestes versos o Poeta ao célebre epigramma, composto por Octavio, em que este manifesta o seu desprezo a Fulvia, mulher de Antonio, a qual tinha querido ganhar-lhe o coração, vendo-se abandonada do marido. Encontra-se o epigramma em os *Analecta* por muitas vezes impressos ou já nas collecções de antigas poesias Latinas, ou já em seguimento ás Obras de Petronio. — Acerca das Composições não só poeticas, mas prosaicas de Octavio ou Octaviano Cesar Augusto Vid. Suetonio na vida deste Imperador cap. 85.

CANTO VI.

ESTANCIA II.

(1) Com que *a Lágeia* Antonio alegra, e engana.

A Lageia é Cleopatra, Rainha do Egypto, aqui designada pelo appellido da sua dynastia, a qual começára em Ptolomeu, filho de *Lagô*.

EST. X.

(2) Do velho *Chaos* a tão confusa face.

O Poeta emprega a figura Synéresis na palavra *Chaos*, reduzindo-a neste verso a monosyllaba.

EST. XVIII.

(3) Ostras, e breguigões de *musgo* sujos.

Corrigimos *musgo* em logar de *musco*, como tem as duas edições tantas vezes citadas nestas Annotações; por nos parecêr erro typographico já emendado em edições menos incorrectas, (uma dellas a de 1651) o qual até dá uma aspereza ao verso, que não condiz com a melodia geralmente observada na versificação dos Lusiadas.

EST. XXIII.

(4) *Aquella*, que das furias de Athamante
Fugindo, veio a ter divino estado,
Comsigo traz *o filho*, bello infante,
No numero dos deoses relatado.

Ino, e seu filho *Melicerte*, convertidos em divindades maritimas com os nômes de *Leucóthea*, e de *Palémo*, (Vid. Ovid. Metamorph. Lib. IV.).

EST. XXIV.

(5) E o deos, que foi hum tempo côrpo humano &c.

Camões emprega toda esta estancia em commemorar a fabula de *Glauco*, que de pescadôr fôra convertido em divindade maritima, por haver comido de certa herva. Namorára-se delle a maga Circe; mas, vendo que *Glauco* lhe preferia a formosa Scylla; dominada da paixão do ciume, teve artes para convertêr a sua rival em um monstro marinho, envenenando a fonte, onde esta tinha por costume ir lavar-se.

Est. xxv.

(6) De fumos enche a casa *a rica massa*,
Que no mar nasce, e Arabia em cheiro passa.

É o *âmbar*, substancia odorifera, que se encontra ás bordas do mar em certas paragens. (Vid. Cant. X. est. 137. v. 6.).

Est. xxix.

(7) Vistes, que com grandissima ousadia
Fôram já commettêr o Ceo supremo.

Allusão á Ode 3. Liv. I. das Poesias Lyricas de Horacio:

Expertus vacuum Dedalus aëre
Pennis non homini datis:
. . . . . .
Nil mortalibus arduum est,
Cœlum ipsum petimus stultitiâ.

Est. xxix.

(8) Vistes aquella insana phantasia
De tentarem o mar com vela e remo.

Na mesma Ode 3. do Liv. I.

Commisit pelago ratem.

Est. xxxi.

(9) Eu vi, que contra os Minyas &c.

Os *Minyas* são os mesmos, que os Argonautas. (Vid. Cant. IV. est. 83. v. 5.). Igual denominação lhes é dada por Ovidio, por ex. (Metamorph. Lib. VII. v. 1.):

Jam que fretum Minyæ Pagasæâ puppe secabant.

Est. xxxix.

(10) Mas *esfregando*, os membros estiravam.

Estregando, como lêm as edições primeiras, e outras, é vocabulo Hespanhol; e não parece verosimil que Camões o preferisse ao Portuguêz *esfregando*, aliás equivalente ao estrangeiro em significação e em numero de syllabas. — Pretender, como o Morgado de Matteus, que elle seja derivado do Latino *extergo*, parece-nos subtileza de mais: em tal caso deveria lêr-se *extergando*.

Est. lvi.

(11) No grande *emporio* foi parar de Frandes.

Corrigimos *emporio* em logar de *imperio*, como escrevem quasi todas as edições posteriores ás duas primeiras; e em vêz de *emperio*, como nestas se lê, o que é

erro manifesto assim n'umas, como n'outras : por quanto a Frandes ou Flandres nunca foi Imperio, mas só Condado, como era n'aquelle tempo, (Vid. est. 68. v. 4. deste mesmo Canto); e em edições tão pouco correctas, ou antes erradissimas, quaes as duas de 1572, nada mais facil, que a troca de um *o* por um *e* : alem de que, em todas as treze vezes, que nellas se encontra o vocabulo *Imperio*, tem este por inicial *I* maiusculo, ou *i* minusculo, e nunca a letra *e*. (Note-se bem, quão grande incuria não tem sido a dos editores e commentadores do mais illustre classico da lingua Portugueza!). — Do mesmo vocabulo *emporio*, que aqui substituimos a *imperio*, se torna a servir o Poeta no Canto X. est. 50. v. 8, e est. 123. v. 6. — Admittida pois a correcção, que neste logar fizemos, como a boa razão a estava pedindo, *o grande emporio* será a cidade de *Bruges*, famosa praça de commercio, e uma das mais florescentes cidades do Norte da Europa no tempo de Filippe o Bom, Duque de Burgonha, e Conde de Flandres, casado com a Infanta D. Isabel, filha d'elRei de Portugal o Sr. D. João I.

Est. lx.

(12) Não são vistos do Sol, do Tejo ao Bactro.

Bactro, ou *Oxus* dos antigos, grande rio da Asia, hoje denominado *Gihon* ou *Dgeïhoun* na Tartaria-Independente.

Est. lxviii.

(13) Lá se deixou ficar, onde hum serviço
Notavel *á Condessa* fêz *de Frandes*.

A Infanta D. Isabel, filha d'elRei D. Ioão I, que casou com Filippe de Burgonha e Flandres, e que gozava de grande ascendente por sua belleza e talentos sôbre o espirito de seu marido. Em uma contestação, suscitada entre este e Carlos VII, Rei de França, propôz D. Isabel, que se decidisse o negocio pela via das armas, e Magriço foi o campeão escolhido por aquella Princeza, o qual venceo o Cavalleiro Francêz, que sustentava as partes do Rei de França.

Est. lxix.

(4) Outro tambem dos dôze em Alemanha &c.

Alvaro Vaz d'Almada, que aceitou o desafio proposto por um Alemão debaixo da condição, de que peleijarião com o lado direito descoberto : sabendo porêm depois que o seu antagonista era canhôto, indignado desta per-

fidia, lançou-se sôbre elle, e o suffocou entre seus braços. Nos commentarios de Manoel Corrêa é contado este mesmo facto com alguma variedade.

EST. LXXIII.

(15) *Sẽ* aproveitar dos homens fôrça e arte.

Sẽ aproveitar, ou *Sem aproveitar*, e não *Se aproveitar*, como lêm as duas primeiras edições, e as que as tem seguido, o que não faz sentido algum; muito embora o Morgado de Matteus insista pela lição viciada, sem para isso dar razão, que bôa seja: Nem da lição pura resulta, como elle diz, erro na medida do verso; por quanto a figura Ecthlipse, frequentissimas vezes usada pelo Poeta (como deixámos tocado em a Annotação (12) ao Canto III.) o torna regular. A pequenina edição de 1651, para removêr todos os escrupulos, escreve:

Sẽ proveitar dos homẽs fôrça e arte.

EST. LXXVII.

(16) As Halcyonêas aves triste canto &c.

Ceix, esposo idolatrado de Alcyone, morreo em um naufragio; e conta a fabula, que os deoses convertêrão os dous consortes em aves, as quaes, segundo se diz, exhalão triste canto durante as borrascas maritimas.

EST. LXXVIII.

(17) Nem tanto o grão Tonante arremessou &c.

Imitação de Horacio. (Lib. I. Od. 2.):

. . . . . et rubente
Dexterâ sacras jaculatus arces,
Terruit Urbem:
Terruit gentes, grave ne rediret
Seculum Pyrrhæ. . . . . .

EST. LXXXII.

(18) Outros Acroceraunios infamados.

O mesmo Horacio. (Lib. I. Od. 3.):

Infames scopulos Acroceraunia.

EST. LXXXIII.

(19) Oh ditosos aquelles, que poderam
Entre as agudas lanças Africanas
Morrer. . . . . .

Imitação da Eneida. (Lib. I. v. 98, &c.)

. . . . . *O ter quaterque beati*,
Quels ante ora patrum Trojæ sub mœnibus altis
Contigit oppetere. . . . . .
ou (Lib. III. v. 321, &c.)
O felix una ante alias Priameïa Virgo,
Hostilem ad tumulum Trojæ sub mœnibus altis
Jussa mori. . . . . .

CANTO VII.

Estancia v.

(1) Vêdel-o duro Inglez, que se nomêa
Rei da velha e sanctissima Cidade, &c.

Nesta Oitava, e nos quatro primeiros versos da seguinte allude o Poeta a Henrique VIII, que, intitulando-se, como outros Monarchas de Inglaterra, Rei de Jerusalem, fêz uma Igreja a seu modo, da qual se intitulou Supremo Cabeça, depois de haver-se separado da Communhão Romana. — Mais ainda: a sua memoria é tristemente celebre pelas perseguições, que ordenou contra Catholicos e Protestantes, e pela crueldade contra suas proprias esposas.

Est. vi.

(2) Pois de ti, Gallo indigno, que direi, &c.

Esta apóstrophe, contida nos ultimos quatro versos da est. 6, e em toda a estancia 7, é dirigida contra Francisco I, Rei de França, por haver dado soccôrro ao Grão-Turco Solimão no cêrco naval, pôsto por elle á cidade de Nice na Italia; e por causa da sua conquista do Milanêz.

Est. vii.

(3) E não contra o *Cinypho*, e Nilo rios.

É o *Cinypho* um rio da Africa, que nasce no Biledulgerid, atravessa o territorio de Tripoli, e vem desaguar ao Mediterraneo com o nome de *Macres*. Mr. Barbié de Bocage e outros Geographos dizem, que o nome actual deste rio é Wadi-Quaham.

Est. vii.

(4) De Carlos, de Luiz o nôme e a terra.

Fala o Poeta de Carlos Magno, e de Luiz IX. mais conhecido pelo nôme de S. Luiz.

EST. XIII.

(5) Lhe obriga os charos filhos aos profanos
Preceitos do Alcorão : duro tributo !

Allude ao célebre, hoje extincto, côrpo militar de *Janizaros*, formado da mocidade Christãa, que pelos Gregos era dada, como em tributo, aos Turcos; ou que estes furtavão em idade ainda tenra.

EST. XXXIII.

(6) O Perimal, *de sabias* e eloquentes.

Corrigimos de *sabias* em vêz de *sabios*, como lêm as edições acreditadas por normaes; por se referir este adjectivo á palavra *gentes* do segundo verso da estancia, como é obvio a quem lê com attenção. — N. B. Toda esta historia, ou antes fabula, da conversão do *Saramá Perimal* para a religião Mahometana, e da sua hida para Méca a fazer-se frade ou derviche, qual Camões a conta nas duas est. 33, e 34, encontra-se narrada por modo mui diverso, e até opposto, em Diogo do Couto, (Decad. VII. Liv. 10. cap. 10.) onde por curiosidade deve lêr-se.

EST. XL.

(7) Observam os preceitos tão famosos
D'hum, que primeiro pôz nôme á Sciencia.

Fala o Poeta de *Pythagoras*, de quem dizem fôra o primeiro, que assumio o nôme de *Philosopho*, isto é, *amante da Sabedoria*, em vêz do de *Sabio*, (Sophos) pelo qual erão anteriormente designados os que se davão ao estudo e contemplação da Natureza : (Vid. Cicero Tuscul. Lib. V. cap. 3.) : e allude aqui á opinião de ter sido *Pythagoras* o, que na sua viagem á India ensinára aos habitantes o dogma da *metempsycose*, ou transmigração das almas de uns para outros corpos, a pratica da abstinencia de carnes, a contemplação, &c., seguidas e observadas no paiz; sendo aliás certo, que dos Brahmanes (Sacerdotes e Sabios Indianos) foi que Pythagoras aprendeo aquelle dogma e preceitos da sua philosophia.

EST. LI.

(8) Affiguradas vão com tal viveza
As historias daquella antigua idade &c.

É clara neste logar a imitação da Eneida : (Lib. I. vs 459. &c.) :

. . . . . *videt Iliacas ex ordine pugnas*,

Bellaque jam famâ totum vulgata per orbem.

EST. LIV.

(9) Da progenie de Jupiter se exalta.

Alexandre Magno, para inspirar maior respeito aos povos por elle vencidos, fêz-se passar por filho de Jupiter Amon.

EST. LXX.

(10) E não contentes *inda*, *na* Africana &c.

A suppressão da conjuncção *e* antes da palavra *Africana*, por nós feita, a qual superabunda nas duas primeiras edições, é correcção claramente exigida pela bôa intelligencia da frase. Esta lição é tambem da edição de 1651.

EST. LXXVII.

(11) Alça-se em pé (com elle o Gama junto,
Coelho da outra parte e o Mauritano):

Custa a crêr, como todos os editores dos Lusiadas, exceptuado o Sr. Barreto Feio, tenhão levado a sua prevenção a favôr das duas edições do anno de 1572. ao ponto de conservarem no primeiro verso desta estancia *Gamas* em vêz de *Gama*, e de orthographiarem o segundo verso de maneira, que o vocabulo *Mauritano* venha a ser agente do verbo *põe* no verso seguinte (êrro tambem da edição de Hamburgo de 1834.); e tudo isto só porque assim se encontra nos exemplares de edições aliás viciadissimas. Bastaria dar alguma attenção a tudo quanto o Poeta tem escripto anteriormente neste Canto, com particularidade ao verso 8.º da est. 73, ao 1.º da 75, e depois ao verso 7.º da est. 1, e ao 2.º da est. 43. do Canto seguinte &c., para se conhecer até com evidencia o erro typographico de *Gamas* em logar de *Gama* no 1.º verso desta est. 77. — E quanto á errada pontoação do verso 2.º da mesma estancia, parece igualmente incrivel, se não tenha advertido, que não é o *Mauritano Monçaide* quem *põe os olhos no bellico transunto*, mas sim o *Catual*, que não era Mauritano, mas sim Indiano.

EST. LXXVII.

(12) De hum velho branco, aspeito *soberano*.

Camões, conforme já em outro logar fica dito, não era Poeta, que errasse a rima; por tanto não poude escrever *venerando* para rimar com *Mauritano* e *humano*, como trazem quasi todas as edições; antes sim o mais provavel é que escrevesse *soberano*, como temos corri-

gido, e como já escrevêra no verso 4.º est. 22. do Canto I : devendo por consequencia o êrro da rima carregar sôbre o copista do manuscripto, ou sôbre o typographo.

Est. lxxix.

(13) Qual *Canace*, que á morte se condena,
N'hũa mão sempre a espada, e n'outra a penna.

Canace namorou-se de seu irmão *Macharêo*, o que sabido por seu pai *Eolo*, mandou-lhe um punhal, com ordem de se punir a si mesma. Ovidio a representa escrevendo a *Macharêo*, proximamente ao acto de se ferir, no seguinte verso aqui imitado por Camões :

Dextrâ tenet calamum, strictum tenet alterâ ferrum. (Heroid. Epist. XI. v. 3.)

Est. lxxx.

(14) Que para o Rei Judaico accrescentar-se.

O Rei Judaico, de que fala o Poeta, é Ezechias, Rei d'Israel. (Vid. Regum Lib. IV. cap. 20.).

CANTO VIII.

Estancia iii.

(1) Foi filho, *ou* companheiro do Thebano.

A lição *foi filho*, *ou companheiro*, e não *foi filho e companheiro*, como trazem as edições de 1572, e outras, é a que harmoniza com o que o Poeta escrevêo no Cant. I. est. 39. v. 4. — no Cant. III. est. 21. v. 6 e 7. — e no Cant. VI. est. 30. v. 2. — Assim lê tambem a edição de 1651.

Est. iii.

(2) Do Douro e Guadiana o campo ufano.

As edições de 1572. lêm *Do Douro Guadiana;* mas a falta da conjuncção é de certo erro typographico. (Vid. Cant. IV. est. 28. v. 3. — Cant. VII. est. 70. v. 3. — Cant. VIII. est. 29. v. 8. &c.).

Est. iv.

(3) Que foi seu companheiro, *ou* filho amado.

(Vid. Annotação (1) deste Canto.)

Est. IX.

(4) Despois de ter, co'os Mouros, superado
Gallegos e Leoneses cavalleiros:

Quer dizer: — Despois de ter (sc. nas guerras, ou combatendo) com os Mouros, *superado* (isto é, *excedido*) Gallegos e Leoneses cavalleiros —,

. . . . . cuja gente
Co'os Mouros foi nas guerras excellente. (Cant. IV. est. 8.)

Esta intelligencia é do Morgado de Matteus em a Nota (3) á Advertencia, que precede a sua nitida edição de Paris, intelligencia que aproveitamos com grande satisfação, por nos parecer muito sensata, e que julgámos devêr consignar em especial Annotação; por encontrarmos este logar muito mal entendido em traducções antigas e modernas do Poema. — É de advertir, que a significação dada nesta estancia ao participio *superado*, concorda inteiramente com a que lhe dá tambem o Poeta no verso 4.º est. 95 do Canto II:

Onde a materia da obra he *superada.*

Est. XV.

(5) Não fêz o Consul tanto, que cercado
Foi nas fôrcas Caudinas de ignorante.

Fôrão dous, e não um só, estes Consules, e erão seus nomes T. Veturius Calvinus, e Spurius Posthumius Albinus: destes o segundo foi pelos Romanos entregue aos Samnitas, que o não quizerão receber.

Est. XV.

(6) *A si* se entrega só, firme e constante,
Est'outro a si, e os filhos naturaes.

As primeiras edições escrevem *assi* erradamente; pois é aqui relativo, e não adverbio. (Vid. est. 14. v. 8. deste mesmo Canto):

Para que o Senhor salve, *a si* condena:

E nóte-se, que as edições indicadas escrevem este verso correctamente.

Est. XVII.

(7) He Dom Fuas Roupinho, que na terra,
E no mar resplandece juntamente.

D. Fuas Roupinho desbaratou junto á villa de Pôrto de Mós no anno de 1180. a Gamir, Rei Mouro de Mérida, a quem tambem aprisionou juntamente com um seu ir-

mão. (Vid. Brandão Monarch. Lusit. Part. III. Liv. 11. cap. 30.). O mesmo ganhou logo depois duas batalhas navaes aos Mouros, uma nas alturas do Cabo d'Espichel, e outra junto a Ceuta : acabou porêm gloriosamente a vida em uma nova expedição maritima junto a esta mesma cidade. (Vid. tambem Brandão loc. cit. cap. 31, e 33.)

Est. XVIII.

(8) Olha Henrique, famoso cavalleiro.

Foi um cavalleiro Alemão, que morrêo combatendo a favôr dos Portuguezes na tomada de Lisboa pelo Sr. D. Afonso Henriques.

Est. XIX.

(9) Hum Sacerdote vê brandindo a lança &c.

Imitação da Eneida. (Lib. X. v. 175, &c.) :

Tertius ille hominum divumque interpres Asylas,
Cui pecudum fibræ, cœli cui sidera parent,
Et linguæ volucrum, et præsagi fulminis ignes,
Mille rapit densos acie, atque horrentibus hastis.

Est. XX.

(10) Vêl-o cá, *onde* Sancho desbarata &c.

Onde, e não *donde;* (como lêm todas as edições tidas na conta de mais puras), por assim o exigir a bôa grammatica.

Est. XX.

(11) Mem Moniz he, que em si o valor retrata,
Que o sepulchro do pai co'os ossos cerra.

Dous feitos d'armas altamente gloriosos attribue o Poeta a um só *Mem Moniz*, filho, pelo que dá a entender, do famoso Egas Moniz : Delles um, mencionado nesta estancia, foi o de ter feito abatêr o pendão Real dos Mouros na grande batalha de Sevilha, dando em terra com o Alferes, depois de o haver ferido : O outro, mencionado na estancia antecedente, foi o de ter sido o primeiro, que na tomada de Santarem escalára os seus muros, e nelles arvorára as quinas Portuguezas, ou antes, como diz Brandão, o que quebrára com um machado as portas desta villa. Todavia o citado Brandão quer, que estes dous assignalados feitos tenhão sido praticados, não por um só, mas por dous individuos do mesmo nome sim, porêm de appellidos diversos : a saber, o primeiro por Mem Moniz, *o de Riba Douro*, companheiro do *Lidador;* e o segundo por Mem Moniz, *o de Candarai :* (Monarch. Lusit. Parte III. Liv. 11. cap. 24. — e Liv. 10.

cap. 26.) — Na opinião do mesmo Brandão (Parte III. Liv. 8. cap. 21.) nenhum destes Portuguezes illustres era filho, ou neto de Egas Moniz, o aio do Sr. D. Afonso Henriques, como se lê no maior numero dos nossos Escriptores, sendo um delles, ao que parece, o nosso Poeta, quando diz no verso 5 desta estancia :

Que o sepulchro do pai co'os ossos cerra.

Pondo de parte por agora esta questão, o que sôbre tudo importa saber é, qual intelligencia deva dar-se a esta passagem dos Lusiadas, em nosso entender, uma das difficeis do Poema. Manoel Corrêa salta por cima della, como pratíca com todas quantas carecem de explicação. Manoel de Faria e Sousa porêm entra nesse empenho, expondo os dous versos da maneira seguinte : « Mem Moniz retrata en si el valor del padre, que el sepulcro cierra con los huessos » : e mais adiante « Mem Moniz retrata con su valor el de su padre, encerrado con el en su sepulcro, que es a un mismo tiempo gran alabança del hijo, e grandissima del padre » : (Nota á est. 20. do Cant. VIII dos Lusiadas.) —— Os ultimos traductores Francezes dos Lusiadas, MM. *Ortaire*, *Fournier et Desaules* (édit. de Paris do anno de 1841.), entendêrão este logar, segundo nos parece, mais claramente do que Faria e Sousa, expondo-o da seguinte maneira : « C'est Mem Moniz ; il reproduit cette valeur, qui dort dans la tombe avec les os de son pere ». — N. B. Esta versão do Poema, a mais litteral de quantas tem sido feitas no idioma Francêz, é justamente digna dos louvores, que lhe dá o muito illustre Litterato Mr. Ferdinand Denis : assim fôsse ella feita sôbre um exemplar mais correcto do mesmo Poema.

EST. XXIII.

(12) Mas olha hum ecclesiastico guerreiro,
Que em lança de aço troca o bago de ouro.

D. Sueiro Viegas era o nome deste Bispo de Lisboa, e não *D. Matteus*, como na estancia seguinte lhe chama o Poeta, o qual estando sitiando a villa de Alcácer com poucos Soldados, aceitou a batalha, que lhe fôra offerecida por um grande exercito de Mouros, e de quem alcançou completa victoria. (Vid. Monarch. Lusit. Part. IV. Liv. 3.º cap. 10.).

EST. XXIV.

(13) Vês, vão os Reis de Córdova e Sevilha
Rôtos, co'os outros dous. . . . . .

Em soccôrro dos Mouros de Alcácer vierão quatro Reis,

tambem Mouros, a saber, o de Córdova, o de Sevilha, o de Badajoz e o de Jaen.

Est. xxviii.

(14) Não no vês tinto de ira, que reprende
A vil desconfiança inerte e lenta
Do pôvo, e faz que tome o dôce freio
Do Rei seu natural, e não do alheio?
(Vid. Cant. IV. est. 15 . . . 19.)

Est. xxxiv.

(15) Olha *este desleal* o como paga
O perjurio, que fêz, e vil engano.

Chamava-se Paio Rodrigues Marinho, Alcaide-mór de Campo-maior, que, tendo seguido as partes de Castella contra o Sr. D. João I, prendeo á falsa fé a Gil Fernandes d'Elvas; mas este, resgatado, o prendeo depois, e o matou.

Est. xxxiv.

(16) Mas olha Rui Pereira, que co'o rôsto
Faz escudo ás galés, diante posto.

(Vid. Soares da Silva Memorias d'elRei D. João I. Liv. 3. cap. 227).

Est. xxxv.

(17) Olha, que desasete Lusitanos
Neste outeiro subidos se defendem
Fortes de quatro centos Castelhanos.

Teve logar este grande feito d'armas junto á villa d'Almada na guerra entre D. João I. de Castella e o Mestre d'Aviz.

Est. xxxvii.

(18) Aquelle faz, que fama illustre fique
Delle em Germania, com que a morte engane.

Peleijando contra os Turcos no exercito do Imperador Sigismundo.

Est. xxxviii.

(19) Vês o Conde Dom Pedro, que sustenta
Dous cêrcos contra toda a Berberia.

D. Pedro de Menezes, primeiro Governadôr de Ceuta.

Est. xxxviii.

(20) Vês outro Conde está. . . . . .

D. Duarte de Menezes, filho do antecedente, que á custa da sua vida salvou a d'elRei D. Afonso V. em Africa.

EST. XLVI.

(21) Destruïção de gente e de valia.

A palavra *Destruïção* tem neste verso quatro syllabas pela figura Diéresis.

EST. XLVII.

(22) A isto mais se ajunta, *que a hum* devoto, &c.

A lição deste verso, qual se acha nos exemplares das duas edições de 1572, e na totalidade das posteriores,

A isto mais se ajunta, *que hum* devoto,

não harmonisa de sorte alguma com o verso 7.º desta mesma Oitava,

Baccho odioso em sonhos lhe apparece,

onde, sem embargo da má pontoação de todas as edições, se completa a oração principal de todo o periodo: o resultante desta má lição é um verdadeiro contrasenso. — É de lembrar, que os fanaticos adoradores das primeiras edições quererão talvêz encontrar nos quatro primeiros versos desta estancia uma especie de ablativo dos pelos Latinos denominados *absolutos* (do que, não ha duvida, se encontrão frequentes exemplos em os nossos Classicos, e até neste mesmo Poema); pretendendo reduzir a intelligencia do presente logar á seguinte: — Havendo em Calecut *um devoto sacerdote da lei de Mafamede*, dos odios concebidos contra a divina Fé, que tudo excede, *não remoto* —. Com tudo sendo, como é, esta intelligencia um pouco forçada, ou para melhor dizer, bastantemente violenta; preferimos a lição por nós adoptada no texto, visto que ella regulariza e dá perfeita clareza ao discurso, somente com a ligeira addição de uma letra, a preposição *a*, que era muito facil de escapar em edições tão imperfeitas, como as de 1572, na primeira das quaes não duvidou o Morgado de Matteus de declarar encontrára 160. erros typographicos, e na segunda 133, devendo contar mais este, que, como outros, escapou á sua menos accurada critica. — É de advertir, que nas traducções dos Lusiadas para idiomas estrangeiros, que temos examinado, se encontra igual correcção á por nos feita nesta estancia: Tanto é certo, que sem ella ninguem poude entender este logar do Poema, excepto os nossos sapientissimos editores, e commentadores!

EST. LII.

(23) Astutas *traïções*, enganos varios

. . . . . .

. . . . . .

Destruïção de gente pretendiam.

O vocabulo *traïções* no primeiro destes dous versos tem tres syllabas, e o *Destruïção* no segundo tem quatro, ambos pela figura Diéresis.

EST. LXII.

(24) Que signal, nem penhôr *não são* bastante
As palavras de hum vago navegante.

Corrigimos no primeiro verso *não são* em vêz de *não he*, como lêm errada e barbaramente todas as edições ! ! ! Era exigida esta correcção pela bôa grammatica, da qual Camões se não mostra ignorante em parte alguma das suas Obras : o contrario seria fazer-lhe injuria gravissima, a que não tem attendido os antecedentes editores, por estarem firmemente convencidos da pureza quasi virginal da por elles denominada edição *princeps* : — *Decipit exemplar vitiis imitabile* (1), já muito tempo ha o tinha dito Horacio. — Se é julgada áspera e dissonante a visinhança das duas syllabas em *ão;* por que é ella desculpada em outros logares do Poema, por ex. no verso 8.º est. 115. do Cant. III; no verso 2.º est. 10; e no verso 4.º est. 41. do Cant. VII; no verso 7.º est. 49. do Cant. VIII, &c. &c. &c.? Voltemos ás traducções do Poema, das quaes, por evitar proluxidade, sómente duas produziremos, uma antiga em Italiano, e outra moderna em Francêz : Carlos Antonio Paggi (ediç. de Lisboa de 1658) traduz a passagem da maneira seguinte :

Che segno, ò sigortà *non son* bastante
Le parole d'huom vago, e navigante.

MM. Ortaire, Fournier et Desaules (ediç. de Paris de 1841) : « les paroles d'un navigateur vagabond *ne sont pas* une preuve, une garantie suffisante ». A vista disto, a que se apegarão ainda os aferrados á lição *princeps*, bárbara em todos os idiomas cultos???

EST. LXV.

(25) Não causaram, que o vaso da nequicia
(Açoute tão cruel da Christandade)
Viera pôr perpetua inimicicia
Na geração de Adão co'a falsidade.

Collocámos accento circumflexo sôbre a palavra *pôr* do

---

(1) *Horat. Epistolar. Lib. I. Epistol.* 19.

terceiro verso, ficando assim convertida em *verbo* em vêz de *preposição*, como a trazem todas as edições, que havemos consultado, exceptuada a de Hamburgo do Sr. Barreto Feio; e resulta desta leve alteração orthographica um sentido claro á frase, em opposição á que é offerecida pela lição vulgar. — Note-se mais, que os signaes orthographicos, quaes se achão distribuidos pelos tres ultimos versos desta estancia em todas as edições mencionadas acima, obrigão o Poeta a dizer o maior de todos os disparates, historica e oratoriamente falando: Pois que! O Samorim idolatra era *poderoso Rei da tôrpe seita Mahometana!*... E ainda dado, mas não concedido, que o fôsse, é assim que no exordio de um discurso oratorio se grangêa a benevolencia de um Monarcha poderoso, isto é, chamando-lhe *Rei da torpe seita!!!*

Est. LXVII.

(26) ..... e os ardores,
Que soffrem do *Carneiro* os moradores.

Allude Camões ao Signo de *Aries*, ou do *Carneiro*, marcado no Equador celeste, isto é, em um dos dous pontos, onde a Eclyptica corta o mesmo Equador; querendo por esta expressão dar a entender a *Zona-Tórrida*.

Est. LXXI.

(27) De Argus, da Hydra a luz, da Lebre e da Ara.

São Constellações do hemispherio do Sul.

Est. LXXII.

(28) .... que nunca as *sete flammas* viram.

A Constellação da Ursa polar do Norte, composta de sete estrellas, denominadas *Septemtriones*.

Est. LXXXVII.

(29) Qual o reflexo lume do polido
Espelho de aço, ou de crystal formoso,
Que, do raio solar sendo ferido,
Vai ferir n'outra parte luminoso,
.....
.....
Anda pelas paredes e telhado,
Trémulo, aqui e alli dessocegado.

Comparação felizmente imitada da Eneida: (Lib. VIII. v. 22. &c.)

Sicut aquæ tremulum labris ubi lumen ahenis,

Sole repercussum, aut radiantis imagine lunæ,
Omnia pervolitat latè loca, jamque sub auras
Erigitur, summique ferit laquearia tecti.

Confrontando o Poeta Latino com a lição do ultimo verso do Poeta Portuguêz, por nós seguida, facil é de ver, que esta é mais conforme ao pensamento de Virgilio, e até mais fielmente representadôra do fenomeno, de que se trata, do que a lição das primeiras edições, que rejeitámos:

Trémulo aqui e alli, e dessocegado.

Est. LXXXIX.

(30) . . . . . que nunca louvarei
O Capitão, que diga: *Não cuidei.*

Neste logar teve Camões presente a passagem de Séneca: (De Ira Lib. II. cap. 31.) *Turpissimam, aiebat Fabius, Imperatori excusationem esse: Non putavi.*

Est. XCVII.

(31) A Polidoro mata o Rei *Treïcio.*

Ha Diéresis na palavra *Treïcio*, a qual por isso tem neste verso tres syllabas.

CANTO IX.

Estancia II.

(1) Da religiosa agua Ma'ometana.

Pôço sagrado de *Zemzêm* ou de *Agar*, junto ao templo denominado *Cauba* em Meca, a cuja agua attribuem os Mahometanos a virtude de purificar de todos os peccados; por haver tradição de que nella se lavava Mahomet.

Est. X.

(2) Outros quebrão co'o peito duro a *barra.*

Barra é a alavanca de páo, que nos navios serve para fazer voltar os cabrestantes.

Est. XIV.

(3) A sêcca flôr de Banda não ficou.

Nas ilhas de Banda, que fazem parte do archipelago da Notasia, ou da Oceania-Occidental, ou da *Malaisia*, conforme a mais moderna denominação, cresce a arvo-

re, que produz a noz muscada; e é a uma especie de fibra membranácea, que cobre esta noz, e a qual tem importante valôr no Commercio, que o Poeta dá muito provavelmente a denominação de *sécca flôr de Banda*. Esta especiaria, ou esta droga é designada em Latim, em Francêz e em Hespanhol pelo nome de *macis*, em Italiano por este mesmo nome, ou pelo de *mace*, e em Portuguèz pelo de *maça;* e della, segundo o nosso Garcia d'Orta, que a descreve com exacção de Naturalista e de Medico (na sua Obra, intitulada — Coloquios dos Simples e drogas, e cousas medicinaes da India, e fructas achadas nella —) se extrahe um oleo de utilissima applicação (diz elle) nas molestias de nervos. — Vê-se pois, que a expressão *sécca flôr de Banda*, empregada por Camões, não é exacta; comtudo ella parece conformar-se com o dizèr de Barros (Decad. III. Liv. 5.º Cap. 6.º), onde se lê o seguinte: « Quando estam em frol, (as arvores da noz) que he no tempo, em que a tem muitas plantas e hervas, que nascem por entre ellas, faz-se da mistura de tanta frol huma composição de cheiro, que não pode semelhar a nenhum dos que cá temos entre nós »: Bem assim com o de Castanheda (Historia da India Liv. 3.º cap. 96.), onde, falando da arvore, que dá a noz *nosgada*, como elle lhe chama, diz: « e nesta frol nasce a noz; e a frol he a *maça*, despois que se séca » (1). Camões porèm, Barros, e Castanheda não erão Naturalistas, como Garcia d'Orta; por isso não deve causar admiração, que escrevessem ácerca desta especiaria conforme a opinião vulgar, e não scientifica, do seu tempo. — Pelo que respeita ás ilhas de Banda, das suas producções, principalmente das da arvore, donde se extrahe a *maça*, do seu valôr no commercio &c. vid. entre outras obras, *Océanie* par Mr. de Rienzi Tom. I. a pag. 213.

Est. xvi.

(4) Outra vêz commettendo os duros medos
Do mar incerto, *timidos* e ledos.

Temidos lem ambas as edições de 1572, e assim o copiou o Morgado de Matteus!!! lição que, alem de não fazer sentido, estraga miseravelmente o verso.

---

(1) *Castanheda escreve mais exactamente ácerca desta droga no Liv. VI. Cap.* 5.º

EST. XXI.

(5) Da *primeïra* co'o terreno seio.

Declara Manoel Corrêa em a Nota a esta estancia ter ouvido da propria bôca de Camões, que este verso deve ler-se como o escrevemos no texto, que é tal qual se acha nas duas edições de 1572, isto é, contando pela figura Diéresis quatro syllabas no vocabulo *primeïra* : Sendo assim, a ilha, a que o Poeta aqui chama *primeira*, parece ser a ilha de *Ceilão*, em contraposição á ilha da *Madeira*, por elle contada como derradeira no verso 5.º est. 5. do Cant. V,

Mas nem por ser do mundo a derradeira :

o *terreno seio* o golfo de Bengala : e *no reino, que confina*, o mar das Indias. — Advertiremos porêm, que não deixa de parecer-nos grandemente plausivel a lição deste mesmo verso, adoptada por alguns editores,

Da mãi primeira co'o terreno seio,

a qual se encontra já em edições anteriores á de Manoel Corrêa de 1613, como elle tambem declara em a Nota citada, mormente pela maneira ingenhosa, com que tal lição é sustentada pelo Sr. Barreto Feio na sua edição d'Hamburgo do anno de 1834, entendendo por *mãi primeira* a Asia. Sem embargo disto, não nos resolvemos a preterir a lição das primeiras edições : visto ser ella authenticada pelo testemunho de um Commentador coevo e amigo de Camões, e que affirma ter ouvido dizer ao Poeta ser esta a lição verdadeira : pois muito nos custaria a lançar sôbre a reputação do Commentador citado a feia nota de falsario e de mentiroso.

EST. XXIV.

(6) *E aquellas*, em que foi já convertida
Peristéra, as boninas apanhando.

São *as pombas*. Cupido, segundo a Fabula, converteo em uma destas aves a nympha *Peristéra*.

EST. XXXIV.

(7) Qual o das môças Bibli, e Cinyrêa,
Hum mancêbo de Assiria, hum de Judêa.

Bibli foi uma môça de Mileto, perdida d'amores por seu irmão *Cauno*. — *Cinyrêa* é a celebre *Myrrha*, que se namorou, e concebêo de seu pai Cinyras. — *Hum mancebo de Assiria* foi o filho do Rei Antiocho, apaixonado por sua madrasta ; ou *Nino*, filho de Semiramis,

que teve amores com sua mãi. — *Hum de Judéa* foi *Amon*, filho de David, que violentou sua irmãa *Thamar*. (Vid. Lib. II. Regum Cap. 12.).

Est. xxxvii.

(8) . . . . . Amado filho, em cuja mão
Toda minha potencia está fundada,
Filho, em quem minhas forças sempre estão,
Tu, que as armas Typhéas tens em nada.

Camões traduzio aqui quasi litteralmente os versos da Eneida (Lib. I. v. 667, &c.)

Nate, meæ vires, mea magna potentia, solus,
Nate, patris summi qui tela Typhoïa temnis.

Est. xlviii.

(9) Os cornos ajuntou da eburnea lũa &c.

Em ambas as edições de 1572. lê-se nesta estancia *lũa*, *nenhũa*, *algũa*, e o Morgado de Matteus, não obstante a grande predilecção, que mostra pela primeira das duas edições, entendeo, que devia emendar para a sua (opulentissima de certo em accidentes) *lua*, *nenhuma*, *alguma*!!! Mas que é feito da rima? Como se o grande Camões fosse capaz de a errar, ou desprezar!!!

Est. lvii.

(10) . . . . . co'os pinheiros
De Cybele, *por outro amor vencidos.*
(Vid. Ovid. Fastor. Lib. IV. v. 223, &c.).

Est. lx.

(11) Alli a cabeça a flôr Cephisia inclina.

A *flôr Cephisia* é o *Narciso*, na qual, diz a Fabula, fôra convertido um môço assim chamado; a denominação porêm de *Cephisia* é derivada do patronimico *Cephiso*, nome de seu pai. (Vid. Ovid. Metamorph. Lib. III. v. 346 . . . 510.).

Est. lx.

(12) Florece o filho e neto de Cinyras.

É *a Anémona*, em que foi convertido *Adonis*, havido por Cinyras em sua filha Myrrha. (Vid. Annotação (14) do Cant. IV. e (7) deste Canto IX.)

Est. lxi.

(13) Para julgar difficil cousa fôra,
No Ceo vendo e na terra as mesmas côres,
Se dava ás flores côr a bella Aurora,

Ou se lha dão a ella as bellas flores.

Estes quatro versos são uma versão quasi fiel dos dous do Idyllio de Ausonio sobre *a rosa*.

Ambigeres, raperetne rosis aurora ruborem,
An daret, et flores tingeret orta dies.

Est. lxii.

(14) A candida cecêm. . . . . .;

Cecêm o mesmo que assucêna.

Est. lxii.

(15) Vêm-se as letras nas flores Hyacinthinas,
Tão queridas do filho de Latona.

Camões allude neste logar aos versos de Ovidio. (Metamorph. Lib. X. v. 215. &c.).

Ipse suos gemitus foliis depingit, et ai ai
Flos habet inscriptum. . . . . .

Est. lxii.

(16) Que competia *Chloris* com Pomôna.

Chloris é a mesma que Flora.

Est. lxiii.

(17) *Ao longo* da agua o niveo cysne canta.

Ao longo da agua, e não *A longo* da agua, como lêm as duas edições de 1572. Foi-nos suggerida esta correcção pelas proprias edições, que acabâmos de citar, as quaes assim escrevem logo adiante na est. 67. v. 7.:

Ao longo da agua, que suave e quêda.

Concorda comnosco a pequenina edição de 1651.

Est. lxxi.

(18) De huma os cabellos de ouro o vento leva,
Correndo, e *de outra* as *fraldas* delicadas;
Accende-se o desejo, que se ceva
Nas alvas *carnes* subito mostradas.

Corrigimos no segundo verso *de outra* em logar de *da outra*, como trazem todas as edições, que temos visto, a começar desde as duas primeiras, exceptuada a de Hamburgo de 1834; que aliás se ficaria entendendo erão só duas as deosas, de que está falando o Poeta, quando ellas erão muitas mais. — Note-se, que a primeira edição dos Lusiadas, commentada pelo Licenceado Manoel Corrêa, isto é, a do anno de 1613, escreve no segundo verso *vestes* em logar de *fraldas*, e no quarto *partes* em lo-

gar de *carnes;* e diz o citado Commentador em a Nota correspondente, que *assim ficão as oitavas sem nenhũa especie de deshonestidade, que alguns lhe quizerão attribuir* : e accrescenta depois — *assi como aqui estão impressas, as tinha emendadas* (o Poeta) *por conselho dos Religiosos de S. Domingos desta cidade, com quem tinha grande familiaridade* —. Mas, sendo verdadeiro o dito do Commentador, contemporaneo e amigo de Camões, como elle dá a entender que o era em a Nota primeira á est. 21. deste mesmo Canto; como é, que nas duas primeiras edições dos Lusiadas, feitas em Lisboa, e vivendo Camões, se encontra uma lição diversa, a saber, a por nós seguida ? ? ? Causa admiração, que entre tantos editores e commentadores, como tem tido o Poema, nenhum até o presente, que saibamos, tenha feito este reparo ! ! ! Ora se é certo o, que diz Manoel Corrêa; não o é igualmente, que Camões não teve parte naquellas edições. . . ? (1). — Ao bom juizo do leitôr deixâmos o avaliar a maior honestidade de *roupas* em vêz de *fraldas*, e de *partes* em vêz de *carnes* ! — Talvêz venhão aqui a proposito os seguintes versos do nosso Filinto Horacio, os quaes podem ter applicação a mais alguem, do que ao Commentador Manoel Corrêa :

Poetas por poetas sejão lidos :
Sejão só por poetas explicadas
Suas obras divinas; que não lavra
No esquivo ingenho d'um Bentley Saturno,
D'um Minelio, um Juvencio apoquentados
A sacra chamma do Estro desenvolto.

Est. lxxiv.

(19) Vendo *no* rosto o ferreo cano erguido.

Ambas as edições do anno de 1572. trazem errado este verso, lendo-se nellas assim :

Vendo rosto o ferreo cano erguido.

Nas edições do Morgado de Matteus lê-se :

Vendo *ao* rosto o ferreo cano erguido ;

Preferimos porêm a lição, que vai no texto, por ser mais conforme ao systema de metrificar do Poeta, a qual, de mais disto, é tambem a das edições de 1613, de 1651, de 1669, &c. &c. &c.

---

(1) *Vid. o que a tal respeito escrevemos em a nossa* Advertencia *preliminar.*

EST. LXXVIII.

(20) Tra la spiga e la man qual muro é messo.

É um verso de Petrarca. (Soneto 43.).

EST. LXXXII.

(21) Já não fugia a bella nympha tanto &c.

Este verso, para ser bem entendido, parece deverá ser regido da maneira seguinte — A bella nympha fugia, já não tanto. . . . &c. —.

EST. LXXXIX.

(22) Que as nymphas do Oceano tão formosas,
Tethys, e a ilha angelica pintada,
Outra cousa *não he*, que as deleitosas
Honras, que a vida fazem sublimada.

Hesitámos por muito tempo, se corrigiriamos, ou não, nesta estancia o verdadeiro solecismo, que offerecem os tres primeiros versos, o qual consiste em haver nelles uma oração de tres agentes, e até um no plural, com o seu verbo no singular — as nymphas do Oceano tão formosas, Tethys, e a ilha angelica pintada outra cousa *não he*, ou *não he* outra cousa, que as deleitosas &c. —. A regra seguinte da Grammatica Portugueza : « Quando na oração concorrem muitos nominativos de differentes pessoas do singular (com muita maior razão sendo um delles do plural, como no caso proposto) com um só verbo, *este põe-se no plural*, concordando com todos elles em numero, e em pessoa com o mais preeminente. . . », mandava-nos fazer a correcção — as nymphas do Oceano tão formosas, Tethys, e a ilha angelica pintada outra cousa *não são*, que as deleitosas &c. — : Com tudo propendemos a final para a conservação da lição offerecida pelos exemplares de todas as edições, que temos visto, e qual a deixámos subsistir no texto, em attenção a poder talvêz desculpar-se uma infracção tão clara da regra acima transcripta com o emprego de uma especie da figura Ellipse: entendendo-se ella assim — as nymphas do Oceano tão formosas, Tethys, e a ilha angelica pintada (sc. tudo isto) outra cousa *não he*, que as deleitosas &c. —, muito embora esta locução seja mais Franceza, que Portugueza. Declarâmos porêm, que ainda assim não ficâmos livres de escrupulos; por não vermos precisão neste logar do emprego de Ellipse, a qual, conforme os melhores Grammaticos,

só é devidamente admittida no discurso, quando a pedem ou o natural desejo, ou a necessidade urgente de expressarmos mais prompta e brevemente os nossos conceitos : É por isto que uma tal maneira de locução, como a que vai no texto, deverá por ventura ser attribuida antes a ignorancia, ou a descuido do amanuense do manuscripto, ou já do typógrapho, do que a licença tomada pelo Poeta, contra o uso da regra. — Decidão os bem entendidos na materia. — Ao traductor Italiano Paggi pareceo de certo errada a lição vulgar de todas as edições Portuguezas; pois expõe o logar da seguinte maneira :

Che le marine Dee si gratiose,
Teti, e l'Isola angelica, et ornata
Altre cose *non son*, che le famose
Pompe, che fan la vita esser pregiata.

Est. xci.

(23) Todos foram de fraca carne humana.

Parece haver contradicção entre este logar do Poema, e o que se lê na est. 82. do Canto X : Aqui, falando Camões em seu nome, diz, *que todas as divindades do Paganismo fôrão de fraca carne humana;* lá, falando pela bôca de Tethys, diz, que *são entes fabulosos e fingidos, servindo só para fazer versos deleitosos!*

CANTO X.

Estancia i.

(1) Mas já o claro amador da Larissêa

Coronis, chamada *Larissêa*, por ser natural de *Larissa*, cidade da Thessalia, situada sôbre as margens do rio Penêo, foi amada de Apollo, que a fêz mãi do célebre Esculapio : tendo-se porém entregado a outro amante, durando a sua gravidação, Apollo no primeiro accésso da cólera a matou ás frechadas, do que muito se arrependêo depois. Poude salvar o filho, tirando-lho do ventre, o qual entregou, para que o educasse, ao Centauro Chiron, &c.

Est. i.

(2) *Temistitão* nos fins Occidentaes.

Temistitão nôme antigo do México, derivado da sua Capital, assim antigamente chamada.

EST. III.

(3) A quem não chega a Egypcia antigua fama.

Allude aos sumptuosos banquetes, dados por Cleópatra a Antonio.

EST. VIII.

(4) Qual Iópas não soube, ou Demodoco,
Entre os Pheaces hum, outro em Carthago.

Acêrca dos cantares de Iópas em Carthago : (Vid. Eneida Lib. I. v. 743.) ; e dos de Demodoco entre os Pheaces : (Vid. Odyssea Cant. VIII.).

EST. XI.

(5) Cantava d'hum, que tem nos Malabares
Do summo Sacerdocio a dignidade.

O célebre *Trimumpara*, Rei de Cochim, e Cabeça dos Brâmes do seu reino, o qual foi o primeiro alliado dos Portuguezes na India.

EST. XII.

(6) Quando mais n'agua os troncos, que gemerem
Contra sua natureza se metterem.

Allusão á Eneida. (Lib. VI. v. 412. &c.) :

. . . . . simul accipit alveo
Ingentem Æenean. Gemuit sub pondere cymba.

EST. XXVI.

(7) Mas eis *outro*, cantava, intitulado
Vem com nome Real, e traz comsigo
O filho, que no mar será illustrado.

Fala de D. Francisco d'Almeida, 1.º Vice-Rei da India em 1505 : o filho é D. Lourenço d'Almeida.

EST. XXX.

(8) Outro *Sceva* verão, que espedaçado.

Sceva, Centurião Romano, que servia no exercito de Cesar contra Pompêo na guerra civil, tornada famosissima pela batalha de *Pharsalia*. Lucano em o seu Poema, designado por este ultimo nome (Lib. VI.) descreve com a sua costumada valentia as proezas heroicas deste Centurião na defensa de um Forte junto á cidade de Dyrrhachium (hoje Durazzo). — Vid. tambem Os Commentarios de Cesar (De Bello Civili, Lib. III.)

EST. XXXV.

(9) Á de Melique Yaz acautelada

. . . . . .

Fará ir ver o frio e fundo assento.

A falta do accento agudo na primeira syllaba do primeiro destes dous versos faz inintelligivel o pensamento e a frase: isto não obstante, o Morgado de Matteus não lho supprio; porque o não encontrou na sua edição *princeps*. Igual falta se observa em todas as mais edições, que temos examinado, exceptuada a d'Hamburgo, differentes vezes por nós citada. Como seria pois entendida esta passagem por taes editores??

Est. xxxviii.

(10) As gentes vãas, que não *os* entenderam.

— Que não *nos* entenderam — lêm as edições de 1572, e todas as mais, que cegamente as tem copiado; mas uma tal lição torna equivoco o sentido da frase, como é obvio.

Est. xxxix.

(11) Pelo *Cunha* tambem; que nunca extincto
Será seu nome em todo o mar, que lava
As ilhas do Austro. . . . . .

Tristão da Cunha foi o Commandante da frota, que levou á India o grande Afonso d'Albuquerque: o seu nome ficou immortal no archipelago austral, que delle se appellida.

Est. xl.

(12) Alli verão as settas estridentes
Reciprocar-se, a ponta no ar virando.

Este facto, já tocado por Camões no Cant. II. est. 49, e narrado por Barros, e por Castanheda quasi pelas mesmas palavras, foi explicado pelo Bispo Osorio com melhor critica, do que pelos dous Historiadores. (Vid. Annot. (9) d'aquelle Canto.)

Est. xliii.

(13) Na *luz*, que sempre celebrada e dina
Será da Egypcia Sancta Catharina.

A cidade de Gôa foi pela segunda vêz tomada por Afonso d'Albuquerque em dia de Santa Catharina, a 25. de Novembro do anno de 1510, e desde então ficou sendo a Cabeça das possessões Portuguezas na India. —— Ou, como canta, falando do grande Albuquerque, um dos nossos eximios Poetas modernos, e dos maiores admiradores de Camões:

Tu, Gôa torreada,
Tambem curvas a não domada frente:

Do Hidalcão, do Sabayo
Levantas a obediencia, para sêres
A cabeça do Luso-Indiano Imperio.
(Filinto Elysio — Ode.)

Est. xliv.

(14) Os *crises*, com que já te vejo armada.

Crises são armas de feição de adagas, usadas pelos Malayos.

Est. xlvi.

(15) Dar extremo supplicio pela culpa,
Que a fraca humanidade e amor desculpa.

O facto, a que o Poeta allude nesta estancia, e bem assim em parte da antecedente, e da seguinte, é contado extensamente pelos nossos Escriptores. (Vid. Barros Decad. II. Liv. 5.º Cap. 7.º) — Castanheda Liv. III. Cap. 29. — Osorio *De* Rebus Emanuelis Lib. VII. &c.). Chamava-se Ruy Dias o cavalleiro Portuguez, natural d'Alemquer, que Afonso d'Albuquerque mandou enforcar, porque entrava de noite na sua camara do leme pela parte de fóra, e dormia com uma moça Moura das que fôrão tomadas em Gôa, e elle guardava para mandar a Portugal á Rainha.

Est. l.

(16) Mas proseguindo a nympha o longo canto
De *Soares* cantava. . . . . .

Lôpo Soares de Albergaria, que succedeo a Afonso d'Albuquerque no cargo de Capitão-mór e Governador da India no anno de 1515. — Foi infructuosa, ou antes desgraçada a sua expedição ao Golfo Arabico, para haver de queimar a esquadra, mandada esquipar pelo Sultão do Egypto contra os Portuguezes na India; limitando-se apenas ao incendio de algumas cidades na costa da Ethiopia. No seu governo porêm foi construida a primeira Fortaleza de Portugal na ilha de Ceilão.

Est. li.

(17) Já pelo nome antiguo tão famosa.

Talvêz se refira aqui o Poeta ao nome *Lancá* ou *Lancáo*, isto é, *Paraiso-Terreal*, pelo qual foi designada antigamente a ilha de Ceilão. (Vid. Barros Decad. III. Liv. 2.º Cap. 1.º — Couto Decad. V. Liv. 1.º Cap. 5.º — e Lucena Liv. II. Cap. 18.).

Est. lii.

(18) Tambem Sequeira as ondas Erythrêas

Diogo Lopes de Sequeira, que se seguio no governo da India a Lôpo Soares de Albergaria no anno de 1518. Por elle foi aberta a primeira communicação da Côrte de Portugal pela via da India com o Imperio do Préste na Ethiopia ou Abissinia.

Est. liii.

(19) Virá depois Menezes, cujo ferro
Mais na Africa, que cá terá provado.

D. Duarte de Menezes, que depois de ter governado com grande gloria a cidade de Ceuta, foi succeder a Sequeira no governo da India em 1521.

Est. liii.

(20) Tambem tu, Gama, em pago do desterro,
Em que estás, e serás inda tornado &c.

D. Vasco da Gama, Vice-Rei, e successôr do antecedente em 1524, fallecido em Cochim em véspera do Natal deste mesmo anno. (Castanheda Liv. VI. Cap. 77.)

Est. liv.

(21) Outro Menezes logo.....

É D. Henrique de Menezes, que se seguio ao Conde Almirante com o titulo de Capitão-mór e Governador em 1525.

Est. lvi.

(22) Succederás, ó forte Mascarenhas.

Pedro Mascarenhas era o primeiro nomeado Capitão-mór e Governador da India nas successões por fallecimento de D. Henrique de Menezes; mas, como estava Capitão de Malaca, foi aberta outra successão, e por ella ficou governando interinamente Lôpo Vaz de Sampaio em 1526.

Est. lix.

(23) Mas comtudo não nego, que Sampaio &c.

Lôpo Vaz de Sampaio, competidôr no governo da India com Pedro Mascarenhas, governou a final sosinho depois da sentença, que sôbre esta contenda foi dada a seu favor em Cochim a 21. de Dezembro de 1527.

Est. lix.

(24) Despois a ser vencido delle venha
Cutialle com quanta armada tenha.

Cutialle foi o Chefe mais famigerado, que os Mouros tiverão por aquelles tempos na India: Commandava uma frota de cento e cincoenta embarcações de todos os tamanhos na batalha, de que o Poeta aqui fala.

Est. LXI.

(25) A Sampaio feroz succederá
Cunha, que longo tempo tem o leme.

D. Nuno da Cunha, successôr de Lôpo Vaz de Sampaio, o qual governou a India por tempo de dez annos, desde 1529, com o titulo de Capitão-mór e Governador.

Est. LXII.

(26) Traz este vem *Norônha*, cujo auspicio
De Dio os Rumes feros afugenta.

D. Garcia de Noronha, successôr de D. Nuno da Cunha, 11.º Governador da India, e 3.º Vice-Rei della em 1539. — Inda este grande Capitão hia a quarenta leguas de Dio, eis que o receio da sua proxima chegada fèz determinar o Sultão do Egypto a levantar o cêrco, que estava pondo áquella Praça.

Est. LXII.

(27) Quando *hum teu ramo*, ó Gama, se exprimenta
No governo do imperio. . . . . .

Fala o Poeta de D. Estevão da Gama, filho do Conde Almirante, que entrou no governo da India em 1540.

Est. LXIII.

(28) Das mãos do teu Estevão vem tomar
As rédeas hum, que já será illustrado
No Brasil. . . . . .

Martim Afonso de Sousa, já famoso pela sua expedição ás costas do Brasil, Capitão-mór do mar da India em tempo do Capitão-mór e Governador D. Nuno da Cunha, tomou posse do governo da India em Maio de 1542.

Est. LXVII.

(29) Succeder-lhe-ha alli Castro. . . . . .

D. João de Castro Capitão-mor Governador, e depois 4.º Vice-Rei da India, successôr de Martim Afonso de Sousa em Setembro de 1545.

Est. LXIX.

(30) Basiliscos medonhos e leões,

Trabucos feros, minas encobertas
Sustenta *Mascarenhas*. . . . . .

D. João Mascarenhas, Governador de Dio durante o segundo cêrco &c.

EST. LXXV.

(31) E na *harmónica* e dôce suavidade.

Escrevemos *harmónica* em logar de *harmonía*, como trazem quasi todas as edições, (uma das exceptuadas é a de 1651.) o que tira a este verso a belleza euphónica, que caracteriza, e tanto encanta nos Lusiadas. Julgámol-a erro typographico, e como tal devendo ser corrigida.

EST. LXXXIII.

(32) *Ensina-o* a prophetica Sciencia.

Corrigimos *Ensina-o* por *Ensina-lo*, como se lê nas primeiras duas edições &c., por ser clarissimo erro de quem quer que fosse, e não do Poeta, a quem, sem se lhe fazer injuria, não póde ser attribuido. Alem de que, a lição por nós adoptada é tambem a de outras edições dignas de respeito, quaes a de 1613, de 1651, &c.

EST. LXXXIV.

(33) Quer logo aqui a pintura, que varía,
Agora deleitando, ora ensinando.

Allusão aos dous versos de Horacio na Epistola aos Pisões v. 343 &c.:

Omne tulit punctum, qui miscuit utile dulci,
Lectorem delectando, pariterque monendo.

EST. LXXXVI.

(34) Com este *rapto* e grande movimento
Vão todos os, que dentro tem no seio.

« . . . . e sendo a noite muito serena e quieta, alcançára pola demarcação feita, que a estrella (chamada Norte) rodeára claramente, seguindo o movimento ordinario do Ceo, que chamão *Rapto*, que he de Oriente a Poente. » (Sousa Historia de S. Domingos Part. I. Liv. 5.º Cap. 5.º).

EST. LXXXVIII.

(35) E do Orionte o gesto *metuendo*.

Na firme certeza de que Camões não errava a rima, e que tinha meditado muito pousadamente o seu Poema, antes de o entregar á estampa; nada ha, que possa desviar-nos da convicção, de que a palavra *turbulento*, que fecha o verso sexto desta estancia, não foi a, de que o

Poeta se servio; sendo muito mais provavel, que empregasse a palavra *metuendo*, que aqui substituimos. Alem de ser ella um epitheto mui apropriado á qualidade da Constellação, a que vai junto, e que não deixa de ter bastante analogia com o do verso 6.º est. 85. do Canto VI. — De quem foge o *ensifero* Orionte —; o frequentissimo emprego feito por Camões de vocabulos de origem Latina, que a cada passo se encontrão nos Lusiadas, e com que enriquecêo o idioma Portuguêz; facilmente desculpará o arrôjo, com que propômos esta correcção, em vêz do que se lê em todas as edições desde as duas primeiras até a ultima das mais modernas. — De mais, não tendo os eruditos levado a mal, como é bem sabido, ao Morgado de Matteus as correcções ou alterações, que julgou conveniente introduzir na sua edição, aliás feita sobre a *princeps*, (sem falarmos das trêze, que aproveitou da havida por segunda edição do anno de 1572.) escrevendo, por ex. *Da môça de Titão* em vêz de *Na môça de Titão* (Cant. II. est. 13. v. 8.) — *Doto* em vêz de *Cloto* (o mesmo Canto est. 20. v. 3.) — *contar* em vêz de *cantar* (Cant. III. est. 3. v. 7.) — *batalha* por *trabalho* (o mesmo Canto est. 34. v. 5.) — *brebigões* por *camarões* (Cant. VI. est. 18. v. 7.) — *Barões* por *Varões* (o mesmo Canto est. 37. v. 4.) — *terra de Bengala* por *terra do Bengala* (Cant. VII. est. 20. v. 7.) — *rico* em logar de *rio* (o mesmo Canto est. 70. v. 3.) — *Scipião* por *Capitão* (Cant. VIII. est. 32. v. 3.) — *Idololatra* por *Idolatra* (o mesmo Cant. est. 83. v. 2.) — *montes* por *ventos* (Cant. X. est. 126. v. 5.) &c., &c., &c.: Porque nos será recusado o mesmo direito, mormente quando se trata, como aqui, de erro de rima, em que um Poeta, como era Camões, de certo não cahia, e contra o que se mostra tão avêsso em muitos logares deste mesmo Poema (Vid. Annotação (19) do Canto III.) ??? —— Não temos dado preferencia á emenda do ms. de Montenegro — E de Orion o gesto vê tremendo —, alem de outras razões, attenta a pouca ou nenhuma fé, que tal ms. merece, segundo as mui sensatas observações, que ácerca delle expende o Morgado de Matteus na *Advertencia*, que precede a sua edição.

Est. xciii.

(36) Onde Gonçalo morte e vituperio
Padecerá pela Fé sancta sua.

Do Jesuita P. Gonçalo da Silveira fala aqui o Poeta;

môrto pelos bárbaros Africanos em 1561. (Vid. Indice Chronologico das Navegações, Viagens.... dos Portuguezes.. &c.)

Est. cxiv.

(37) Combaterá em Sofala a fortaleza,
Que defenderá Nhaia com destreza.

Pedro de Nhaia com quarenta homens, ou poucos mais, todos doentes, repellio uma grande multidão de Cafres em Sofala. (Vid. Barros Decad. I. Liv. 10. cap. 3.º — e Castanheda Liv. II. cap. 29.).

Est. xcviii.

(38) Estrada o grão *Moysés* na antigua idade.

Escrevemos *Moysés*, e não *Mousés*, como escrevem as primeiras edições, e o copiou o Morgado de Matteus; por ser erro manifesto. Era muito facil a troca do *u* por *y*, tanto no manuscripto, como na typographia.

Est. cii.

(39) Mas vê a ilha Gerum.....

Gerum nome, que os Persas dão á ilha de Ormuz.

Est. cxiii.

(40) O principal, que ao peito traz *os fios*.

Os fios insignia dos Brâmenes, que consiste em uma linha dobrada em tres fios, lançada a tiracollo desde o hombro esquerdo para o lado direito.

Est. cxviii.

(41) Chorárão-te, Thomé, o Gange e o Indo.

Imitação da Eneida (Lib. VII. v. 760, &c.):

Te nemus Angitiæ, vitreâ te Fucinus undâ,
Te liquidi flevere lacus.....

ou tambem do mesmo Virgilio: (Eglog. X.):

Illum etiam lauri, illum etiam flevere myricæ,
Pinifer illum etiam solâ sub rupe jacentem
Mœnalus et gelidi fleverunt saxa Lycæi.

Est. cxxiv.

(42) Dizem, que desta terra, co'as possantes
Ondas o mar entrando, dividio
A nobre ilha Sumátra, que já dantes
Juntas ambas a gente antigua vio.

Á similhança do que da Sicilia conta Virgilio: (Æneid. III. v. 414. &c.)

Est. cxxviii.

(43) Este receberá placido e brando
No seu regaço o *Canto*, que *molhado*
Vem do naufragio triste e miserando,
Dos procellosos baixos *escapado*.

Em logar de *Cantos*, *que molhados* no segundo verso, e de *escapados* no quarto, como lêm as duas edições de 1572, e muitas das que se fizerão depois, (não assim a de 1651) corrigimos como vai no texto; por assim o pedir a rima, e o são juizo: e é para se notar, tenhão hesitado em fazer uma tal correcção, e tão palpavel, editores, que se julgárão autorisados para fazerem outras muito mais substanciaes.

Est. cxxxii.

(44) Aqui ha as aureas aves, que não descem
Nunca á terra, e só mortas apparecem.

As aves, de que o Poeta fala nestes dous versos, são as chamadas do *Paraiso*, de plumagem muito formosa, e da qual se fazem pennachos lindissimos. Destas aves se diz erradamente, que não descem á terra, por não terem pés; fabula que devêo a sua origem á pratica seguida pelos Malanesios (habitadores da Australia propria, e archipélagos adjacentes) de arrancar-lhos, antes de venderem estas aves já mortas aos Europeos. (Vid. a descripção curiosa das aves do Paraiso, das suas differentes especies &c. na muito importante Obra, intitulada *Océanie*, ou *Cinquieme Partie du Monde* par Mr. G. L. Domeny de Rienzi: (Tom. III. pag. 305, &c.).

Est. cxxxv.

(45) . . . . . e a maravilha
Do cheiroso licôr, que o tronco chora.

É o *Benjoin*, especie de gôma, ou de rezina aromatica.

Est. cxxxvi.

(46) Nas ilhas de Maldiva nasce a planta;
. . . . . .
Cujo pômo contra o veneno urgente
He tido por antidoto excellente.

É o *Coqueiro das Maldivas*: Delle escrevêo o nosso famoso Garcia d'Orta no seu Livro, que tem por titulo — Coloquios dos simples e drogas, e cousas medicinaes da India, e fructas achadas nella —, impressa em Gôa

no anno de 1563. Liv. I., o seguinte: *Laudatur hic coccus, aut hæc nux (sed præsertim ejus medulla) adversus venena ab ipsis earum insularum incolis.* — Citâmos esta passagem de uma das traducções deste Livro em Latim, a feita por Carlos Clusio, e impressa em Anvers no anno de 1593, 4.ª edição; por não termos á mão exemplar algum dos impressos no Original Portuguêz, posto saibamos existirem desta Obra, hoje muito rara, pelo menos dous exemplares em Lisboa, onde isto estamos escrevendo.

EST. CXXXVII.

(47) Onde sabe do cheiro mais perfeito
A massa ao mundo occulta, e preciosa.

Fala do *âmbar*, o qual apparece arrojado pelo mar nas costas Orientaes da Africa, e ilhas circumvisinhas. (Vid. Cant. VI. est. 25.).

EST. CXLI.

(48) E mais avante o Estreito, que se arrêa
Co'o nome delle agora. . . . . . .

Ha aqui um anachronismo, igual ao por nós já advertido em a Annotação (12.) do Cant. II: —

Verùm ubi plura nitent in carmine, non ego paucis
Offendar maculis, quas aut incuria fudit,
Aut humana parum cavit natura. . . . . . .
(HORAT. Epist. ad Pison. v. 351. &c.).

FIM DAS ANNOTAÇÕES.

TABELLA I.

Que contém os dezoito *versos, e nelles igual numero de correcções, em que são conformes as duas edições attribuidas ao anno de 1572; desprezadas porém nas edições Rollandianas anteriores á presente.*

Estancias, e Versos.	
	CANTO I.
71.ª 5.	*Os* segredos daquella *Eternidade* (*)
	CANTO II.
79.ª 2.	Foi da summa *Justiça* concedido.
	CANTO III.
24.ª 8.	Levassem premio digno, e *dões* iguaes
74.ª 1.	*Tornado* o Rei sublime finalmente.
	CANTO V.
94.ª 6.	Com *dões*, mercês, favores e honra tanta.
	CANTO VIII.
65.ª 2.	Com peças e *dões* altos, sumptuosos.
85.ª 2.	Responde o *idolátra*, que mandasse.
	CANTO IX.
3.ª 5.	Daqui *aos* Malabares por contrato.
40.ª 8.	De *dões* de Flora, e Zéphyro adornada
47.ª 4.	*Algũas* vão, e *algũas* fazem giro
48.ª 3.	Que Tethys quer ferir mais que *nenhũa*
48.ª 5.	Já não fica na aljava setta *algũa*.
50.ª 4.	Para a ilha, a que Venus *as* guiava.
56.ª 3.	A larangeira tem no *fruito* lindo.
58.ª 1.	Os *dões*, que dá Pomôna, alli natura.

(*) Os segredos *é erro commum a ambas as edições de* 1572., *que se acha corrigido nas edições posteriores. A correcção por nós aproveitada das duas primeiras é a do vocabulo* Eternidade, *escripto com inicial maiuscula.*

CANTO X.

96.ª 7. O *Rapto* rio nota, que o romance.
105.ª 4. Da natura e dos *dões* usados della.
108.ª 7. Do corpo de Thomé, *barão* sagrado.

TABELLA II.

Dos cincoenta e cinco *versos*, *em que se encontrão outras tantas correcções por nós feitas no texto, das quaes não curou o Morgado de Matteus, nem os editores, que o tem seguido.*

Estancias, e Versos.	
	Canto i.
20.ª 7.	Convocados da parte *do* Tonante.
47.ª 6.	Por armas tem *adargas* e terçados.
71.ª 5.	Oh segredos daquella *Eternidade*.
84.ª 3.	Quando *o* Gama co'os seus determinava.
	Canto ii.
26.ª 4.	Saltando n'agua, *e a* nado se acolhiam.
	Canto iii.
53.ª 3.	Desbaratado e morto o *Mouro* Hispano.
55.ª 7.	*Scalabicastro*, cujo campo ameno.
61.ª 8.	Que murmurando *lavã*, e Torres-Vedras.
65.ª 5.	Sentio-o a villa, e vio-o *o Senhor* della.
110.ª 6.	Está o famoso nome *Saraceno*.
115.ª 5.	Quando o podêr do *Mouro* grande e horrendo.
120.ª 2.	De teus annos colhendo dôce *fruito*.
id. 6.	De teus formosos olhos nunca *enxuito*.
	Canto iv.
1.ª 6.	Removendo o temôr *do* pensamento.
16.ª 4.	*Venceram* esta gente tão guerreira?
32.ª 8.	Quaes nas guerras civis de Julio *e* Magno
41.ª 2.	Vão, e tambem dos nobres, ao *Profundo*.
44.ª 6.	Pôvo aventura ás penas do *Profundo*.
62.ª 4.	Que *co'a* morte de Magno são famosas.
71.ª 2.	*Par'elle* os largos passos inclinando.
74.ª 3.	Est'outro he o Indo, *Rei*, que nesta serra.
102.ª 3.	Digno da eterna pena do *Profundo*.
	Canto v.
12.ª 5.	O *Grande* rio, onde batendo sôa.
86.ª 1.	Julgas agora, Rei, *que* houve no mundo.

CANTO VI.

18.ª 7. Ostras e breguigões de *musgo* sujos.
38.ª 1. Em quanto este *Concelho* se fazia.
39.ª 6. Mas *esfregando*, os membros estiravam;
56.ª 8. No grande *empório* foi parar de Frandes.
73.ª 8. *Sẽ* aproveitar dos homens força e arte.

CANTO VII.

33.ª 6. O Perimal de *sabias* e eloquentes.
70.ª 5. E não contentes inda, *na* Africana.
77.ª 1. Alça-se em pé, com elle *o Gama* junto,
id. 2. Coelho de outra parte *e o Mauritano*:
id. 4. De hum velho branco, aspeito *soberano*.

CANTO VIII.

3.ª 1. Foi filho *ou* companheiro do Thebano,
id. 5. Do Douro *e* Guadiana o campo ufano.
4.ª 4. Que foi seu companheiro, *ou* filho amado.
15.ª 6. *A si* se entrega só firme e constante,
id. 7. Est'outro *a si*, e os filhos naturaes.
20.ª 1. Vêl-o cá, *onde* Sancho desbarata.
47.ª 1. A isto mais se ajunta, *que a hum* devoto.
62.ª 7. Que signal, nem penhôr *não são* bastante.
65.ª 5. Viera *pôr* perpetua inimicicia.
87.ª 8. Trémulo, *aqui e alli dessocegado*.

CANTO IX.

63.ª 1. *Ao longo* da agua o niveo cysne canta.
71.ª 2. Correndo, e *de* outra as fraldas delicadas
74.ª 3. Vendo *no* rôsto o férreo cano, erguido.

CANTO X.

35.ª 5. *A* de Melique Yaz acautelada.
38.ª 6. As gentes vãas, que não *os* entenderam.
75.ª 3. E na *harmónica* e dôce suavidade.
83.ª 5. *Ensina-o* a prophetica sciencia.
88.ª 6. E do Orionte o gesto *metuendo*.
98.ª 6. Estrada ao grão *Moysés* na antigua idade,
128.ª 2. No seu regaço *o Canto*, que *molhado*.
id. 4. Dos procellosos baixos *escapado*.

TABELLA III.

Dos trinta e cinco *versos*, *em que se lêm outras tantas correcções, ou variantes, copiadas da havida por segunda edição de* 1572. *para a presente edição.*

Estancias, e Versos.	
	Canto I.
1.ª 7.	*E* entre gente remota edificaram.
24.ª 4.	*De* Luso não perdeis o pensamento.
29.ª 8.	*Tornáram* a seguir sua longa róta.
47.ª 5.	*Das cintas* para cima vem despidos.
64.ª 1.	*Responde* o valeroso Capitão.
75.ª 4.	Debaixo *do* seu jugo o fero Marte.
83.ª 3.	Sagaz, astuto e sabio em todo *o* dano.
	Canto II.
1.ª 7.	Quando as *infidas* gentes se chegaram.
24.ª 7.	*Os* estava hum maritimo penedo.
74.ª 2.	*Da* gente, que vem ver a leda armada.
100.ª 2.	Os animos alegres *resoando*.
	Canto III.
31.ª 8.	Mas nella o sensual *era maior*.
52.ª 6.	Correm rios *do* sangue desparzido.
52.ª 8.	*Tornado* carmesi de branco e verde.
111.ª 5.	Com palavras soberbas *o* arrogante.
117.ª 8.	E despois *por* Jesu certificado.
	Canto IV.
24.ª 3.	Como já o *fero* Huno o foi primeiro
102.ª 2.	Nas ondas *vella* pôz em sêcco lenho.
	Canto V.
41.ª 8.	Que eu tanto tempo ha *já*, que aguardo, e tenho.
85.ª 5.	Ess'outro, que esclarece *toda Ausonia*.
	Canto VI.
18.ª 6.	Que recebem de *Phebe* crescimento.
34.ª 5.	Mais *quiz* dizer, e não passou daqui.

57.ª 8. E das damas servidos e *amimados:*
82.ª 2. *D'outra* Scylla e Carybdis já passados. (*)

CANTO VIII.

29.ª 8. Que entre o Tarteso *e* Guadiana habita.
34.ª 2. O *perjurio*, que fêz, e vil engano.
65.ª 3. Não causaram, que o vaso da *nequicia.*

CANTO X.

10.ª 1. *Cantava* a bella deosa, que viriam.
40.ª 2. Armas, com que *Albu*querque irá amansando.
71.ª 2. *Co'o* restante da gente Lusitana.
87.ª 6. Co'o largo cinto d'ouro, que *estellantes,*
88.ª 8. A Lebre *e os* Cães, a Náo e a dôce Lyra.
97.ª 7. Povoações, que *a parte* Africa tem
114.ª 1. Hum filho proprio mata, *e* logo accusa.
156.ª 4. Os *muros* de Marrocos e Trudante.

(*) *O erro* Doutro Scylla, *que se lê na primeira edição, torna-se ainda mais patente confrontando este logar com o da est.* 24. *v.* 6. *e* 7. *deste mesmo Cant. VI., e da mesma edição* — Co'a formosa Scylla —

TABELLA IV.

Dos treze *versos da reputada segunda edição de* 1572, *dos quaes o Morgado de Matteus se aproveitou, transferindo outras tantas correcções para a sua edição.*

Estancias, e Versos.	
	Canto ii.
24.ª 7.	*Os* estava hum maritimo penedo.
103.ª 6.	O menos, que *os* de Luso mereciam.
	Canto iii.
3.ª 7.	Não me *manda contar* estranha historia. (1)
34.ª 5.	Em *batalha* cruel o peito humano.
93.ª 8.	Que não fôr mais, que *todos*, excellente.
113.ª 5.	Os feridos com grita *o* Ceo feriam.
133.ª 7.	O nome do seu Pedro, que *lhe* ouvistes.
	Canto vi.
41.ª 4.	Não *soffre* amores, nem delicadeza.
	Canto vii.
20.ª 7.	Aguas do Gange e a terra *de* Bengala.
22.ª 3.	*Se* estende hũa fralda estreita, que combate.
70.ª 3.	Do *rico* Tejo, e fresca Guadiana.
	Canto viii.
32.ª 3.	Portuguêz *Cipião* chamar-se deve.
	Canto x.
1.ª 1.	Mas já o claro amadôr *da* Larissêa.

(1) *Ambas as edições de* 1572. *escrevem erradamente* — Não me manda — *em vêz de* não me mandas : *É este provavelmente um dos* 160. *erros typographicos, corrigidos pelo Morgado de Matteus na sua edição.*

TABELLA V.

Das correcções, que talvéz conviria fazerem-se ainda nos Lusiadas.

Estancias, e Versos.	
	Canto I.
1.ª 5.	*E* em perigos e guerras esforçados.
id. 7.	*Entre* gente remota edificaram.
34.ª 6.	E a *outra* pelas honras, que pretende.
89.ª 2.	*Da* furiosa e dura artilharia.
	Canto II.
53.ª 8.	De vêr da gente forte o gesto *e o* modo.
96.ª 6.	De áspero som, *horrisono* ao ouvido.
	Canto III.
30.ª 4.	Revolvidas *as cousas* no conceito.
34.ª 3.	Contra o tão raro *e ingente* Lusitano. (???)
63.ª 4.	Vem sustentar *de longe* a terra e a gente.
85.ª 3.	*O* que em sua vida já se exprimentára.
97.ª 3.	E de *Hélicon* as Musas fèz passar-se.
	Canto IV.
11.ª 7.	Armou delle os soberbos *moradores*.
53.ª 7.	Codro, nem Curcio, *ouvidos* por espanto.
57.ª 7.	Desde *Cadiz* ao alto Pyreneo.
96.ª 8.	Nomes, com *que* se o pôvo néscio engana.
	Canto V.
83.ª 7.	Estranhos, assim mesmo *como nossos*.
	Canto VI.
6.ª 5.	Mas o *máo Thyonéo*, que na alma sente.
19.ª 3.	A voz grande *e* canora foi ouvida.
	Canto VII.
14.ª 5.	*Na* Africa tem maritimos assentos.
35.ª 4.	E *o* mais a quem o mais serve, e contenta.
58.ª 6.	Para o Gama *se* vem com passo brando.

CANTO VIII.

25.ª 7. Vês *Ta-vira* tomada aos moradores.
47.ª 7. Baccho odioso em *sonhos apparece.*
57.ª 1. Nisto trabalha só ; *que* bem sabia ,
64.ª 5. C'huma alta confiança , *qual* convinha.
93.ª 2. Embarcações idoneas, *em* que venha.
98.ª 3. Este *aos* mais nobres faz fazer vilezas.

CANTO IX.

6.ª 7. O damno *e* semrazão , que se lhe ordena,
28.ª 5. *Da* fêa tyrannia e *da* aspereza.
30.ª 8. Suave a letra , angelica a *toada.*
46.ª 2. *O* coração dos deoses , que indignados.
65.ª 7. *Deposta* a artificiosa formosura.
89.ª 3. Outra cousa *não são*, que as deleitosas. (???)

CANTO X.

42.ª 3. Com que *a* victoria a fronte lhe corôa.
68.ª 5. Farão aos Ceos do mundo vãos queixumes (??)
76.ª 5. *Segue-me* firme e forte com prudencia. (???)
82.ª 3. Jupiter , Juno *sômos* fabulosos.
84.ª 5. Que os Anjos *da* celeste companhia.
93.ª 1. Vê do *Monomotapa* o grande imperio.
105.ª 4. Mas *vê* o formoso Indo , que daquella. (*)

(*) *Vid. est.* 103. *v.* 5. *deste mesmo Canto.*

N. B. A maior parte das variantes , que deixamos indicadas na Tabella V., são tambem lições de outras edições não indignas de respeito , quaes as de 1613, *de* 1651, *de* 1663, *de* 1669, *&c.*, *&c.*, *&c.*

FIM DAS TABELLAS.

TABELLA

De erratas com as correcções respectivas.

		Erratas.	*Correcções.*
Cant. VII.	est. 19. v. 2.	Sae	Sahe
Id.	est. 61. v. 7.	Nos dias, sobre	Nos dias sobre
Cant. VIII.	est. 5. v. 8.	tem pintadas.	tem pintadas?
Id.	est. 81. v. 2.	Mahometana	Ma'ometana
Id.	est. 84. v. 2.	Mahometanos	Ma'ometanos
Id.	est. 88. v. 8.		
Cant. IX.	est. 8. v. 4.	Mahometanos	Ma'ometanos
Id.	est. 12. v. 3.		
Id.	est. 45. v. 1.	Vão a	Vão-a

Deacidified using the Bookkeeper process.
Neutralizing agent: Magnesium Oxide
Treatment Date: Nov. 2008

Preservation Technologies
A WORLD LEADER IN COLLECTIONS PRESERVATION
111 Thomson Park Drive
Cranberry Township, PA 16066
(724) 779-2111

LIBRARY OF CONGRESS
0 024 329 158 6